



Clássicos da Literatura Portuguesa

Contos Tradicionais
do Povo Português

Volume 2

Teófilo Braga

Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro



Título: Contos Tradicionais do Povo Portugues – volume 2

Autor: Teófilo Braga

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Coleção: Clássicos da literatura portuguesa

Adaptação, paginação e projeto gráfico: Carlos Pinheiro

1.ª edição: outubro de 2013

ISBN: 978-989-8671-16-5

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

ideiascommérito
Rede de Bibliotecas Escolares

LITERATURA DOS CONTOS POPULARES EM PORTUGAL

I) Filomítia — Filosofia — Filologia

Reconhecida a quase generalidade da origem oriental dos contos populares, pelas fontes donde provieram e pelas adaptações que receberam, melhor se poderão seguir as transformações desse elemento tradicional através dos meios sociais e épocas históricas por que passaram modificando-se, e deduzir das suas transformações como atuaram na revelação dos génios literários, elevando as línguas vulgares nacionais a expressão estética. Escreveu Gaston Paris sobre este complexo problema: «Penetrando sucessivamente em meios bem diferentes daqueles em que foram inventados, os contos orientais sofreram naturalmente certas transformações, que por vezes os melhoraram e na maior parte das vezes estragaram-nos não sendo bastante importantes, porque a crítica aproximando-as com arte todas as variantes que haja coligido, chegue quase sempre a reduzir as formas ocidentais a sua origem asiática, e possa seguir os estádios destas narrativas emigrantes através dos séculos e das nações.» (*La Poésie du Moyen-Age*, pág. 752.) Até aqui chega o simples processo folclórico; há mais que avançar, para a morfologia literária apartando dos elementos lendários de criação anónima, elementos que variam indefinidamente, umas vezes abreviando-se em um laconismo claro e lógico, outras prolongando-se pelo interesse da narrativa por episódios sincreticamente agrupados. Por este conjunto cíclico, um mesmo conto reveste formas diversas pelos seus episódios, tornando-se fácil a sua transmigração e

adaptação em diferentes meios e épocas sociais ou históricas.

O foco *oriental* é uma expressão vaga, que importa definir pelos modernos recursos filológicos: há o orientalismo ariano, donde provieram os contos difundidos pelo proselitismo dos budistas, e medo-persa, cujos contos se propagaram pela ação expansiva dos Árabes na Europa Ocidental; há também o orientalismo semita, donde as tradições hebraicas também pelos Árabes espalhadas na cultura hispanica. E estes dois focos orientais, ainda se fortalecem com o efeito das expedições de Alexandre na Índia, pela irradiação das cortes bizantinas e regressos dos Cruzados, como também pela Igreja, na propaganda católica medieval. Assim a Europa achou-se com o conhecimento das concepções primitivas da Humanidade e que já foram as sínteses emotivas, que precederam as abstrações filosóficas; por isso lhes chamou Aristóteles *Filomítia*, um estado mental de credulidade, em que ficaram os povos que não chegaram pela dúvida e ceticismo as noções racionais de *Filosofia*. Disse Aristóteles, que o que mais nos encanta é aquilo em que acreditamos. Pelos trabalhos folclóricos se confirma; é essa credulidade que prevalece na criança e na gente rude e ingénuo; e isso é que torna simpáticas todas as tradições, conservando-as e transmitindo-as; e é por essa *credulidade*, que os moralistas modificaram os contos vindos das civilizações politeicas dar encanto a crença cristã. Todos esses materiais etnológicos dispersos e truncados constituem o *Saber Popular*, que sinteticamente tem a designação de Folclorismo, mas denomina-se *Filomítia*, como definiu Aristóteles esse estado mental contraposto a *Filosofia*.

Podem seguir-se estas concepções na vida moderna, porque esse estado filomítico persiste nas crianças, nas mulheres, nos velhos, em geral no vulgo, no automatismo dos costumes, na emoção das grandes catástrofes, e em um misticismo espontâneo. É um precioso campo de psicologia coletiva. Mas para as origens remotas só o Oriente, que ainda persiste no estado filomítico é que

presta a mais vasta e segura documentação nos seus livros sagrados, ritos, epopeias, símbolos, apólogos, fábulas, contos, em que a noção racional se deduz da impressão sensorial. Como explicar toda essa riqueza contida em línguas e literaturas inacessível a cultura normal, em civilizações históricas extintas e em meios longínquos? Pela Erudição; não a erudição isolada, especial, de uma preocupação sem destino, que se torna impertinente e pedantesca, mas aquela que, pela designação de *Filologia*, Vico entreviu na marcha do estudo filosófico. Vico, na *Ciencia Nova*, chegou a concepção simples, que o *saber* é a condição de espírito na sua perfeita intelectualidade; por este *saber* se obtém os elementos subjetivos da realidade, interpretando as ficções primitivas como resíduos das concepções peculiares do passado humano. Veio pois esse *saber* a sistematizar-se em um corpo de doutrina já denominado *Filologia*. É certo que o estudo das obras de Bacon conduziu Vico a esta disciplina mental, que anteriormente se limitava a erudição humanista; ele procurou relacionar as especulações filosóficas com o saber enciclopédico (e nisto o continuou Comte) e a designação misteriosa de *Ciencia Nova*, com que empreendia uma renovação do critério racional, no fundo era a aliança da Filosofia com a Filologia. Nisto assenta o influxo de Vico no espírito dos pensadores do século XVIII e XIX; a Erudição especializava-se e esterilizar-se-ia, se não fosse fecundada por uma concepção de conjunto — a *Filologia*. Para este saber geral contribuíram Indianistas, Zendicistas, Egíptólogos, Semiólogos, Sinólogos, Helenistas, Romanistas, etnólogos, constituindo a essência de tão vasto material a *Filomítia*.

Pelo critério seguro da *Filologia*, as literaturas são estudadas nas suas origens tradicionais e populares; Max Müller observou enquanto a mitologia grega: «Heródoto propagou a ideia de Homero e Hesíodo é que criaram a mitologia da Grécia desfigurando a verdadeira natureza da Fábula como produto natural do pensamento popular, e a inevitável sobrevivência dos colóquios do vulgo. Só

modernamente é que a teoria de Heródoto desapareceu diante de uma vista mais perfeita, e que a tradição popular, o folclore tem igual importância ao lado da fábula clássica.» (*Mit.*, p. 77, 83.) Os mitógrafos gregos Paléfales e Herochito consideravam essas lendas populares como degradação e deturpação dos mitos helênicos, da forma como tinham sido sistematizados nos poemas homéricos e hesiódicos. A *Filologia* moderna restabelecendo esse fundo primário popular, mostra-nos como os géneros poéticos da literatura grega provieram também de gérmes populares no seu desenvolvimento e progresso artístico. «A literatura grega, como observa Boissier, viveu nos seus mais florescentes anos, de um certo número de narrativas transmitidas pela tradição desde os tempos mais remotos e acumuladas na memória do povo. Essas narrativas repetiram-se incessantemente, sendo o fundo ou tema desses poemas de todos os géneros, que causam a admiração do mundo. Os Gregos não sentiam então a necessidade de criar assuntos novos, os antigos lhes bastavam. O prazer consistia para eles em ver como estes assuntos antigos seriam tratados de uma maneira nova, e de que modo se chegava a comove-los pelas aventuras que tantas vezes os tinham comovido.» E assim um tema se tornava obra de arte, pelo destaque da individualidade de génio e de estilo. A *Filologia* estabeleceu a evolução dos gérmes tradicionais, e a criação da literatura, refletindo-se a obra dos génios na simpatia popular, que elabora na transmissão oral os episódios, que vem ciclicamente dar relevo aos temas que mais encantaram. Isto observou Schuré: «Toda a grande arte começa por ser uma arte espontânea. Não nasce do povo nem de uma aristocracia, mas do concurso inteligente de ambos. Produz-se ordinariamente quando uma classe superior da sociedade, ou um homem de génio se apossa da arte popular espontânea para aperfeiçoá-la.» (*Hist du drame music.*, pág. 231.)

A literatura dos contos populares é o quadro da transmissão oral das tradições recebendo a nitidez e beleza estética da forma escrita.

Sob estes títulos gerais, agrupamos as ciencias especiais:

1) FILOMITIA — Conhecimento pelas concepções subjetivas emocionais

Cosmogonias.

Teogonias.

Mitos siderais e solares.

Mitos telúricos e meteorológicos.

Mitos antropomórficos e antropopáticos.

Símbolos e emblemas.

Alegorias.

Fábulas e comparações.

Legendas.

Ritos, drama cultural, iconografia.

2) FILOSOFIA — Conhecimento pelas concepções gerais e abstratas formadas por noções racionais

Filosofia primeira: Disciplina da racionalidade.

Filosofia segunda: Generalização dos dados objetivos verificáveis constituindo ciencias.

Filosofia terceira: Síntese dos fenómenos morais relativos ao fim humano.

3) FILOLOGIA — Conhecimento enciclopédico relacionando todas as representações mentais dispersas por observações especiais, aproximando-as pelo critério comparativo.

Paleontologia — Arqueologia — Etnologia — Antropologia — Geografia

Histórica — Hierologia — Literatura — Glotologia — Instituições História

Universal.

Assim como na linguagem existem duas correntes de elaboração, uma popular ou dialetal e outra escrita, ou regularizada por uma norma gramatical, acontecendo muitas vezes desconhecem-se estas duas correntes, ou entrecruzarem-se por efeito de causas sociais e históricas, o mesmo fenómeno se observa com as tradições novelescas: um grande número de contos persiste exclusivamente na transmissão oral do povo, que os transforma desde a primitiva conceção mítica até a simples aventura faceta ou a referencia vaga de qualquer adágio; existe simultaneamente um outro grupo de contos conservados por via da redacção literária e escritos com uma certa intencionalidade moral ou artística. Nem sempre estas duas correntes se comunicam, havendo contudo uma época em que os escritores deram forma literária aos temas tradicionais ou os imitaram, e em que os contos escritos por seu turno vieram a influir na imaginação popular pelo emprego da *Parábola* na prédica religiosa e do *Exemplo* na doutrinação concreta da moral. A universalidade dos contos populares na tradição oral não se pode explicar historicamente; este processo compete aos contos generalizados pela forma literária, cuja transmissão se estabelece quase de um modo cronológico e por documentos que subsistem. Huet, Sacy, Loiseleur des Longchamps, Benfey e Max-Müller, segundo os recursos da ciência da sua época, a Filologia, fixaram os caminhos diversos por onde os contos do Oriente fizeram a sua migração para a Europa. Provenientes de coleções literárias, de que a mais antiga conhecida é o *Pantchatantra*, eles acompanham os acidentes da história da civilização da Europa, implantando-se no Ocidente com as invasões dos Árabes, propagando-se como últimos lampejos do helenismo, com as Cruzadas, sendo o assunto de redacção dos novos dialetos românicos e dos pregadores católicos da Idade Média. A Igreja afastando os povos da Europa do contacto da civilização greco-romana, aproveitou-se deste fundo tradicional

para atuar sobre a imaginação da gente rude, e assim as literaturas começaram o seu desenvolvimento sobre uma base e com um destino popular. A redação literária dos contos e fábulas indianas foi provocada pela profunda revolução religiosa do Budismo, que batendo as abstrações metafísicas da casta sacerdotal bramânica e procurando os seus prosélitos entre as raças inferiores e amarelas, teve de propagar-se pela exposição pitoresca dos contos; onde quer que o Budismo se divulgou, aí encontram-se os contos como meio de propaganda. As coleções da China, como os *Avadanas*, e as do Tibete, resultaram dessa crise religiosa; no raríssimo livro das *Cartas do Japão* (fl. 99 v.), se lê: «Há aí mais duas Seitas, que chamam Iexu e Muraçaqui. Estes são dados a meditações, tem soma delas de cousas como *fábulas e comparações*.» Na luta do cristianismo contra o protestantismo, a polémica religiosa fez-se a custa de contos morais, de fácil compreensão, chamados Exemplos. Esta similaridade de crise religiosa coincidiu com o conhecimento dos contos indianos traduzidos para árabe na corte de Bagdad, e trazidos na invasão muçulmana da Europa Ocidental. Os trovadores nas suas canções, os troveiros nos seus fabliaux, os menestréis nos seus lais, secularizaram o conto com esse espírito de livre exame comunicado pela civilização dos Árabes.

Pelos resultados da novelística geral e pelo estudo da literatura dos contos populares, chegou-se a esta conclusão formulada por Gaston Paris: «Por um fenómeno que, com surpresa a ciencia constata cada vez melhor, parece que a imaginação moderna e ocidental, mesmo nos espíritos mais brilhantes, é incapaz de inventar um conto igual aqueles que, criados na sua maior parte na Ásia há já longos séculos, de lá se propagaram nos nossos países e constituem ainda hoje o fundo quase exclusivo do nosso património de ficção.» (*Poesie du Moyen Age*, p. 152). É a consequencia lógica do estudo mental da Filomítia.

II) Contos dos séculos XII a XV, da corrente oriental e Idade Média

No período mais ativo da organização das sociedades modernas, no século XII, é que se constituiu a nacionalidade portuguesa; dirigida a sua cultura pelos latinistas eclesiásticos, os primeiros documentos literários em prosa foram contos traduzidos do árabe e com uma intenção moral exclusiva. Com as correntes cultas de outros elementos medievais, como os trovadores da Provença, os jograis franceses e menestréis bretões, alargaram-se as fontes literárias dos contos, estabelecendo-se essa unanimidade de sentimento da civilização ocidental. Indicaremos estes diferentes veículos.

Desde o século XIII que se conheceu na Espanha a coleção árabe de *Kalila e Dimna*, não só pela tradução castelhana do infante D. Afonso (1289), como pelo *Exemplario contra enganos y peligros del mundo*. Sucederam-se as imitações literárias, e a fonte escrita aparece citada com frequência nos poetas do princípio do século xv, como se ve pelo *Cancioneiro* de Baena, (Ed. Pidal, t. I, 115):

*Reyne de Byrra todo su feresa,
E las falsedades de Cadyna Dina...(1)*

*Que mudan discordias, consejos peores
Que Dyna y Cadyna con su lealdad... (ib. 119.)*

O nome desta coleção é tirado das aventuras passadas entre os dois chacais *Karataka* e *Damanaka*, que no persa anteislâmico se abrandou na forma *Kalilak* e *Damnak* vulgarizada pelos Árabes. Assim na Espanha o chacal identificou-se com a raposa, e as aventuras do Kalila e Dimna foram designadas pela palavra genérica de *raposias*:

*Sea asno ó letrado por contradicion
Segunt que del dixo la sabia raposa...*

O nosso cronista Fernão Lopes, no princípio do século XV, emprega esta

designação de *raposias*. É talvez por esta influencia árabe que o ciclo do *Roman du Renard*, que se desenvolveu na Europa com um carácter heterodoxo e hostil a Igreja, não se propagou entre as nações católicas.

O anexam português *Quanto tens, tanto vales*, pertence a história do *Rei Lear*, quando Cordélia lhe responde:

— *Tant as, tant vaux et tant je t'aime.*

Tant comme j'eue et tant valus

— *Et tant aimé et privé fus.*

E nos adágios portugueses:

— Faze por ter, vir-te-ão ver.

— Tanto vale cada um na praça

Quanto vale o que tem na caixa. (F. Rol. 127.)

Pode-se afirmar que estes anexins são outros tantos vestígios de contos obliterados, por isso que temos grande quantidade de anexins em que se dá este facto. Exemplificamos com um dos mais curiosos, e que se refere ao *Roman du Renard*, que literariamente foi conhecido em Portugal: a Gesta de Maldizer de D. Afonso Lopes Baião personifica um burgues que se finge fidalgo com o nome de D. Velpelho; na comédia *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, escrita depois de 1521, (p. 84, ed. ult;) encontra-se esta importante revelação de o espírito da sátira burguesa ter penetrado no nosso povo:

O Lobo e a Golpelha (Vulpecula)

Fizeram uma conselha.

Outro anexam popular: *Da pele alheia grande correia*, proveio de um episódio do *Roman du Renard*, como o conta Fleury de Bellingen: «O Leão achando-se aflito com uma grande febre mandou chamar a Raposa para saber se no seu conselho poderia ter remédio a sua doença; a Raposa fingindo de médico lhe disse: Que para a sua cura precisava cingir os rins com uma larga cintura tirada de fresco da pele de um Lobo. Seguindo esta receita o Leão doente mandou chamar um Lobo, a quem a Raposa cortou ao largo do corpo uma comprida e larga correia. O Lobo com as dores uivava desesperado: Ah, Senhora Raposa,

da pele que não é vossa tirais correia larga.» O espírito do anexim derivou do antagonismo entre o Lobo (*Ysengrin*) e a Raposa (*Trigodin-le-Renard*) do velho poema. Ainda a frase francesa *piquer le renard*, beber em jejum, corresponde no mesmo sentido em português *matar o bicho*.

A influencia árabe na Península foi simultaneamente popular e literária; Alvaro de Cordova alude ao gosto dos contos «*fabellis mille suis delectamur*». Das coleções árabes passaram para os nossos documentos literários do século XIV bastantes contos intercalados no livro ascético do *Orto do Esposo*, e na tradução da lenda mística de *Barlaão e Josafat*, tirada do *Lalita Vistara*, sendo Buda santificado no cristianismo. No *Nobiliário* do conde Dom Pedro, o conto de Gaia é também nos seus episódios semelhante as narrativas árabes, das quais persiste no gosto popular ainda a folha volante da *Donzela Teodora*.

A divulgação da poesia provençal veio ajudar ao desenvolvimento da forma literária dos contos, com os *Noellaires*; temos um exemplo na tradição da *Chuva de Maio*, de que há reminiscencias em um poeta do *Cancioneiro* de Resende, em Sá de Miranda e D. Francisco Manuel de Melo. Os jograis abandonavam por vezes os assuntos líricos, e contavam fábulas ou narrativas com um intuito satírico.

Devido talvez a esta influencia jogralesca e a propagação dos *fabliaux* franceses, é que os contos vieram a receber em Espanha, embora no século XVI, o nome de *Francias*. A influencia bretã é também manifesta na forma dos lais, que além do seu destino musical tinham um acentuado carácter narrativo, que veio a desenvolver-se no ciclo da Távola Redonda. No *Nobiliário* do conde D. Pedro é aonde existem os principais vestígios dos contos bretões, como no conto da *Dama Pé de Cabra*. No mesmo *Nobiliário* se encontra rapidamente narrado o conto do *Rei Lear*, a tradição de Merlin, e da *Islavalon* (ilha do Avalon.)

A tradição do *Solar dos Marinhos* deriva também dessas lendas heráldicas fundadas na crença das fadas terrestres, como a Melusina e a Dama Pé de

Cabra, ou do mar como as Sereias, de que fala Gil Vicente:

Vai logo as *ilhas perdidas*,
No mar de penas ouvinhas,
Traze três *fadas marinhas*
Que sejam mui escolhidas. (*Obras*, t. III, p. 101.)

No *Cancioneiro* da Vaticana encontra-se uma alegoria satírica da Verdade, em uma canção de Aires Nunes, que se avalia bem aproximando-a de um conto popular da Andaluzia. Eis o conto: A Verdade e a Justiça foram pelo mundo mostrar-se, e como eram muito formosas, arranjaram muito dinheiro. No caminho agregou-se-lhes a Avareza, e ela é que guardava o dinheiro. Quando resolveram voltar, a Avareza que não queria repartir o quinhão, ao passar por uma ponte baldeou a Verdade na água, e por isso ela nunca mais apareceu no mundo. A Justiça tratou logo de castigar o crime, mas a Avareza refugiou-se com a bolsa em uma igreja e nunca mais de lá saiu, e lá há de ficar até que as paredes venham abaixo^[1]. Vejamos agora a sirvente de Aires Nunes:

Porque no mundo mengou a Verdade,
punhei um dia de a ir buscar,
e u per ela fu perguntar
disseram todos — Alhur a buscade;
cá de tal guisa se foi a perder,
que não pudemos em novas haver,
nem já não anda na irmaidade.
Nos moesteiros dos frades, regrados
a demandei, e disseram-m'assi:
Não busquedes vós a Verdade aqui,
ca muitos anos havemos passados
que não mor'em nosco, per boa-fé,
.....
e d'al havemos maiores cuidados.
E em Cistel, u Verdade soía
sempre morar, disseram-me que não
morava i, havia grã sação
nem frade d'i já não a conhecia;
nem o abade us'outrossi não estar,

sol não queria que fosse i pousar,
e anda já fora da abadia.
Em Santiago send'albergado
em ma pousada, chegaram romeus;
perguntei-os e disseram: Par deus,
muito levade-lo caminho errado;
ca se Verdade quiserdes achar
outro caminho convém a buscar
ca não sabem aqui dela mandado[2].

O conto mais antigo, que se acha escrito na língua portuguesa, está inserido no *Nobiliário* do conde D. Pedro, do século XIV; a alusão ao cavalo--fada *Pardallo* (o *pardallus* de Aristóteles) e ao *coouro* (o *gouril* bretão) provam-nos uma origem erudita, que determinaremos abaixo, tornada tradicional nas lendas genealógicas. No conto, hoje conhecido pelo título da *Dama Pé de Cabra*, se lê: «E alguns há em Biscaia, que disseram e dizem hoje em dia, que esta sua mãe de Enhegues Guerra, que este é o *coouro* de Biscaia.» E também: «E mais dizem hoje em dia i, que jaz com algumas mulheres i nas aldeias ainda que não queiram, e vem a elas em figura de escudeiro, e todas aquelas com quem jaz tornam *escoouradas*.» Nas costas de Finisterra acredita-se na existencia de uns diabos malignos, que dançam ao luar, chamados courils, que M. de Cambraye descreve na sua *Voyage dans le Finisterre* (1791); Leroux de Lincy traz também as formas de *Gourils*, *Gories* e *Criours*.^[3] No velho frances carole significa a dança em redor; tanto no ingles carol, como no italiano carola e também no portugues, este vocábulo exprime um vestígio de um costume britânico. Na comédia *Aulegrafia*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, escrita antes de 1554, vem esta locução popular: «soltam a carola a esperança.» (Act. IV, cen. 5.)

As tradições eruditas da primeira Renascença receberam também uma forma literária entre os latinistas eclesiásticos; da Biblioteca de Alcobça subsiste ainda a tradução portuguesa da *Visão de Tundal*, sob cujo tema, a descida aos

Infernos, Dante escreveu a Divina Comédia, tradição que os padres da Igreja tomaram do Êucrates do *Filopseudes* de Luciano. Desta corrente erudita deriva essa alusão do cavalo-fada *Pardallo*, citado no conto da *Dama Pé de Cabra*, que é evidentemente uma forma do *Pardallus* de Aristóteles. No *Orto do Esposo*, descrevendo-se os costumes da pantera, Frei Hermenegildo de Paio Pele introduz o conto do animal agradecido: «Aconteceu uma vez que um homem livrou da morte os filhos desta besta. E este homem caiu em uma cova e a esta o tirou fora dela e o pôs em salvo do deserto indo com ele mui leda e afagando-o, em guisa que parecia que lhe dava graças.[4]»

Deste ciclo erudito da primeira Renascença data o conhecimento das *Gesta Romanorum* em Portugal. Na Biblioteca do rei Dom Duarte guardavam-se as *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, o *Conde de Lucanor*, uma tradução portuguesa dos versos do *Arcipreste de Hita*, e da *Confissão do Amante* de Gower, em que receberam forma literária diversos contos da Idade Média. Na corte de Dom Duarte prevaleceu o gosto dos contos com intuito moral, chamados *estórias e exemplos*; na sua obra o *Leal Conselheiro*, cita o conto da *Manta e o Chocalho*, que parece popular pela persistência do anécdota: «O Diabo tem uma manta e um chocalho.» Acham-se ali também o conto alegórico das *Duas Barcas* e do *Filho Pródigo*: «E a festa que fez o padre ao filho degastador, que confessando o seu desfalecimento dizia não sou digno ser chamado teu filho...[5] O rei Dom Duarte condenava a leitura dos livros de contos, que ele aponta como um vício entre a aristocracia portuguesa do século XV: «tais leituras aos que de semelhantes não tem bom conhecimento mais são para serem ensinados que para despender tempo ou se desenfadar com o *livro d'estórias*, em que o entendimento pouco trabalha por entender ou se lembrar»[6]. Fernão Lopes, o nosso grande cronista, empregava a palavra *estória* no sentido de tradição, tal como ainda subsiste entre o povo. O rei Dom Duarte condenando o uso de ouvir contos, diz: «E da questa guisa erramos per

este desassossego: se no tempo de orar e ouvir ofícios, nos conselhos proveitosos, falamentos ou desembargos, levantamos estórias, recontando longos exemplos.»^[7] Gil Vicente conservou esta designação medieval:

Como diz o exemplo antigo,
Que não são iguais os dedos.

No mesmo *Nobiliário* se encontra rapidamente narrado o conto do *Rei Lear* (Leyr), o que prova que a corrente britónica se estendeu a Portugal, onde o *Roman de Brut* teve autoridade histórica. A influencia francesa é manifesta em muitos romances populares, e mesmo neste *Nobiliário* existe outro conto de um fidalgo que mata a mulher adúltera e o frade que estava com ela, incendiando o seu castelo e tudo o que estava lá dentro; o mesmo se encontra nas *Cem Novelas Novas*. Os contos que receberam elaboração literária devem essa conservação não ao ter-se compreendido o seu valor nem a uma renovação artística individual, mas ao andarem ligados as lendas genealógicas das famílias nobres de Portugal; tal é o conto da *Sereia* ou *Marinha*, donde tira sua origem o Solar dos Marinhos, e o conto de *Gaia*, das tradições árabes, que vem no já citado *Nobiliário*, e se conserva ainda no onomástico local do Porto, em Gaia e Miragaia. Destes contos existem algumas imitações literárias de diferentes épocas da literatura portuguesa; o *Rei Leyr* é a base de um auto de António Prestes; *Gaia* foi metrificada em outava rima no século XVII por João Vaz, de Évora, e a *Dama Pé de Cabra* foi elaborada de novo por Alexandre Herculano nas suas *Lendas e Narrativas*; Garrett também metrificou o conto de *Gaia* em uma série de quadras em redondilha que intitulou *Miragaia*. São estes os únicos vestígios dos contos populares do século XIV.

É também um documento da existencia dos contos populares a designação com que entre nós foram conhecidos; as *Fábulas* jogralescas, os *Rumores*, os *Noellaires* provençais e *Lais* bretões, aparecem-nos referidos nos escritores dos séculos XIV e XV. No Regimento da Casa de D. Afonso tu, estatui-se a

presença de tres jograis no palácio, e um deles, Martim Moxa, diz em uma canção:

Uns joglares
Sus nobles *falares*
Soíam dizer...

Afonso IX de Castela, ouvindo um *fabliau* de Ramon Vidal, disse-lhe: «Jogral, tuas fábulas são agradáveis e formosas.» É esta a mesma corrente indicada por Martim Moxa, que era como Vidal, da classe dos Segréis ou narradores. O conto alegórico provençal chamado Noellaire vem também citado por Martim Moxa:

Destes privados não sei *noellar*...

A tradição popular das *Fadas* era aproveitada por estes metrificadores da classe jogralesca, de origem plebeia; diz Martim Moxa, na sua canção:

As nossas *Fadas*
Iradas
São chegadas
Por este *fadar*, etc.

No século XV acentua-se mais na literatura portuguesa a existencia do conto, e são mais evidentes as relações íntimas com a corrente francesa. Não se conheceu em Portugal, o *Roman du Renard*, mas Fernão Lopes alude a esse ciclo de aventuras na palavra *Raposias*; e no *Cancioneiro de Baena*, desta mesma época, corresponde um igual vestígio da corrente literária:

Sea asno ó letrado por contradición
Segunt que del dixo la *sabia raposa*.

(Ed. Pidal, t. I, p. 118).

Na enciclopédia da Idade Média portuguesa, o *Leal Conselheiro*, de el-rei Dom Duarte, cita-se resumidamente o conto das *Duas Barcas*, uma alegoria moral que parece ter inspirado Gil Vicente nos seus *Autos das Barcas* por via da tradição popular. Neste período o conto apresenta um carácter moral e ascético, e é conhecido pelo nome de *Exemplos*, usados nas comparações religiosas dos

pregadores. Entre os eruditos a tradição novelesca é conhecida pelo nome de *Estória*, como o emprega Fernão Lopes, e ainda hoje o povo em muitos pontos de Portugal chama ao conto *História*. Pelo *Leal Conselheiro* sabe-se que mesmo na classe aristocrática era costume ouvir contos, tal como entre o povo, que ainda hoje faz seroadas a maneira das zambras mouriscas. Os dois termos *Exemplo* e *Estória* acham-se na prosa de Dom Duarte, aludindo a este costume. Do gosto dos contos da Idade Média escreve o mesmo rei invetivando-os: «E daquesta guisa erramos per este desassossego: se no tempo de orar e ouvir ofícios divinos, nos conselhos proveitosos, falamentos ou desembargo, *levantamos estórias, recontando longos exemplos.*» (*Leal Cons.*, p. 192.) Era o rei D. Duarte essencialmente moralista, sendo para ele os livros de estórias ou novelas mero passatempo: «para despender tempo e se desenfadar com o livro de estórias em que o entendimento pouco trabalha por entender ou se membrar.» (*Ib.*, p. 7.) Os *Exemplos* e as *Parábolas* serviam-lhe o intuito moral; no *Leal Conselheiro* declara que o Exemplo das *Duas Barcas* o mandara escrever pelo seu confessor Fr. Gil Lobo: «um conselho apropriado as *duas barcas* que escreveu por minha invenção e mandado, por que em um falamento assim lho razoei, e disse-me que lhe parecia boa semelhança, porém lhe disse que a escrevesse, e lhe furtando seu trabalho, a invenção foi minha solamente e porém em conto das cousas por mim feitas, vo-la faço escrever.» (*Ib.*, p. 345 e p. 447.)

O século XV é o período em que na literatura portuguesa maior influencia exerceu o ciclo das tradições épicas da Távola Redonda; esses longos poemas enchem as estantes da livraria de el-rei D. Duarte e de seu irmão D. Fernando, e alguns nomes dos seus heróis tornaram-se populares e ficaram no uso do onomástico civil. Tudo isto favorecia o desenvolvimento do conto e lhe dava uma cor cavalheiresca. Infelizmente pouco se conservou na forma escrita e nem mesmo resta sinal de conhecimento da coleção árabe de *Calila e Dimna*,

que porventura seria também lida em Portugal:

E las falsedades de *Cadyna Dyna*
Sean mostradas, porque muy ayna
Gosen los nobles que aman limpieza.

(Ed. Pidal, 1, 115.)

Na *Crónica da Conquista de Guiné*, de Azurara, (ed. de Paris, p. 184) cita-se «*Obras dos Romãos*» indubitavelmente a *Gesta Romanorum*. No *Catálogo dos Livros de Uso*, de el-rei D. Duarte, vem citadas as coleções espanholas do *Conde de Lucanor*, as obras do Arcipreste de Hita e a *Conquista de Ultramar*. Cita-se também a coleção novelesca de João Gower, *Confissão do Amante*, que chegou a ser traduzida por um tal Roberto Paino. É deste século a folha manuscrita da Biblioteca do Porto, que traz a fábula do *Mons parturiens* em redondilhas, e da Biblioteca de Alcobaça são os textos da tradução da *Visão de Tundal* e de *Baarlão e Josafat*, do século XIV. No manuscrito do *Orto do Esposo*, acham-se para mais de vinte contos, alguns dos quais ainda se repetem na tradição oral. Nos versos de Afonso Valente, coligidos no *Cancioneiro* de Resende, alude-se a tradição popular: «As *Fadas* que me *fadaram*...» E em uns versos de Duarte da Gama, neste mesmo *Cancioneiro*, alude-se ao *noellaire* provençal da *Chuva de Maio*. Nas festas do casamento do príncipe D. Afonso, filho de D. João II, representou-se as portas de Avis uma alegoria *fiabesca* ou *Momo*, em que se prognosticava a aventura do consórcio:

Aqui as *Fadas* estavam,
Segundo lhes coube em sorte,
Que à princesa *fadaram*
Cada qual de sua sorte.

(Aires Teles, est. XXI).

O nome de *Exemplo* especializou-se aos contos populares, que os pregadores intercalavam nos sermões da parenética medieval, explorando o gosto do vulgo, com esse instinto com que procederam os propagandistas budistas. O verna do mundo antigo, como notou Vico, usava essa linguagem pitoresca e franca, a

vernácula, que exprimiu a prosa legal da burguesia. Foi nessa linguagem que a Igreja empregou os Exemplos, quando quis dominar a alma popular.

O costume de contos era tão persistente entre o povo como entre a aristocracia portuguesa. As nossas *seroadas* e o tipo dos *patranheiros* populares derivarão dos costumes mouriscos das *zambras*? As suas raízes são mais profundas, derivam da primitiva raça do Ocidente; na Grécia havia uma classe de mulheres chamadas *paramítia*, encarregadas de contarem contos por ofício; Guthrie, descrevendo os velhos costumes da Rússia, diz: «Observam-se também nas casas dos grandes, mulheres encarregadas de contar contos, *Skaski*... A sua ocupação consiste em entreter suas amas até que elas adormeçam, com contos semelhantes as *Mil e Uma Noites* árabes, antiquíssimo costume entre os Orientais.»^[8] Conhecida a íntima relação que existe entre os contos russos e os sicilianos, compreendemos a relação que deve haver entre os *Skaski* russos e os *Chascos* ou *Chascarilhos* com que ainda no século XVII se designavam em Espanha os contos facetos.^[9] Esse elemento mongólico que no século XIII propaga na Rússia e no Norte da Europa as ficções orientais, é o mesmo que no Ocidente sob a corrente ibérica produz esta similaridade de tradições e de costumes.

Usavam-se os contos, na Idade Média, a mesa dos príncipes, sob o nome de *Rumor*. Na descrição das festas do casamento do príncipe D. Afonso vem:

*Depois ledos tangedores
À vinda da princesa
Fizeram fortes Rumores,
Espanto da natureza.*

Camões empregou este termo na locução: «*O rumor antigo* conta.» O conto do *Boi Cardil* parece-nos ter sido objeto de um destes rumores, como se depreende dos versos latinos:

Ad mensam magni principis
Est *rumor* unius bovis...

A influencia oriental conhece-se melhor nas fábulas da *Raposa*, que na Idade Média da Europa formaram um ciclo poético, recebendo um sentido agressivo; em Portugal não passaram do rudimento de Apólogos com a sua moralidade tais como se conservam na tradição oral popular. Nos anexins aparecem alusões aos ardis da Raposa: «Muito sabe a Raposa, mas mais sabe quem a apanha.» (Delicado, *Adágios*, p. 22.) O cronista Fernão Lopes, alude a uma peripécia do *Roman du Renard*: «Come a Raposa quando está ao pé da árvore» (*Cr. de D. João I*, t. I, cap. 42.) Na língua portuguesa conserva-se o verbo *arraposar*, com o significado de fingir-se morto como a raposa: «E o caso foi senão, que o Demónio viu que apertavam pelo sacrifício, arraposou-se, para que havendo-o por morto (assim o faz a raposa).» (Fr. Roque de Soveral, *Hist. do Alfarc. livro III*, cap. 8). Jorge Ferreira de Vasconcelos também alude ao rifão: «O Lobo e a Golpelha (*Vulpecula*) fizeram uma conselha.» Como se ve, apenas alguns anexins fazem lembrar uma ou outra peripécia do grande poema das revoltas comunais e do sarcasmo da burguesia. Escreve Du Méril, nas Poesias Populares Latinas anteriores ao século XII: «Nos poemas do *Renard* não podia haver outra superioridade real senão a argúcia e a força, donde resultavam tendencias democráticas e anticlericais e que os impediriam de adquirir uma grande popularidade nos países aristocráticos ou profundamente católicos. Também os ingleses, os Espanhóis e os Italianos não tiveram poemas do *Renard*» (*op. cit.*, p. 26.) Em Portugal prevaleceu o mesmo princípio, sendo aliás a palavra *Raposa* sinónimo de perfídia e de argúcia, como se emprega em um conto popular. Nas tradições conservadas no Talmude, há também uma fábula da Raposa convidando o peixe a trocar a água pela terra firme; alguns destes contos correm na tradição oral portuguesa, tal como o do homem entre duas idades, ou quarentão, tendo duas amantes, uma nova que lhe arranca os cabelos brancos, outra durázia, que o depila dos cabelos pretos (*Talmude*, Babakana, livro 6.º). E o conto do coxo, que se põe as costas do cego para o conduzir (*ib.*,

Talmude Sanbédrim). Infere-se, que a influencia judaica reforçou o elemento oriental, na Península, que se atribuía unicamente aos Árabes.[\[10\]](#)

O *Livro de Esopo*, texto português do fim do século XIV, publicado por Leite de Vasconcelos, com um largo e proficiente estudo filológico, mostra-nos como a literatura portuguesa compartilhava com o espírito europeu libertando-se da apatia mística pelo bom senso dos Fabulários medievais. É uma paráfrase libérrima de *Romulus vulgaris* encostando-se a compilação em prosa de uso escolar, com comentários e vulgarmente chamadas *Isopet*, alusivo ao original grego. No seu processo comparativo Leite de Vasconcelos expõe: «A conclusão a que chego é que o *Livro de Esopo*, conquanto efetivamente se relacione com o Fabulário *Anonymus* de Nevelet (Walter) não provém diretamente deste, mesmo com alterações, mas provém de algum texto em prosa, latino ou romanico, derivado do Fabulário gualteriano.» E acrescenta: «Houve uma dissolução latina, em prosa, dos versos do Anonymus de Nevelet, donde provem diretamente as nossas fábulas, — dissolução que o compilador português, ainda assim, modificou mais ou menos, pois enriqueceu de adágios nacionais e de reflexões moralísticas os epítimios — O compilador português, em lugar de utilizar um texto em prosa — não se poderá negar que teve presente ao ato da tradução outros Fabulários» (*Revista Lusitana*, vol. IX, p. 103).

III) Contos do século XVI: Renascença e Reforma — corrente novelesca italiana

O século XVI, a grande época de esplendor da literatura portuguesa, coincide com um maior conhecimento da tradição popular e dos contos, bem como dos

cantares heroicos ou romances. Basta conhecer o fenómeno extraordinário da situação de Portugal em frente da civilização da Europa desde o século XVI, para deduzir que pela reacção violenta contra a Reforma, pela elaboração científica do século XVII e pela renovação crítica do nosso tempo, deve ser compensada por uma rudeza ingénua, em que se reúnem as condições de vitalidade e interesse das antigas tradições da Idade Média. Mas essa indiferença produzida pelos terrores de um catolicismo sanguinário e por uma monarquia aliada com o *Queimadeiro*, atrofiaram este povo, a ponto de quase se obliterarem as suas tradições e ignorar as próprias origens. As tradições persistem na realidade, mas em um sincretismo resultante das variantes com que as remodelam. Na literatura portuguesa do século XVI os maiores escritores são aqueles que mais se inspiraram das tradições populares, tais como Gil Vicente, Sá de Miranda e Jorge Ferreira de Vasconcelos, como se verifica apontando os contos a que eles aludem. É no século XVI que achamos vulgarizadas as principais coleções de novelas do fim da Idade Média, e pode-se com certeza afirmar que a influencia francesa dos dois séculos anteriores está aqui substituída pela literatura italiana. Pelos *Índices Expurgatórios* do Santo Ofício conhece-se o grau de vulgarização desses livros de novelas; no *Índex* de 1564, fl. 168, expunge-se: «Boccaccio, *Decades*, seu *Novella centum*»; e a prova de que já esta coleção era anteriormente conhecida, é o achar-se citada no *Espelho de Casados* do Dr. João de Barros, que diz: «João Boccaccio fez muitas novelas contra as mulheres e delas diz mal no livro da *Caída dos Príncipes*» (fl. 125). No *Índex Expurgatório* de 1581, fl. 17, v., cita-se: «*Cento Novelle scelte da piu nobili scriptori de la lengua volgari, com la -junta de Cento altre Novelle*»; e neste mesmo *índex* vem citado: «*Facecie e motti e burle raccolte per M. Ludovico Domenico e Guiejardin*.» (fl. 19). No mesmo *Índex* (fl. 21, v.) cita-se o *Pecorone di Messer Jovani Fiorentino*. No *Índex* de 1597, fl. 29, enumeram-se entre os livros, cuja leitura era proibida em Portugal: *Gesta Romanorum* e

Cymbalum mundi, de *Bonaventura Perier*. Por esta lista sucinta se pode fazer uma ideia das leituras da classe ilustrada, que durante o século XVI costumava ir educar-se a Itália.

Mais se acentua a influencia da novelística italiana, com a tradução portuguesa da *Fiameta* de Boccaccio, referida pelo bispo Cenaculo, nas *Memórias do Ministério do Púlpito*; e ainda nas *Noite Piacevole* de Straparola, donde veio para os nossos livros populares a *História dos Tres Corcovados de Setúbal*. (Noite V, fol. 3).

Nos costumes palacianos e universitários, o conto tomou uma grande importancia, sobretudo desde que os pregadores os introduziram nos seus sermões a título de *Exemplos*. Na *Vida do Infante D. Duarte*, por mestre André de Resende, se fala deste uso: «Ora, senhor, deixemos a febre e falemos em cousa de passatempo. Comecei-lhe então a dizer patranhas, com que o tornei alegre.» O pobre infante, vítima de uma premente educação católica, fingiu-se doente para não dar lição ao jurisconsulto Madeira; André de Resende tirou-o da sua apreensão com contos mentirosos. Aqui a palavra *patranha* significa o conto imaginoso, e ainda hoje é o nome de desprezo com que se designam as narrativas populares. Nos seus versos, Sá de Miranda, referindo-se ao conto de um rei mouro, diz: «Não do rei mouro a *patranha*...» (Ed. 1804, p. 104.)

Em António Prestes (Autos, pág. 426):

Podeis levar,
Comadre, que vos la conte
Patranhas de rir e folgar.

Pelo alvará de 23 de setembro de 1538, ve-se quanto se intermetia no ensino público o conto, substituindo por um pedantismo de moralista a disciplina científica; nesse alvará encontramos: «Eu el-rei, faço saber a vós reverendo bispo reitor dos estudos e Universidade de Coimbra, e aos reitores que ao diante poios tempos forem, que per quanto as vezes acontece a lentes nas lições

que leem, e nos autos públicos que se fazem, dizerem palavras de outros lentes ou letrados, que nos ditos autos estão presentes, recebem escandalo, e assim os ditos lentes nas lições que leem se põem a *contar Estórias* fora da matéria da lição, em que gastam o tempo sem proveito, hei por bem que o lente que cada uma das ditas cousas fizer, por cada vez perca o ordenado da lição daquele dia...» O conto tornava-se um lugar-comum das conversas. Em uma carta a el-rei D. Manuel, um capitão da ilha de S. Miguel dizia-lhe: «estou aqui como o *Peregrino de Jerusalém*», aludindo a situação de algum conto sabido.

Este uso doméstico acha-se descrito no viver da principal aristocracia do século XVI: «O mesmo usava D. Joana de Vilhena com as senhoras que a vinham visitar, dando a cada uma delas algum trabalho com que se entreter; e entretanto ou lhe lia algum capítulo dos documentos que o conde tinha composto, ou *lhe contava algum Exemplo* ou história santa com que adoçar o trabalho; o que fazia com tanta graça que assim D. Brites, duquesa de Coimbra e Aveiro, como todas as mais senhoras, frequentavam com gosto a escola de D. Joana.»[\[11\]](#)

Nos escritores quinhentistas é que se encontravam mais referencias aos contos populares:

E folgam de ouvir *Novelas*
Que durem noites e dias.

(Gil Vicente, *Obras III*, 287).

É o segredo das Canas
das orelhas do rei Mida.

(Autos, p. 259.)

Em Bernardim Ribeiro vem a referencia:

«Quando eu era da vossa idade e estava em casa de meu pai, nos longos serões das espaçosas noites de inverno, entre as outras mulheres da casa, delas fiando e outras devando, muitas vezes para enganarmos o trabalho, ordenávamos que alguma de nós contasse histórias, que não deixassem parecer o serão longo; e

uma mulher da casa, já velha, que vira muitas e ouvira muitas cousas, por mais anciã, dizia sempre, que a ela pertencia aquele ofício. E então contava histórias de cavaleiros andantes.» (*Menina e Moça*, p. I, cap. III). O poeta das *Saudades* também aponta uma fábula alegórica:

A Dita e a Formosura
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia,
Sendo de antes muito amigas.

Camões descreve nos *Lusíadas*, ao encetar a narrativa dos Doze de Inglaterra como os marinheiros contavam contos e casos mi; para vencerem o sono dos quartos de vigília.

A Reforma acabou com os *Exemplos* ou contos alegóricos nos sermões, que foram o veículo das Tradições da Idade Média. Calvino escreve em uma Epístola a Sadoleto, que uma parte dos sermões até então se passava, «em fábulas divertidas e especulações recreativas, para excitar e mover o coração do povo a jovialidade.» Os nossos escritores moralistas e místicos incorreram neste julgamento de Calvino; os seus livros são manancial de contos do Decameron popular português, transmitindo o espírito faceto em histórias tenebrosas e infernais para terrorizar os crédulos.

O desprezo pelos contos populares foi-se tornando mais pesado a medida que prevaleceu a erudição na literatura, e este veio tradicional chegou a perder-se completamente; Soropita, o editor das *Rimas* de Camões, fala desses contos do fim do século XVI com um desdém notável: «Primeiramente, assim no topete da obra apareceram certos aventureiros pajens da lança da tolice, cujo ofício é contar *Contos prolixos*, de uns certos maganzes desencadernados, que primeiro que preguem uma lança do que querem contar, irão cem vezes a Roma; e os ditos meios assim lhes aguardam pelo fundo da alma, como se de suas mãos houvesse de sair as tábuas de Apeles. E se vem a mão, ou por a *história* não ser tão branda que se deixe facilmente conversar, ou pelos seus entendimentos

serem de ferro, tal que não cortarão por um queijo fresco, ao cabo de os pobres historiadores torcerem o queixo trezentas vezes e meterem toda a munição que podem para se declararem, ficam eles tão virgens do negócio como se nunca ouviram nada» (*Poesias e Pros.*, pág. 103).

Este desprezo caracteriza em geral a literatura portuguesa, nos escritores eruditos que estiveram em contradição com a alma popular; fazem uma exceção a esta regra Jorge Ferreira de Vasconcelos, Sá de Miranda e Gil Vicente, os quais pela sua compreensão das tradições se tornaram organicamente nacionais. Antes de Pérrault colher da tradição oral o conto da *Cendrillon*, já ele era conhecido em Portugal, como vemos pela comédia *Ulissipo*, escrita por 1546; aí diz Jorge Ferreira: «Pois eu também não quero *Gatas Borralheiras*» (fl. 32; e fl. 14). É este o título com que a *Cendrillon* é conhecida entre o povo.

O conto ainda hoje repetido entre o povo, as *Tres Cidras do Amor*, acha-se citado por Soropita, no fim do século XVI: «Senão quando, falando com referencia, apareceram por proa as *Tres Cidras do Amor*» (*Poes. e Pros.*, pág. 103). Na *Gramática* do cronista João de Barros, a propósito de uma figura de dicção, vem narrado o conto de um pai que deixa a herança a um amigo com a condição de dar ao filho o que ele quisesse (op. cit., p. 170); este conto estava já tres séculos antes coligido no *Novellino*.

Sá de Miranda introduz nas suas obras *contos e fábulas*, quase sempre de origem literária; uns vem narrados por inteiro, como a *Fábula do Rato do Campo e o Rato da Cidade*, e o *noellaire* provençal da *Chuva de Maio*; do *Cavalo Que Se Deixa Enfriar para Vencer o Seu Inimigo*; do *Bácoro Ovelheiro*; e a fábula filosófica de *Psique*. Outras vem simplesmente esboçadas ou aludidas em um verso; tais são:

A cabeça os membros manda, (pág. 39)

aludindo a fábula entre os membros e a cabeça, atribuída a Mnenio Aggripa, a

qual já se encontra nos *Avadanias* traduzidos do chinês por Stanislao Julien.
Seguem-se outras fábulas aludidas no texto:

Ao Leão deram a coroa
Entre a gente montesinha... (p. 39)
Com que lhes fazem das leis
Fracas teias de aranhas. (p. 40)
Diógenes claro o dia. (pp. 59 e 72)

Em outros versos alude a fábula da *Cigarra e da Formiga*:

Ajunto como as Formigas,
Porque ninguém me lançasse
Como à Cegarrega em rosto
No dezembro que bailasse,
Pois cantara em agosto. (p. 59)

Mas quien corriendo acá viene?
En la conseja es el lobo.
Sá de Miranda, p. 140 (Ed. Mirb.)

Un raposo dió mil saltos
Per alcanzar los parrales;
Nunca pudo, que eran altos;
Dijo de las uvas males,
Que eran verdes! mal bocado.

(*Id.*, p. 126)

Cita também a fábula de *Apeles* (p. 119) e o *Parto da Montanha* (p. 144). Estas fábulas literárias tem um ponto de contacto com o conto, na moralidade final, e confundem-se entre si com o título de Exemplos, designação frequentemente empregada por Sá de Miranda e Gil Vicente:

Como diz o *Exemplo* antigo:
Que não são iguais os dedos.

João de Barros, na *Ropica Pnefma*, alude a fábula esópica: «seguia a *ignorancia do cão da fábula...*»; e também: como a gralha da fábula, vestindo-se das penas de

totalas formosas aves; mas o pavão vendo que o precedia em fermosura, houve-lhe enveja, e fez com as aves que cada uma pedisse sua pena, para ficar em pior estado» (*op. cit.*, pp. 112 e 114.)

Ainda hoje entre o povo português é vulgar a locução: *Como diz o outro*, com que precede todos os seus aforismos. É em Gil Vicente que se encontra a maior riqueza para se recompor a área da tradição popular portuguesa; o conto da *Bilha de Azeite*, sobre que Max Müller fez uma monografia importante por onde demonstra a universalidade das tradições, acha-se em uma forma ingénua no auto de *Mofina Mendes*, que o ilustre filólogo desconheceu, e que pertence ao primeiro quartel do século XVI. Nesse conto escreve Gil Vicente:

Vou-me à feira de Trancoso... (t. I, p. 117)

Trancoso, na Beira, era no século XVI um centro popular de contos, profecias e superstições; dali são naturais os dois escritores mais populares, Gonçalo Eanes Bandarra, cujas profecias se ligavam ao futuro da nacionalidade portuguesa, e Gonçalo Fernandes Trancoso, célebre pela sua coleção de *Contos Proveitosos*, de que adiante falaremos. Da Beira saíram os tipos populares dos *Ratinhos*, dos autos hieráticos do século XVI; escreve Gil Vicente:

Muitos ratinhos vão lá
De cá da Serra a ganhar,

e Serrão de Castro, na sua sátira:

Quando tão aproveitados
Da Beira são os ratinhos.

e o conto popular de João Ratão é uma síntese deste tipo nacional de Marculfo.

Os Castelhanos na sua desdenhosa antítese designam assim Portugal inteiro:

Entre Duero y Miño
Portugal *ratinho*.

Gil Vicente cita nos seus autos cançonetas e músicas francesas e no auto da *Floresta de Enganos*, traz a cena do *Doutor Justiça Maior*, que já se acha no conto xvII, das *Cem Novelas Novas*; isto provém do resto da influencia

francesa, a que obedecemos no século XV. Gil Vicente abunda em alusões a crença popular das *Fadas*, tema fundamental dos contos.

A tradição erudita das *Sereiras*, chamadas, pelo povo das ilhas dos Açores, *Marinhas*, acha-se com este mesmo nome em Gil Vicente. Nos *Contos Populares do Arquipélago Açoriano* (n.º 32, p. 271) um romance começa:

Escutai, se quereis ouvir
Um rico, doce cantar,
Devem de ser as *Marinhas*,
Ou os peixinhos no mar.
Ele não são as *Marinhas*...

E no romance n.º 28, da mesma coleção: (p. 259)

Que vozes do céu são estas
Que eu aqui ouço cantar?
Ou são os anjos no céu,
Ou as Sereias no mar.

O nome de *Fada* é com que se designa o maravilhoso popular em Portugal; a forma genérica por excelencia. Temos muitos anexins, em que as *Fadas* simbolizam a ideia moral, e que sobretudo, são restos mal lembrados de contos primitivos; tais são: «Cá e lá más *Fadas* há — A más *Fadas* más pragas.»

Ou também:

— De galinhas e más *Fadas*
Cedo se enchem as casas.

— Quem más *Fadas* não acha,
Das boas se enfada.

— Cerejas e *Fadas*
Cuidais tomar poucas
E vêm dobradas.

Por esses anexins, todos do século XVI, vemos que as *Fadas* se dividiam em *boas* e *más*, conforme o que fadavam; Gil Vicente, que é o escritor aonde a vida portuguesa se encontra mais intimamente retratada, alude a estes dois

carateres:

— Más Fadas que vos fadaram. (C. III, 19)

— Boas Fadas vós hajais.

— Bom prazer veja eu de vós, (C. II, p. 45)

E boas Fadas. (C. III, *ib.* 93)

— Ando nas encruzilhadas

Às horas que as boas Fadas

Dormem sono repousado. (*ib.*)

— Por sus tristes negras hadas...[\[12\]](#)

A crença erudita das Sereias não podia deixar de ser adotada em Portugal, por este povo essencialmente navegante; chamavam-lhe Fadas Marinhas:

Vai logo às Ilhas perdidas

No mar das penas ouvinhas,

Traze três Fadas marinhas

Que sejam mui escolhidas (*ib.* p. 101.)

Nos romances populares também se repete esta crença; na *Infanta de França* (*Rom. Ger.*, pp. 10 e 11) vem, como horóscopo da donzela:

Sete fadas me fadaram

No colo da madre minha,

Fadaram-me há sete anos

Por sete anos e um dia

Hoje se acabam os anos

Amanhã por noite o dia...

É como no *Roman de Partinopeux de Blois*.

Nas ilhas dos Açores é que as Fadas marinhas ou Sereias ocupam a imaginação; há ali as duas designações de Marinhas e de Sereias.

Nos *Contos Populares do Arquipélago Açoriano* (n.º 32, p. 271) começa um romance assim:

Escutai, se quereis ouvir:

Um rico doce cantar,

Devem de ser as Marinhas

Ou os peixinhos do mar,
Ele não são as Marinhas,
Nem os peixinhos do mar,
Deve de ser Dom Duardos
Que aqui nos vem visitar.

E no romance n.º 28 (p. 259):

Que vozes do céu são estas
Que eu aqui ouço cantar
Ou são os anjos no céu,
Ou as Sereias no mar.

Nas cantigas soltas da mesma coleção encontra-se esta bela quadra (P. 5):

A Sereia quando canta
Canta no pego do mar;
Tanto navio se perde,
Ó que tão doce cantar.

No *Auto das Fadas*, representado por Gil Vicente diante de el-rei D. João III, perseguidor incansável das inofensivas superstições da rudeza popular, o poeta pede tolerância para a inocente credulidade. Ali evoca as *Fadas Marinhas* ou *Sereias*, que vem fadar o rei, a rainha e os infantes e a aristocracia que estava assistindo a representação. É Gil Vicente o único escritor português que introduziu na literatura este riquíssimo elemento nacional; faltou-lhe a liberdade de um Shakespeare, para poder dar forma a uma criação como o *Sonho de Uma Noite de S. João*; o poeta era dotado de um sentimento lírico profundo para realizar uma ideia assim bela:

Ora sus! má criatura,
I-me logo polas Fadas
Marinhas, bem assombradas
E tomai essa amargura.

Donde vindes?

— D'Almolina.

Que trazedes?

— Farinha.

Tomai lá, que não é minha[13]

E traga as Fadas asinha.
Ó Senhora Ladainha,
Ajudade-me ora vós;
Cabra preta vai por vinha,
Vai por vinha, mana minha,
Te rogamus, audi nos.

Quando fordes à Igreja
Não vos esqueça a soberba,
Tomad'ora meu conselho
Ó açoites do concelho
Que estrearam meus avós:
Te rogamus audi nos.

Ladainha da Pereira
Escrita em pele de rata,
Tinta de pingo de pata
Assada por mão demogueira.
Ó picota da Ribeira
Que estrearam meus avós,
Te rogamus audi nos.

«e vêm as Fadas marinhas cantando a cantiga seguinte:»

FADAS

Qual de nós vem mais cansada
N'esta cansada jornada?
Qual de nós vem mais cansada?

FEITICEIRA

Pitas, pitas, pitas, pitas,
Pateias, patelas, pateias,
Bem venhais, minhas donzelas,
Linguadas, frescas, fritas.
..... (*diz às Fadas*)

Como vos vai n'esse mar
Tão profundo e espaçoso?

(Respondem as SEREIAS cantando)

Nosso mar é fortunoso,
Nosso viver lacrimoso,
E o chegar rigoroso
Ao cabo desta jornada:
Qual de vós vem mais cansada
Nesta cansada jornada?

FEITICEIRA

Não podedes vós falar.
Que respondedes cantando?

FADAS

Nós partimos caminhando,
Com lágrimas suspirando,
Sem saber como nem quando,
Fará fim nossa jornada,
Qual de nós vem mais cansada
Nesta cansada jornada.

FEITICEIRA

.....
Minhas flores da ribeira
Descanso d'esta alma minha,
Rainhas da vida marinha,
Honrade ora esta romeira
Fadai de linda maneira
Este estrado de bons fados,
Que Deus lh'os dará dobrados
Praza a ele que assim virá.

«Fadam as Fadas a El-Rei e à Rainha, cada uma por sua vez:»

FADA

Os Fados que deram ser às Estrelas,
Quando a terra estava vazia
Façam caminhos a vossa alegria,

Por onde vos venha tão cara como elas.
E aqueles fados
Que para dar dita são determinados
Vos tragam as vossas das mais escolhidas,
E os instrumentos que alongam as vidas
Vos veja dobrados.

Os Fados que deram orvalhos às rosas.
Visitem as flores do vosso estrado,
E todo o cuidar de triste cuidado
Não hajam lugar nas Altezas vossas.
E aquelas Fadas
Que tem as ribeiras de verde pintadas,
Vos pintem as vidas d'alegre pintura,
E as altas sortes, que parte Ventura
Vos vejam guardadas.

2.^a FADA

As coisas que fazem a terra parir
Lírios alvos e veias divinas,
Cerquem os quadros de vossas cortinas,
E sempre vitória vos faça dormir.
E a Fada primeira
Que fez a Fortuna geral dispenseira,
E fez nossos mares e céus por medida,
Vos faça gozar o gozo da vida
De nova maneira.

3.^a FADA

As novas que temos nas ondas do mar
São, que na terra há pouca verdade;
E pois de verdades há má novidade,
Por novidades as haveis de tomar.
Ora é pera ver:
Tome Vossa Alteza qualquer que quiser,
Que todo é verdade as sortes que são,
Tomai d'esses sete Planetas que i vão
A que vos vier.

«Aqui deram as Sortes primeiramente a El-Rei — à Rainha — ao Príncipe — à Infanta D. Isabel — à Infanta D. Beatriz, etc.»

Na tragicomédia da Rubena, representada em 1521, introduz Gil Vicente duas Fadas, que vem dotar Cismena, do mesmo modo que no romance da Infantina:

FEITICEIRA

Diabos, por meu amor
Filhos meus e meus senhores,
Ide à deusa maior.
Dizei que por seu louvor
Me mande as Fadas maiores:
As mais duas formosas
Com melodia serena,
Que me fadem a Cismena
Sobre todas as ditosas.

«Vêm as Fadas Ledera e Minea, cantando, e acabando de cantar, diz:»

LEDERA

Esta nasceu em tal hora
Que há de correr grã tormenta
Dolorosa
Depois será grã senhora
De toda fortuna isenta
Mui ditosa.

Mas primeiro mui chorosa
Sem emparo aqui em Creta
Se verá;
E a poder de formosa
E de casta e de discreta
Tornará.

MINEA

O primeiro perigo
Que a hão de querer ferrar

Para a vender
Por Moira, o ferro no pé
Aqui a havemos de fadar
E benzer.

Que ela o possa entender
E se salve na barcagem
D'Arrochela:
E lhe dará de comer
Uma bestial selvagem
De dó dela. (Obr. t. II, pág. 8, 29.)

«As Fadas que fadaram esta Cismena, vendo chegado o tempo em que lhe havia de acontecer o que em seu nascimento lhe disseram, a vieram avisar disso, andando como gado naquele monte; e vem cantando, etc.»

A *Fada*, que recebeu pela fatalidade da nossa etnologia, um carácter marítimo e se confundiu com a *Sereia*, sendo chamada *Marinha*, também pelas nossas relações com os Árabes, adquiriu uma nova feição: é a *Moira encantada*.

A *Moira* é para o povo português a fada que guardava os tesouros encantados; a *Moira* é uma donzela árabe que vive sob encantamento desde que os Árabes enterraram as suas riquezas, esperançados em que tornariam a dominar a Península. A ideia da *Moira* nada tem de comum com a ideia das parcas gregas que se chamavam *Moire*, nem com as divindades gaulesas análogas *Mairae*; a *Moira* peninsular, apesar de virgem como a *meir* céltica, ou a *moer* escandinava, [14] tem um carácter maravilhoso, fatídico, e sobretudo caracterizado pela guarda de tesouros. O sincretismo dá-se sempre nas ideias e não nas designações das cousas; antes de os Árabes serem repelidos da Península era conhecida a tradição oriental de umas certas formigas monstruosas que escavavam no chão e amontoavam em volta de si areias de ouro; chamadas pelos Gregos *murmex*, os Persas, segundo Wahl, as denominaram *mur mess*, formiga grande; é de crer que os Árabes, não só pela influencia culta que recebiam da Pérsia, como pela comunicação direta que tinham com as obras de

ciência grega, popularizassem esta tradição da zoologia maravilhosa,[\[15\]](#) das *mur mess*. Destas formigas *mur* escreve Alberto Magno: «custodiunt montes aureos, et homines accedentes discepunt etc.» (De *Animal*, XXVI). Foi através dos Árabes que os livros gregos e os trabalhos científicos se vulgarizaram na Europa; o povo português desta incompleta lembrança de um fenómeno mal explicado formou uma tradição confundindo-o como facto de terem os Árabes enterrado muitos tesouros. Podemos crer que a lenda das Moiras *encantadas* se firma sobre uma tradição erudita da Idade Média. Ainda hoje quando o nosso povo quer fixar uma época histórica, exprime em frase genérica no *tempo dos Moiros*. Em Gil Vicente encontramos formulada a crença popular:

Eu tenho muitos tesouros
Que lhe poderão ser dados,
Mas ficaram enterrados
D'eles do tempo dos Mouros
D'eles dos tempos passados.[\[16\]](#)

Nas *Cortes de Júpiter*, Gil Vicente introduz uma *Moira*, que vem falar a infanta D. Beatriz quando partiu para Saboia:

E a Moira há de trazer
Três cousas que vou dizer,
Para do Estreito avante:
Um *anel* seu encantado
E um *dedal de condão*
E o precioso terçado
Que foi no campo achado
Depois de morto Roldão.
O Terçado para vencer:
O Dedal é tão fecundo,
Que tudo lhe fará prazer;
O Anel para saber
O que se faz pelo mundo. (II, 415.)

O dote que a fada concedia chamava-se condão; nesta passagem de Gil Vicente, no verso: «O terçado para vencer» alude a crença das espadas

encantadas dos heróis dos poemas da Idade Média. Esta tradição liga-se pela nossa história a espada do Condestável feita pelo alfageme de Santarém, como se le na sua Crónica anónima. Por estas citações de Gil Vicente, vemos que no século xvi, antes do estabelecimento da Inquisição em Portugal as tradições feéricas estavam vigorosas. Antes de Pérrault coligir da tradição oral o conto da *Cendrillon*, já ele era conhecido em Portugal, como vemos por um documento de 1546; na comédia *Ulissipo*, escreve Jorge Ferreira de Vasconcelos: «Pois eu também não quero *gatas borralheiras*.» (Fl. 32 e fl. 14.) Na tradição popular portuguesa é este o mesmo título dado a *Cendrillon*. Um dos contos mais belos, não coligidos por Pérrault, é o que se intitula as *Tres Cidras do Amor*, no século XVI tão vulgar entre nós, que o licenciado Soropita alude a ele: «senão quando, falando com reverencia, apareceram por proa as Tres Cidras do Amor...» (*Poesias e Prosas*, p. 103.) Na poesia popular há uma alusão a peripécia fundamental deste conto:

Ó Cidra, considra ó cidra,
Ó Cidra, considra bem,
Depois da cidra partida,
Cidra, que remédio tem?

Além destas duas preciosas referencias, parece-nos que a locução popular *Cantar a Moliana*, que significa gritar com aflição em um momento de perigo, se prende a locução francesa do *Cri de Melusine*, tradição heráldica da casa de Lusignan; temos a conexão histórica para esta afirmação na genealogia dos Monizes, dos quais se le nas Divisas de João Rodrigues de Sá:

Âmbalas armas reais
de Chipre e Jerusalém
com armas mistura tem
de Moniz; mas estas tais
a um só deles convém:
um só a quem com razão
chama-se do Lusinhão,
seu pai lh'a fez alcançar

por se ajuntar e casar
com tão alta geração[17].

Além destas preciosas indicações, temos nos *Livros de Linhagens* excelentes subsídios para fixarmos o nosso domínio feérico; sabe-se que em volta das genealogias se agrupavam estas lendas maravilhosas, para darem a nobreza uma origem quase divina.

Finalmente, na novela de cavalaria de *Amadis de Gaula*, há o tipo do mágico *Archelau* que é uma espécie de *Barbe-Bleu* de Perrault; mas pertencente aos fins do século XIV; a fada *Urganda a desconhecida* é a boa fada que anda evitando os desastres na sua passagem. O *Amadis de Gaula* é português, e esta feição feérica vista pela aproximação da época em que foi escrito e em que contos britónicos entraram no *Nobiliário*, são um forte argumento da sua redação portuguesa.

Foi no século XVI que o conto recebeu a forma literária, dada por Gonçalo Fernandes Trancoso[18]. Antes de falarmos da sua coleção, importa definir as relações com os novelistas italianos e franceses da grande época da Renascença, que neste tempo foram lidos em Portugal. Pelos *Índices Expurgatórios* conhece-se essa corrente da leitura dos livros de novelas.

As *Nozze piacevoli* de Straparola foram conhecidas em Portugal como se infere de algumas novelas de Trancoso, que traduziu o conto de Grisélidis do folheto italiano, sem data, *La Novella di Gualtieri*, traduzida da redação portuguesa por Timoneda no seu *Patranuelo*. É um tema que recebeu todas as formas literárias desde a Idade Média até hoje.

A comprovação de um vasto campo de tradições populares no século XVI, explica-nos o aparecimento de Gonçalo Fernandes Trancoso, autor dos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, para o qual fomos o primeiro que chamou a atenção dos críticos europeus. A coleção de Trancoso, também conhecida com o título de *Contos Proveitosos*, compõe-se de vinte e nove contos, derivados em

grande parte de fontes tradicionais, alguns de proveniência popular, como o provamos em notas adiante, outros de obras eruditas. Apesar de se acharem diluídos em divagações morais, que embaraçam as narrativas, e não obstante o estilo forçado, são importantes para alargarem a área dos estudos comparativos da novelística. Diremos algumas palavras da personalidade de Trancoso; era natural da província da Beira, tomando o apelido da localidade do seu nascimento; veio exercer para Lisboa a profissão de mestre de Humanidades, isto é, Latim e Retórica, em um tempo em que estas disciplinas não eram privilégio exclusivo dos Jesuítas. (1555.) Nos seus contos refere-se: «Ao glorioso S. Pedro, *cujó fregues sou*»; donde se deduz que vivia na freguesia de Alfama. A data em que começou a escrever os seus contos fixamo-la em 1544, segundo esta referencia a uma armadilha de jogo: «e ele levava consigo duzentos e vinte *reales de prata, que era isto o ano de 1544, que havia quase tudo reales.* [19]» No conto XIII, da primeira parte, que versa sobre o anexim do *real bem ganhado*, alude outra vez a esta moeda: «o qual com muito contentamento por ver que soube escolher, lhe deu um *real* em dois meios, como ora *costumam.* [20] E também: «meteu *real e meio* na mão. [21]» Estas referencias fixam irrevogavelmente a época em que Trancoso escrevia.

Uma das circunstancias que levaram Trancoso a prosseguir na continuação dos seus contos, foi o terror que espalhou a chamada *Peste Grande* de Lisboa, em 1569, circunstancia que lembra a peste de Florença que determinou Boccaccio a composição do *Decameron*. No conto IX da segunda parte, declara Trancoso este motivo: «Assim o exemplo deste marques, *os que este ano de mil e quinhentos e sessenta e nove*, a esta parte perdemos mulheres, filhos e fazenda, nos esforçaremos e não nos entristecemos tanto, que caíamos em caso de desesperação sem comer e sem paciencia, dando ocasião a nossa morte.» [22] Desta peste, que ainda hoje se conhece entre o povo como uma data histórica, a *Peste Grande*, subsiste uma reminiscencia na chamada *Procissão da Saúde*, que se

faz em Lisboa. Inspirado pelo fervor religioso, que sucedeu ao fim da peste, Trancoso publicou logo em 1570 um opúsculo das *Festas Mudáveis*, dedicado ao arcebispo de Lisboa. A redação dos contos ficou suspensa, desde que cessou a peste: «e assim eu, ainda que tenho desejo de escrever este mes trinta histórias, as ditas para desenfadamento...» A perda de quase toda a sua família, mulher, filhos e a falta de lições, obrigaram-no durante tão tremenda crise a esses exercícios de desenfado, para se não deixar cair em desfalecimento.

Na primeira edição dos *Contos Proveitosos*, de 1575, de que conhecemos o exemplar único, agora examinado pelos bibliógrafos, vem uma *Carta a Rainha D. Catarina*, regente de Portugal e viúva de D. João III, onde se descreve o desastre da *Peste Grande* de 1569; nessa Carta narra Trancoso, que lhe morreram em casa sua mulher, uma filha mais velha de vinte e quatro anos, um filho estudante e também um neto que era menino do coro. Sob o peso da sua desgraça é que foi escrevendo os *Contos Proveitosos*; pela *Carta a Rainha* infere-se que Trancoso casara pouco antes de 1544; as suas relações com a Rainha, extremamente severa, dão-nos o sentido da alusão a morte do príncipe D. João, pai de D. Sebastião, e porventura autorizam a crer que Trancoso fora mestre de ler no Paço.

A determinação de alguns paradigmas de Trancoso, e o confronto com contos populares ainda existentes prova-nos que ele se apropriou dos temas tradicionais mais correntes na literatura do seu tempo.

A coleção de Trancoso compõe-se de vinte e nove contos derivados imediatamente da tradição popular na maior parte, outros de fontes eruditas, confundidos em difusos comentários católicos e dificilmente narrados; ainda assim os *Contos Proveitosos* são bastante importantes para o estudo comparativo.

Em uma edição dos *Contos Proveitosos* de 1585 impressa depois da morte de Trancoso, por seu filho Afonso Fernandes, vem um prólogo na segunda parte, que dá notícia, de que em 20 de abril de 1570 acabara Gonçalo Fernandes

Trancoso a primeira parte, dedicando-a a rainha D. Catarina, que fez merce do papel para a sua impressão, sendo-lhe passado o alvará do privilégio em data de 20 de abril desse ano, e em 26 de novembro de 1571 ampliado a segunda e terceira parte «*por ser tudo uma história*». «Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem que, havendo respeito ao que na petição atrás escrita diz Gonçalo Fernandes Trancoso, morador nesta cidade de Lisboa, hei por bem e me praz que, no tempo de dez anos, imprimidor nem livreiro algum nem outra pessoa de qualquer qualidade que seja não possa imprimir nem vender em todos meus Reinos e senhorios nem trazer de fora deles o *primeiro livro* conhecido na dita petição, salvo aqueles livreiros e pessoas que pera isso tiverem seu poder e licença... etc. Lisboa, 20 de abril de 1570.» (*Chancel. de D. Sebastião*, Privilégios, Liv. VIII, fl. 255, v.)

«Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem que, havendo respeito ao que na petição atrás escrita diz Gonçalo Fernandes Trancoso, morador na cidade de Lisboa, hei por bem e me praz, que ele possa vender os *tres livros* de que na dita petição faz menção, a preço de cinquenta réis cada um, e que o privilégio que lhe tenho concedido pera pessoa alguma não poder imprimir nem vender sem sua licença o *primeiro dos ditos livros*, se lhe cumpra e guarde *no segundo e no terceiro*, por ser em tudo uma estória... Almeirim, 26 de novembro de 1571» (*Chancel. de D. Seb.*, Priv., Liv. VIII, fl. 98, v.)

«Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem, que havendo respeito ao que na petição atrás escrita diz Gonçalo Fernandes Trancoso, morador nesta cidade de Lisboa, hei por bem e me praz, que por tempo de dez anos mais além doutros dez que já lhe foram dados, imprimidor nem livreiro algum nem outra pessoa de qualquer qualidade que seja não possa imprimir nem vender em todos meus Reinos e senhorios nem trazer de fora deles a primeira, segunda e terceira partes do livro conteúdo na dita petição... Lisboa, 9 de agosto de 1581.» (*Chancel. de D. Seb.*, Privil. Liv. XIII, fl. 249, S.)

O filho do autor, Afonso Fernandes Trancoso, obteve privilégio de mais cinco anos sobre os já concedidos, em 10 de janeiro de 1585.

Presumível é, que a primeira parte fosse publicada isoladamente, e com a segunda se reunissem na edição de 1575. É nesta, extremamente rara, que vem o Prólogo autobiográfico, dirigido a rainha:

«Ficando eu nesta cidade de Lisboa o ano de 1569, muito alta e muito poderosa Rainha nossa Senhora, a tempo que por causa da peste (de que Deus nos guarde) quase todos os seus moradores a despovoavam: vi tantas cousas que provocam os animos a tristeza, que quem quisera escreve-las, tinha matéria para fazer grande e mui lastimoso Livro; porque da contagiosa enfermidade havia cada dia feridos que sacramentar, grande multidão de mortos que enterrar, e a muitos órfãos chorar. E em todos grandes necessidades que prover, a que o Senhor socorreu com pessoas virtuosas, que por seu amor o faziam: a uns por uma parte sacramentavam, outros medicavam e davam pela cidade grandes e mui copiosas esmolos, outras enterravam, que ainda que havia muitas a que acudir, não tantas as que nestas obras virtuosas se exercitavam, que não ficou cousa sem se prover, ainda que nisso morreram muitas (por merce de Deus) não faltavam outras e outras. Neste tempo de tanto trabalho me tocou o Senhor, alcançando-me tanta parte, que perdi no terrestre naufrágio uma filha de vinte e quatro anos que em amor e em obras me era mãe, um filho estudante, um neto moço do coro da Sé; e para minha lástima perdi a mulher, que por suas virtudes era de mim amada, que foi causa de grande tristeza minha, tanto que ainda que conhecia vir-me por meus pecados da mão do Senhor, a carne que é tão fraca, com a imaginação se ia cada dia metendo em tristes pensamentos, e tais, que me desinquietavam e provocavam a grande melancolia, tanto que temi que o imaginar nos trabalhos presentes me fosse prejudicial ao corpo e alma, se Deus me não tivesse de sua mão (como por experiencia adiante se viu em outros). E com este temor por fugir daquelas

tristezas, determinei prender a imaginação enferma. E com ajuda de Deus. Nosso. Senhor, pude tanto, que ao tempo que ela queria fazer chaminé de lamentações, a tirei delas, e me pus a escrever *Contos de Aventuras, Histórias de Proveito e Exemplo* de alguns ditos de pessoas prudentes e graves, da qual esta é a *primeira parte*. E tendo-a de todo acabado, por ser já tempo de saúde e eu me achar desalivado das imaginações que foram a causa de a escrever, quiseram contentar-me com isso e guardar o livro. Mas vendo assim ficava o proveito da obra para mi só, e entendendo que nenhum bem é perfeito, se não comunicado, determinei imprimi-lo, por que todos gozassem destes contos, os quais dando gosto aos ouvintes, não carecem de lição. Mas porém considerando como sempre (por nossos pecados) há entre nós murmuradores, que não tendo mãos para escrever, tem línguas para danar e dentes para roer, receando por minhas faltas me espedaçassem a obra, pois sem elas espedaçam e aniquilam obras de doutos varões, perfeitos e bons, buscando-lhe valhacouto firme, em que o livro estivesse seguro destes combates, achei que não há terra outra senão Vossa Real Alteza, a quem peço, que usando da sua grandeza e costumada liberalidade, que há tempo de fazer merces, ma faça de aceitar este tratado: porque debaixo do seu favor ande seguro, ainda que indigno de tão grande merce. E não julgue a temerária minha ousadia, que nasce do desejo de comunicar com todos o prémio de meu trabalho, esperando em Deus que sairá dele fruto virtuoso. E logo acabarei de imprimir a segunda parte: Rogando a Nosso Senhor, prospere a vida e estado de Vossa Real Alteza por longos anos com muita felicidade. Ámen.»

Ve-se por este final, que o privilégio de 20 de abril de 1570 compreendendo só a *primeira parte* dos Contos, fora depois em 1571 reproduzido com a *segunda parte, por ser tudo uma história*.

A dedicatória a rainha reproduzida na edição de 1575 ainda acompanhou a edição dos Contos de 1596. No ano da peste grande, Trancoso ficara por fiador

por vinte cruzados de um Francisco Lainez tendo de ir servir em África um ano; por ataque da peste morreu o Lainez estando já embarcado, e Trancoso requereu para que lhe fosse perdoada a fiança; foi atendido por alvará de 17 de outubro de 1575. Os paradigmas dos *Contos Proveitosos* é que nos podem dar a conhecer a extensão das reminiscências de Trancoso e a importância do seu livro. O conto do *segredo revelado a mulher*, do qual se serve contra o marido em um momento de cólera, acha-se na *Gesta Romanorum*; (cap. 144 do *Violier des hist rom.*); nas *Novelas* de Sacchetti, n.º XXI; nas *Cento Novelle antiche*, n.º 100; nas *Cem Novelas Novas*, n.º nas *Nozze piacevoli*, de Straparola, 1.ª da primeira noite; e no livro de *Chevalier de la Tour*, cap. 128.

O conto das *tres donzelas que desejavam servir o rei* acha-se também em Straparola (nott. IV, fav. III) e já foi submetido a um estudo comparativo por A. Coelho.

O conto do *rapaz que resgata a cativa cristã e compra a relíquia* acha-se também em Straparola (nott. XI, fav. 2).

O conto *o que Deus faz é pelo melhor* acha-se em uma versão idêntica no Conde de Lucanor, de Don Juan Manuel, fl. 81, v.

O conto de *minha mãe, calçotes!* é uma variante do conto da *Bilha de Leite*, de Gil Vicente, e tem as suas raízes tradicionais no *Hitopadessa*.

O conto de *D. Simão, que responde a todas as adivinhações que lhe propõe o rei* acha-se ainda hoje na tradição oral portuguesa, com o título de *Padre João Sem Cuidados*, e existe uma versão publicada no *Almanaque de Lembranças* para 1866, p. 323; nas *Novelas* de Sacchetti, nov. IV, se acha um paradigma literário, o que torna mais extensas as suas fontes tradicionais.

O conto IV de Trancoso acha-se na *Gesta Romanorum* (*Violier*, p. 392); na *Disciplina clericalis* de Pedro Alfonso, e no *Decameron* (jorn. VIII, nov. 10).

Trancoso também traz um extenso conto da *Grisélidis* digno de ser comparado

nos seus principais episódios com a versão de Boccaccio, e com as demais fontes já acumuladas por Edelestand du Ménil. Como a versão de Timoneda no *Patranuelo* seria tomada de um folheto italiano, isto explica a sua analogia com a lição de Trancoso. Nos anexins portugueses encontra-se um que parece aludir a história de *Grisélidis*, e por certo derivado da versão oral portuguesa:

Pelo marido vassoura,
Pelo marido senhora.

Em um jornal literário do Porto, a *Harpa*, analisou Ad. Coelho segundo o sistema empregado por Domenico Comparetti, o Canto XV da parte primeira *Histórias Proveitosas*, de Trancoso, aproximando-o dos paradigmas já reunidos por Benfey, na introdução ao *Pantchatantra*, § 166, seguindo assim a corrente tradicional nas versões tibetana, russa, alemã, italiana e inglesa.

Desta análise minuciosa conclui: «Ve-se que Trancoso não pode tirar o seu conto de nenhuma de essas formas conhecidas, nem das imediatamente anteriores, e como o conto não se acha em nenhuma das coleções antigas de contos e novelas que maior giro tiveram na Europa, torna-se muitíssimo provável, podemos dizer, quase indubitável, que ele bebeu na tradição oral portuguesa, para onde ele viria por algum dos muitos canais, que cá trouxeram grande número de contos orientais.» Era esta a nossa opinião, que Coelho começou por combater no seu estudo: «Nada mais difícil a nosso ver, do que provar que Trancoso bebeu na tradição popular, nenhum testemunho direto no-lo afirma...»

O segundo conto analisado por Coelho foi o das *tres irmãs*, e indica-lhe fontes árabes, florentinas, sicilianas, húngaras, alemãs, gregas, catalãs, e tres versões populares do Minho, de Coimbra e de Castelo Branco; e conclui que Trancoso só poderia ter conhecido unicamente a forma literária de Straparola.

A coleção dos Contos de Trancoso compõe-se de tres partes, interrompida pela morte do autor; a primeira parte deve fixar-se por 1544, e talvez impressa

separadamente, como se poderá inferir de uma edição desconhecida, citada por Brunet.

A segunda parte, redigida em 1569, foi reimpressa ainda em vida de Trancoso com a primeira em 1575; a terceira parte, não continuada, apareceu depois da morte do autor, publicada por seu filho António Fernandes em 1596. Por estas edições se conhecem as relações literárias de Trancoso com o poeta Luís Brochado, autor das popularíssimas *Trovas do Moleiro*. Além das numerosas edições deste livro, nos séculos XVII e XVIII, acham-se também muitas referencias aos Contos nas comédias de cordel.

O conto da *Imperatriz Porcina* foi romanceado por Baltasar Dias, poeta cego do tempo de Dom Sebastião, e o mais popular depois de Gil Vicente. Coube-lhe a sorte dos Demódocos; a cegueira deu-lhe o profundo carácter do sentimento popular. As origens históricas deste romance encontram-se nas *Lendas Alemãs*, de Jacob Grimm, (t. II, p. 120) sob o título de *Hildegarda*: «O imperador Carlos partira para a guerra, deixando em casa a bela Hildegarda sua mulher. Durante este tempo, Taland, cunhado de Carlos, esperou que ela acesse a seus desejos. Mas a virtuosa princesa antes queria morrer, do que ser infiel ao esposo; dissimulou contudo, e prometeu ao infame de consentir, logo que construísse de propósito uma linda camara nupcial. Imediatamente Taland mandou construir a todo o custo um magnífico quarto de mulher, fechado por tres portas, depois pediu a rainha que o acompanhasse até ali. Hildegarda fingiu que o seguia, e obrigou-o a entrar primeiro. Quando transpos os umbrais da terceira porta, ela a fechou de súbito e correu um pesado ferrolho. Taland permaneceu fechado na prisão até a volta de Carlos, depois da vitória sobre os Saxões. Então, comiserando-se dele, e cedendo a hipócritas súplicas, o pos em liberdade pensando que fora assaz punido. Mas logo que Carlos o viu, perguntou porque estava assim tão magro e pálido. «Culpa de vossa esposa ímpia e impudica, respondeu Taland; quando ela descobriu a solicitude com

que eu a vigiava, e se viu impossibilitada de cometer faltas, mandou construir uma nova torre e ali me teve preso.» O rei ficou vivamente comovido com aquela nova, e num momento de cólera ordenou a sua gente de afogarem Hildegarda. Ela fugiu, e foi ocultar-se em segredo em casa de uma de suas amigas; mas logo que o rei descobriu o refúgio, deu novamente ordem para a conduzirem a uma floresta, de lhe vazarem os olhos, e de a banirem em seguida do território. O que sucedeu? Quando a gente do rei a levava, encontraram no caminho um cavaleiro da casa de Freudemberg, que a condessa Adelgemd, sua irmã, enviara encarregado de uma mensagem para Hildegarda. Logo que viu que perigo corria a rainha, arrancou-a das mãos dos algozes, e lhes deu o cão que o havia seguido. Tiraram os olhos ao cão e os levaram ao rei como prova de haverem cumprido as suas ordens. Salva deste modo Hildegarda pelo socorro de Deus, veio a Roma em companhia de uma nobra dama, chamada Rosina, e exerceu ali com tanta felicidade e sucesso a medicina, que aprendera e praticara durante a vida, que em breve alcançou uma grande nomeada. No entanto Deus puniu a impiedade de Taland tornando-o leproso e cego. Ninguém o podia curar; alfim ouviu dizer que em Roma uma mulher célebre pelos seus conhecimentos médicos, curava muito bem aquela doença. Quando Carlos veio a Roma, Taland o acompanhou, indagou a morada da mulher, disse-lhe o nome, e pediu para a sua doença os socorros da arte, sem saber que estava falando a rainha. Hildegarda ordenou que confessasse os seus pecados a um padre, fizesse penitencia, e que depois experimentaria nele a virtude da sua arte. Taland seguiu o conselho, confessou-se, veio procurá-la e ela lhe restituiu a saúde. O papa e o rei ficaram tão maravilhados da cura, que desejaram ver a mulher que a praticara e a mandaram chamar. Ela obedeceu, mas com a condição de no dia seguinte entrar para o Convento de São Pedro. Foi ao Paço e contou ao rei seu senhor como fora traída. Carlos reconheceu-a com alegria, e a tornou a tomar como mulher; mas condenou a morte seu cunhado.

Contudo a rainha, a poder de rogos, obteve que lhe poupassem a vida, e assim ficou somente abandonado a miséria.»[23]

De onde viria esta tradição ao conhecimento de Baltasar Dias? Seria talvez dos exemplos que se usavam então nos sermões? É certo, que como esta chegaram até nós muitas lendas da Idade Média, como o conto de *Griselidis* que traz o Trancoso, vindas talvez por Espanha. O romance da *Imperatriz Porcina* ainda hoje anda no pregão dos cegos e faz as delícias do nosso povo. Dá-se com ele o facto notável de ser na tradição oral mais breve e por isso mais lindo.

A *História da Imperatriz Porcina*, tão querida, reimpressa, procurada e apregoada, tornou-a clássica em Portugal esse infeliz cego, natural da Madeira, o Gil Vicente do tempo de D. Sebastião, povo no seu estilo e cego como ele no mundo; foi por isso que o povo o compreendeu como irmão, e se consolava com as fantasias que ia criando na solidão em que se achava. Ainda hoje os artífices das vilas e arrabaldes das cidades encontram uma distração predileta no *Auto de Santo Aleixo* e no *Auto de Santa Catarina* de Baltasar Dias.[24] Pertence-lhe também o *Auto da Malícia das Mulheres*[25], e essa pérola perdida e modernamente desencantada pela vara mágica de Garrett, que a salvou no terceiro tomo do seu *Romanceiro*, o *Marques de Mantua*, apeado do proverbial barbante em que tantos anos cavalgou, despindo-o do papel pardo em que o traziam os vendilhões de feira e os cegos andantes; salvou este venerando romance do ciclo de Carlos Magno, mau grado o desdém supercilioso de hieráticos académicos.[26] O romance é de origem francesa; inclinamo-nos a crer que viesse de Espanha, deixando o carácter épico que lá tinha depois de dramatizado ao gosto popular por Baltasar Dias.

O nosso *Marques de Mantua*, que anda na literatura de cordel, tinha sido transcrito na coleção do Cavaleiro de Oliveira, com uma variante no princípio; Baltasar Dias o traduziu dos *pliegos sueltos* espanhóis. Nas notas de *Dom Quixote*, Pellecier atribui-o a Geronimo Trevião, mas Ochoa (*Tesoro*, p. 12,

not. 3) apenas o julga como editor, que lhe deu correção e modificou o original antigo, fundado no encontro das consoantes forçadas, não usadas pelos poetas dos séculos XIV e XV. Nos romancesiros espanhóis anda dividido em tres partes; na primeira encontra o marques seu sobrinho Baldovinos ferido mortalmente, que lhe conta a traição de Carloto, e a vingança que jura; o segundo romance conta a embaixada a Carlos Magno para lhe pedir justiça contra seu filho, e a execução da sentença contra Carloto; o terceiro é o funeral de Baldovinos. Baltasar Dias transformou os tres romances em um só, reduzindo igualmente as descrições épicas a rubricas dramáticas, servindo-se das falas para o diálogo. Por aqui se ve quase o processo artístico como o nosso poeta foi naturalizando e melhorando os romances espanhóis. Quando Garrett sacou do lixo da Feira da Ladra esta pérola, ainda não sabia quem era o autor.

A *Formosa Magalona*, que pertence a influencia do romance cavalleiresco frances sobre a Península,[\[27\]](#) depois de have-la vertido por seu turno a Espanha, chegou até nós. A *Formosa Magalona*, que andou entre nós tanto tempo montada no cordel do cego andante, e agora passou para a canastra do vendedor de fósforos, foi, segundo Victor Le Clerc, escrita primitivamente em provençal ou em latim, no século XIV, pelo cónego Bernard de Triviez. É um dos mais corretos de todos os contos populares, e dizem que aos catorze anos Petrarca lhe retocara o texto.[\[28\]](#) O tradutor portugues alterou-lhe o título antigo — *Histoire de Pierre de Provence et de la belle Maguelone*. As traduções a letra não eram conhecidas na Idade Média. Apontamos aqui um excelente subsídio de estudo:

Historia Dily Niebel e Viglion Cavalier, *Pieder de Provenza e della Biala Magelona*, Prinzessa de Neapel (versão sursélvica). Na *Zeitschrift für romanische Philologie*, 1881. V Band. 4 hept. (pp. 480 a 497).

IV) Os contos no século XVII: Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Melo. A tendência moralista ampliando os contos

No século XVII o conto recebia em Portugal duas poderosas influências; Francisco Rodrigues Lobo, na *Corte na Aldeia*, procurava submetê-lo as regras literárias, discriminando os seus géneros e estabelecendo o modo de narrá-lo; por outro lado Saraiva de Sousa, no *Báculo Pastoral*, o padre Manuel Bernardes na *Floresta e Estímulo Prático* limitam o conto no destino ascético, e Vieira na intenção moral.

No diálogo X da *Corte na Aldeia*, traz Rodrigues Lobo a *História dos Amores de Aléramo e Adelasia*, da qual diz um dos seus interlocutores: «poderá servir — no modo como se devem contar outras semelhantes, com boa descrição das pessoas, relação dos acontecimentos, razão dos tempos e lugares, e uma prática por parte de alguma das figuras, que mova mais a compaixão e piedade, que isto faz dobrar depois a alegria do bom sucesso. — Esta diferença me parece que se deve fazer dos *Contos* para as *Histórias*, que elas pedem mais palavras que eles, e dão maior lugar ao ornamento e concerto de razões, levando-as de maneira que vão aperfeiçoando o desejo dos ouvintes, e os *Contos* não querem tanto de retórica, porque o principal em que consistem é na graça do que fala, e na que tem de seu a coisa que se conta.» Em aplicação destas regras apresenta a *História dos Amores de Manfredo e Eurice*, a imitação dos novelistas italianos, com divagações de estilo retórico, para confrontá-las com as narrativas populares «com mais bordões e muletas do que tem uma casa de romaria, porque me não escapam termos das velhas, nem remendos de descuidados, que lhe não misture.» Em seguida exemplifica o processo com uma *história contada com o erro do costume dos ignorantes*:

«Dizem que era um rei; vem este rei casou por amores com a filha de um seu vassalo; era ela tão fermosa, que podia por sua beleza ser confiada, pois por essa alcançara o ser rainha; mas sem lhe valerem esses privilégios, deu em tão ciosa, que bem a mão, não dava o marido um passo que ela não acompanhasse com as suas suspeitas; assim que apertavam estas tanto com ela, que jamais vivia em paz, com seu gosto. Vem ela, e por vencer esta desconfiança, vai e manda secretamente chamar uma feiticeira, que naquela terra havia, de muita fama, em cujo engano achavam os namorados uma -botica de remédios para seus males. Assim que dizia esta feiticeira por lhe vender mais cara sua diligencia, feitas algumas fingidas, meteu em cabeça a boa rainha ciosa, que o marido amava com grande extremo a uma criada sua, que ela pintou logo a mais galante, airoso, galharda e bem-assombrada, que havia no Paço. Quando ela aquilo ouviu, ficou (guarde-nos Deus) como uma mulher transportada e sem sangue; por maneira que prometeu aquela feiticeira que lhe faria e aconteceria se a desafeiçoasse ao rei daqueles amores e empregasse nela todos os seus: a outra, que não queria mais que aquilo, vede vós como ficaria contente, vem e promete a rainha que lhe daria tres águas conficionadas, de tal maneira que uma, tanto que el-rei a provasse, bebesse logo os ventos por ela, e lhe quisesse mais que o lume dos olhos com que a via; a outra, que em a rainha a bebendo, parecesse a seu marido o maior extremo da formosura, que havia no mundo; a terceira, que tanto que a dama a bebesse, a desfigurasse de maneira que a todos aborrecesse a sua vista. As palavras não eram ditas, a rainha lhe deu muitos haveres e fez grandes merces e promessas, que muito fácil é de enganar a que deseja aquilo com que lhe mentem. Vai a feiticeira dali a poucos dias, e traz aquelas águas conficionadas, encarecendo muito a virtude e segredo delas; mas ou porque lhe errou a tempera ou porque todas se resolvem nestas boas obras, a mudança que ela queria houvesse na vontade e nos pareceres, lhe houveram de fazer na vida, que a peçonha, que é sempre material dos seus unguentos,

penetrou de maneira que os teve a todos tres em passamento, e a bem livrar ficaram daí a poucos dias sem juízo. Inda bem a feiticeira não soube o dano que fizera, e que por não trazer a mão certa naqueles adubos podia vir a estado de a porem na da justiça, desapareceu. Eis senão quando, se ajuntam todos os médicos eminentes que havia no reino, e depois de muitos meses de cura (olhai vós quantas se fariam a tais pessoas) foram pouco e pouco cobrando os sentidos e entendimento; e com a força do mal lhes caiu a todos o cabelo da cabeça, sem lhes ficar um só. E não foi tão ruim o partido, como era ter cabeça sem ele quem antes o trazia sem ela. Tornando ao meu propósito, tanto que a rainha se viu desfigurada, conhecendo o desatino que fizera, dando todas as culpas ao amor, confessou seu erro, a criada sua inocencia, e o rei sua desgraça; dali em diante, conformando-se como exemplo daquele sucesso, fizeram vida sem ciúmes, que deles e de casamentos por amores não escapam senão com as mãos nos cabelos, ou com eles pelados.»[\[29\]](#)

Rodrigues Lobo continua definindo os diferentes géneros de contos: «A noite... se tocou nesta conversação o modo que havia de ter o discreto em contar uma história, fugindo muitos vícios e bordões que os néscios tem nelas introduzidos, e como em dependencia desta matéria, se falou nos Contos galantes, que tem delas muito grande diferença: pois eles não consistem mais, que em dizer com breves e boas palavras uma cousa sucedida graciosamente. São estes contos de tres maneiras. Uns fundados em descuidos e desatentos, outros em mera ignorancia, outros em engano e subtileza. Os primeiros e segundos tem mais graça e provocam mais o riso, e constam de menos razões, porque somente se conta o caso, dizendo o cortesão com graça própria os erros alheios. Os terceiros sofrem mais palavras, porque deve o que conta referir o como se houve o discreto com o outro que o era menos, ou que na ocasião ficou mais enganado.» «Além destas tres ordens de contos, de que tenho falado, há outros muito graciosos e galantes, que por serem de descuido de pessoas, em

que havia em todas as cousas de haver o maior cuidado, nem são dignos de entrar em regra, nem de serem trazidos por exemplos; a geral é que o desatento, ou ignorancia, donde menos se espera tem maior graça. Atrás dos contos graciosos se seguem outros de subtileza, como são furtos, enganos de guerra, outros de medos; fantasmas, esforço, liberdade, desprezo, largueza e outras semelhantes, que obrigam mais a espanto que a alegria; e posto que se devem todos contar com o mesmo termo e linguagem, se devem neles usar palavras mais graves que risonhas.» «Os contos e ditos galantes devem ser na conversação como os passamanes e guarnições nos vestidos, que não pareça que cortaram a seda para eles, senão que caíram bem e betaram com a cor da seda ou do pano sobre que os puseram; porque há alguns que querem trazer o seu conto a remo quando lhe não dão vento os com que pratica, e ainda que com outras cousas lhe cortem o fio, torna a teia e o faz comer requentado; tirando-lhe o gosto e graça que podia ter se caíra a caso e propósito, que é quando se fala na matéria de que ele trata, ou quando se contou outro semelhante. Assim convém muita advertencia e decoro para os dizer, outra maior se requer para os ouvir, porque há muitos tão sofregos do conto ou dito que sabem, que em o ouvindo começar a outrem ou se lhe adiantam, ou o vão ajudando a versos como se fora salmo o que a mim me parece notável erro...» «também eu não sou de opinião, que se um homem souber muitos contos ou ditos de uma mesma matéria que se falou, que os traga todos ao terreiro como jogador que, levou rifa de um metal, mas que deixe lugar aos outros, e que não queira ganhar o de todos, nem fazer a conversação só consigo.» Rodrigues Lobo conhecia a coleção espanhola de Timoneda, *El Sobremesa y Alivio de Cambiantes* (1576), que tomava por tipo:

«Antes me parecia a mim, que assim dos contos galantes, ditos engraçados e apodos risonhos, se ordenasse que em uma destas noites, tomando um propósito, cada um contasse a ele o seu conto, e dissesse o seu dito: e seria um

modo extremado para se tirar outro novo Alivio de Cambiantes, com melhor traça que o primeiro.» (*Corte na Aldeia*, Diálogo XI.) Na tradição popular portuguesa temos encontrado contos que aparecem no *Alivio de Caminantes*, tais como: *A Mulher Afogada* que o marido busca indo contra a corrente do rio (Vol. I, p. 256); *Tudo Andaremos* (I, p. 263); *Não Lhe Dar com o Tom* (n.º 37); as *Orelhas do Abade* (I, p. 266); *Para Quem Canta o Cuco?* (p. 262); e o *Cego Que Recobra o Seu Tesouro* (p. 239).

Como Rodrigues Lobo, também D. Francisco Manuel de Melo soube inspirar-se nas tradições populares, que tanto nacionalizaram a época quinhentista. Nas suas *Cartas* alude por vezes D. Francisco Manuel de Melo aos contos ainda hoje correntes na tradição oral: «E ainda que virei a ser aquela

Dona atrevida,
Doce na morte
E agra na vida.»

(*Op. cit.*, p. 67)

Em outro conto (Cent. II, p. 74), alude as trovas de *Maria Castanha*, tipo já afamado pela novela picaresca da *Lozana Andaluza*: «Só vos peço, pois ides para terra de muitos castanheiros, que não caseis por lá com alguma *Maria Castanha*.» Também faz referencia ao conto dos Frangãos e do Milhafre. (*Ib.* p. 215). Nos *Apólogos Dialogais* traz: «mas andas falando como quem bebe por púcaro pedrado, ou como a *história do Salsinha*, que não haver de dizer sim nem não, é um maldito costume.» (*Ib.* p. 260). Na *Feira de Anexins* cita o proverbial *Conto da Carochinha*: «— Esperai, contar-vos-ei uma história — A da *Carochinha*? — Não! procurai outra mais cara, que essa é muito barata? — Pois digo-lhe que ainda com a *carocha*, é essa *história o feitiço das crianças*.» (*Op. cit.*, p. 8). O escritor seiscentista não escapou ao espírito da época, aproveitando os equívocos de *caro* e *Carochinha*, conto contrastando com a insígnia trágica da *Carocha* ou mitra de papel que levavam os condenados aos autos de fé. Na *Égloga I* (*Sanfonha de Euterpe*, p. 60) faz sentir a predileção das mulheres

fantasiosas:

Destas que *leem por patranhas*,
Suspiram Motes de cor,
Entendem falas estranhas,
Quer de amor's quer de *Façanhas*
Livre-nos Nosso Senhor.

Nas *Obras Métricas* tratou muitas fábulas, e é sempre com intenção artística, que D. Francisco Manuel usa os anexins vulgares. Nas *Cartas* (Cent. n/, n.º 81): «Já ouvi que *não havia amigos em tempo de figos*; mas não em tempo de figas. Digo-o, senhor meu, porque estão-no-las metendo nos olhos estes Brichotes...» O anexim: *Cantar mal e porfiar* é derivado da fábula do corvo querendo cantar como a filomela, vulgarizado pelo *Dialogus Creaturarum* de Nicolau de Pérgamo. (Ap. Du Ménil, *Hist de la fable*, p. 152, not.).

O pai de D. João IV, D. Teodósio II, duque de Bragança costumava distrair-se nas suas insónias ouvindo contos do seu guarda-roupa António Mouro, como se le nas *Provas da História Genealógica*: «Contava muitas *histórias* ao Duque, sem prejuízo de pessoa com que aliviava muito ao Duque de suas menencorias, que nunca faltavam, e como o Duque dormia pouco, as mais das noites gastava nestas cousas.» (*Prov.*, t. VI, n.º 165).

Em carta de Francisco de Sousa Coutinho a D. João IV: «cheguei a tempo em que quando V. Maj. era servido de o reparar honrando-me com algum título lho não houvera de aceitar; sou já velho para mudar de nome e sou muito conhecido pelo meu. Sei bem que diria a Vossa Majestade, quem isto ouvisse, o que *dizia a Raposa, de que eram verdes as uvas*, mas pela mesma vida de V. Maj. juro que o digo do meu coração...»^[30]

Nos Sermonários e obras ascéticas do século XVII, tão retórico nos países católicos, os contos tradicionais e populares receberam uma exclusiva intenção moral, continuando pelas necessidades da casuística a explorarem os Tesouros de Exemplos dos pregadores da Idade Média. O livro de Francisco Saraiva de

Sousa, intitulado *Báculo Pastoral* é um apanhado de uns contos de matéria predicável[31]; aí se encontra o conto do filho do rei a quem incutiram a ideia de que as mulheres eram os demónios, (*Novellino*, n.º XVI); o do príncipe castigado pelo mestre na pessoa de seus doze amigos (*Novellino*, n.º XLVIII), a adaptação portuguesa da lenda do Pajem de Santa Isabel. Também o ascético padre Manuel Bernardes, no *Estímulo Prático*, apresenta o conto dos tres cegos que entre si conversam, imitando o seu estilo popular; na *Floresta*, traz o apólogo das *Cotovias* (I, p. 70); o *Cavaleiro de Rodes* (I, 355); a *Mulher Marinha* (I, p. 403); o *Anel de Benção* (II, 158); o *Animal Agradecido* (II, 158); os *Tres Beijos* (II, 228), e outros muitos nos Sermões e *Pão Partido em pequeninos*. Também nas comédias de Simão Machado encontram-se metrificados pequenos contos da tradição clássica.

O poemeto *Gaia*, de João Vaz, de Évora, é apreciável como elaboração literária de uma lenda árabe, que penetrou como relação histórica nos *Livros de Linhagens*. A lenda da *Donzela da Torre*, que segundo Menéndez y Pelayo, se referiria a fuga de D. Teresa, irmã de D. Afonso V de Leão, para casar com um rei mouro, foi tratada como episódio por D. Bernardo Ferreira de Lacerda no poema *Espatia Libertada*, na parte I, canto IV, em 49 estancias. A infanta é aí chamada D. Ximena. Lope de Vega dramatizou esta lenda heráldica dos Teles de Meneses nas duas comédias famosas *Los Telles de Menezes e Valor y fortuna y lealdade de los Telles de Menezes*, 1635. (Parte XXI). Menéndez y Pelayo acha nesta lenda a síntese da independência do povo trabalhador e honrado ante a fidalguia orgulhosa; confirma-o a cantiga portuguesa:

Alfaiates não são homens,
Sapateiros também não;
Homens são os Lavradores
Que enchem a casa de pão.

O conto na forma literária desenvolve-se prolixamente em volumosas novelas, em que o estilo consiste em cada período diluir-se em impertinentes acessórios.

São tipos do género os *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda* de Gaspar Pires Rebelo, 1665. Compete com este insulso moralista, o padre Mateus Ribeiro, com o *Alívio de Tristes, Consolação de Queixosos* (1688) e a *Roda da Fortuna e Vida de Alexandre e Jacinta* (1695). Bem mereciam o epíteto de carros de palha, que Carlyle applicava a um erudito ingles. Os Jesuístas levaram o género até a insanía[32]. Eram os pródromos do romance moderno, que se iniciara na literatura inglesa.

Os livros populares portugueses de *folha volante*, que se vendiam pelas feiras, na arqueta do belfurineiro, ou no barbante do cego, foram também condenados pelos meticolosos da censura inquisitorial: «Os vendedores de *Autos e Cartilhas*, não vendam, nem comprem para vender, outros livros sem primeiro os mostrarem ao Revedor: porque algumas pessoas escondidamente tem alguns livros, que eles compram e vendem, sem saber o que há nos tais livros, e se seguem disso inconvenientes: e há informação, que nas tais tendas, se acham livros suspectos e prejudiciais. E os solicitadores do Santo Ofício visitarão algumas vezes os ditos lugares e farão saber ao Revedor, os livros que ali se vendem. O mesmo se fará dos *livros que se vendem nas feiras*.» (Índex de 1581. Mais implacável foi o índex de 1621).

V) Do século XVIII ao Romantismo — Os livros populares — O conto com intuito pedagógico condenado por Garrett

Apesar da profunda decadencia da Literatura portuguesa no século xviii pela ininteligencia dos escritores quanto ao elemento tradicional, os contos de

Trancoso, mau grado o desdém com que os Jesuítas o citam na polémica com Verney, continuaram a ser lidos com sofreguidão, e alguns poetas como Filinto e Nicolau Tolentino, aludem ao grande interesse que ainda tinham os contos populares. Na comédia de cordel *Incisão da Peraltice* acham-se citados os contos de Trancoso, e mesmo no *Folheto de Ambas Lisboas*, n.º 25: «O dote dela consta de memórias, sem serem dos dedos, mas sim de *Contos de Trancoso...*» E Filinto Elísio, nas notas da tradução das Fábulas de La Fontaine, repete: «Conta de in illo tempore: Como os *Contos de Trancoso*, do tempo de nossos avoengos.»^[33] Este poeta ultraclasses, pela sua origem plebeia conservava certas reminiscências tradicionais; assim alude a vários contos: «*João Ratão e a Princesa Doninha...* Sem contar outras personagens, que não é muito que me esqueçam (por mais doutrinais que sejam) contos que ouvi contar há mais de setenta e dois anos!»^[34] «Contem-me *Pele de Asno...* conto em França tão conhecido como entre nós o das *Tres Cidras do Amor.*»^[35] Filinto, nas notas dispersas pelas suas obras, a maneira de uns *Tischreden*, ou cavacos a mesa, faz alusões importantes a novelística e literatura popular: «Com o título da Gata Borralheira contava minha mãe a história da *Cendrillon*. E nunca minha mãe soube frances.»^[36] A mãe de Filinto tinha sido uma tricana de Aveiro; pelas passagens supracitadas, ve-se que Trancoso era ainda bastante lido pelos nossos avoengos, como o confirmam as edições das *Histórias Proveitosas* de 1710, 1722, 1734 e 1764. O gosto popular foi desvairado por novas leituras, mas a predileção do conto oral conservou-se mesmo nas classes aristocráticas em Portugal; diz Nicolau Tolentino, aludindo aos contos de fadas que contava a marquesa de Alegrete, na sua infância:

Quando eu a teu pés contava,
Mentiroso historiador,
Ora a do Caixão de Vidro,
Ora a das Cidras do Amor.

Quando os mesmos tenros anos

A tua filha contar,
Todos os dias virei
Meu officio exercitar[37].

Em outras passagens dos seus versos alude a esta predileção familiar:

Contando histórias de Fadas
Em horas que o pai não vem,
E co'as pernas encruzadas
Sentado ao pé do meu bem
Lhe dobo as alvas meadas.
(*Ib.*, p. 262.)

São divertimento inútil,
São as histórias de fadas.
(*Ib.*, p. 122.)

O conto não foi desprezado pela literatura ascética do século XVIII, que se apropriou de elementos de erudição; o padre Manuel Consciencia, na *Academia Universal de Vária Erudição*, traz o conto dos ladrões que foram ao Tesouro de Rampsínito, narrado por Heródoto. Encontrámo-lo na tradição oral açoriana, em que um rei manda escutar pelas portas para descobrir onde se chora e assim descobrir-se a família do morto. Ouviu-se chorar em uma casa, bateram a porta, e nisto um dos filhos, que estava desmanchando um porco, deu com um machado num pé, e assim se encobriu o motivo verdadeiro por que se chorava. Na *Hora de Recreio* do padre João Batista de Castro vem alguns contos tradicionais, que já aparecem em coleções anteriores, como o da *Quarta de Leite* (p. 29), a *Velha Que Dá o Que Tem a Filha* (p. 81), *O Cego e o Moço Comendo Uvas* (p. 125), o *Estudante Que Furta a Roupa do Transeunte* (p. 130), e o conto decamerónico do *Marido Que Confessa a Mulher* (p. 16). O conto do estudante que se substitui ao burro que vai a feira, e do qual se originou o adágio *Quem não te conhecer que te compre*, já contado por Bluteau, acha-se outra vez narrado na *Hora de Recreio* (vol. II, p. 13).

Os contos tornaram-se raros e foram deixando de ser lidos, ao passo que entre

o povo se vulgarizaram as folhas volantes traduzidas do espanhol desde o governo dos Filipes, tais como a *Donzela Teodora*, a *Formosa Magalona*, o *Roberto do Diabo*, a *História de Carlos Magno*, os *Sete Infantes de Lara*, que formam a base da literatura popular portuguesa; outros escritores, como Baltasar Dias, descobriram também o segredo de se apoderar da imaginação do povo, e é deste poeta cego a elaboração literária da grande lenda de *Crescencia*, conhecida e ainda vigente em Portugal sob o título de *História da Imperatriz Porcina*. As aventuras de *Bertoldo*, *Bertoldinho* e *Cacasseno* foram traduzidas do italiano; resumiu-se do frances a *História de João de Calais* (renovação do conto do *Morto Agradecido*); e o velho conto oriental dos tres irmãos corcovados assimilado sob o título de *História dos Tres Corcovados de Setúbal*

A *História dos Tres Corcovados de Setúbal* é uma imitação do conto popular frances *Histoire des trois bossus* de Besançon, já variante da que vem nos *Contos Tártaros* de Gueullette, e derivada das *Notte piacevoli* de Straparola. (Nott. V, fol. 3.) A introdução das fábulas orientais na Europa, de que há vestígios sensíveis nas *Gesta Romanorum*, na *Disciplina clericalis* e no *Conde de Lucanor*, caracteriza-se neste conto dos Tres Corcovados, pelo episódio dos *afogados*, frequente nas criações imaginativas do Oriente[38]. Talvez que a sua primeira forma seja a dos *Trois Bossus* de Durand, trovista do século XIII, inserta na coleção dos *Fabliaux* de Barbazan[39].

É possível que o conto andasse no Decameron popular não escrito dos nossos serões, introduzido pelo uso dos *Exemplos* da Idade Média; sua vulgarização entre nós é proveniente da especulação, e pode dizer-se que as variantes são devidas a ignorancia dos tradutores, e a atualidade que procuram dar-lhe acomodando-o a novos lugares.

A vulgarização crescente destes opúsculos explica-nos porque é que os *Contos de Trancoso* deixaram de ser lidos pelo povo; a classe média foi também desviada do seu gosto pela difusão de deploráveis traduções dos mais deslavados

romances franceses. A lenda de *Roberto do Diabo*, tradução abreviada da *Vie du terrible Robert le Diable, le quel apres fut nommé l'Homme Dieu*, vulgarizou-se no — mercenário pregão do cego andante, — aceitando-o o povo com o interesse pelo prestígio diabólico e da conversão piedosa. Acha-se proibida no Índice Expurgatório de 1581.

Quem não conhece esse aventureiro *João de Calais*, que faz as delícias dos sapateiros remendões, e que tem um favor público por todas as aldeias, que ninguém lhe disputa, e a sombra do qual se vai arreando de ano para ano com edições sucessivas? É um romance moderníssimo, do século XVIII, escrito por Madame Gomez (Madeleine-Angélique Poisson). Quando se fará uma edição dos raros folhetos da nossa Literatura de cordel, com a dos *Volksbücher* de Gorres?

Filinto Elísio, apesar de todo o seu classicismo horaciano, pela sua origem plebeia nunca esqueceu a poesia das tradições com que fora embalado. Na *Carta Defeitos da Filosofia* (*Obr.*, I, 148) descreve com simpatia as seroadas portuguesas ante o espírito crítico do começo do século XIX:

Enquanto nossos pais, nossos avós,
Encostados na fé do padre cura,
Criam Fadas, Duendes, criam bruxas.
Que felizes que foram! Que sossego
Lhe adormentava então o entendimento!...

Junto do lar ardente, em cujo cerco,
Baixas as testas, corpos bem cerrados,
Toda a família nos serões do inverno
Embelezada nestas ventoinhas
Inquilinas do mundo imaginário,
Não sente o como ronca, esbravejando
O vento pelo trémulo arvoredado,
Nem como a telha-vã remexe e grita
Por saltante pedrisco fustigada.
Apenas, quando vai o Conto em meio,

Arreda do leitor um tanto os olhos
Para dar um meneio à frigideira
Ou virar o bom lombo que repinga.
Um Cavaleiro que a viseira cala,
Embraça o seu broquel de amante mote,
E vai correr o mundo confiado
Na aguda lança e na cortante espada;
Que acomete arriscadas aventuras
Por livrar encantadas formosuras
De mimosas Princesas; de esquecidas
Masmorras retirar ao claro dia,

Um Montesinhos, guapo Cavaleiro,
(Saudades da mísera Belerma)
Que para o conquistar, em campo afronta
Gigantes, Malandrins, Dragos, Duendes,
E de toda a refrega sai com brio.
Descrever (como digo) esas proezas
Era o talento de uma sábia pluma
Estimada na Corte e na cidade;
Farta leitura de Vilões e nobres...
De Carlos Magno o folheado livro,
C'os Doze Pares, de esforçado pulso...
Em duros corações que ternos golpes
Não deram sempre as lágrimas pudicas,
Os saxífragos rogos da formosa
Lastimada Floripes? Qual fé nunca
A dama bem-nascida, bem-criada,
Que lendo na Novela os altos feitos,
Galhardias de justas e torneios,
Às belas delicadas e vencidas
Não bebesse vanglória e bons desejos
De correr semelhantes aventuras,
A desconto de um susto, em negro bosque
De um assalto de amor em leito ou cerco?

Que cousa há i nas matas espinhosas
Dessa magra e subtil Filosofia

Que emparelhar se atreva c'um bom Conto
De Fadas, c'o condão de uma varinha?
Numa volta de mão c'um leve toque
Dessa bendita Vara milagrosa
Vos faziam sair lá das entranhas
Da terra obediente altos Palácios
De alabastro com seus capitéis de ouro
Engastados de fina pedraria
Sumptuosos jardins, fontes, passeios
Que recheiam, que servem, que aformosam
Mil pajens cortesãos, mil ninfas belas.
De uma casca de noz cair a rodo
As perlas em chuveiro, as esmeraldas,
São prodígios que pasmam, que divertem...
Nem conto os ânimos, músicas e amores
Surdindo da caverna mais escura
Que as Princesas amantes, pensativas
Na solidão maviosa deleitavam.

.....
Oh ricas Fadas, rico encantamento,
Enleio dos sentidos agradável,
Com que saudade crua, e com que pena
Vos choro, de entre nós afugentadas
Por esses maus Filósofos esquivos
De todo o bom saber, toda a delícia
De entretida lição, de útil estudo!

Quando Filinto escrevia esta carta a José Bonifácio de Andrada, que em missão científica viajava pela Alemanha, os exímios filólogos Jacob e Guilherme Grimm encetavam o estudo científico da Novelística, criando uma nova compreensão do passado.

Na sátira *Esfuziote*, consolando o seu amigo Sebastião Barroco de uma decepção de amor, exclamava:

— Sempre os valentes,
Bem o sabes, valeram mais co'as fêmeas,
Que os sábios cidadãos, que os virtuosos,
Esta paixão privou com elas sempre;

Esta fez, que as Princesas das Novelas
Prezassem mais que tudo o ser amadas
Dos andantes basbaques Cavaleiros,
Só por que eram brigões, e prometiam
Lançar-lhes, por fineza, aos pés rendidas
Mil testas de Gigantes encantados;
E porque nos torneios e nas justas
Para a sua Senhora ter a palma
De mais formosa, entre as Senhoras todas,
Faziam confessá-lo assim aos outros,
Ou a botes de lança em lide honrada
Lhes faziam morder raivando a terra.
Assim durou té'gora incontestada
Esta razão de avaliar amantes...

(*Obra*, t. V, p. 240.)

No período do Romantismo, em que as literaturas modernas se aproximaram das suas fontes tradicionais, também Garrett e Herculano sentiram a necessidade de imprimir uma feição nacional a literatura portuguesa; Herculano romantizou o conto da *Dama Pé de Cabra* nas suas *Lendas e Narrativas*, e Garrett metrificou a lenda de *Miragaia*, a *Gaia* do *Nobiliário*. Seguiu-lhes Castilho o exemplo na lenda de *Fuas Roupinho*.

Na lenda de *Gaia* há um episódio que se encontra nas lendas germanicas. Le-se no *Livro Velho das Linhagens*: «fretou (Abencadão) seis naves e meteu-se em elas, e veio aportar a Sanhoanç da Furada; e pois que a nave entrou pela foz cobriu-a de panos em tal guisa que cuidassem que eram ramos, ca entonce Douro era coberto de uma parte e da outra de árvores.» Em uma lenda franca, extraída por Jacob Grimm de Aimonius, acha-se este mesmo estratagema de guerra. «Quando Childebert entrou com um poderoso exército nos estados de Gontran e Fredegond, a rainha exortou os Francos a defenderem-se com arrojo... Fredegond imaginou um estratagema. À meia-noite, no meio das trevas, o exército guiado por Landerick, tutor do jovem Clotário, pos-se em marcha e foi para uma floresta; Landerick pegou de um machado e *cortou para*

si um ramo de árvore, depois pendurou umas campainhas no pescoço do cavalo que montava. Deu ordem a todos os seus cavaleiros para que fizessem o mesmo; cada um deles *tomou um ramo de árvore na mão*, prendeu campainhas ao pescoço do seu cavalo, e todos, logo que o dia começou a alvorecer, puseram-se a andar para o campo inimigo!... Uma das vedetas do exército contrário os descobriu através da luz duvidosa do crepúsculo; gritou logo para o companheiro: *Que floresta é esta*, que aqui vejo? Em sítio onde ainda ontem a noite não havia o menor graveto? — Tu ainda estás emborrachado e de nada te lembras (disse o outro soldado) é gente nossa, que acharam na floresta vizinha forragens para os seus cavalos. Não ouves o som das campainhas penduradas ao pescoço dos corcéis que pastam?... Enquanto as vedetas isto diziam, os Francos *deixaram cair os ramos* e a floresta ficou despojada de folhas, mas eriçada de lanças refulgentes que se levantaram como troncos. A confusão entrou no exército do inimigo; o terror apoderou-se deles; deixaram o sonho para entrarem numa batalha sangrenta e os que não puderam fugir foram ceifados pelo ferro; os comandantes só deveram a salvação a celeridade dos seus cavalos.» (Jacob Grimm, *Lendas Alemãs*, t. II, 107, trad. L. Héretier (de l'Ain) 1838.)

A lenda de D. Fuas Roupinho salvo pela intercessão da Virgem da Nazaré, do abismo em que o seu cavalo o precipitava, aparece na tradição alemã atribuída a Hermann de Treffurt, que os cronistas Becherer, Toppius e Melissante, pintam como um teutão devasso, brutal, um senhor feudal despótico. No seu extrato, escreve Jacob Grimm: «Isto não obstava que fosse sempre a missa e de rezar com devoção, o ofício da Santa Virgem. De uma vez partira a cavalo para uma aventura de amor, depois de ter convenientemente segundo o seu costume, rezado mui religiosamente o ofício da Virgem; mas como cavalgava de noite sozinho nas trevas sobre o Hollestein, enganou-se no caminho e chegou ao píncaro mais elevado da montanha; ali o cavalo estacou de repente; mas o cavaleiro julgando que seria medo de alguma alimária, esporou-lhe o

flanco; o cavalo arrojou-se com o cavaleiro do alto do rochedo e morreu da queda; a sela desfez-se; a espada do cavaleiro fez-se em estilhaços; mas na sua queda o cavaleiro invocara a Virgem--Mãe, e pareceu-lhe que era segurado por uma mulher que o colocou em terra levemente e sem mal.» (*Lendas Alemãs*, t. II, p. 412.) Castilho tratou esta lenda deliciosamente nas *Escavações Poéticas*.

No seu tratado *Da Educação*, escrito em 1830 por Garrett em cartas dirigidas a marquesa de Ponta Delgada, que instruía a princesa D. Maria da Glória (D. Maria II) mostra-se contrário a que se contem ou leiam fábulas e contos as crianças: «Em muitas partes é costume, especialmente em França, o ser um livro de fábulas ou apólogos o primeiro que se dá as crianças; *Maitre Corbeau* é a primeira personagem histórica com quem fazem conhecimento os meninos franceses. — Mas ainda que o apresentador seja tão elegante e donairoso como o engraçado João La Fontaine, ainda assim *Maitre Corbeau sur un arbre perché* não é sujeito, que se escolha para a primeira amizade de uma criança.» *II n'appartient qu' aux hommes de s'instruire dans les fables*, diz Rousseau com muita razão. Confirma diariamente a experiencia o que ele assevera, que nunca se ve tirarem as crianças uma ilação moral do seu apólogo; gostam porque é conto e faz rir, e acham nos versos de Fedro ou La Fontaine repetidos pelo Lobo e pelo Cordeiro, a mesma graça que no «Tó, Carochó! quem passa? el-rei, que vai a caça,» do seu papagaio. Nunca pude descobrir o porque razoável deste costume, e vejo-lhe mil inconvenientes. Será que aprendam melhor os meninos a moral pregada com as visagens do macaco desembargador ou nos diálogos da formiga e da cigarra e semelhantes *églogas* de alimárias? Não o creio; não acho que a ficção instrua melhor que a verdade.

«Inventaram-se para as pessoas grandes, para os grandes que não queriam ouvir, que se ofendiam com a verdade nua e crua, e só toleravam com alguma indulgencia quando assim condimentada e disfarçada em parábolas. — E por este modo e como os escravos romanos ou bobos senhoriais é que nós havemos

de apresentar as portas da vida a receber o nosso pupilo para o guiar no caminho da experiencia com subterfúgios de fábulas e contos da Carochinha? —

Demais, fábula quer dizer fingimento; e fingimento é mentira; e mentira nem zombando se deve ensinar as crianças; é mau divertimento; não se lhes deve deixar folgar com ele... *No tempo que os bichos falavam*: começam os apólogos da tradição oral, que se contam aos meninos; bem sabemos que ainda que creiam nisso, não podem crer muito tempo; mas para que é ‘essa ideia falsa, por pouco que dure? Sempre é mau, — é péssimo; faz-lhes perder o horror a falsidade, ensina-lhes a *contar contos* e não a olhar a verdade como uma cousa santa, com a qual não é lícito, não é possível brincar, que nem se deve nem se pode saber dissimular ou alterar no mínimo ponto.» (*Carta IV*.) Neste juízo estava sendo influenciado pelo negativismo crítico do fim do século XVIII, de que se queixava Filinto na saudosa evocação das seroadas portuguesas; e os Grimm já tinham fundado a escola que estudava as ficções poéticas tradicionais como revelações do estado da consciencia humana primitiva isentas de toda a mentira, e constituindo um dos mais ricos elementos da Demopsicologia. O que absolve Garrett é o abuso que se fez compondo fábulas e imaginando contos de mero artifício pedagógico, como os de M.me de Beaumont, e congéneres; desnaturando o sentimento da tradição, que tanto se manifesta nas épocas de decadencia. A simpatia natural das crianças pelas fábulas corresponde ao atavismo do estado psicológico de um fetichismo espontaneo primitivo que orientou a imaginação humana tão lucidamente estudado por Comte[40].

Mais tarde Mendes Leal fez uma espécie de mágica fiabesca das *Tres Cidras do Amor*, com toda a ininteligencia do ultrarromantico. Era preciso fazer a transição da emoção artística para a crítica consciente; esta fase do Romantismo europeu só veio a operar-se muito tarde em Portugal, quando a história literária recebeu um espírito filosófico, e o corpo das tradições poéticas foi explorado com intuito científico. No último quartel do século XIX o conto

popular continuou a receber forma literária;[41] prevaleceu, porém, a direção científica, havendo já numerosas coleções em que se vão arquivando as tradições portuguesas, sintoma auspicioso de uma revivescência da nacionalidade[42].

Depois de terem iniciado a coleção dos contos populares da Alemanha em 1812 e 1813, os celebrados filólogos Jacob e Guilherme Grimm, determinando em 1822 as formas do seu estudo em quanto as origens míticas e universalidade desses temas novelescos e transmissão entre épocas e nações diversas pelo influxo das obras literárias, esboçaram o processo crítico da novelística, criando sobre este elemento tradicional uma nova ciência, a Demopsicologia. A ficção deixou de ser considerada como um capricho da fantasia, mas a concepção implícita na expressão subjetiva, que nos pode revelar estados primitivos da inteligência. Deste automatismo tradicional através dos séculos, e sob os inevitáveis sincretismos, tal como acontece com a linguagem, nunca a ficção deixa na sua espontaneidade transparecer uma mentira propositada. Tal foi a descoberta fundamental de Jacob Grimm, afirmando a verdade da poesia do povo; pode essa tradição ser deturpada, e mesmo enganar-se, errar, mas subsiste impertérrita a verdade do que a transmite. Que diferença entre um mito e uma concepção científica! E contudo o mito é verdadeiro, como documento revelador de um estado mental de subjetividade e credulidade. Esta alta compreensão valorizou esses produtos da imaginação, que se abandonavam as reminiscências da velhice e a fascinação das crianças, com o título de *Contos da Carochinha* e *Contos de Velhas*; formaram-se por todas as nações sociedades de folclore, para coligirem esses materiais da sabedoria popular, a que chamaríamos *Demótica*, para completar a área das investigações. Jacob Grimm apontou também a necessidade do exame das obras literárias das diversas nações nas épocas várias da sua cultura. No pequeno quadro que aqui intitulamos *Literatura dos Contos Populares em Portugal*, procuramos satisfazer a

indicação sugestiva de Grimm. Quando o diplomata conde de Lavradio foi a Alemanha induzido pela duquesa do Kent para tratar do casamento de D. Maria II com o jovem Fernando de Coburgo, filho segundo do duque reinante, escreveu no seu Diário-Memorial.

«Novembro de 1835. À noite reuniram-se em casa do duque (Saxe-Coburgo) diversos homens sábios do país, entre outros *Mr. Jacob, que goza de grande reputação na Alemanha; pareceu-me homem de conhecimentos muito variados, bom saber e muita jovialidade, não obstante a sua avançada idade.*» Era o grande filólogo revelador do génio germanico; contava então cinquenta anos, e é curiosa esta nova do seu saber aliado a muita jovialidade. (*Memor.*, fl. 209.)

Ao contrário do que pensara Garrett, a generalização dos estudos do folclore atuou na transformação da pedagogia infantil, entre os educadores ingleses, alemães, belgas, suíços e escandinavos, servindo-se de todos os meios naturais e morais para acordar o interesse e a inteligência da criança; formaram os formosos livros de contos, as coleções de cantares, principalmente de baladas narrativas, os brinquedos instrutivos, os álbuns de estampas coloridas com intuito moral e artístico, e músicas alegres de valsas como as de Rudorff, e até dar as visualidades da lanterna mágica a forma fascinadora do conto de fadas em ópera, como fez com tanta felicidade o sábio compositor Humperding. E nesta arena de esforços também Portugal está bem representado por delicados espíritos femininos como Caiel (D. Alice Pestana) e D. Ana de Castro Osório, dignas da maior benemerencia.

As vias que se podem determinar para a introdução em Portugal dos contos mais gerais da tradição universal são *literárias e orais*. As literárias, são provençais, bretãs e francesas até ao século XV; eruditas e as provenientes da corrente dos novelistas italianos no século XVI. A via popular ou oral é mais difícil de determinar, mas uma das principais foi a comunicação com a sociedade árabe, influencia que fez que em Espanha se traduzisse o *Calila e*

Dimna; as Cruzadas e as relações com as cortes bizantinas; a corrente literária vulgarizava-se entre o povo, por via dos pregadores. Muitos contos conservam vestígios míticos inconscientes. A persistência da tradição entre o povo tem também o seu porque histórico; os *pagi*, na organização social da Idade Média, eram as povoações rurais, com a vida industrial própria, com a sua crença e igreja local, alheios a todo o movimento intelectual dos grandes centros.

Foi nos *pagi*, que os restos do politeísmo romano, do culto odínico germanico, do druidismo céltico, e dos cultos mágicos trazidos pelos Romanos e Árabes dos Egípcios e Caldeus, se encontraram com o cristianismo ainda em estado sentimental. Mais tarde a Igreja, ao realizar a sua unidade, condenou essas tradições populares, chamando-lhes *paganismo*. Nos contos de fadas o carácter *pagão* é tanto mais evidente quanto maior é o sincretismo; toda esta complexidade de origens recebe interesse histórico, segundo as épocas que atravessa; nesses contos alude-se as grandes *fomes*; a antropofagia dos ogres, a brutalidade feudal na situação de *Grisélidis*, ou ao símbolo jurídico dos esposais pelo sapatinho, como na *Cendrillon*. O ponto de vista mítico é o mais importante e o verdadeiramente científico, hoje que Benfey e Max Müller demonstraram a universalidade das tradições. O conto é um resto dos mitos de um politeísmo decaído; Gubernatis determinou nesta decadência duas formas, uma *nacional*, que produz as formas da epopeia, e outra doméstica ou *familiar*, que se perpetua no conto. Pode-se dizer que estão achadas as leis da imaginação humana, e que a pretendida originalidade subjetiva se dissolveu do mesmo modo que perante a ciência se dissolveu o dogma de uma criação do nada. A cadeia tradicional está reconstituída desde a sua fonte indiana até a Europa, e pode-se dizer, que até onde os *mitos védicos* penetraram, já na forma épica e purânica, já nas especulações búdicas propagadas entre as raças amarelas, já no naturalismo das migrações indo-europeias, em toda a parte se foram transformando em contos populares.

Sendo o conto uma fase de decadencia dos mitos áricos, confundidos com restos fetichicos nos *Bestiários* e *Lapidários*, existe um outro subsolo da imaginação humana, mais obliterado, mais inconsciente, é o das superstições, restos provenientes de religiões ainda mais antigas que o politeísmo árico: tais são os cultos mágicos turano-cuchitas, conservados pelos Gregos, e trazidos pelos Romanos e Árabes para a Europa da tradição do Egito e da Caldeia. Não é menos importante esta forma da vida da tradição, que se vai tornando pela leitura dos hieroglíficos e dos cuneiformes, objeto de uma ciencia. A *Superstição* e o *Conto* são duas decadencias de dois grandes e vastos sistemas religiosos.

Antero de *Quental* teve a intuição daquele estado da *Filomítia*, descrevendo-o admiravelmente em uma das suas cartas: «será isto só poesia? A poesia é também verdadeira: é a evidencia da alma. Se o pensamento indaga, o coração adivinha. —. É lá que a mesma lei da existencia vive oculta, e dali solta os seus oráculos sempre certos. Das ruínas das sociedades antigas quanto resta, quanto aceita o futuro, como parcela de oiro, depurado de tantas fezes seculares?... Serão os sistemas, as abstrações, as certezas? Não; as *ilusões* apenas — a poesia. A poesia! O sonho da humanidade no berço infantil da sua primeira inocencia! A fada que lhe embalou os sonhos de criança! A sibila reveladora das palavras misteriosas, cujas glosas foram as primeiras crenças, as primeiras religiões, as primeiras sociedades! Do regaço dela nos caiu sobre as mães o mundo antigo, ardente, belo, luminoso, pelo contacto daquele seio divino. Sobre esse candente alicerce firmámos as frias construções do nosso mundo moderno. O chão sobre que assenta a certeza de hoje, formou-se pelas aluviões sucessivas da intuição antiga. O que é ciencia foi já poesia; o sábio foi já cantor; o legislador, poeta; e a evidencia uma adivinhação, um admirável palpíte, cujas profundas conclusões são ainda o espanto, e porventura o desespero das mais rigorosas filosofias. E, se nadamos hoje em plena luz da razão, foi entretanto a poesia, foi essa doce mão, que nos guiou por entre o pálido crepúsculo dos velhos sonhos. Velhos?

não: sonhos eternos! — Sonharemos sempre! Que o sonho consola, dá fé e virtude. Luminoso e belo deixará de ser também verdadeiro só por não ser verdadeiramente *lógico*? Há muitas lógicas. O sentimento tem a sua; diversa, só, mas nem por isso menos segura. É assim que a inteligência de hoje tem confirmado todas as intuições da antiga poesia. A religião, o direito, a liberdade, o amor, tudo isso nos legou o velho mundo poético; não o descobrimos nós. Aquilatámos novamente o valor desse oiro, dessas pedras finas, pelos novos processos; e o valor não se acha minguido; cresceu talvez. A nobre confiança que a Antiguidade depositara no sentimento, não a iludiu, não lhe mentiu. O que o coração segredou ao homem no doce crepúsculo das eras instintivas, pode hoje dizer-se, repetir-se bem alto, a grande luz desse céu de clareza e de razão, é a verdade.» (*Cartas*, p. 29.)

Depois desta página tão translúcida em que Antero de Quental nos dá expressão sintética ao que Aristóteles chamou *Filomitia*, faz o contraste deprimente e esterilizante da *Filosofia* «a monotonia do espírito chamada lógica — por onde mede o ritmo impassível de suas palavras fatídicas» (p. 28) e «a Ciência, que está fora da Natureza, é ela que se engana» (p. 31)^[43] O mundo moderno só alcançou o conhecimento desse estado da consciencia primitiva da humanidade, quando foram reunidas as complexas ciencias na *Filologia*; e a Filosofia reconheceu nesses mitos, lendas e contos os gérmes imortais, a que a Arte dá as formas plásticas, somáticas das criações literárias.

PARTE II

HISTÓRIAS E EXEMPLOS DE TEMA TRADICIONAL E FORMA LITERÁRIA

O REI LEIR

Quando foi morto o rei Balduc o voador, reinou seu filho que houve nome Leir. E este rei Leir não houve filho, mas houve tres filhas mui fermosas e amava-as muito. E um dia houve suas razões com elas e disse-lhes — **Que** lhe dissessem verdade qual delas o amava mais. Disse a maior — **Que** não havia cousa no mundo que tanto amasse como ele. E disse a outra — **Que** o amava tanto como a si mesma. E disse a terceira que era a menor — **Que** o amava tanto como deve de amar filha a padre.

E ele quis-lhe mal por em, e por isto não lhe quis dar parte no reino. E casou a filha maior com o duque de Cornualha, e casou a outra com rei de Tóstia, e não curou da menor. Mas ela por sua ventura casou-se melhor que nenhuma das outras, ca se pagou dela el-rei de França e filhou-a por mulher. E depois seu padre dela em sua velhice, filharam-lhe seus genros a terra e foi maladante, e houve a tornar a merce de el-rei de França e de sua filha a menor a que não quis dar parte do reino. E eles receberam-no mui bem e deram-lhe todas as cousas que lhe foram mester e honraram-no mentre foi vivo; e morreu em seu poder. E depois se combateu el-rei de França com ambos os cunhados de sua mulher e tolheu-lhes as terras.

(Port. Mon. Historica (Scriptores), *Livros de Linhagens*, p. 238.)

NOTA: O rei Leir, ou Lear, é um daqueles reis da Pequena Bretanha, na série entre Hudibras e Bladus, seguindo-se-lhe Brennus, Elidure, Peredure e outros, que Geoffrey de Monmouth intercalou na sua *Historia Britonum* já conhecida em 1139, extratando-a de uma crónica bretã, que hoje se reconheceu ser a de

Nennius; Monmouth floreou fantasticamente esses elementos propriamente bretãos na sua versão latina a qual juntou também umas *Profecias de Merin*. Fez para a história dos Bretões, o que o Pseudoturpin fez para a História de França. Pode-se considerar Geoffrey de Monmouth como um dos fundadores dos falsos cronicões que se tornaram típicos em Espanha e Portugal. O conde D. Pedro extratou da *Historia Britonum* de Monmouth, as lendas relativas ao rei Artur (Série da Távola Redonda) ou do *Rei Lear*, que entrou na corrente dos contos populares portugueses. Interessa-nos esse extrato do conde D. Pedro, no preambulo do *Livro das Linhagens*, porque com a *Historia Britonum* andava o livro das *Profecias de Merlin*, já tão vulgarizado, que em 1340, aludindo a vitória do Salado, já é citado o *Leão dormente*, do Vale bretão, personificando D. Afonso IV. Gubernatis (*Myth. zoolog.* t. I. p. 93) acha nas lendas indianas de Dirghatamas e Yafti, do *Mahabaratha*, «um primeiro esboço do Rei Lear» Isto basta para explicar o fundo popular da tradição, como a tragédia de Shakespeare, escrita na fase de sua mais patética emotividade, lhe deu plena universalidade.

A DAMA PÉ DE CABRA

Dom Diogo Lopes era mui bom monteiro, e estando um dia em sua armada e atendendo quando verria o porco ouviu cantar muita alta voz uma mulher em cima de uma penha: e ele foi pera lá e viu ser mui fermosa e mui bem vestida, e namorou-se logo dela mui fortemente e perguntou-lhe quem era: e ela lhe disse que era uma mulher de muito alta linhagem, e ele disse que pois era mulher de alta linhagem que casaria com ela se ela quisesse, ca ele era senhor daquela terra toda: e ela lhe disse que o faria se lhe promettesse que nunca se santificasse, e ele lho outorgou, e ela foi-se logo com ele. E esta dona era mui fermosa, e mui bem feita em todo seu corpo salvando que um pé forçado como pé de cabra. E viveram grão tempo e houveram dous filhos, e um houve nome Enhegues Guerra e a outra foi mulher e houve nome dona.

E quando comiam dessor, Dom Diogo Lopes e sua mulher, assentava ele a par de si o filho, e ela assentava a par de si a filha da outra parte. E um dia foi ele a seu monte e matou um porco mui grande e trouxe-o pera casa, e po-lo ante si u sia comendo com sua mulher e com seus filhos: e lançaram um osso da mesa e vieram a pelejar um alão e uma podenga sobre ele em tal maneira que a podenga travou ao alão em a garganta e matou-o. E Dom Diogo quando isto viu teve-o por milagre e sinou-se e disse Santa Maria val, quem viu nunca tal cousa! E sua mulher quando o viu assim sinar lançou mão na filha e no filho, e Dom Diogo Lopes travou do filho e não lho quis deixar filhar: e ela recudiu com a filha por uma fresta do paço e foi-se pera as montanhas em guisa que a não viram mais nem a filha.

Depois a cabo de tempo foi este Dom Diogo Lopes a fazer mal aos Mouros, e prenderam-no e levaram-no pera Toledo preso. E a seu filho Enhegues Guerra

pesava muito de sua prisão, e veio a falar com os da terra per que maneira o poderiam haver fora da prisão. E eles disseram que não sabiam maneira por que o pudessem haver, salvando se fosse as montanhas e achasse sua madre, e que ela lhe daria como o tirasse. E ele foi a lá só, em cima de seu cavalo, e achou-a em cima de uma penha: e ela lhe disse: «Enhegues Guerra, vem a mim ca bem sei eu ao que vens.» E ele foi pera ela e ela lhe disse: «Vens a perguntar como tirarás teu padre de prisão.»

Então chamou um cavalo que andava solto pelo monte que havia nome Pardalo e chamou-o per seu nome: e ela meteu um freio ao cavalo que tinha, e disse-lhe que não fizesse força polo desselar, nem polo desenfrear nem por lhe dar de comer nem de beber nem de ferrar: e disse-lhe que este cavalo lhe duraria em toda sua vida, e que nunca entraria em lide que não vencesse dele. E disse-lhe que cavalgasse com ele e que o poria em Toledo ante a porta u jazia seu padre logo em esse dia, e que ante a porta u o cavalo o pusesse que ali descesse e que acharia seu padre estar em um curral e que o filhasse pela mão e fizesse que queria falar com ele, que o fosse tirando contra a porta u estava o cavalo e que desque ali fosse que cavalgasse em o cavalo e que pusesse seu padre ante si e que ante noite seria em sua terra com seu padre: e assim foi.

(*Livros de Linhagens*, p. 258.)

NOTA: Na *Chaine traditionnelle*, p. 156, Hyacinthe Husson traz uma tradição análoga das ilhas Celebes. O episódio da ida de Enhegues Guerra libertar o pai acha-se no *Violier des histoires romaines*, cap. XIV, p. 37 (ed. Janet). O cavalo-fada acha-se nas *Nuits facétieuses*, de Straparola, III. fab. 2. Parece-nos que este mesmo fundo tradicional subsiste no romance popular da *Infantina*. A. Herculano tratou literariamente esta tradição nas *Lendas e Narrativas*.

A MORTE SEM MERECEMENTO

Aconteceu grão cajão a D. Fernão Rodrigues, porque uma cuvilheira de sua mulher Dona Estevainha fazia mal, com um peão, e ia cada dia ao serão a ele a um pomar desque se deitava sua senhora, e levava cada dia o pelote de sua senhora vestido: e Dom Fernão Rodrigues não era então i, e dous escudeiros seus que i ficaram viram-no umas tres noites ou quatro, e como entrava o peão a ela per cima de um sanado do pomar a fazer mal sua fazenda sob uma árvore. E quando chegou Dom Fernão Rodrigues espediram-se-lhe os escudeiros e foram-se, e tornaram a ele outro dia e contaram-lhe esta maneira dizendo que sua mulher fazia tal feito e que a viram assim umas tres noites ou quatro e disseram que se fosse dali e que lho fariam ver. E ele foi-se e tornou i de noute a furto com eles aquele lugar u eles soíam a estar: e a cabo de pouco viram vir a cuvilheira pera aquele lugar mesmo e trazia vestido o pelote da sua senhora bem como soía; e Dom Fernão Rodrigues foi pera lá quanto pode e travou no peão, e enquanto o matava fugiu ela pera casa e colheu-se sob o leito u sua senhora jazia dormindo com seu filho Dom Pero Fernandes nos braços. E desque Fernão Rodrigues matou o peão endereçou pera o leito u jazia sua mulher dormindo com seu filho e chantou o cutelo em ela e matou-a, e desque a matou pediu lume, e quando a achou jazer em camisa e seu filho a par de si maravilhou-se e catou toda a casa e achou a aleivosa da cuvilheira com o pelote vestido de sua senhora sob o leito, e perguntou-lhe porque fizera talfeito, e ela lhe disse que fizera como má e ele mandou-a matar e queimar por aleivosa: e ficou com grão pesar deste cajão que lhe acontecera e bem quisera sua morte.

(Livros de Linhagens, p. 266, ed. cit.)

NOTA: Contaram-nos que este tema era objeto de um romance metrificado, que nunca encontramos na tradição popular. Sobre o mesmo assunto existe uma tragédia de Lope de Vega.

A LINHAGEM DOS MARINHOS

Foi um cavaleiro bom que houve nome Dom Froiã, e era caçador e monteiro. A andando um dia em seu cavalo per riba do mar a seu monte achou uma mulher marinha jazer dormindo na ribeira. E iam com ele tres escudeiros seus, e ela quando os sentiu quis-se acolher ao mar, e eles foram tanto em pós ela até que a filharam ante que se acolhesse ao mar; e depois que a filhou aqueles que a tomaram fe-la por em uma besta e levou-a pera sua casa. E ela era mui fermosa, e ele fe-la batizar, que lhe não caía tanto nome nenhum como Marinha porque saíra do mar, e assim lhe pos nome e chamaram-lhe Dona Marinha: e houve dela seus filhos, dos quais houve um que houve nome João Froiás Marinho. E esta Dona Marinha não falava nemigalha. Dom Froiã amava-a muito e nunca lhe tantas cousas pode fazer que a pudesse fazer falar. E um dia mandou fazer mui grã fogueira em seu paço, e ela vinha de fora e trazia aquele seu filho consigo que amava tanto como seu coração, e Dom Froiã foi filhar aquele filho seu e dela e fez que o queria enviar ao fogo; e ela com raiva do filho esforçou de bradar e com o brado deitou pela boca uma peça de carne, e dali em diante falou. E Dom Froiã recebeu-a por mulher e casou com ela.

(*Livros de Linhagens*, p. 382.)

NOTA: Pertence ao ciclo das lendas heráldicas; o tipo da mulher muda ainda persiste nas tradições populares. Vide a *Muda Mudela*, vol. I.

EXEMPLO DO FILÓSOFO

E destes tais (sc. um filósofo) diz um exemplo e põe semelhança de uma árvore que estava reigada em uma pouca terra em meio de uma grande água, e era bem basta de rama e bem carregada de pomas. E em cima dela estava um homem deleitando-se muito em tomar ora de umas ora doutras. E em no pé da árvore roíam dous vermes, um branco e outro preto e tinham-lhe roída a raiz pera quando daria com ela em terra. E a uma parte estava um leão bravo com a garganta aberta, tendo mentes quando ele cairia, pera o arrebatat e come-lo. E a outra parte estava um alicórnio, mui espantoso, aguardando quando cairia a árvore, polo debrotir e lastimar. E o mesquinho do homem tanto se deleitava em as pomas que não parava mentes que nenhuma destas cousas nem curava delo.

Esta árvore significa este mundo em que se o homem deleita, tanto que lhe esquece o feito de sua alma e não se lembra da hora da morte. E a terra significa a vida do homem que é breve e pouca, e que não haverá em que se esconda. A água significa o medo e o grande espanto que o homem haverá em a hora da morte. E os vermes, um branco e outro preto, significa o dia e a noite que rói em na vida do homem e lhe tolhem cada dia uma jornada, e o leão significa o inferno, e o alicórnio significa o purgatório que está prestes com fogo e com frio e com graves tormentos pera os homens pera sempre.

(Ms. de Alcobaça, n.º 266; fl. 145, v. (Na Bib. Pública.) Vários extratos na *Romania*, XI, foram publicados depois sob o título *Anciens textes portugais*.)

NOTA: No *Voilier des histoires romaines* (*Gesta Romanorum*, cap. 137), tem o sentido alegórico. Vem como apólogo na *História de Barlaão e Josafat* a qual

também foi traduzida em português no século XIV e se acha publicada pela Academia Real das Ciências sobre a transcrição paleográfica de Aires de Sá. A extensão de este apólogo na Idade Média foi vastíssima; Jubinal publicou uma redação do século XIII no *Nouveau recueil de fabliaux*, t. II, p. 113; e em inglês há uma redação do século XII de Odo de Ceriton; acha-se na *Legenda Áurea*, de Voragine, e no *Speculum Historiale*, de Vicent de Beauvais, e na *Vies des Peres*. Mone, publicando um texto latino, «aproxima este apólogo vindo da Ásia com a tradição escandinava da árvore sagrada, o carvalho Yggdrasil, cujo cimo toca no céu e cuja raiz é continuamente roída por Nidhogger, a serpente infernal.» (*Violier*, p. 389, nota.) Esta mesma tradição acha-se nos preliminares da tradução pérsica de *Calila et Dimna*, do começo do século VI, nas traduções árabe, hebraica e grega, e no *Directorium humanae vitae*.

EXEMPLO DOS TRÊS AMIGOS

E disto põe a Escritura um exemplo u conta de um homem que tinha tres amigos, um amava mais que si, e outro tanto como si, e o outro menos que si. E este homem foi chamado a juízo perante el-rei. E ele temendo-se de morte chegou ao primeiro amigo que amava mais que si e disse-lhe que se fosse com ele ante el-rei. E ele disse que não ousava de ir ante el-rei, mas pois, se ele temia de morte, que lhe barataria cinco varas de pano que levasse ante os olhos. E des i chegou ao segundo amigo que amava tanto como si e disse-lhe que lhe acorresse e que lhe fosse bom, que não havia em ele senão morte. E ele disse-lhe que pois i al não havia, que iria com ele até porta. E des i tornou-se ao terceiro de que havia vergonha porque o amava tão pouco e disse-lhe que acorresse, que não havia em ele vida. E ele esforçou-o e disse-lhe que não houvesse medo: que ele iria com ele ante el-rei e rogaria por ele que houvesse dele merce. E por isso diz o sabedor: «O bom amigo não falece a coita.»

E este homem significa cada um daqueles que vivem em este mundo. E estes tres amigos, um deles é a riqueza que o homem ama mais que si, aventurando a alma e o corpo a grandes perigos polas ajuntar, e quando vem a hora da morte, deixa-as com grande dolor, e vai-se delas desejoso que não leva delas senão um pouco de pano em que o envolvem. E por isto diz o sabedor: «Ó mundo, quem te ama, não te conhece.» O segundo amigo é a mulher e os filhos que o homem ama tanto como si, e quando vem a hora da morte doem-se dele, mas pola falha que lhe fará e por a pena que ele haverá por quanto acá trabalhou polos manter, des i vão com ele até cova, e não curam dele mais. E por isso diz Job: «Os vermes são ali os seus irmãos.» E o terceiro amigo é misericórdia que o homem ama mui pouco enquanto vive, em pero a hora da morte aparece com ele aquele bem que

faz ante Deus polo esforçar e polo tirar do inferno e por lhe ganhar coroa devida.

(Ms. da Livraria de Alcobaça, n.º 266, fls. 147 e 148. Do século xiv. Na Bibl. Pública de Lisboa. Vid. *Vieux textes portugais*, p. 28.)

NOTA: Acha-se no *Conde de Lucanor*, de Dom Juan Manuel, cap. XXXVII, fl. 104, porém mais desenvolvido. Nas *Gesta Romanorum* (tradução francesa, *Violier*, p. 297) traz o título *De la vraye probation d'amytié*. Citam-se nas notas muitas fontes tradicionais, entre outras o *Dialogus creaturaram*, cap. 56; a *Disciplina clericalis*, de Pedro Alfonso, cap. 2.º; e *Summa Predicantium*, de Bromyard, vb.º *Amicitia*; há uma tradução árabe de Cardone, *Mélanges de littérature orientale*, t. I, p. 78; *Apólogos* de Stainhoewel, fl. 88; Hans Sachs fez sobre este assunto a comédia *Der halb Freund*; Granuci a novela *L'Eremita*; acha-se também na parábola dos tres amigos, da *História de Barlão e Josafat*. (Na versão portuguesa foram suprimidos os contos.)

EXEMPLO ALEGÓRICO DA REDENÇÃO

Um homem passou per cerca de um edifício mui fermoso em o qual eram totalas cousas que pertenciam pera deleitação. E achou tres donzelas estar chorando cerca dos rios que saíam daquele castelo, porque a senhora do castelo estava tão enferma que era chegada a morte. E disse-lhe aquele homem caminheiro:

— Há esperança de vida em vossa senhora.

E as donzelas responderam:

— Os físicos desesperaram da sua vida: mais ela espera continuamente um de um rei que há em si tres condições mui nobres. S. ele é mui fermoso e grande físico e é virgem.

E disse-lhe o mancebo:

— Eu sou esse que ela espera que hei todas essas cousas mui compridamente.

E então levaram aquelas donzelas aquele mancebo ao castelo mui cortesmente.

E a senhora do castelo o recebeu mui bem, e com grande reverença.

E ele começou a fazer sua cura e suas mezinhas a senhora do castelo. E fez um banho de sangue do seu próprio braço dextro, que fez sair, e pos-se a senhora em aquele banho. E tanta foi a virtude daquele sangue mui casto, que com a quentura do sangue foi tornada aquela senhora a quentura natural, em guisa que saiu sã, e curada daquele banho, depois que foi banhada em ele sete vezes. E quando ela viu tão grande benefício como este, rogou a aquele físico que lhe prouguesse de curar quinhentos cavaleiros que foram mortos de mui cruel morte e jaziam encerrados em uma cova mui escura. E o físico veio aquela cova e

bradou alta voz:

— Ó cavaleiros, levantade-vos e alegrade-vos e cantade louvores ao vosso livrador.

E os cavaleiros foram logo tornados a vida e começaram bradar em uma voz dizendo todos:

— U é a mão dextra daquele que assim soa? U são os dões bem-aventurados. Vem trigosamente e dá-nos as doas que perdemos em outro tempo. E isto contra o sabedor Tefon.

E per este edifício tão nobre se entende a Santa Igreja que é ajuntamento dos fiéis. — E aquele castelo da Santa Igreja estão a redor dele tres donzelas, que são tres virtudes teologais, convém a saber, fé, esperança e caridade. E estas choravam pola linhagem humanal, que era enferma de morte ante a vinda de Jhuxpo...

(Fls. 16 e 17 do *Orto do Esposo*. Ms. n.º 273 da Livraria de Al-cobaça, hoje na Bibl. Nac. de Lisboa.)

NOTA: Parece-nos a forma rudimentar donde se desenvolveu a novela de cavalaria celeste. É provável que se encontre nas coleções medievais.

A JUSTIÇA DE TRAJANO

Um imperador de Roma que havia nome Trajano, ia uma vez a grande pressa a uma batalha. E uma viúva saiu a ele chorando e disse-lhe:

— Rogo-te senhor, que faças justiça daquele que matou um meu filho sem razão.

E disse-lhe o imperador:

— Eu te farei justiça depois que vier.

Respondeu a viúva:

— E se tu morreres em a batalha quem me fará justiça?

E disse-lhe o imperador:

— Aquele que reinar depós mi.

E disse a viúva:

— E que aproveitará a ti se outrem fizer justiça?

E o imperador respondeu:

— Certamente não me aproveitava nenhuma cousa.

E disse a viúva:

— E pois não é melhor que tu me faças justiça e ajas ende o galardão ca o leixares a outrem.

E então descendeu o imperador do cavalo com piedade, e fez ali justiça da morte daquele filho da viúva. E outrossim aconteceu uma, que o filho deste imperador Trajano ia correndo pela vila em um cavalo e per aquecimento sem seu grado, matou um filho de uma viúva, e ela queixou-se ao imperador chorando. E o imperador deu então aquele seu filho em logo daquele que matara e deu-lhe

muito haver com ele.

(*Op. cit.*, fl. 20.)

NOTA: Esta lenda da Idade Média, acha-se em João Diácono, em S. Tomás, e Dante tratou-a no *Purgatório*, canto X; aparece no *De Mirabilibus urbis Romae*, e foi metrificada no *Dolopathos*, canto quinto. (Vid. ed. Janet, p. 265.) Na coleção do *Novellino*, vem sob o n.º LXIX. A lenda continuou a ser conhecida em Portugal como tema de arte. Em uns panos de rãs do palácio de D. João II estava representada a lenda da justiça de Trajano, como o referem os cronistas. Também em uma festa palaciana, D. João n apareceu na sala «inencionado em *Cavaleiro do Cirne*.» Sobre esta outra lenda, conhecida em Portugal, pode ver-se Jacob Grimm, nas *Veillées allemandes*, t. II, pp. 342 a 370. (Ed. Paris, 1838) e a larga introdução de Reifenberg na *Crónica Rimada* de Philippe de Mouskes.

A MORTE DOS AVARENTOS

Um avarento jazia mui mal enfermo pera morte.

Este homem havia muitas riquezas e nunca se aproveitava delas nem tanto a Deus, nem quanto ao mundo, nem pera seu corpo. E jazendo assim chegado a morte, sua mulher entendendo que não havia em ele vida, chamou uma sua servente e disse-lhe:

— Vai tostemente e compra tres varas de burel pera envolvermos meu marido em que o soterrem.

E disse-lhe a servente:

— Senhora, vos havedes uma grande teia de pano de linho, dade-lhe quatro ou cinco varas ou aquilo que lhe avondar em que o soterrem.

E a senhora disse-lhe queixosamente:

— Vai faze o que te mando, ca bem lhe avondaram tres varas de burel, segunda eu sei a sua condição e a sua vontade.

E estando em isto falando a dona e a servente, ouviu isto aquele homem avarento, e esforçou-se quanto pode pera falar e disse:

— Não comrade mais que tres varas de burel, e fazed-me o sacco curto

E grosso que se não leixe em o lodo.

E depois que ele morreu assim lhe fizeram. E a mulher casou com outro e lograram os bens que tesourou o avarento.

Mas per outra guisa fez outro homem que havia muitas riquezas. E quando se viu enfermo de morte, mandou trazer seu haver ante si. E começou-lhe a rogar que o ajudasse em tal guisa que não morresse. E quando viu que não havia delas

ajuda nem conforto disse:

— Ó riquezas enganosas, eu vos amei de todo o coração e vos prezei e honrei. E agora que sou posto em necessidade não possa haver de vós nenhum conselho nem ajuda, e queredes-me desamparar a não vos queredes ir comigo. Pois assim é, eu vos leixarei de todo. E tanto que isto disse, deu-as todas em esmolas a pobres.

(Ib., fl. 48.)

NOTA: Nas facécias populares o avarento aparece em uma grande variedade de episódios; é natural que os pregadores católicos se apropriassem de um fundo tradicional conhecido.

AS MISÉRIAS DA RIQUEZA

Um rei era gentil e de maus feitos. Havia um bom conselheiro que havia disto grande tristeza e estava um tempo convinável para o tirar do erro em que andava. Um dia disse el-rei aqúele seu privado:

— Vem e andemos pela cidade se per ventura veremos alguma cousa proveitosa. E andando eles pela cidade, viram lume que luzia per um furado. E tiveram mentes per ele, e viram uma casa soterranha em que estava um homem mui pobre vestido em uma vestidura mui vil e mui rota. E ante ele estava sua mulher que lhe escantava o vinho per um vaso de vidro. E tanto que o marido tomou o vaso de vinho na mão, começou de cantar altas vozes e ela outrossim a balhar ante ele e louvá-lo muito, e tomavam ambos muito prazer. E aqueles que iam com el-rei estiveram-nos olhando um grande espaço, e maravilhavam-se porque aqueles homens tão pobres que não haviam casa em que morassem, nem vestiduras senão mui rotas, como faziam sua vida tão segura e com tanto prazer. Então disse el-rei ao seu conselheiro:

— Ó amigo, que maravilha é esta, que nunca a nossa vida foi tão aprazível nem tão leda a mi nem a ti porque havemos tantos meios e tantos avondamentos, como é a sua destes sandeus, ca como que ela haja vil e mesquinha e áspera, parece-lhe a eles leda e blanda.

Quando isto ouviu o privado entendeu que tinha tempo de castigar el-rei e disse-lhe:

— Senhor, quejanda te parece a vida destes homens?

El-rei disse:

— Parece-me que é a mais mesquinha e a mais mal-aventurada de todas as vidas

que eu vi.

E disse-lhe o privado:

— Senhor, sabe por certo que por mais mesquinha e mais mal-aventurada tem a nossa vida aqueles que contemplam e recontam a glória perdurável e celeste que sobre poiam todo sido. Ca os vossos paços resplandecentes como ouro e as vossas vestiduras nobres e fermosas mais fedorentas e mais feias parecem que o esterco aos olhos daqueles que contemplam as fermosuras das moradas do céu que não são feitas com mão e as vestiduras feitas per Deus, e as coroas que nunca serão corrompidas, que aparelhou o senhor Deus aqueles que o amam. E assim como estes pobres homens parecem a vós sandeus, bem assim e muito mais nós que andamos neste mundo e pensamos que havemos grande avondança em esta falsa glória e com estas deleitações sem proveito, parecemos dignos e mercedores de lágrimas e choros e de tristeza e de mesquindade, ante os olhos daqueles que gostaram a doçura de bens perduráveis, que enganam os homens em esta vida fazendo-se crer que hão em si blandeza e doçura grande e verdadeira, o que é o contrário e per isto são enganados os viçosos.

(*Ib.*, fl. 43, v)

NOTA: O tema do rei que anda de noite pela cidade tem uma base popular.

O QUE DEUS FAZ É POR MELHOR

Um escudeiro havia uma sua mulher, que havia tão grande esperança em Deus que toda cousa de novo que acontecia a si ou aos seus, sempre dizia:

— Isto é por melhor.

E aconteceu que aquele escudeiro per aquecimento perdeu um olho. E sua mulher trabalhou-se de o confortar, dizendo que aquilo lhe leixara Deus acontecer por o melhor. E depois aconteceu a este escudeiro de se ir a uma terra estranha que chamam dos lutuanos e servia um príncipe daquela terra. E ele servia aquele príncipe mui graciosamente em tal guisa que o príncipe o amava muito. E aconteceu ao príncipe enfermidade de morte. E o costume daquela terra era tal, que quando o príncipe morria escolhiam um dos seus sargentos dos melhores e mais graciosos, que morresse com ele, pera o servir em o outro mundo; e queimavam-no com o senhor segundo era seu costume. E isto haviam per grande honra aquele servente que assim era escolheito.

Então aquele príncipe mandou dizer aquele seu escudeiro que não havia mais que um olho que ele o escolhia que morresse e fosse queimado com ele, porque ele o servia mui bem e mui fielmente, e que o amava muito, e porém, o queria assim honrar mais que todos os seus serventes. Quando o escudeiro isto ouviu dava a entender que se tinha per mui honrado disto, dando muitas graças ao príncipe pela merce e honra que lhe fazia. E disse aqueles que lhe trouxeram o recado:

— Como quer que isto seja a mi mui grande honra, pero dizede a meu senhor que ele bem que sempre servi mui fielmente e ainda agora em este caso quero ser fiel e quero leixar a minha honra a outro que tenha dous olhos. Ca não cumpre a honra de meu senhor que ele parecesse em o outro segle com servidor

que não tivesse mais de um olho.

Quando o senhor ouviu esta resposta louvou-a e recebeu-a por boa, julgando que em isto lhe fazia aquele escudeiro estremada e singular fieldade. E assim escapou aquele escudeiro morte cruel per razão do olho que tinha quebrado.

(*Ib.*, fl. 63 v.)

NOTA: Acha-se no *Conde de Lucanor*. Vid. o conto de Trancoso, sobre o mesmo tema, mas em diversa situação.

UM HOMEM DE TAVERNA

Um homem rico usava muito em beber em as tavernas, em tal guisa que gastou o que havia. E depois meteu-se a servir os que bebiam em as tavernas por tal que bebesse com eles. E de si per tempo aborreceram-no e lançaram-no de si. E ele estando desesperado, veio a ele o Diabo em semelhança de um homem velho e disse-lhe:

— Vai tu a taverna e eu te darei dinheiros que te avondem, por tal que des azo aos outros que bebam mais.

E ele assim o fez. E fazia muitas peleias em a taverna, e muitas bebedices de que se seguiam muitas pancadas e muitos maus feitos. E ele fez aí um feito tal per que o mandaram enforcar. E puseram-no na forca por tres vezes e nunca pode morrer, porque o Diabo o ajudava e o sustinha. E um santo homem que sabia a má vida daquele homem, vendo isto maravilhou-se e entendeu que o Diabo o ajudava. E foi-se u enforcavam aquele homem e começou a esconjurar o Diabo pela virtude de Jhu xpõ que lhe disse a verdade daquele feito porque não podia morrer aquele homem mais. E o Diabo respondeu e disse:

— Que como quer que ele desejasse a morte daquele homem porque morria enforcado; pero que ele fazia ir ao Inferno tantos homens que já os diabos eram cansados em os levar e receber; que por em o ajudava que não morresse.

(*Ib.*, fl. 55 v.)

OS QUATRO RIBALDOS

Um rústico aldeano matou um carneiro e esfolou-o e levava-o as costas para o vender, em o mercado. E falaram-se quatro ribaldos que estivessem em quatro lugares em a carreira per u havia de ir aquele aldeão, e que cada um lhe dissesse que aquele carneiro era cão, por tal que o deitasse de si, e que o houvessem eles. E quando o aldeão passou per u estava o primeiro ribaldo, disse-lhe:

— Pera que levais assim esse cão?

Respondeu o aldeão:

— Irmão, não sabes o que dizes, ca certamente carneiro é e não cão.

E o ribaldo aperfiou com ele que era cão. E assim o fizeram os outros tres ribaldos. E o aldeão vendo isto disse antre si:

— Eu cuidava que isto era carneiro; mas pois todos dizem que é cão, não hei que faça dele — e lançou o carneiro em terra e foi-se. E os ribaldos tomaram-no.

E bem assim comunalmente todo o mundo fala mentirosamente.

(*Orto do Esposo*, de Frei Hermenegildo de Tancos, alcobacense.)

NOTA: Este conto acha-se traduzido no *Orto do Esposo*, ms. da Biblioteca de Alcobaça, do século XIV. A redação mais antiga é a que vem no *Pantchatantra*, liv. III, n.º 4: *O Bramane e os Ladrões*. (Trad. de Lancereau, p. 225, e nota resumida de Benfey, a p. 374). Acha-se igualmente no *Hitopadeça*, (trad. Lancereau, p. 192) donde veio para a coleção árabe do *Calila e Dimna*, que foi vulgar na Península Hispanica. Deste conto diz Max Müller que foi conhecido

em Constantinopla por um uma tradução grega pelo tempo das Cruzadas, sendo espalhado pela Europa pela obra latina intitulada *Directorium humanae vitae*. Quer pela latina entrou ele em Portugal, como se ve pelo carácter moral do exemplo com que é referido no livro ascético supracitado. O conto acha-se levado na corrente da transmissão literária e reaparece na *Filosofia Morale* e nas *Piacevoli Notte*, de Straparola*; mas é certo que ele teve uma migração oral, porque na coleção dos contos nórdicos de Asbjørnsen e Moe, traduzidos para ingles por Dasent (*Popular tales from the Norse*) figura com o título de *Mestre Ladrão*.** Acha-se na coleção mais querida da Idade Média as *Gesta Romanorum* (*Violier des histoires romaines*, cap. 132); no *Decameron*, de Boccaccio, jornada IX, novela 3.^a; nas *Facécias* de Poggio, nas *Cento Novelle antiche*, nas *Novelle*, de Fortini, n.º 8, e nas *Novelas* de Compriano.

* Notte I, Fabula 3.^a; há diferença, porque o padre traz da feira um macho, que os ladrões teimam em chamar burro.

** Max Müller, *Essais sur la Mythologie comparée*, pp. 276 a 278.

A BOA ANDANÇA DESTE MUNDO

Um cavaleiro era mui namorado duma dona mui filha de algo, casada. E a dona era de boa vida e não curava nada do cavaleiro como que a ele demandava mui afincadamente. E aconteceu que morreu o marido da dona. E o cavaleiro começou de a demandar mais afincadamente. E ela mandou-o chamar e disse-lhe:

— Vós sabedes que não sodes igual a mim; pero quero-vos tomar por marido se vos iguardes a mim al de menos em riquezas, e per isto me escusarei de meu linhagem.

E o cavaleiro pediu a el-rei e aos outros senhores e trouve a dona muito ouro e muita prata e muitas doas. E ela por se escusar do seu casamento disse-lhe que todo aquilo era pouco, se mais não trouvesse. E então o cavaleiro teve o caminho a um mercador que levava mui grande haver e matou-o e soterrou-o fora da carreira e tomou todo o haver que levava e trouve-a a dona. E ela entendeu que aquela riqueza era de mau ganho, e disse ao cavaleiro que se lhe não dissesse donde houvera aquele haver que não casaria com ele. E o cavaleiro descobriu-lhe todo o que fizera. E ela lhe disse que fosse ao lugar u jazia o mercador soterrado e que estivesse ali des o serão até o galo cantante e que lhe não encobrisse todo o que lhe acontecesse, e se isto não fizesse que o não tomaria por marido. E ele fez assim como lhe a dona mandou. E viu sair da cova o mercador e ficou os geolhos em terra e disse tres vezes:

«Senhor Jesus Cristo, que és justo juiz, e que ves totalas cousas, posto que sejam feitas escondidamente; dá a mim vingança deste cavaleiro que me matou e tomou-me totalas cousas que vivíamos eu e minha mulher e meus filhos.»

E ouviu uma voz que lhe disse:

«Eu te digo e prometo em verdade, que se ele não fizer pendenza em trinta anos, que eu te darei dele tal vingança que será a todos exemplo.»

E tanto que isto foi dito tornou-se o morto pera sua cova. E o cavaleiro mui espantado e tornou-se pera a dona e contou-lhe todo o que vira e ouvira. E ela recebeu-o por marido e houve dele filhos e filhas. E ela lhe dizia muito a miúdo cada dia que se lembrasse do espaço que lhe fora dado para fazer pendenza. E este cavaleiro fez em um seu monte umas casas mui nobres e mui fortes. E estando ele um dia em aquele lugar comendo com sua mulher e com seus filhos, e com seus netos em grande solaz com a boa andança deste mundo, veio um jogral e o cavaleiro fe-lo assentar a comer. E entanto ele comia, os sargentos destemperaram o estormento do jogral e untaram-lhe as cordas com fressura. E acabado o jantar tomou o jogral o seu estormento pera tanger e nunca o pode temperar. E o cavaleiro e os que estavam com ele começaram a escarnecer do jogral e lançaram-no fora dos paços com vergonha. E logo veio um vento grande como tempestade e soverteu as casas e o cavaleiro com todos os que i eram. E foi feito todo um grande lago. E parou mentes o jogral trás si e viu em cima do lago andar umas luvas e um sombreiro nadando, que lhe ficaram em na casa do cavaleiro quando o lançaram fora.

(*Ibid.*, fls. 89, 90. Ms. 274 da Livr. de Alcobaça, hoje na Bib. Nacional.) Ainda subsiste na tradição oral. Vid. *Contos Populares Portugueses*, n.º 74.)

NOTA: Primeiro conto que deparámos ao folhear o *Orto do Esposo*, antes de termos pronta para a imprensa a nossa coleção. Encontrámos uma versão oral com algumas modificações: «O amante para obter o sim da viúva, que exige que ele traga muito dinheiro, em vez de matar o mercador faz um pacto com o Diabo, que lhe aparece no caminho sob essa forma conduzindo muitas riquezas. O pacto consiste em que lhe há de dar a primeira pessoa que entrar em casa

quando vierem do casamento. Assim se combinou. Ao saírem da igreja já casados, todos montaram a cavalo, e o noivo montou também um muito lindo que um criado lhe trouxe. O cavalo rompeu logo a desfilada adiante de todos, chegou a casa, entrou pela porta dentro, e nisto ouviu-se uma voz, que disse: — Ah danado, que te filei! A casa foi pelos ares com tudo que tinha dentro, e quando o acompanhamento do noivado chegou ao sítio só achou um lago, que ainda cheirava a enxofre.» Há uma preciosa versão oral nos *Contos Populares Portugueses*, n.º LXXIV.

Exempli de un cavaller qui fon anamorat d .I. donzella. Una vegada fo una dona fort bella e de bon linatge e molt bom eren anamorat que la presessen per muller si que .I. cavaller entre los altres ne fo fort anamorat que no uabia sino ella axu com sen ha molts al mon que mes posen lur auser e lur enteniment en alo quilts pot noure mes que en allo dou los pot venir he finalment lo cavaller sen vench a ella e dix li que ell la prendria fort volonters per muller, e ella ques alta molt dell, empero dix li ella si era richs cavaller e ell dix li axi com era veritat ell era bell mas semblali pobre e dix li que si ell podia aver riqueza quel pendria. Lo cavaller sen ana en una montayna on passa fort gran camj e aqui ell estech .I. estona, puxs vench .I. mercader ab gran poder de diners e ausislo e porta los diners á la dona e demanali don los havia hants e ell dixley tot tant nera torbat e anamorat. Ara dix ella sim volets per moller fets aço que yous dire vetsvos en al mercader que auets mort e estarets aqui tate .I. nit e veurets que sera e feu hu e con fon miga nit la anima del mercader mort crida alta veu senyor Deu tu venja que yo no meria mal. Et una veu del cel va respondre de uy a tres anys sera aquell dia que tu seras vengat lo cavaller hac gran pahor e nos es maravella e torna o dir aço a la donzella, e la donzella dix que deus los no perdonara e que farien molt de be per tal que deus los ho perdonas pres la muller e hagueren molt de he e nols membra de deu e adelitaren se en los delits de aquest mon. Com vench a cap de .III. anys dia per dia lo cavaller e la dona faeren gran convit e gran fet, e nels anava lo cor que fos agueil dia e tots quant jutglar podien trobar pagaven per tal que fossen aqui e .I. jutglar passauan e gira si per tal que guayas axi com los altres e als cuns de aquells qui eren já aqui untaren li la viula ai greix per tal que no sabes es de ber fer per enveia que avien e ell que viu que tots lo jauglaven partissen e com fo lui mija legua ell regoneis que havia jaquit los guants e dix tornar hibe que noy hauria obs res a perdre pus noy he altre gurayat tornay e com fo lla on lo oastell era tot fo aytaut pla com la palma que sen fo entrat e aplanat e traba la gnants al mig del pla, e axi vens com se fa bon penedir de sos pecats e que bom reta ço que deu e que noy spere hom dia hora e deus perdonarans tantost si fer.» (De uma Colec. de Exemplos, códice do Arquivo aragonês, ap. Milà y Fontanals, *Delos Trovadores en España*, p. 500.)

Da versão portuguesa, le-se no prólogo dos *Contos Populares Portugueses*, p. XVII: «não achámos ainda prova palpável de que o monge de Alcobaça tivesse simplesmente referido uma lenda estrangeira e não redigido uma tradição popular portuguesa.» A versão catalã revela a fonte de um exemplar medieval comum.

Nos *Contos Populares Portugueses*, p. 159, vem esta versão de Ourilhe:

«Um pobre homem tinha uma filha, e um criado; veio por ali a passar um brasileiro, e disse-lhe:

— Se me deixasse ir o seu criado até eu passar aquela serra, que levo muito dinheiro e tenho medo que mo roubem. Ele mandou o criado, e ele de volta disse:

— Oh senhor! não me dá a sua filha, que quero casar com ela?

— Sempre és muito malcriado! Se não fora ter-te amizade, punha-te já fora da porta com uma carregadeira de pau.

— Senhor, olhe que eu estou rico; que eu matei o brasileiro e tirei-lhe este dinheiro.

E mostrou-lhe o dinheiro.

— Eu não duvido dar-te a minha filha, mas hás de ir tres vezes a oito a volta da meia-noite onde o mataste escutar o que ouvires.

O moço foi. Perguntou-lhe o amo:

— Tu o que ouviste?

— Eu ouvi dizer: — Tu pagarás.

— Torna lá; e tu hás de perguntar: — Eu quando é que hei de pagar?

O criado foi lá, e a voz disse-lhe:

— Daqui a trinta anos. E o amo disse-lhe:

— Daqui a trinta anos já eu não sou vivo. Casa com a minha filha.

Fez-se o casamento. Passados trinta anos, andavam dois pobres a pedir, e foram pedir aquela casa. E disse o pai da rapariga:

— Venham para dentro:

E ao tempo que eles iam a entrar, embarraram numa cesta que tinha ovos, e

quebraram um. O dono da casa ralhou com eles. Disseram eles:

— Oh senhor! não ralhe connosco a troco do ovo, que nós lho pagamos, ainda que ele custe uma moeda.

— Não é por isso: é que a roda enquanto anda, anda; Há trinta anos que dei a casa a minha filha; há trinta anos que não dei nenhuma esmola, e até hoje não tive nenhuma perda, só agora a de um ovo.

Os dois pobres deitaram-se, e disse um para o outro:

— Tu dormes?

— Eu não. Vamo-nos daqui embora; casa que há trinta anos não dá esmola nem teve perda nenhuma se não hoje, aqui acontece alguma desgraça.

— Mas nós aonde havemos de ir agora dormir? Tão fora de horas, não achamos pousada.

— Pois, enfim, vamo-nos. Como nós fiquemos fora dos beirais dela... fiquemos por aí detrás de uma parede.

Saíram; ficaram aí perto das casas atrás de uma parede, e de noite ouviram um grande ruído. Disse um para o outro:

— Tu ouviste aquilo?

— Eu ouvi.

— Olha que foram, certamente, as casas do fidalgo a cair.

Ao outro dia, assim que alvoreceu, foram ver e não encontraram casas, nem telhas, nada! E no lugar da casa só uma grande cova.

OS DOUS CAMINHOS

Eram dous irmãos, e um era sabedor e o outro sandeu. E andavam ambos fora de sua terra. E querendo-se tornar pera ela, chegaram a um lugar u se partiam dous caminhos. E acharam pastores que guardavam gado, que lhes disseram que uma carreira daquelas era dura e fragosa e estreita e per aquela iriam diretamente e seguros a sua terra. E que a outra era ancha e chã mas era perigosa e cheia de ladrões. Quando isto ouviu o irmão sabedor quisera ir pela carreira fragosa e segura. E o irmão sandeu rogou muito que se fossem pela carreira ancha e chã. E o sabedor consentiu. E foram-se ambos pela carreira chã e perigosa. E foram-se e saíram os ladrões a eles e prenderam-nos e esbulharam-nos e feriram-nos. E lançaram o sandeu em uma cova em que morresse. E levaram o outro para o matarem; e dizia o sabedor ao sandeu:

— Maldito sejas tu, ca por a tua sandice mouro eu.

E o sandeu lhe disse:

— Mas tu sejas maldito, que sabias que eu era sandeu e trouveste-me.

E assim pereceram ambos. E bem assim acontece ao homem, ca a carne que é sandia quer ir pela carreira da boa andança e das deleitações do mundo, mas a alma que é sesuda queria andar pela carreira da pendenza e das tribulações do mundo, e a razão assim lho conselha, mas a sensualidade tem com a carne, e os prelados e pregadores que são os pastores demonstram ao homem ambas as carreiras.

(Ms. 273, fl. 98.)

NOTA: O tema tradicional do caminho que vai dar ao Céu e do que vai dar ao Inferno conserva-se entre o povo. (Vid., t. I, p. 131.)

A PAPISA JOANA

Um papa que houve nome Joana, natural de Margantina de Inglaterra, foi mulher. Ca ela sendo moça pequena levou-a um seu amigo a cidade de Atenas em trajo de barão. E aprendeu tanto que foi sabedor em muitas ciencias, em tal guisa, que não havia nenhum que fosse igual a ela. E depois veio a Roma e leu i de cadeira. E aprendiam dela grandes mestres e muitos outros discípulos, em guisa que era de mui grande fama em a cidade de Roma. E porém foi eleito em concórdia por papa. E sendo papa dormia com um seu familiar e emprenhou. E ela não sabia o tempo do parto e indo um dia da Igreja de São Pedro pera São João de Latrão vieram-lhe as dores do parto e pariu ali em a carreira e morreu, e soterraram-na ali. Pouco aproveitou a esta a fama e os louvores dos homens, assim como empeceu a outro papa a desonra que lhe foi feita.

(*Ib.*, fl. 99.)

NOTA: Acha-se uma referencia a esta lenda no livro de Mariannus. Scotus, *Chron. ad annum 854*, dizendo que «Leão IV teve por sucessor uma mulher chamada Joana, que ocupou a cadeira de Pedro durante dois anos, cinco meses e quatro dias.» Em outro cronista do fim do século VIII, Sigberto (da coleção de Leibniz), se le: «Conta-se que este João fora uma mulher, conhecida somente por um dos seus familiares...» Nos Anais de Otão, bispo de Fressingue, que chegam até 1146, diz-se que este papa João *era uma mulher*. O mesmo testemunho se acha nas crónicas de Gifrid Arthur, Godefroy de Viterbo (da coleção Freher), colocando a papisa Joana entre Leão e Bento. No século XIII, Martin Polonus, dominicano e penitenciário dos papas João XXI e Nicolau III,

diz na sua *Chron. ad annum 854* (da coleção de Leibniz): «que Joana era filha de pais ingleses e nascida em Marrence, e que depois de ter sido papa dois anos, cinco meses e quatro dias, morrera de parto, em uma procissão, e foi enterrada sem honra no mesmo lugar em que expirara. Os soberanos pontífices nunca mais passaram por esta rua, e iam para a basílica de Latrão por outro caminho.» Um bispo da Galiza, Bernardo Guy, do século XIV, nas suas *Flores Temporum*, também alude ao facto da papisa Joana, seguindo-se a este outros, como João de Paris, Sifrid de Misnia, Sozomeno, Barlaão, monge de Calábria, e Amalarico d'Auger, na sua *Nomenclatura Cronológica dos Bispos de Roma*. Petrarca, na *Vida dos Imperadores e dos Papas*, e Boccaccio, na obra *De claris mulieribus*, citam como facto histórico a realidade da papisa Joana, que mais tarde Allatio atribuiu impudentemente a fabricação dos protestantes. Basta-nos citar estas autoridades para se conhecer por que via este facto penetrou no conhecimento dos teólogos portugueses do século XIV, e com que intuito o citou Frei Hermenegildo de Tancos no *Orto do Esposo*. Merece consultar-se a monografia de Emtn. Rhoides, *La papesse Jeanne*, pp. 64 a 71.

O FIRMAL DE PRATA

Um barão segral havia grande cobiça de fazer seu pecado com uma mulher. E ela era casta e boa, e porém não se atrevia ele de a demandar, mas cuidou falsamente e arteiramente como cumpriria sua má vontade. E tomou um firmal de prata que era de grande preço e deu-o em guarda aquela mulher. E depois furtou-o em guisa que o ela não soube, e lançou o firmal em o mar, por tal que não lho podendo ela dar, ficasse por sua serva, e assim cuidava usar com ela como lhe prouguesse. E depois que isto fez demandou o firmal a boa mulher. E ela entendeu o engano que lhe fora feito e acorreu-se a uma santa virgem que havia nome Brígida, e estando com ela veio um homem que trazia peixes do mar que ele tirara. E quando abriram um deles acharam em o ventre dele o firmal e deu-o a boa mulher aquele homem mau. E assim ficou vão o seu pensamento e sua arteirice.

(Fl. 105.)

NOTA: O tema da joia engolida por um peixe persiste na tradição popular (vid. n.º 10); ou engolida por uma águia (vid. n.º 21). Nas *Cantigas de Santa Maria*, de D. Alfonso el Sabio, séc. XI, n.º CCCLXIX, também se acha esta lenda.

Em Santarém contiú estas / a uma mulher tendeira / que sa cevada vendia, / e dizia amiúde: / «Aquele é do mal guardada / que guarda Santa Maria.» / / Um alcaide era na vila / de mal talã e sanhudo, / soberbo e cobiçoso / que por el niun direito / nunca bem era julgado. / / Disse o Alcaide: — Que lhe ora / fizesse per que errasse, / e que daquela paraula / per mentira l'em ficasse / Mas ei agora osmado / uma cousa per que logo / em este erro a metades: / filhade esta mia sortelha / e dade-lha per cevada, / que m'a logo aqui tragades. / E enviou Deus dizendo / a cada um que punhasse / de lhe furtar a sortelha, / per que pois se lh'achasse. / / E eles assi fizeram, / ca foram ali correndo / e compraram-lhe a cevada / e deram-lhe a sortelhar, / que em penhor a tivesse / até que fosse pagada. / Mais não guiso um deles / que o anel lhe durasse, / antes buscou sutileza / porque logo lh'o furtasse. / / Outro dia o Alcaide / mandou aos dous mancebos / que enviara primeiros / a aquela mulher boa / e lhe dessem seus dinheiros, / que logo sua sortelha / manteneute lhe tornasse, / e se não, que

quanto havia / a mulher, que lh'o filhasse. / / A dona quando oiou isto, / foi por
filhar a sortelha / d'ali onde a pusera; / mas não achou nemigalha, / pera a andar buscando / a foi
em grã coita fora. / / O Alcaide mui sanhudo / que lhe desse a sortelha, / e se
logo lh'as não desse, / que quant' havia lh'entregasse, / ateu em que a calis / de sortelha lhe
deixasse. / / A mulher quando ouviu isto / com mui grã coita chorando / disse: — Ai, Virgem
gloriosa, / a qual é do mal guardado / mia Senhor, a quem tu guardas. / / Ela dizendo aquanto, / o
Alcaide mui sobervio / cavalgava em seu cavalo / el deceu-se pera Tejo / per dar-lhe a beber em
rio / e o topete lavá-lo. / E em lavando derreio / quis Deus que lh'escorregasse / aquel seu anel do
dedo / e em a água voasse. / / O Alcaide pois viu esto, / des i todo despeito / tornou sobre la
mesquinha, / e mandou a um seu home / que tão muito a coitava / até que de quant'havia / de
todo a derrancasse. / A boa mulher coitada / foi tanto d'aqueste feito / que sol não soube conselho
/ de si nem ar que fizesse. / Ela havendo grã coita / e fazendo mui grã dó. / / veio a ela sa filha, /
Dizendo: — Madre comede, / e havede algum coho to. / / Des que l'aquesto houve dito / foi-se
correndo a Tejo / se o pescado vendiam, / e perguntou aos dos barcos. / / Des
que lh'houve assi comprado / aquele peixe a menina, / foi-se a sua madre correndo. / Então lhe
mandou a madre / que o peixe lh'adubasse / e o lavasse de dentro / e de fora o escamasse. / /
Então filou a menina / e pois lavar aquel peixe, / quando foi que o abrisse / em abrindo catou
dentro / e viu jazer a sortelha; / logo a su madre disse / como aquel anel achara / e ela que lho
mostrasse / mandou, e poi-lo viu logo, / e mandou que se calasse. / / Outro dia o Alcaide / veio
irado e sanhudo / a sua casa por prendê-la / se lh'a sortelha não desse, / pois lhe dera seus
dinheiros, / que morreria por elo. / / E então ela ante todos / tirou o anel do dedo / e deu-lh'o . E
ele logo / que o houve conoçudo / filhou-se-le um mui grão medo. / / E deu-se
ende por culpado / e ante toda a gente / rogou que lhe perdoasse. /

OS QUATRO LADRÕES

Contam as histórias antigas que em Roma eram quatro ladrões. E andando uma noite a furtar sentiram a Justiça e fugiram e esconderam-se em uma cova. E quando a luz veio, acharam-se em uma casa de abóbada mui fermosa. E acharam em ela um moimento de mármore mui fermoso. E disseram antre si:

— Este moimento foi de algum homem nobre e rico. Abramo-lo e vejamos se acharemos algum bem. Ca em outros tempos acostumavam soterrar os grandes homens com doas e cousas de grande preço.

Então abriram o moimento e acharam o moimento cheio de ouro e de prata e de pedras preciosas e de vasos e de copas de ouro mui fermosas. E entre eles era urna copa mui fermosa e maior que totalas outras. Quando este acharam, disseram antre si:

— Ora somos nós ricos e de boa ventura, e seremos ricos pera sempre nós e nossos filhos, mas será bem que algum de nós fosse a vila per vianda.

E cada um se escusava, dizendo que era conhecido em a cidade e se temia de o enforcarem. Em cabo disse um deles:

— Se me vós derdes aquela maior e melhor copa, eu irei polo mantimento.

E os outros outorgaram, e ele foi e trouxe de comer. E indo pelo caminho levando a vianda, cuidou como meteria em ela peçonha em guisa que comendo-a seus companheiros morreriam e ficaria dele todo o que acharam em o moimento. E os tres ladrões que ficaram enquanto ele foi falaram-se antre si e disseram:

— Aquele era nosso companheiro não quis ir polo mantimento senão que lhe déssemos a copa melhor, matemo-lo e ficará a nós todo o haver.

E disse um deles:

— Como o mataremos sem perigo, ca ele é mais esforçado ca nós.

Respondeu o outro e disse:

— Quando ele vier digamos-lhe que entre dentro e tome a copa e quando se antre dentro tiramos o madeiro que sustém as pedras e cairão as pedras sobre ele e morrerá.

E quando veio o outro fizeram-no assim e ficou logo morto. E eles disseram:

— Comamos e bebamos e depois partiremos o haver antre nós.

E começaram a comer a vianda que o outro trouxera e morreram com a peçonha que em ela andava.

(Fl. 105, v.)

O CAVALEIRO E O PACTO COM O DIABO

Um cavaleiro nobre e poderoso sendo rico despendeu todos seus bens tão sem discricção, que caiu em mui grã pobreza. Este cavaleiro havia uma sua mulher muito casta e devota da benta Virgem Maria. E veio uma grande festa em que este cavaleiro soía dar muitas doas e fazer grande despesa. E porque não tinha já que desse, com vergonça foi-se esconder em uma mata,

E ali jazia fazendo seu dó até que passasse aquela festa. E estando ele em aquele lugar chegou a ele uma criatura mui espantosa em cima de um cavalo espantoso e perguntou-lhe por que era assim triste. E o cavaleiro lhe contou toda sua fazenda. E a criatura espantosa lhe disse:

— Se quiseres fazer o que te eu mandar, eu te farei haver mais riquezas e mais honras que antes havias.

E o cavaleiro lhe prometeu que faria todo o que ele quisesse, se ele cumprisse tudo o que lhe prometera. E o Demo lhe disse:

— Vai a tua casa e cava em lugar e acharás muito ouro. E promete-me que tal dia tragas aqui a mim tua mulher.

E o cavaleiro lhe prometeu. E foi-se a sua casa e achou mui grande riqueza segundo lhe dissera o Diabo. E começou de viver honradamente como antes. E quando veio o dia em que prometera levar sua mulher ao Diabo, disse-lhe que subisse em um cavalo que se havia de ir longe com ele. E ela como quer que houvesse grande temor, não ousou contradizer ao marido e foi-se com ele, comendando-se devotamente a Santa Maria. E indo eles pelo caminho, viu ela uma igreja de Santa Maria e desceu do cavalo e entrou em a igreja, e o marido

ficou fora atendendo-a. E ela fazendo a sua oração devotamente a benta Virgem adormeceu. E a benta Virgem tomou semelhança daquela dona em todo e foi-se fora da igreja e cavalgou em o cavalo da dona. E foi-se com o cavaleiro, pensando ele que era sua mulher. E quando chegaram a o lugar veio logo o Diabo tostemente. E quando perto deles não se ousou chegar, mais começou de tremer e haver grande pavor e assanhar-se. E disse ao cavaleiro:

— Ó falso e mui desleal cavaleiro porque me fizeste tão grande escarnho e me fizeste tanto mal por muitos bens que te eu fiz, tu me prometeste que me trarias tua mulher e trouveste Maria. Ca eu me quisera vingar da tua mulher por muitas injúrias que me faz, e tu trouveste-me esta que me atormenta gravemente e me lança em o abisso do Inferno.

Quando isto ouviu o cavaleiro ficou mui espantado e maravilhado, e com temor não pode falar. E a Benta Virgem disse ao Diabo:

— Qual foi a tua ousança e o teu mau atrevimento que presumias empecer a minha devota! Mas não escaparás assim sem pena, ca eu te mando que logo descendas aos abissos do Inferno e que daqui em diante não empeças a nenhuma pessoa que me chamar com devoção.

Quando isto ouviu o Diabo partiu-se logo dali tostemente uivando e fazendo grande dó. E o cavaleiro desceu-se do cavalo e lançou-se em terra aos pés da Benta Virgem. E esta o repreendeu do que fizera e mandou-lhe que se tornasse pera sua mulher que acharia dormindo em a igreja e que lançasse de si aquelas riquezas que houveram pelo Diabo. E a Benta Virgem desapareceu. E o cavaleiro tornou-se a igreja e espertou sua mulher que jazia dormindo e contou-lhe tudo quanto lhe acontecera. E foram-se pera sua casa e lançaram de todo aquele haver que houveram polo Diabo. E perseveraram em louvores e em serviço da Benta Virgem mui devotamente e depois houveram per ela muita riqueza a serviço do Senhor Deus.

NOTA: Esta tradição é ainda popular na Itália, e acha-se coligida na Sicília por Pitré: a Idade Média elaborou-a profundamente em cantos, contos e autos. Acha-se na narrativa do rei de Castela, Dom Sancho o *Bravo*, intercalada no *El Libro de los Exemplos*; e foi assunto de um drama do velho teatro *frances Du chevalier qui donna sa femme au diable*. Du Puymaigre cita uma balada alemã sobre este mesmo tema. (*La Poesie populaire en Italie*, p. 42.) Nas Cantigas de Santa Maria, por D. Alfonso el Sabio, n.º CCXVI, vem esta lenda curiosa:

... ora um miragre / feroso quero dizer / que eu oí duma dona / que filhava grã prazer / de servir Santa Maria / e em o seu bem fazer. / Ela dum bom cavaleiro / mui rico era mulher, / que perdera quant'havia / e era-lhe mui mester / de o cobrar, e queria / cobrá-lo já como quer; / e pelo cobrar vassalo / se foi do Demo tomar; / que lhe disse: Pois meu sodes, / mui grand'algo vos darei, / e vossa mulher trazede / a um monte, e falarei / com ela e, porém rico / sem mesura vos farei. / O cavaleiro oi u isto / e fê-lo-lh'o logo outorgar. // O Diabo, pois menage / do cavaleiro filhou / que sua mulher lhe aducesse, / mui grand'algo lh'amostrou; / porém, como lh'a levasse, / o cavaleiro cuidou, / e disse: — Ai, mulher treides / hoje amigo a um lugar. // Ela indo per carreira / viu igreja cabo a si / estar de Santa Maria / e disse: — houver eu ali / folgar ora uma peça, / e andaremos des i. / E deceu i e deitou-se / a dormir cab'um altar. // E saiu Santa Maria / de traio altar então; / e assi a semelhasse, / que diríades que não / era senão essa dona; / e disse: — É já sazão / de nos irmos, ai! marido. / E disse ah: — Tempo é d'andar. // Então foi Santa Maria / com el ao lugar u / estava o Demo. Quando / viu a Madre de Jesus / Cristo, o Demo lhe disse: / — Mentira forte tu / em trazer Santa Maria / e a ta mulher deixar. // Disse então Santa Maria / — Vai! Demo cheio de mal; / Cuidando a meter a dano / a mia serva leal. // E disse ao cavaleiro: / — Fostes assi de mal seu, / que cuidastes pelo Demo / haver riqueza e bem; / mais filhado em pendenza, / e repentide-vos em... // O cavaleiro da Virgem muit'alegre se espediu / e foi-se u sua mulher era / e contou-lhe quanto viu / e do Demo e dos seus dões / de todo ali se partiu.

Acha-se esta lenda em Gil de Zamora, *Liber Mariae*, Tract. VII; mirac. 5.º Jubinal, *Le dit dus povre Chevalier*, t. I, pág. 138; *Libro de los Exemplos*, CXCLX. Pitré, *Fiabe siciliane*, n.º CCXX.

O DIABO ESCUDEIRO

Em uma terra havia um cavaleiro que era homem bom e sua mulher outrossim. Este cavaleiro por amor e da gloriosa sua madre, mandou fazer esprits e casas pera pobres e despendia em este o que havia. E havia um filho, e quando houve de morrer chamou-o e recomendou-lhe os esprits que fizera, e o escudeiro ficou com sua madre depois da morte de seu padre, e já quanto per vergonça de sua madre curava do que lhe seu padre encomendara; mas depois da morte de sua madre, começou ele a fazer má vida e não curava de semelhar seu padre, mas despendia em vaidade o que lhe seu padre e sua madre leixaram.

Um dia este escudeiro estando em sua casa veio a ele um mancebo e disse-lhe que queria viver com ele e que o serviria mui bem, ca era homem fidalgo, e que sabia fazer todas as cousas que cumpriam a bom servidor. E o escudeiro recebeu-o em sua companhia e ia com ele mui amiúde a caça e tão bem sabia caçar que o escudeiro andava caçando com ele todo o dia até noite per lugares perigosos e fragosos. Em aquella terra havia um bispo de boa vida que fora muito amigo daquele cavaleiro e de sua mulher. E um dia dizendo ele missa pelas almas deles foi-lhe demonstrado per Deus que aquele servidor do escudeiro era Diabo. Então o bispo foi ver o escudeiro e comeu com ele e o mancebo servia ante eles. E depois que comeram, perguntou-lhe o bispo donde houvera tal servidor. E o escudeiro gabou-lho muito. Então o bispo mandou chamar o servidor, e ele não queria vir ante ele. E o bispo mandou chamar outra vez mas ele fingiu-se doente. Então o bispo lhe mandou que viesse per obediencia, e ele veio contra sua vontade. E o bispo lhe perguntou:

— Diz-me que homem és tu?

E ele respondeu:

— Sou Diabo.

E disse-lhe o bispo:

— A que vieste?

E ele respondeu:

— Vim pera matar este escudeiro, porque é mau homem e desviado da bondade de seu padre, e não curou dos conselhos bons que ele deu.

E disse-lhe o bispo:

— Pois porque o não mataste?

Respondeu o Diabo:

— Porque havia em costume de dizer cada dia sete vezes ave-maria, e porém andava eu com ele pelos montes e pelos lugares fragosos para o matar se algum dia deixara de dizer aquelas sete ave-marias, mas nunca foi dia que as não dissesse.

E o bispo lhe perguntou donde houvera o corpo que trazia e ele lhe disse que era o corpo de um enforcado. Então o bispo mandou-lhe que se fosse dali e que não empecesse a nenhum. E logo partiu dali e ficou ali o corpo que trazia morto e fedorento. Quando isto viu o escudeiro mudou sua vida em bem segundo lhe aconselhou o bispo.

(Fl. 124.)

NOTA: Acha-se também nas *Cantigas de Santa Maria*, por D. Alfonso el Sabio, cap. VII, n.º LXVII.

Ond'aveu que um home / mui poderoso e loução / sisudo e fazedor d'algo / / um espital fezo fora / da vila u ele morava... / ele mancebos colhia / que aos pobres servissem; / mais o Demo com inveja / meteu-se em um corpo morto / de home de mui grã beldade. / E veio para el logo / manso, em bom contenente / e disse — Senhor, queredes / que seja vosso sergente, / e o serviço dos pobres / vos farei de boa mente... / / Em esta guisa o Demo / cheio de mal e arteiro, / fez tanto, que o bom home / o filhou por escudeiro / e em todos os serviços / a el' chamava primeiro. / Tanto lhe soube o Diabo / fazer com que lhe prougesse, / que nunca lh' ela dizia / cousa que ele não creuisse. / E por ende lhe fazia / amiúde que caçasse / em as montanhas mui fortes, / e em o mar que passeasse / e muitas artes buscava / em que algur o matasse, / porque ele

houvesse a alma / e outro houvesse a herdade. / / Desta guisa o bom home, / que de santidade cheio / era, viveu mui grã tempo / té que um bispo que veio / que foi sacar ao Demo / logo as linhas do sêo. / / Onde aveu que um dia / ambos jantando siram, / e que tôdolos sergentes / foras aquele, serviam; / perguntou-lhes o bom home / u era, eles diziam / que i servir não viera / com míngua de soidade. // Então aquel'home bom / enviou por ele correndo. / Quando esto soube o Diabo / andou muito revolvendo / mais pero na cima veio, / ant'ele todo tremendo. // E então disse ao Demo: / — Di-me toda ta fazenda, / porque aquesta companha / todo o teu feito aprenda. / E eu te conjuro e mando, / que o digas sem contenda. // Então começou o Demo / a contar de como entrara / em corpo dum home morto / com que enganar cuidara / e aquel' com quem andava / a que sem dulia metera / Quando el'aquesto dizia / E pois esto houve contado / leixou caer aquel' corpo / em que era encerrado...

É generalisadíssima esta lenda; dela aponta o marques de Valmar os seguintes paradigmas: Gaultiers de Coincy, *Du rich home a cui le Dieble scrvi par vil ans*; Beauvais, *Speculum hist.*, lib. VIII, cep. 101; Gil de Zamora, *Liber-Mariae*, trat. VII, mirac. 4; Johann Gobins, *Scala Coeli*, fls. 159-160. Mussafia ampliou os factos: Bowensa da Riva, *De Elemosinis*, 610; Voragine, *Legenda Aurea*, II, 3; *Miraculi della Madona*, II; *Marienlegenden*, XLV; *Livro de Exemplos*, XIV.

AS MÁS ARTES DAS MULHERES

Um mancebo trabalhava muito por saber a arte das mulheres. E pos-se em sua vontade de casar, e ante que casasse demandou conselho ao mais sabedor homem daquela comarca u vivia, como poderia guardar aquela mulher com quem casar queria. E o sabedor lhe deu conselho que mandasse fazer uma casa de mui altas paredes, e que pusesse dentro sua mulher e lhe desse bom mantimento não sobejo. E que aquela casa não tivesse mais de uma porta e uma fresta por que visse, em tal guisa que pudesse sair nem entrar nenhum. E o mancebo fez tudo per aquela maneira. E casou e pos dentro sua mulher, e quando ele entrava ou saía, fechava ele mui bem a porta. E quando havia de dormir escondia as chaves, e a mulher havia grande sabor em a fresta pera ver os que iam ou vinham pela rua. E um dia que o marido era ido fora, subiu-se ela em a fresta, e viu um mancebo fermoso e pagou-se dele, e mandou falar com ele, e depois que teve com ele formado sua má preitesia, embebedava amiúde seu marido, e depois que dormia, furtava-lhe as chaves e abria a porta e saía a fazer sua vontade com aquele mancebo. E porque o marido era ensinado sobre as artes das mulheres parou mentes como sua lhe dava muito a beber. E um dia bebeu mais que soía atente perante a mulher pera ver o que fazia. E ela levantou-se a meia-noite e furtou-lhe as chaves assim como havia em costume e abriu a porta e saiu a o mancebo; e o marido que jazia espreitando levantou-se e cerrou a porta mui bem. E pos-se em a fresta até que viu sua mulher que se tornava em camisa, pera casa, e começou a puxar a porta; e o marido mostrando que não sabia que era, perguntou quem estava a porta? E ela pediu-lhe perdão, dizendo: que nunca mais sairia fora; mas ele não lhe quis abrir dizendo, que ele diria aquele feito a seus parentes. E ela começou de gemer, dizendo que se lhe não abrisse, que se

lançaria em um poço que i estava, e que ele daria conta dela a seus parentes. Mas o marido não a leixou porém entrar. E ela tomou uma grande pedra e lançou-a em o poço com esta intenção que seu marido ouviria o som da pedra quando caísse na água e cuidaria que ela se lançara em o poço.

E tanto que ela lançou a pedra em o poço, escondeu-se detrás o poço. E o marido pensando que a mulher jazia em o poço, saiu fora da casa pera ver o poço. E ela quando viu a porta aberta meteu-se em a casa, cerrou a porta sobre si. E subiu-se em a fresta, e ele que a viu estar, disse-lhe:

— Ó mulher cheia de má arte e enganosa, leixa-me entrar e eu te perdoarei quanto fizeste.

E ela lhe disse que o não faria, mas que diria a seus parentes que ele todalas as noites assim saía a fazer seu pecado com as más mulheres, assim o fez. E eles doestaram mui mal o marido. E per esta guisa tornou o seu mau feito sobre seu marido. E não lhe aproveitou nada a guarda que pos em ela.

(Fl. 137.)

O REI E OS CORTESÃOS

Um rei andava em um carro dourado, e iam com ele seus cavaleiros. E encontrou com uns homens vestidos de vestiduras velhas e vis, e eram magros e desfeitos. E el-rei quando os viu saiu-se logo do carro e lançou-se aos pés deles e adorou-os e alçou-se e foi-os beijar em as faces. E os cavaleiros quando isto viram, não houveram isto por bem. E porque não ousaram repreender el-rei por aquilo que fez, disseram-no a um seu irmão, como el-rei fizera tal cousa que não pertencia a ele. E o irmão de el-rei (repreendeu-o) daquilo que fizera. Em aquele reino, havia tal costume, quando havia de matar per justiça algum homem, mandava el-rei a um pregoeiro que tangessem uma tromba, que era pera aquilo ante a porta daquele que haviam de matar. E depois que o irmão de el-rei o repreendeu daquilo que fizera, quando foi a tarde mandou el-rei tanger aquela tromba ante a porta de seu irmão. E fez seu testamento. E em outro dia pela manhã vestiu-se de vestiduras negras e com sua mulher e com seus filhos foi-se a porta do paço de el-rei chorando. E el-rei fá-lo vir ante si e disse-lhe:

— Ó sandeu, se tu houveste temor de teu irmão, que sabes que não lhe erraste, como não haverei eu temor dos pregones do meu senhor Deus, ao qual muito pequei e errei, os quais me significam a morte com mais nobre tromba e me demonstram a vinda espantosa do Juízo.

E depois disto mandou fazer quatro arcas e duas delas mandou fazer douradas de fora e mandou-as encher de ossos de mortos podres e fedorentos. E outras duas mandou untar de fora de pez e mandou-as dentro encher de pedras preciosas. E mandou chamar aqueles cavaleiros que haviam dito a seu irmão aquilo que ele fizera. E mandou por ante eles aquelas arcas, e perguntou-lhes quais delas eram de maior preço. E eles disseram que as duas que eram douradas

eram melhores e de maior valor. E el-rei mandou-as abrir. E saiu delas mui mau fedor, e disse el-rei:

— Semelhantes são estas arcas aqueles que são vestidos em nobres vestiduras. E dentro em suas almas são cheios de pecados. Assim como estas duas arcas que são fermosas e douradas de fora e são cheias de dentro dos ossos fedorentos.

Então mandou abrir as outras duas arcas untadas de pezo e apareceram as pedras preciosas e saía de dentro mui bom odor. E disse el-rei:

— Estes são semelhantes aqueles pobres servos de Deus que eu honrei, que como quer que andam vestidos de vis vestiduras pero dentro em as suas almas resplandecem com odor de virtude; mas não parades mentes senão as cousas de fora e não considerades aquelas cousas que são de dentro.

(Fl. 141.)

AS VESTIDURAS HONRADAS

Donde aconteceu que um filósofo chegou ao paço dum príncipe em vestidura vil e nunca o leixaram entrar dentro, pero o provou muitas vezes. Então ele vestiu-se em outra vestidura fermosa, e logo o leixaram entrar. E quando chegou ante o príncipe começou de beijar a sua vestidura mesma que ele trazia e fez-lhe reverença.

E o príncipe se maravilhou disto. E perguntou porque o fazia. E o filósofo respondeu:

— Eu honro aquela que me honrou; porque aquilo que a virtude não pode fazer, ganhou a vestidura. E isto é grande vaidade dar a honra pela vestidura a qual honra é devida a virtude.

(Fl. 142, v.)

NOTA: Este conto aparece como exemplo citado pelo papa Inocencio III, no seu livro *De contemptu Mundi seu de Miseria humane conditionis*. Reinhold Koeller apresentou a sua ampla vulgarização no *Anuário da Literatura Romanica e Inglesa*. Por essa fonte eclesiástica entrou na corrente da tradição popular; na Itália coligiu-a Pitré nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari*, t. III, p. 365, n.º CXC. O estribilho com que termina: *Mangiati, rubbiceddi miei, / Cá vuatri fustivu 'mmitati*. // corresponde a este final da tradição portuguesa: *Comei, mangas, aqui: / A vós honram, não a mim*. (Contos Pop. Port., p. XXII.)

ROSIMUNDA

Um rei dos Lombardos que havia nome Alburno, era mui forte e mui poderoso em armas. Este rei houve batalha com outro rei. E Alburno venceu e matou-o, e tomou uma filha daquele rei por mulher, que havia nome Rosimunda. E do testo da cabeça de seu padre, que matara, mandou fazer uma copa e encastou-a em prata e bebia per ela. E este rei Alburno entrou em Itália e tomou todas as cidades dela pela maior parte. E estando ele em uma cidade que chamou Verona, fez um grande convite. E mandou ali trazer a copa que mandara fazer da cabeça do rei que matara, padre da sua mulher Rosimunda; e bebeu per aquela copa e fez a sua mulher que bebesse per ela, dizendo-lhe:

— Bebe com teu padre.

E quando ela isto soube, houve grande ódio a el-rei seu marido. E el-rei havia um duque que dormia com uma donzela da rainha. E um dia não vendo el-rei, dormiu com a rainha, cuidando que era a donzela. E a rainha fez-lho conhecer, e disse-lhe:

— Sabe por certo que tu hás feito tal cousa, que ou tu matarás a el-rei Alburno, ou tu morrerás das suas mãos. E eu quero que me tu vingues dele que matou meu padre e fez copa da sua cabeça, e fez a mi que bebesse per ela.

E o duque lhe disse o não fazia, mas cataria outro que o fizesse. E então ela guisou como se fizesse. E tirou as armas fora da camara de el-rei e ligou a espada que ele tinha a cabeceira em tal guisa que se não pudesse tirar. E depois que el-rei jouve em seu leito, entrou aquele que o queria matar. E quando o sentiu el-rei, saltou fora e quis tirar a espada e não pode. E então começou el-rei de se defender mui fortemente com uma cadeira que estava, mas pouco lhe valeu seu ardimento nem sua fortaleza. Ca o outro andava mui bem armado e pode mais

que el-rei e matou-o. E tomou todos os tesouros que achou em no paço e fugiu com a rainha Rosimunda, pera uma cidade que há nome Ravena. E ali se pagou a rainha de um mancebo que era prefeito de Ravena. E por casar com ela deu peçonha aquele com quem fugira. E ela embebedou-o, sentiu que era peçonha e fez que a Rosimunda que bebesse o que ficara a força da espada. E assim morreram ambos. E assim parece que pouco prestou a fortaleza do corpo a el-rei Alburno, nem ao outro que o matou, ca ambos morreram má morte.

(Fl. 77.)

NOTA: Nas *Lendas Alemãs*, de Jacob Grimm (*Les veillées allemands*, trad. de L'Héretier de l'Ain), t. II, p. 45, vem esta tradição coligida de Paulo Diácono, e de Gotfrid. Na poesia popular italiana ainda subsiste esta tradição germanica na forma de romance, com o título *Dona Lombarda*, segundo a interpretação de Nigra. Sabatini, falando deste canto, define a sua propagação na Itália do Norte: «percorrendo dal norte al sud, Ia ritroviamo in Piemonte, nel Monferrato, nel Veneto e a Ferrara; nella Toscana poi piu non vive ma v'e ancora chi ricorda averia udit. Si ritrova nelle Marche in Orvieto, a Viterbo, in Roma finalmente non s'ode cantar che da pochi, e cosi proseguendo non si rinviene pid nelle terre meridional e in Sicilia non se ne ha traccia veruna.» (*Rivista di Letteratura popolare*, p. 14.) A obliteração da lenda a medida que se avança para o Sul indica a sua origem germanica, e portanto a forma literária portuguesa proveio de uma fonte erudita.

Nos *Canti popolari piemontesi*, publicados em 1888 pelo conde Nigra, vem um extenso estudo das origens da tradição e determinação dos elementos históricos conservados no canto popular *Donna Lombarda*, de que apresenta vinte e uma versões. Pelos textos das crónicas de Paulo Diácono (*De Gest. Longb.*, lib. III, cap. XXIX), de Gregório de Tours (*Hist. France*, IV, 41) e de Jacob ab Aquis

(*Monum. Hist. Patrum*, t. III), reconhece-se que foi desta última fonte que proveio o texto do século xiv do monge de Alcobaça. Na Crónica de Fra Giacomo d'Acqui, o marido não se chama Elmichi como em Paulo Diácono, mas *Alboino*, e o amante não é Longino mas o *filho do Perfeito do Ravenna*. A Lenda de *Rosimunda*, que na Itália deu elementos poéticos ao romance popular da *Donna Lombarda*, também apareceu sincretizada com o caso de Rosimunda de Inglaterra, a amante de Henrique II, o Plantageneta, que a tinha escondida em um jardim em que fizera um Labirinto, e aonde a foi matar a rainha Eleonora de Aquitania, também com veneno. Como uma filha de Henrique II e Eleonora de Aquitania casara com o rei de Castela Afonso VIII, veio o sincretismo do romance popular castelhano da coleção de D. Agustin Duran. (*Rom. General*, n.º 1266)* E. Rolland coligiu um romance popular frances, que Nigra considera provindo de versão italiana.

* No romance de *D. Isabel de Liar*, porque El-Rei tenia hijas dela, *La Reina la mando matar*, este facto coincide com o que se conta de Alienor de Aquitania, mandando matar a amante de seu marido Henrique o, a bela Rosimunda, filha de lord Chifford, que ele escondera em Wodstoch. No romance castelhano, fala de D. Isabel de Liar: *El Rey me pedio mi amor, / Yo no se lo guise dar, / Teniendo mas a mi honra / Que no sus reinos mandare. / Cuando vió que no queria, / Mis padres fuera a mandare. / Elles tan poco quizeran / Por la su honra guardare. / Desde todo aquesto vira, / Por fuerza me fue a tomar / Troiu-me a esta fortaleza, / Do estoy en este lugare; / Tres anos he estado en ella / Fuera de mi voluntade / Y si el Rey tiene en mi hijos / Plugo a Dios y a su bondade / Porque me habeis de dar muerte, / Pues no merezco mal?* [*Conc. do Romanc.*] — *Rom. Geral*, III, 262.)

A VIÚVA E O ALCAIDE (A Matrona de Éfeso)

Uma mulher tinha um seu marido, o qual ela dizia que amava sobre todas as coisas do mundo.

Avinha per caso que lhe morreu este marido e foi soterrado em uma ermida, pouco fora da vila, quase meia légua. Aquesta sua mulher tomou grã nojo e foi-se a esta sepultura com grã chanto, e sobre esta sepultura dizia que queria viver e morrer, e não fazia senão chorar; padre nem madre nem parente não a podiam dali tirar.

Aconteceu que um ladrão, homem de grandes parentes, foi em aquele dia enforcado a cerca daquela ermida, e foi dado em guarda ao alcaide por que o não furtassem de noite seus parentes da forca, por que ele fosse exemplo aos outros malfeitores; e o senhor disse ao alcaide que se lho furtassem per sua má guarda, que enforcariam a ele. E estando este a aguardar, houve sede e mandou aos seus que o guardassem bem, ca ele queria ir beber aquela ermida i cerca, onde parecia um pouco de fogo. E em mentres que ele veio aquela ermida, os seus se adormentaram, e foi furtado o enforcado, não sabendo o alcaide parte dele. Quando o alcaide chegou a ermida deram-lhe água a beber. Depois que bebeu, perguntou porque chorava aquela mulher. E foi-lhe dito porque lhe morreu ora aqui um seu marido que ela amava mais que o seu coração. O alcaide lhe disse que ela não tomasse nojo por aquela causa que ela não podia cobrar por nenhuma rem do mundo, e ela disse que havia mui grã razão de chorar, ca ela não podia já nunca achar homem que a tanto amasse como seu marido fazia; o alcaide lhe disse que era homem que a amaria e serviria tanto e mais que ele e que era tão rico e tão de prole como ele. E tanto lhe soube dizer com doces

palavras, que já não chorava, e namorou-se do alcaide, e recebeu-o por seu marido. Depois tornou ele a forca e achou que lhe furtaram o enforcado, e seus homens eram fugidos, e ele tornou logo aquela mulher e disse-lhe como lhe furtaram o enforcado e que se temia que o senhor o faria enforcar. A dona, que já dele era namorada muito, lhe disse:

— Amigo, não tomades nojo nem perçadas per ende a terra, mas nós tomemos este meu marido e ponhamo-lo na forca e eu vo-lo ajudarei a enforcar e a gente cuidaria que é o que furtaram.

E assim o fizeram e viveram ambos casados em suas vidas.

(*Fabulário Português* do século XV, ms. da Bibl. de Viena, fl. 24. V. — *Revista Lusit.*, vol. VIII, p. 127.)

NOTA: Loiseleur des Longchamps, no *Ensaio sobre as Fábulas Indianas* e sua introdução na Europa (Ed. Paris, 1838) encontrou no Livro do *Sindabad* este conto desfigurado, e dá-nos um quadro da sua transmissão desde o Oriente até ao século XVII: acha provável que fosse uma lenda oriental, e segundo todos os indícios muito viajou, se considerarmos derivado desta fonte o conto chinês que o padre Du Holde traduziu em frances e publicou na *Description historique de la Chine*, (vol. III, p. 40.) O grande sinólogo Abel de Remusat, também traduziu do chinês outra lição deste conto. *A Matrona de Éfeso* indica a sua proveniência, relacionando-o com essa criação dos Contos Milesianos, que o génio grego tornou interessantes pela sua desenvoltura; Éfeso era como Mileto um centro de literatura erótica, e também o seu novelista exímio, rivalizando Xenofon de Éfeso com Aristides de Mileto, conhecido pelas novelas *Abracome e Ántia*. O género literário era designado pelo nome dessas duas terras, Contos Efesíacos e Contos Milesiacos. É admissível que a locução *Ad Ephesios* (que se considera tomada da Epístola de São Paulo) pelo seu sentido malicioso nascera da atenção

que se dava a essas novelas voluptuosas. Tendo-se encontrado nas ruínas do palácio de Nero um baixo-relevo representando a cena da Matrona de Éfeso, Dacier considera-a como documento de anterioridade ao episódio do Satíricon de Petrónio, que deu toda a celebridade a lenda. Dacier estudou minuciosamente a dispersão universalista deste conto nas Memórias de *l'Academie des Inscriptions*, t. XLI, considerando-o anterior a Petrónio, pois se encontra no manuscrito de Perretti atribuído a Fedro. A narrativa de Petrónio foi reproduzida no *Policraticus sive de Nugis Curialóum*, composto pelo bispo de Chastres João de Saisbéri, falecido em 1183. Foi por esta via que se fez a maior difusão do conto da *Matrona de Éfeso* na Idade Média, passando para a *Historia Septem Sapientium* do monge de Haute Selve. Nas fábulas em hexâmetros latinos, um anónimo, imitando Esopo incluiu o conto efesíaco, que se tornou obra literária no século XIV por Eustáquio Deschamps, chegando a adquirir a perfeição estética em La Fontaine, na forma dramática por Lamothe e na ópera cômica por Fuselier. Ainda na literatura francesa recebeu toda a sua mordente desenvoltura em um Fabliau (Coleç. de Méon, t. III, p. 462); Saint Evremont revestindo-o da graça gaulesa, e Voltaire serviu-se dele como episódio no *Zadig*. Na literatura italiana aparece incorporado nas *Cento Novelle antiche*, ou *Libro di Novelle e del bel parlar gentile*, n.º LVI. (Ed. França, 1572) e na edição de 1895, Milão, n.º LIX.

Na literatura portuguesa em que refletiram as principais obras da Idade Média, estranhávamos não ter encontrado o conto da *Matrona de Éfeso*. O *Livro de Esopo — Romulus vulgaris* ou ordinário, derivado das Fábulas de Fedro*, em que se contam a *Matrona de Éfeso* (fábula XXXIV), trá-la traduzida para português, aparecendo esse exemplar na Biblioteca de Viena. O Dr. Leite de Vasconcelos copiando-o deu-lhe publicidade na *Revista Lusitana*, t. VIII, p. 127. Desse velho texto português transcrevemos algumas fábulas.

Na Biblioteca de Viena tem aparecido outros monumentos portugueses da

Idade Média, tais como a *Demanda do Santo Graal* da Biblioteca de Dom João I, e obras especiais da Época das Navegações, iniciadas pelos Portugueses, como *O Regimento do Astrolábio e do Quadrante*, com cálculos desconhecidos de Regiomontanus, e as Relações colhidas por Valentim Fernandes, de que deu notícia o Dr. Smeller. Pelas observações de Joaquim Bensaúde, estes livros foram da Biblioteca do erudito Peutinger, secretário do imperador Maximiliano I, filho de D. Leonor, irmã de D. Afonso V e esposa do imperador Frederico III. Por esta via para a Alemanha foram livros portugueses dessa época, depois possuídos pelos Jesuítas em Augsburg e donde pela sua expulsão uma parte dessas obras viera em 1808 para a Biblioteca de Viena. Por que caminhos andou a *Matrona do Éfeso*, trajada em português! Ainda no século XVIII nos aparecem duas abreviações deste conto na *Hora de Recreio e no Divertimento de Estudiosos*, p. 259.

* Vid. *Journal des Savantes*, 1884 e 1893, e *Romania*, vol. XV, pp. 229-231.

O JUDEU, O ESCUDEIRO E AS PERDIZES

Um judeu queria passar pela terra de um rei com muitos haveres que consigo levava; e rogou a el-rei que lhe desse um de sua casa que o acompanhasse seguro, até que passasse seu reino. El-rei lhe deu um seu escudeiro, do qual se fiava muito, e mandou-lhe que acompanhasse este judeu bem fielmente, até que passasse em salvo fora de sua terra.

E quando este judeu foi em um mato, o escudeiro tirou fora de sua espada para o matar e roubar-lhe seu haver, e o judeu lhe disse:

— Não me mates, porque se me matas, aquelas perdizes que estão em aquela árvore te acusarão a teu senhor, e mandar-te-á matar.

O escudeiro escarneceu do que o judeu dizia e matou-o, e tomou-lhe todo o seu haver que consigo levava.

E dali a pouco tempo presentaram a este rei perdizes, sendo a jantar. Este seu escudeiro cortava ante ele, e como a Deus prouve começou este escudeiro de rir, e não se podia ter nem fartar de rir. El-rei sendo a mesa não lhe disse nada, e depois que jantou chamou-o de parte, e por que rira tão fortemente a mesa, que lhe dissesse a verdade. O escudeiro não lho queria dizer, que se temia. El-rei antre afagos e ameaças soube dele a verdade em como matara aquele judeu e lhe tomara todo seu haver, e como o judeu, antes que o matasse, lhe dissera que as perdizes que estavam na árvore o acusariam a ele, e que o mandaria matar. El-rei tomou dele grã nojo porque amava muito o escudeiro.

— Por certo as perdizes te acusaram!

Depois houve conselho com seus conselheiros:

— O que merece este escudeiro?

E acudiram todos que morresse na forca.

E assim foi o escudeiro enforcado pelo mal que fizera.

(*Fabulário Português*, século XV, ms. da Bibl. de Viena, fl. 33. — *Revista Lusit.*, vol. 8.º, p. 136.)

O LEÃO E O PASTOR

Andando um leão seu caminho, entrou-lhe uma espinha no pé; e este leão andando mui tribulado com esta espinha pela mata, encontrou-se com um pastor que guardava gado. O pastor com grão medo quando viu o leão e tomou um carneiro e po-lo de avante o leão; o leão não lho quis tomar, e mostrava-lhe o pé onde tinha a espinha, e rogava ao pastor que lha tirasse. E o pastor tomou uma sovela, e tirou-lhe a espinha e muito vurmo que já trazia. O leão lambia a mão a este pastor.

Depois que o leão se sentiu são, sempre o acompanhou; e quando havia talante de comer, andava a caça das alimárias a silva; e como havia seu mantimento, tornava-se ao pastor. Em tal guisa lhe guardava seu gado, que lobo nenhum nem outra animalha não lhe fazia dano; e com todo isto o leão espreveu mui bem no seu coração o serviço que lhe o pastor fizera.

E de ende a poucos dias foi tomado aquele leão em um laço e foi posto em Roma com outros leões. Dali a certo tempo o pastor fez um malefício; e mandou a justiça que o metessem com os leões, que o matassem; e foi posto entre eles. O leão a que ele tirara a espinha o conheceu e chegou-se a ele e andava o lambendo e defendia-o dos outros leões, que lhe não fizessem mal. Vendo os senadores esta maravilha, foram muitos espantados, e por isto perdoaram a morte ao pastor.

(*Fabulário Português*, século XV, ms. da Bibl. de Viena, fl. 19 V. — *Revista Lusit.*, vol. 8.º, p. 121.)

O LOBO E O CORDEIRO

Conta-se que o lobo bebia uma vez em um ribeiro, da parte de cima, e o cordeiro bebia em aquele mesmo ribeiro, da parte do fundo. Disse o lobo ao cordeiro:

— Porque me luchas a água e danas este ribeiro?

E o cordeiro respondeu e disse humildosamente:

— Eu não te faço injúria, nem lucho a o rio, porque a água corre contra mim, e a água é mui clara; e pero se a quisesse abolver, não poderia. Outra vez o lobo brada forte e diz:

— Não te avonda que tu me fazes injúria e dano, e ainda me ameaças?

E o cordeiro outra vez humildosamente responde:

— Não te ameaço, mais eu me escuso com boa razão.

E o lobo respondeu outra vez:

— Ainda me ameaças? Já semelhável injúria me fizeste tu e teu padre, são já bem seis meses.

E cordeiro disse:

— Ó ladrão, eu não hei tanto tempo!

E o lobo iroso disse:

— Ó mau rapaz, ainda ousas de falar?

E foi-se a ele e matou-o e comeu-o.

NOTA: Nos *Cartas Familiares* (p. 335) escreve D. Francisco Manuel de Melo: «nunca vi amigo o *Cordeiro e o Lobo*, que não fosse mal para o cordeiro...» Embora o tema desta fábula seja universal, pode ser sempre tratada com novidade, conforme os sentidos que se lhe der moral ou historicamente. Apresentamos uma versão literária, que visa o sucessor da tremenda guerra atualmente: *Que velha é esta fábula! / Um quadro já sabido / Do Lobo e do Cordeiro; / Pode-se, (sem ser rábula) / Dar-lhe agora um sentido / Real e verdadeiro. // Junto ao regato ameno / Passa um Lobo esfaimado; / Cordeiro alvo, pequeno / Bebia descuidado. / / Sente o Lobo um abalo / Com a feliz surpresa: / — Que almoço! Que regalo, / Mesmo aqui posta a mesa; // Um manjar excelente, / Esplendido banquete!... / Lança-lhe logo o dente, / Crava-o no gasganete. // Triste o Cordeiro inquire: / «Qual foi o mal que eu fiz? / Porque me dás a morte?» / O Lobo, sem que se ire, / Tranquilamente diz; — Não acuses a sorte; // Estadistas de caco, / Proclamam com firmeza: — Há de ser sempre o fraco / A legítima presa / Desse que for mais forte. — / Sigo o exemplo do Norte. // E enquanto crava os dentes / Nas carnes inocentes / E vai bebendo o sangue: / Diz a vítima exangue; // — Abonam esta manha / Do Lobo, quando topa / Desgarrado Cordeiro, / Chanceleres prudentes / Do Império da Alemanha, / Aplicando-a na Europa, / Perante o mundo inteiro. // Há Nações que são lobos, / Do sangue nos arrobos; / Assim Bismarck afirma: / Force prime le Droit, / Com franqueza, quem há / Que um tal princípio negue? / Isto mesmo o confirma / Bethemann Holloweg. // Lá nas pristinas eras, / A Fábula consigna / Aos homens a lição; / Mas hoje, as próprias feras / Da insania maligna / Dá exemplo o Teutão.*

EXEMPLO DA CABEÇA E OS MEMBROS

«E isto podemos ver por exemplo nas cousas naturais, assim como é a cabeça, a qual, posto que seja a mais alta parte do corpo, e a mais principal, não pode por ende estar sem o ofício e serviço dos outros membros, e per essa mesma guisa os outros nossos membros sem a sua cabeça se não podem manter, nem governar; assim que, nem a cabeça aos membros, nem os membros a cabeça, poderão dizer — *Vai-te, que te não havemos mester*, nem *Eu poderei viver sem ti* — porque será mentira, mas que uma não pode escusar o outro, como é verdade: e assim de vós outros, que vos deve nembrar, como vos destes e oferecestes e consagrastes a Deus per vossos votos e vossa própria vontade; cá a mim não me prometestes nenhuma cousa, nem eu vos não demando, nem requeiro al senão, o que deveis de pagar a Deus, que o entregueis e deis a mim que sou seu procurador e mordomo, etc.»

(*Carta II* de Frei João Álvares, abade do Paço de Sousa, 1467. — Ap. J. P. Ribeiro, *Diss. Cron.*, t. I, p. 368, ed. de 1860.)

NOTA: É a 32.^a Fábula de Lockman; acha-se nos *Avadanas*, contos chineses na tradução de Stanislao Julian; no *Sintipas*, XXXV, e na *História Romana* de Tito Lívio, lib. VI, cap. 32. Coligiu-a Planudes, CCVII, e Johanes Scriberos. De *Nugis Curialium*, lib. VI, cap. 14; e também metrificada por Eustáquio Deschamps, *Poesias morales*, p. 193. Estes paradigmas nos definem as vias de transmigração das Tradições na humanidade.

Vid. adiante a fábula de Esopo, versão de Manuel Mendes, *Os Membros e o Corpo*.

A BILHA DE AZEITE

Paio Vaz:

Pois Deus quer que pague e peite
Tão daninha pegureira,
Em pago desta canseira
Toma este pote de azeite,
E vai-o vender à feira;
E quiçais, medrarás tu,
E que eu contigo não posso.

Mofina Mendes:

Vou-me à feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu!
E farei dinheiro grosso;
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que é a cousa mais barata,
Que eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão,
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada,
Por este ovo de pata,
E o dia que for casada
Sairei ataviada
Com um brial de escarlata;
E diante o desposado
Que me estará namorando,

Virei de dentro bailando,
Assi desta arte bailando,
Esta cantiga cantando.

(Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite a cabeça, e andando enlevada no bailo, cai-lhe, e diz:)

Paio Vaz:

Agora posso eu dizer
E jurar e apostar
Que és Mofina toda.

Pessival:

E se ela baila na boda
Que está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,
E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?

(Vai-se Mofina Mendes cantando:)

Por mais que a dita me enjeite
Pastores, não me deis guerra;
Que todo o humano deleite
Como o meu pote de azeite
Há de dar consigo em terra

(Gil Vicente, *Obras*, t. I, p. 115. Ed. de Hamb.)

NOTA: Este conto é um dos mais persistentes na tradição universal. Max

Müller tomou-o por tema comparativo para o seu estudo *Sobre a Migração das Fábulas*, conferencia feita na Royal Institution, em 3 de junho de 1870, e publicado em julho na *Contemporary Review*, começando pela fábula de La Fontaine *La laitiere et le pot au lait* (fáb. X, do livro VII), e buscando-lhe os paradigmas no *Pantchatantra*, liv. V, fábula IX: *O Bramane e o Pote de Farinha*. Aproveitando dos resultados críticos de Benfey, indicaremos a área de propagação desta fábula: *Hitopadessa*, liv. IV, p. 182; *Calila e Dimma*, cap. X, p. 269; *Aurwar-i Soubaiti*, cap. VI, p. 409; *Contes et fables indiennes*, cap. VI, t. III, p. 50; *Del Governo de' regni*, exemplo V, fl. 50, v.; *Directorium humanae vitae*, cap. VII; *Exemplario contra los enganos*, cap. VII; *Filosofie morali*, trat. IV, fol. 83; *Alter Esopus*, de Baldo, XVI, ed. Du Méril; *De viro et vase olei*. Du Méril cita também o *Dialogus creaturarum*, a *Sylva Sermonum*, e Rabelais, *Gargantua*, liv. I, cap. 33, como veículos desta fábula. Acha-se também no *Eyar-i Danisch*; nas *Mil e Uma Noites*, CLXXVI; no *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, n.º XXIX, fl. 97; nos *Joci ac Sales*, de Ottomarus Luscinus; nas *Facecie*, de Domenichi, liv. V; nos *Contes et joyeux devis*, n.º XXI, de Bonaventure Des Periers; nos *Sermones conviviales*, de Gast; nos *Apologi Phaedrii*, de Reynerius, p. 1, fáb. XXV; no *Democritus ridens*, p. 150; nas *Favole e Novelle*, de Pignotti, fab. Lope de Rueda representava em 1560 o entremes *Las Azitunas*, sobre este tema. Gubernatis, na *Mythologie zoologique*, t. I, p. 136, cita uma versão do *Tuti-Namé*, II, 26, que interpreta no sentido mítico, em que o céu e a Lua são representados como um pote ou taça. No XXI conto mongólico de *Siddhi-Kür*, há uma variante deste apólogo (resumido por Gubernatis, *op. cit.*, p. 146) em que o achado é uma pele de carneiro, de que o pai de família pretende fazer pano, e com ele comprar um burro, e com o burro irem pedir esmola com os filhos. Esta versão explica-nos a variante apresentada por Trancoso (vid. p. 110) a qual encontramos referida em uma locução popular do Porto, *Minha mãe, calçotes!* Sobre esta fábula vid. Loiseleur des Longchamps, *Essai sur les fables indiennes*, p. 55. Há uma redação

deste conto sob o título. *A Quarta de Leite*, na *Hora de Recreio*, do padre J. Batista de Castro, p. 29. Nos *Kinder und Hausmarchen*, n.º 164, dos irmãos Grimm.

O nome de Mofina Mendes, heroína do conto da *Bilha de Azeite*, é de proveniência popular; Jorge Ferreira de Vasconcelos, na *Aulegrafia* refere-se a esta tradição metrificada por Gil Vicente: «fermosura com vanglória dana mais do que aproveita, e as mais das vezes lhe corre per davante Mofina Mendes e a boa diligencia acaba o que merecimento não alcança.» (Fl. 55.) Abreu no seu artigo citado atribui o título de Auto tendo um personagem secundário ao seu tipo muito popular (p. 4.) Na linguagem popular o nome de mofina emprega-se como sorte ou destino: *a minha mofina*. Jorge Ferreira alude a um outro conto popular, de um diabo cuja atividade era tal que já não havia que lhe dar a fazer, a não ser uma corda de areia: «Quer sempre ser a hidra e fazer *cordas de areia*.» (*Eufrosina*, p. 300.) Na tradição popular ainda se repete esta oração: *Se o Diabo viesse / Para me atentar, / As areias do mar / Lhe mandaria contar*.

Walter Scott traz uma lenda escocesa semelhante.

O conto de Gil Vicente revela o conhecimento de duas fontes que ele aproximou, a do *Calila e Dimna*, vertida em latim por João de Cápua em 1270 sob o título de *Directorium Vitae humanae*, e o livro do Conde de Lucanor, de D. João Manuel, que se guardava entre os livros do uso do rei D. Duarte. O chasco contra as previsões do nascituro, de *Calila e Dimna*, trá-lo Gil Vicente ao seu Auto dos *Mistérios da Virgem*.

Se tens prenhe tua mulher / e per ti o cometeste, / queria de ti entender / em que hora há de nacer? / em que feição há de ter / esse filho que fizeste. / Não no sabes, quanto mais / cometerdes falsa guerra, / presumindo que alcança / os secretos divinais, / que estão debaixo da terra.

Eis a versão de *Calila e Dimna*: «Dizem que havia em uma terra um religioso, e tinha sua mulher, que estivera muito tempo estéril, mas por fim veio a ficar grávida; pelo que o religioso mostrou-se muito contente e disse a mulher:

— Alegra-te, que fio em Deus, que parirás um filho varão, perfeito de seus

membros, com que nos regozijaremos; e eu quero ir procurar uma ama que o crie, e consultar os sábios para que me digam o nome que tenho de por-lhe.

Diz-se a mulher:

— Quem te faz falar no de que não sabes nada do que há de ou não há de ser? Cala-te, e contenta-te com o que Deus te der; pois que o homem entendido não asma as cousas não certas, nem julga as vindouras; que o querer e o asmar isso só Deus, e quem julga as cousas antes de acontecer, dá-se o que *aconteceu ao religioso, que derramou a manteiga e o mel sobre a cabeça.*

Diz o religioso: — Como foi isso? — A mulher contou:

— Dizem que um religioso, recebendo cada dia esmola da casa de um mercador rico, pão, manteiga, mel e outras cousas, ele comia o pão e ao mais guardava, pondo o mel e a manteiga em uma compoteira, até que a encheu e a tinha pendente a cabeceira da cama. Aconteceu que encarecendo o mel e a manteiga, o religioso pos-se a falar consigo assentado na cama, e disse: — Venderei quanto está nesta compoteira por certos maravedis, e com eles comprarei dez cabras, que prenas ao fim de cinco meses parirão; e lançando desta maneira as suas contas, achou que ao fim de cinco anos montariam a quatrocentas cabras. E concluiu: Vende-las-ei todas, e com o preço delas comprarei cem vacas, por quatro cabeças uma vaca e arranjarei sementes e semearei com os bois, e aproveitar-me-ei dos bezerros e das fêmeas e do leite, e das messes terei grande rendimento, e construirei muitas nobres casas, e comprarei servos e servas, e feito isto casarei com uma mulher que seja muito rica e fecunda, e de alto solar, e emprenhará de um filho varão, e nascerá perfeito de seus membros; e criá-lo-ei como um filho de rei, e castigá-lo-ei com esta vara se não quiser ser homem obediente... — E dizendo isto, brandiu a vara que tinha na mão e bateu na compoteira que estava pendurada por cima dele e derramou-se todo o mel e a manteiga sobre a cabeça. E tu, pobre homem, não queiras desejar e asmar o que não sabes e que tem de vir a ser.»

Gil Vicente seguiu o pensamento filosófico, a tese moral do *Calila e Dimna*, mas deu ao quadro pitoresco essa figura da Mofina Mendes, verdadeira entidade popular portuguesa, suscitado pela figura de Dona Truana, do conto de D. João Manuel, no *Conde de Lucanor*: «una mujer, la qual era assaz mas pobre que rica, un dia iba al mercado, et llevaba una olla (bilha) de miel en la cabeza, et yendo per el camino, comenzo a cuidar que venderia aquella olla de miel et que compraria partida de huevos, et que de aquellos nascerian gallinas et las venderia, et de aquellos dineros compraria ovejas, et asi fue comprando de las ganancias que faria fasta que se falló mas rica que ninguna de sus vizinas, et con aquella riqueza, que ella cuidaba que habia, asmó como casaria e sus fijos a fijas... Et pensando en esto comenzó a reir con placer que habia de la su buena andanza, et en reyendo dió con la mano en la su cabeça et en su frente, et entonce cayó la olla de la miel en tierra e quebrose...» (Ed. de 1575, fl. 57.)

Como Dona Truana, também a Mofina Mendes vai a feira de Trancoso; a mudança do mel para azeite obedeceu as impressões do conto de *Calila e Dimna* quanto ao artigo manteiga, adotando a conversão do preço do azeite para comprar aves, como no *Conde de Lucanor*, terminando cenicamente, e um personagem do Auto é que comenta: *E s'ela bailava na boda, / qu'está inda por sonbar, / e os patos por nascer / e o azeite por vender, / e o noivo por achar, / e a Mofina a bailar, / que menos poder ser?*

O anexim português *Bilha de Azeite por Bilha de Leite*, significa uma troca de favores desiguais; atuaria esta tradição no trabalho artístico de Gil Vicente. Na *Revista do Conservatório de Lisboa*, por ocasião do Centenário da Fundação do Teatro Português, publica o professor Vasconcelos Abreu uma monografia sobre este conto dramatizado por Gil Vicente: *Os Apólogos e Fábulas da Índia: Influencia Indireta no Auto de Mofina Mendes de Gil Vicente* (pp. 11 a 22.)

Em 1903, William Axen publicou um folheto *Gil Vicente and La Fontaine: A portuguese parallel of La Laitiere et le Pot au lait*, transcrevendo em Apendice a

cena de Mofina Mendes. Mostra como nos contos populares da Índia ainda se repete esta aventura já em nome de um idiota Lull em vez do bramane Somasarman. (*Indian Nights Entertainment*, por Swynriton, 1892.) Aponta a opinião de Moland, na edição das *Fábulas* de La Fontaine, que considera fonte primitiva europeia o exemplo de Jacques de Vitry, opinião reforçada por Thomas Fr. Crane na edição dos Exemplos de 1890 feito pela Folklore Society. Acrescenta a notícia do conto alemão *Sehimpf und Ernst* de Johannes Pauli, de 1522 (Ed. Leipzig. 1877, p. 161.) Termina mostrando que o estudo comparativo do conto de Brahman, que chegou até Gil Vicente (1534) merece ser estudado ao celebrar-se o quarto Centenário da Fundação do Teatro Portugues por «um génio de sentimento religioso ou espírito liberal que estava acima da época em que viveu; e ao mesmo tempo para seguir a cadeia das Tradições do Conto sanscrito traduzido para o pélvico, deste para árabe, donde a sua difusão pela Europa em versão grega, latina, castelhana, hebraica, italiana, turca, indostanica, portuguesa, alemã, inglesa, etc.

Transcrevemos aqui uma versão popular transmontana (Águas Frias, do Monforte) sobre este tema universal: «Um caçador foi a caça e viu uma lebre a dormir; exclamou:

— Agora é que eu te apanho; e se te agarro vendo-te, e compro um carneiro pequenino; e crio-o, e quando ele for grande ponho-o em dinheiro; e depois compro um burrico, e mais crescido levava a feira e com o que render arranjo casa e caso-me; e hei de ter um filho, e hei de lhe por o nome de Diogo; e depois hei de chamar por ele: Diogo! ó Diogo!

E quando assim gritava, acordou a lebre, que botara logo a fugir, que o caçador só teve tempo de dizer:

— Lá se me vai a minha fortuna.

A CHUVA DE MAIO

Dia de maio choveu,
A quantos a água alcançou
O miolo revolveu!
Houve um só que se salvou,
Que ao coberto se acolheu.
Dera vista as semeadas,
As que tinha mais vizinhas,
Viu armar as travoadas,
Acolhe-se as bem vedadas
Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia um lhe dava
Paparotes no nariz;
Vinha outro e o escornava,
Aí também era o juiz,
Que de riso se finava.
Bradava ele: Homens! estai.
Vão-lhe co' dedo ao olho.
Disse então: — E assi lhe vai?
Não creia logo em meu pai,
Se me desta água não molho. —

Apaixonado qual vinha,
Achou um charco que farte
(O conselho havido o tinha)
Molhar-se de toda a parte,
Tomando como mezinha.
Quanto viram lá correram,
Um que salta, outro que trota,
Quantas graças Ih'i fizeram!
Logo todos se entenderam,
Ei-los vão numa chacota.

(Sá de Miranda, p. 232, Ed. 1804.)

NOTA: Na linguagem usual ainda persiste a locução das *Águas de Maio*, mas perdida a reminiscência do conto popular metrificado por Sá da Miranda com tanta beleza de ingenuidade. Aparece-nos em um *Noellaire* trovadoresco de Peire Cardinal, que frequentou a corte de Aragão, no século XIII. Transcrevemos esse conto em sua linguagem provençal:

Yssi comensa la faula dela pluya: Una ciutat, no say quais / Hon cazee una pluia
tais, / **Que** tuy li home de la ciutat / **Que** toque furo forcenat. / Tuy desse n'ero
mais, sois os. / Et aquel escapet, ses pus / **Que** era dins una mayso, / **Que** dormia
quant ayso fo. / E vet, anant at dormi[/ Del plueya diquit, / E foras entre las
gens / Fero d'ensenamens / Aruquot, l'antre fosseis, / Utre stopit verens / E
trays peras contre estalas, / L'antre esquisset las gouelas, / Us ferie, el outrem
peys, / E l'antre enyet esser Reys / Et tene se riquement flanex. / E l'antre s'asset

per los bancx, / L'un menesee, l'autre mallisx, / L'autre piore et l'autre riz: /
L'autre parlee et no sanp que; / L'autre le mateys de ae. / Aguei que avia so seu, /
Maravilha-se molt formen, / Que vee que he destatz sou, / E garda ad aval el
amon, / E grans maravilha a de ler, / Mas mot l'han ilh do lui mayor; / Qu'el
veeon estar saviansen / Cuio que ai perdut so sen. / Car so qu'ell far no lhe veso
fayre / Que a casca de lores veyaire / Que ill son savi e assenatz. / Mas lui no tene
por dessentat / fer en gansa, que em col; / N'ós por mandar que no degol; / L'us
l'empenh, e l'antre le bota, / El cuya isshir de la rota, / L'us l'esquiusa, l'autre li
tray, / E rien eolos, e leva, e chay, / Cascu'l leva a gran gabantz / El fuy a sa
mayzo deffantz, / Fangoz e battestz e mieg mort / E se gaug can lor for estort, /
Sort falle en aquest meu / Semblanz ais homes que i son. / A quest seigles es la
ciutat / Que es tal ples do forsennatz; / Que el marger sen qu'om pot aver / Se es
amar Dieu et sa mer, / E gardar sos mandemens. / Mas assas es perdutoz agueis
sens. / La pluyã say es casuda. / Una cobeytat qu'es vengada / Us erguelh et una
maleza / Que toca la gent a perlua. / E si Dieu n'a alen guardatz / L'autrs ils
tens per Pescessnat / E menon lo lemp en vill, / Car no es doi seu que sen ill /
Qu'el sen de Dieu lor par folis, / E l'ami era de Dieu en que via / Coneys que
dissentat, son tug / Con lo sen de Dieu an perduto, / E els ou lui per dessentat /
Car le son de Dieu en layssat. (Ap. Raynossard, *Choix do Poésies des Troubadours*,
t. IV, p. 366.)

No século XV encontramos uma referencia a *Chuva de Maio*, em Duarte da
Gama, um dos poetas palacianos, do *Cancioneiro Geral* de Resende: *Pois se eu em
tais desordens / Só quizer ser ordenado, / hei de ser apedrejado / Sem me valerem as
ordens; / Molhar-me-ei, em que me pez. / Pelo tempo e sazão, / Pois é natural razão.*
(*Canc. Geral*. t. I, p. 514).

Com o mesmo sentido moral, D. Francisco Manuel de Melo emprega a
referencia aos contos, na *Sanfonha de Euterpe*, sob a autoridade de Sá de
Miranda: *Molhar nas Águas de Maio / O grande Sá deixou deito, / Que era*

*prudencia tão vil / Qual fugir do sol no estio. (Op. cit., p. 147.) Molhar das Águas de
Maio / Revolver entre a Chacota, / Voltar nela como raio, / Não tenho por bom ensaio
/ Para quem mudar a nota. (Ibid., p. 66.)*

O ERMITÃO E O LADRÃO

Em um ermo morava um virtuoso ermitão, ao qual se chegou um salteador de caminhos, dizendo-lhe:

— Vós rogais a Deus por todos; rogai-lhe que me tire deste mau ofício que trago, senão hei-vos de matar.

E indo dali tornava a fazer o mesmo que dantes; e outra vez tornava a vir ao padre, dizendo:

— Vós não quereis rogar a Deus por mi, pois hei-vos de matar.

Tantas vezes fez isto, que uma vez veio determinando para matar o padre, o qual lhe pediu e lhe disse:

— Já que me quereis matar, tiremos primeiro ambos uma lájea que tenho sobre minha sepultura e, morto lançar-me-eis dentro sem muito trabalho.

Ele o aceitou, e assim foram ambos erguer a lájea; porém como o salteador trabalhava quanto podia por ergue-la, assim trabalhava o padre ermitão por que não se erguesse, e desta maneira ambos não faziam mudança na lájea. Atentou o salteador no caso, e disse assim:

— E se vós não ajudais como posso eu só ergue-la? Que ainda que ergo da minha parte, vós fazeis da vossa com que não aproveite o que faço.

Antes que passasse adiante, disse o padre ermitão:

— Ves aí, irmão, o que te eu digo.. Que me presta a mi rogar a Deus por ti, pedindo-lhe que te tire do pecado e mau ofício que trazes, se tu não te queres tirar e estás muito de propósito perseverando nele?

DAQUELAS SETE AO DIA

Uma virtuosa dona de boa vida tinha uma filha de tão má inclinação que não queria tomar os nobres conselhos da mãe, nem aprendia seus louvados costumes; mas em tudo seguia seu próprio parecer sem obediencia de pessoa alguma, nem correição de vizinha nem parenta, porque era preguiçosa, gulosa, andeja, muito faladeira e de outras feias manhas. A mãe, como mãe, desejosa de seu bem e de lhe dar marido, determinou dar a um mancebo tudo o que a pobre velha tinha por que casasse com a filha. E concertada com ele no dote, quis o mancebo que não dessem conta a moça até que ele a fosse ver o dia seguinte, seguindo o conselho do rifão que diz: Antes que cases, olha o que fazes. Foi a velha contente e disse que assim faria; porém, por que a filha estivesse sobreaviso e não caísse em alguma fraqueza a tal tempo, crendo que para casar tomaria seu conselho, lhe descobriu aquela noite tudo o que se passava, dizendo-lhe:

— Filha, toda tua vida seguiste tua opinião, sem querer entender meus conselhos; agora te rogo que este dia me ouças e aceites o que te disser.

E com discretas palavras lhe amoestou que o dia seguinte não se erguesse de seu lugar; que sempre estivesse calada fiando, ou ao menos com a roca na cinta, porque pois o futuro marido a queria ver a achasse quieta e ocupada. E para mais ajuda fiou a velha aquele serão quase até meia-noite, e pela manhã pos-se a filha uma grande roca na cinta, e deixou-lhe as maçarocas que fora no regaço; fe-la assentar, tal que a vista dos olhos a quem a não conhecera parecia uma diligente fiadeira. Porém como aquele não era seu costume, tanto que a mãe teceu a porta, (porque havia de esperar de ali o mancebo) a moça deixou a roca, e com diligencia fez lume, e nele uma honesta tigelada de papas, e porque se esfriassem prestes as lançou em cinco ou seis escudelas, que logo chegou de

redor de si, e soprando e fervendo estava a pobre moça apressada por acabar sua obra antes de ser sentida. A este tempo chegou o mancebo a porta, e ainda que o viu a velha e ele a ela, pelo que tinham concertado não falaram, mas ele subiu de manso por ver em que se ocupava a que ele queria receber por mulher. E a velha o deixou ir, tendo pera si acharia a filha ao menos com a roca na cinta como a deixara; mas ainda que ele subiu dez ou doze degraus da escada, ela de ocupada não o sentiu, nem, posto que meteu a cabeça em casa o não viu; mas ela foi dele muito bem vista, e notando o ofício em que estava, disse entre si:

— Nunca nós faremos boa matalotagem; porque quem tanto e com tal pressa madruga a comer, pouca prol me pode fazer. Não é esta a que me arma.

E sem falar se desceu; e a velha vendo-o vir tão prestes, lhe perguntou:

— Que vos parece, filho? Que cuidado de moça!

E querendo-lha gabar, porque imaginava que estaria fiando, e mais com a roca cheia, lhe disse:

— Vistes a pressa que tinha, e a habilidade das suas mãos, e o que já tinha despachado; pois eu vos prometo que daquelas enche e vaza sete no dia.

Querendo a velha dizer as roçadas da roca; mas o mancebo sem descobrir o que lhe vira fazer, respondeu:

— Senhora, não me arma; que se ela é tal, não na posso sustentar, e assim estesse em vossa casa, e se as vazar e encher tantas vezes, sejam embora de vossa farinha.

E foi-se.

(Trancoso, *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, p. 1, conto 2.º)

NOTA: Este conto aparece ainda na tradição popular do Minho; nos *Contos Populares Portugueses*, n.º LIII, traz o título *Os Simplórios*:

«A mãe avisou a filha para falar a um namorado, e disse-lhe:

— Olha que aí vem um rapaz para te ver, e tu põe uma rocada grande na roca e põe-te a fiar para ele se agradar de ti; e se ele te disser: «Ó que rica fiandeira» tu dize: «Eu destas despejo sete ao dia.»

A rapariguinha, assim que a mãe saiu, pousou a roca; foi a adega, trouxe uma infusa de vinho de meia canada para comer umas sopas; fe-las numa tigela grande, e nisto chegou o rapaz, disse:

— Adeus, menina.

Disse ela: — *Olha, que eu destas / Despejo sete ao dia.*

Disse ele: — *Será da sua cuba / Que não da minha.*

E foi-se embora.»

Evidentemente Trancoso deu forma literária a esta anedota popular.

A DONZELA RECATADA

Em uma populosa vila havia uma dona honrada que tinha uma filha muito virtuosa, sisuda, recolhida, e amiga de seu trabalho, que per ele alcançava com que honestamente se mantinham ambas das portas adentro, mui limpamente tratadas. Fazendo-se uma boda de uma sua parenta, assim se passaram mais de quatro meses em recados até que a noiva lhe veio a casa rogar que fosse um dia a sua o que a moça aceitou por comprazer com a parente; e chegando a noite, por ser menos vista, com um irmão mancebo que aquele tempo viera de fora da terra, saiu de sua casa para ir a casa da parenta. Na rua do próprio caminho por onde haviam de ir, estava uma escola de dança, a que o mancebo era inclinado, e a estas horas dançavam, e ao passar pela porta da escola fez uma pequena detença; mas a donzela, que não tinha sua imaginação senão no caminho que levava, andava pela rua tão baixo o rosto que o não erguia. Foi vista por um nobre mancebo, que a seguiu, a pos-se-lhe diante fingindo ser seu escudeiro, encaminhou-a pera sua casa; e ela, quando ergueu o rosto, crendo ser seu irmão lhe disse:

— Tão longe é isto!

Ele ainda que entendeu, não lhe respondeu nada; e dissimulado se meteu em sua própria casa, dizendo:

— Aqui é.

E como a teve bem dentro, fez cerrar a porta, e mostrou-se-lhe, e descobriu-se a ela quem era. Grandes promessas, que lhe fazia, e ricas joias que lhe dava, com palavras amorosas e meigas, nesta casta e honesta donzela não fizeram abalo. Ele que a viu tão determinada, a levou a um jardim, lugar onde ainda que bradasse não pudesse ser ouvida; e lhe ia tirando das roupas que levava vestidas; por lhe

ganhar a vontade, largou-a de si um pequeno espaço, ficando-lhe porém o cabo do trançado na mão. A donzela, tanto que se viu fora de suas mãos, tirou com diligencia o garavim da cabeça, e metendo-o no tronco de uma árvore, se foi até chegar ao pé do muro do jardim, e subindo na parede, sem temer a queda, se deixou ir abaixo em camisa e em cabelo. E assim se achou na rua a tempo que já havia muito que era achada de menos do irmão, e dele e da mãe buscada por todas as partes. E quando sua mãe a viu, e ela viu sua mãe, parecia que ambas ressuscitavam, e logo quietamente coberta com a capa e sombreiro do irmão se foram para casa. O fidalgo, tanto que lhe pareceu que tardava, ainda que tinha o trançado na mão, porque não lhe respondia chamando-a, foi para ela cuidando que lançava mão de sua pessoa; achou-se abraçado com o tronco da árvore onde o garavim estava posto, e sentindo e engano, e como não sabia quem era, nem cuja filha, se recolheu em sua casa triste, então lhe estava mais afeiçoado que dantes. E com desejo de a ver e saber quem era, e have-la por mulher, caiu em cama doente de imaginação, e tanto esteve assim que se secava e houvera de morrer, senão dera conta do caso a uma discreta dona que o criara, a qual entendido tudo o que se passara, tomou o vestido, que foi tirado da moça, e foi-se pela vila dizendo que o achara, e se alguma pessoa o conhecesse e mostrasse como era seu lho daria. E isto fazia por saber quem era aquela donzela: o que a boa dona fez com tanta sagacidade, que por inculcas veio a própria casa donde o fato era. A dona foi dizer ao fidalgo a casa e a pessoa que era; e ele, visto e ouvido o que dizia daquela que já tinha feito senhora de si na vontade, folgou muito e aguardou tempo que soube que estava vestida com o próprio vestido, e então para melhor se afirmar se era ela, se subiu pela escada acima, e de súbito deu com a mãe, e com ela e seu irmão, que estavam descuidados de tal vinda. E o fidalgo tanto que a viu logo conheceu ser aquela por quem passava os trabalhos que passou desde que ficou sem ela no jardim, e com muita cortesia lhe disse:

— Senhora, desde agora vos fico que nunca haverei outra mulher senão a vós.

A donzela, vergonhosa de ouvir, e a este tempo se desbarretou e queria pedir-lho em geolhos, se lhe humilhou muito e tomando-o polas mãos o fez erguer.

Depois se correram os banhos, e com muito contentamento de ambos viveram sempre; e por esta donzela se disse o rifão:

A moça virtuosa

Deus a esposa.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, parte I, conto 4.º)

O ÓDIO ENDURECIDO

Viviam em um lugar pequeno dous homens, que se queriam mal, e os vizinhos e seu prelado haviam feito o que neles era per os fazer amigos; os quais, ainda que algum tempo se falavam, como o ódio era de coração, não durava neles a amizade, feita por cumprir com quem lho rogava, ou lho mandava, que logo tornavam como de primeiro. Durou neles este ódio tanto, que vindo por ali el-rei, lhe deram conta disto alguns homens da terra. E el-rei mandou chamar a ambos, e ante si, por eles e por outros inquiriu o melhor que pode qual seria a causa; porque, sabida, atalhando-lhe os princípios, se faria a paz. E achou que era pura inveja que cada um tinha dos bens e fazenda do outro, porque nisto eram quase iguais e abastadamente ricos. Porém, cada um desejava ver-se avantajado do outro, inda que fosse a custa de por isso o ver destruído e perdido de todo; e o mal que um queria ao outro, esse mesmo lhe queria o avaro a ele. El-rei deseioso de os contentar a ambos fartando-os de fazenda, por que perdessem a inveja, lhes disse:

— Sede amigos; e eu quero que seja a minha custa, e me apraz de vos dar tudo o que souberdes pedir de meu reino, que eu tenha, com esta condição, que um de vós há de pedir a sua vontade tudo que ele quiser, com que fique contente, para não haver inveja do outro, e eu desde agora lho dou; e ao outro que não pedir, hei de dar em dobro sem míngua alguma.

Eles, a primeira face, parecendo-lhes bem o aceitaram e agradeceram, crendo cada um que ficaria avantajado do outro; porém quando caíram na conta, que, ainda que um pedisse muito, haviam de dar dobrado ao outro, nenhum queria pedir por não ficar menos que seu vizinho. El-rei entendendo-os, mandou lançar sortes, e ao que coubesse pedir, pedisse por força, dizendo-lhe:

— Tu que queres mais do que souberes pedir, pede a tua vontade, farta-te, e depois deixa-me dar a estoutro dous tantos, que tu nada perdes nisso.

Nenhum deles tinha paciência, e per derradeiro lançaram sortes, e aquele a que coube pedir, ficou per isso mui triste, e depois de bem imaginar no que pediria, veio ledo a el-rei e disse-lhe:

— Senhor, já sei o que hei de pedir, e se mo deres cumprindo tua palavra, ficarei contente e amigo de meu vizinho, dando-lhe a ele o dobro.

E el-rei lho prometeu sem falta; ele se pos em geolhos, e lhe beijou a mão pela merce e logo lho pediu:

— De-me Vossa Alteza um destes meus olhos aqui posto na minha mão. El-rei maravilhado do que pedia, lhe disse:

— Jesus! e porque?

E o homem tornou a dizer:

— Porque, conforme a promessa de Vossa Alteza, se me tirarem um olho a mim, hão-lhe de tirar dois olhos a ele, e assim vendo-lhe eu este dano me contento.

Foi muito de espantar a crueldade deste e ver o endurecido ódio que ambos se tinham.

(Trancoso, *Contos*, part. I, conto IX.)

VARIANTE

Em certa cidade havia dois homens, um era muito avarento e outro muito invejoso; sabendo-o o senhor daquela terra, os mandou chamar e lhes disse: «Determino de vos fazer merces, e hão de ser desta sorte. Peça qualquer de vós primeiro, e veja o que pede, e como, porque ao segundo hei de dar dobrado do que ao primeiro.» Ora notai; o avarento como cobiçoso queria pedir primeiro

para levar alguma cousa, ainda que não fosse tanto; mas o invejoso para que não levasse nada, inventou uma cousa diabólica, pediu primeiro, e foi que lhe tirassem um olho, para que ao avarento lhe tirassem dois; conforme ao concerto que haviam feito, assim foi, e ficaram ambos castigados.

(Saraiva de Sousa, *Báculo Pastoral*, t. I, p. 231.)

NOTA: Este conto, n.º IX. da parte I dos *Contos Proveitosos*, de Trancoso, achase nas *Fábulas de Aviano*, n.º 42; no poema frances *Les Enseignements Trebor*; no fabliau *Du Convoiteux et de l'Envieux*, par Jean de Boves (*Recueil de Fabliaux*, p. 107, bibl. choisie na *Élité des bons mots*, t. II, p. 292); nos *Detti et Fatti piacevoli de Guiardini*, p. 99; nas *Mem. de l'Academie des Inscriptions et Belles Letres*, t. XX; o conde de Caylus publicou um extrato do fabliau do *Convoiteux*; Saraiva de Sousa e o padre João Batista de Castro deram-lhe nova redação literária.

MINHA MÃE, CALÇOTES

Perto da cidade do Porto, onde chamam Paço de Sousa, havia um pobre homem que tinha seis crianças, entre filhos e filhas, de que alguns eram de dezassete ou dezoito anos, e dali para baixo. E tendo-os derredor de si um serão, sobre a ceia de boroa e castanhas, de redor do lume muito contentes, olhou pera eles, e viu-os tais, que o melhor arroupado, se tinha camisa não tinha pelote, e se pelote, sem mangas, e se mangas sem falda, e todos descalços e sem barrete nem coifas; assim que todos se cobriam com fato, que pera bem não bastava a um, e esse muito velho e esfarrapado, que quase não prestava. E vendo-os tais, disse a mulher:

— Ouvis? Lembre-vos amanhã, se Nosso Senhor quiser, que peçais a minha comadre Briolanja de Paiva uma quarta de linhaça emprestada; semeá-la-emos, e com ajuda de Deus, haveremos linho, de que façamos no verão calçotes para estes cachopos.

Os filhos, tanto que o ouviram, saltando no ar com muito prazer, diziam uns aos outros rindo:

— Ai, calçotes, mana! Ai calçotes!

Tanto riram e folgaram, estando ainda nus, que o pai disse:

— O dou ao Demo a canhalha, que, como se sentem vestidos, não há quem possa com eles.

(Trancoso, *Contos*, p. 1, conto X. Ainda se repete na tradição popular do Porto.)

NOTA: Ainda ouvimos no Porto empregada como anexim esta frase que serve de título ao conto. Quanto ao seu tema tradicional, é uma variante do da *Bilha de Azeite*.

O REAL BEM GANHADO

Aconteceu que um domingo, estando um ermitão a porta da ermida, viu atravessar pelo campo um pobre lavrador carregado de redes e armadilhas, que a seu parecer ia aos pássaros. O ermitão chegou a ele, e lhe perguntou de donde era e adonde ia; o qual respondeu:

— Sou de meia légua de onde estamos, e entendi hoje na estação que fez o cura, que o Espírito Santo desceu ao mundo em figura de pomba, e eu desejei de o ver e achar, e tomei estas redes emprestadas, e venho-as armar, e se o posso haver nelas, lhe hei de pedir que haja misericórdia comigo, dando-me manutenção para cada dia, que eu e minha mulher com pão e água da fonte nos contentamos.

O bom do ermitão, visto isto, levou a ermida e deu-lhe quase todas as ofertas que aquele dia havia recebido e lhe disse:

— Irmão, tomai isto, comei vós e vossa mulher; mas é necessário que me digais qual quereis mais — um real bem ganhado, ou cento mal ganhados?

O pobre homem tomou o pão, com alegria se foi a sua casa, dizendo ao ermitão que haveria conselho com sua mulher, qual era melhor, e tornaria a dizer-lho. E tornando a casa, comeram contentes, e houveram conselho qual tomariam — Um real bem ganhado ou cento mal ganhados; quiseram ambos de um acordo um real bem ganhado, antes do que cento mal ganhados, e com isto tornou o pobre homem ao ermitão a dizer-lhe para que lho desse; o qual com muito contentamento, por ver que soube escolher, lhe deu um real em dois meios, como ora se costumam, dizendo-lhe:

— Este é bem ganhado, com ele vos fará Deus merce.

E assim se tornou o lavrador para casa contente; porém no caminho, antes de

chegar a ela, achou dous cachopos que pegados um no outro em grande briga andavam, dando-se de punhadas e de cabeçadas, ensanguentadas as bocas de sangue, tão encarniçados em matar-se, sem repousar, que era mágoa de ver. E assim o pobre homem quando os viu, havendo dó de os ver tratar de tal sorte no campo, donde se ele não passara, não podiam ser socorridos, desejoso de os meter em paz, com caridade se meteu no meio a apartá-los, perguntando a causa da briga. E ainda que deixavam de se ferir, nem por isso nenhum queria desapegar do outro; mas estando assim pegados, disse um:

— Vedes, ali naquele chão jaz aquela pederneira, que é para ferir lume; eu a vi, e querendo-a tomar, este mo impede, e a quer ele tomar.

O outro respondeu:

— Não é assim; mas eu a vi primeiro, e quero-a tomar, e tu queres-ma tolher e tomá-la para ti.

Esta era a causa por que se feriam. O pobre homem vendo que entre eles não havia maneira de paz, porque cada um queria a pedra, e ela não era tão grande que bastasse para a partir, e por ve-los ambos em paz lhe disse:

— Filhos, rogo-vos que cesse vossa briga; tomai de mim este real que tenho; cada um leve seu meio real; deixa ora esta pedra, não seja o Demo que vos faça fazer algum desmancho.

Os moços, visto o real, e rogo do bom homem, aceitaram a paz, e cada um tomou seu meio real, deixando a pedra ao lavrador se foram contentes e ela a tomou, não por lhe parecer que teria valia, senão para testemunha, que quando dissesse que lhe dera o real por ela fosse crido, e assim a levou todavia. Chegando achou sua mulher a porta, que esperava desejosa de ver o real bem ganhado, que o marido havia de trazer. Nisto ele que chega, e mostra-lhe a pedra que trazia, e disse-lhe o caso que acontecera. A mulher logo a primeira face teve desgosto por não ver com seus olhos o real; tomando a pedra da mão ao marido,

arremessando-a para dentro da casa, disse:

— Ah! que nem este real nos veio ter a mão.

Por que os pais dos moços, que os viram escalavrados e souberam dele a briga e donde e sobre que fora, e quem fizera a paz e como lhes dera um real, que eles sabiam que o pobre homem não tinha de seu, ambos juntos lho agradeceram muito, e cada um deles por si lho pagou com grande vantagem, e dali em diante lhe faziam muitas honras conhecidas, que mostravam ser feitas pelo amor com que lhe tirou os filhos do arruído e peleja que tinham.

Aconteceu que em este tempo passou por aquele lugar um fidalgo, que por mandado de el-rei ia a outro reino por embaixador, e levava consigo dez ou doze homens; e conveio-lhe ficar ali uma noite em aquela aldeia, esperando certo recado da corte. E ainda que para seu aposento lhe deram as melhores casas que havia no lugar, não lhe bastaram, e foi necessário agasalhar alguns dos seus em outras casas, e agasalhando-se pela aldeia, coube a este homem um deles. Este homem, criado do embaixador, depois de lançado na cama, sendo passada uma grande parte da noite, acordou e viu que a seu parecer havia resplendor na casa, que a tal hora da noite, conforme ao tempo não se permitia e admirado, foi posto em confusão, donde aquilo podia proceder. E por saber o que era se ergue como sisudo, e mui quietamente se foi para onde via a claridade, e pouco a pouco, indo para ela chegou donde estava a pedra. Tanto que chegou a ela e a viu, a tomou e a guardou; até que vindo o dia a viu melhor, e parecendo-lhe de grande preço, se foi ao senhor embaixador, com quem ele vinha, e mostrando-lha lha deu, e disse donde a achara; e o senhor, vista a pedra, a estimou em muito, e mandou logo chamar o homem em cuja casa se achara, e perguntando-lhe donde a houvera e de que lhe servia, e o bom do homem lhe disse:

— Senhor, não serve de nada; se Vossa Merce a quer, tome-a, que eu folgarei muito disso, que um real me custou.

E contou-lhe como e de que maneira, assim como a história até agora o contou; do qual o fidalgo se maravilhou, e teve para si, que pelo muito que vale o real bem ganhado, permitiu Deus quer lhe deparasse aquela pedra aquele homem. E o embaixador mexeu a mão em uma boeta, em que levava dinheiro para sua despesa, e tomando um punhado de moedas de ouro em que haveria duzentos mil réis lhe deu, dizendo:

— Irmão, esta pedra já que ma dais, eu a quero.

O pobre homem não queria tanto dinheiro, e a importunação do nobre fidalgo tomou, e se foi para sua casa com muita alegria dar conta a sua mulher: comprou herdades e chegou a ser chamado o rico homem, e ele o era.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, parte I, n.º XIII)

NOTA: O tema tradicional da pedra preciosa conserva-se no povo. Vid. vol. I, p. 164.

O SEGREDO REVELADO

Um nobre cavaleiro, virtuoso e muito rico, o qual chegando por velhice a última hora da vida, chamou ante si um só filho que tinha:

— Rogo-te que pera minha consolação, antes que morra me prometas de fazer o que te deixar por conselho; que segredo que revelar honra ou vida não no descubras a ninguém, porque se tu não guardas o que tanto te releva a ti próprio, como esperas que lo guardará outra pessoa alguma? E nisto de segredo te guarda principalmente de tua mulher, porque todas em geral são mudáveis, e por pouca cousa que lhe façás se pode enojar contra ti e descobrir-te o segredo.

Isto tudo o filho ouviu e entendeu, e aceitou de cumprir como o pai lhe pedia, prometendo-lhe sem falta. Mas para ver que dano lhe podia vir de descobrir o segredo, logo propos de descobrir algum que fosse fingido haver feito que não fizesse, para que se se descobrisse não fosse verdade, e pudesse mostrar o contrário.

Andando um dia o duque a caça, trasmontou-se-lhe um nebri que ele prezava muito, e tornando sem ele a cidade, fez apregoar que daria grande achado a quem lho desse. E porque nem assim apareceu, tornou a mandar pregoar que quem o encobrisse perdesse a fazenda e morresse morte natural; e a quem lho descobrisse e fizesse vir a mão do duque, perdoava qualquer delito que tivesse, ainda que fosse de morte. E nem assim o nebri apareceu, de que toda a terra estava espantada; e não aparecia, porque caiu dentro da quinta deste mancebo, que estava perto da cidade, a qual, como era muito grande e ele achasse ali muitas aves, andou muitos dias sem saber dele, até que o mancebo foi um dia a quinta; andando passeando dentro, achou o nebri, e como sabia muito daquele mister, o chamou e fez vir a si, e o levou a uma camara das casas da quinta, em

que havia todo aparelho para a criação daquelas aves, e que não pudesse fugir, deixando a bom recado. Guardou consigo a chave da casa, que era muito grande, e ele e outros pássaros que ali estavam tinham bem de que se manter, porque a casa era artificialmente para isso, e estava bem provida do necessário. E deixando o nebri arrecadado, matou o mancebo um grande pavão, de muitos que ali se criavam, e cortados os pés, rabo, cabeça, o depenou e levou para sua casa; e tanto que chegou, disse a sua mulher:

— Senhora, o nebri do duque foi ter a nossa quinta, e nos tem mortas muitas de nossas aves e em satisfação disso eu o matei, e o trago aqui depenado para que o ceemos, vós e eu.

Ela, tanto que o ouviu se agastou muito, e disse:

— Pesa-me muito disso, que melhor fora trazer-lho vivo ao duque; daqui vos digo que me fizestes pesar, e eu não cearei dele, nem a mesa em que se comer.

E assim, ainda que o marido a chamou e lhe mostrou o pavão, gabando-o, dizendo-lhe:

— Senhora, olhai como estava gordo este nebri; vinde comer dele, que é tal como um gordo pavão.

Ela o não quis ver, nem aquela noite ceou com o marido, nem sem ele, tanto se entristeceu. Porém, passada esta noite, de ali por diante quando falava com o marido parecia que era com uma isentidão sobeja, menos recolhita e mais despejada que dantes, menos cortes e humilde do que soía e por cima do ombro; no que tudo o marido atentou, tendo para si que já ela cuidava que lhe tinha o pé no pescoço em lhe saber o segredo do nebri, que na verdade estava vivo, e ele o visitava cada dia para lhe prover o que fosse necessário; e a mulher cuidava que o pavão que o marido ceou, como ouvistes, era verdadeiramente o nebri, como ele disse.

E o mancebo, desejoso de chegar ao cabo com tudo, uma tarde entrando pela

porta sobre:

— Por que não está a mesa posta? Que fazeis a janela? (Cousa que nunca ele perguntava, nem disso entendia.)

Ela lhe respondeu isenta:

— Que quereis vós agora para isso? (com um menosprezo no marido, e gravidade nela, que ele não quis sofrer); e ali lhe deu uma grande bofetada; pelo que ela, posta em cabelo, gritando muito rijo, disse:

— Isso mereço eu, falso traidor? Porque há mais de seis dias que calo e encubro tua maldade, que matastes o nebri do Senhor Duque, e o comestes por lhe dar desgostos, e não porque te faltavam a ti aves presadas de comer.

Como isto foi dito a grandes brados na praça, por para pouco se teve o que mais tardou em dize-lo ao duque, temendo que se o não descobrisse cairia em sua desgraça. O duque tanto que o soube o mandou prender, e sem nenhuma misericórdia, visto o testemunho da mulher e dos servidores e gente de sua casa, que todos afirmaram ver-lhe trazer o nebri morto e mandá-lo assar, e que o ceara uma noite, foi por sentença mandado degolar na praça da cidade, e que perdesse sua direita parte dos seus bens que tinha para a coroa, conforme estava apregoado. E tirando-o da cadeia para se executar nele a justiça, a este tempo tinha o mancebo junto consigo um virtuoso padre religioso a quem tinha dado conta do caso todo como passava assim como a história o tem contado, que ouvindo-o, logo se ergueu em pé, e disse alto a todos que o ouviram:

— Este homem é julgado por falsa informação, e não é a sentença dada justamente; esperai, que eu irei falar ao duque, e será de outra maneira.

E assim foi e contou a Sua Senhoria toda a história passada do rogo do velho pai a seu filho até o estado em que estava, por ver o segredo que sua mulher lhe tinha, no que fingidamente lhe dissera pera a provar. Que Sua Senhoria mandasse pelo nebri a quinta, que ele lhe descobrira que era vivo e estava ali; e

para mais certeza, que tomasse aquela chave e o mandasse tirar, e que se lembrasse que conforme ao pregão que mandou dar, por este feito de lhe descobrir o nebrí e fazer-lho haver era perdoado. Porém que ele o não pedia senão, que se todavia o quisesse mandar matar, que dissesse o pregão, — que morria por não ser obediente a seu pai, nem tomar seu conselho.

E o duque, visto isto e entendendo a verdade do caso, mandou que fosse solto e perdoado da culpa que teve, e que sofresse o desgosto de ter sempre sua mulher consigo, sem nunca pelo passado lhe dar remoque, nem fazer agravo, porque visto o que sucedera estava arrependida do que fizera, e que em tudo dali por diante guardasse os conselhos de seu pai, assim como lhos prometeu guardar.

(Trancoso, *Contos*, Parte I, n.º XI)

NOTA: Acha-se este conto nas *Cento Novelle antiche*, n.º 10; nas *Novelle*, de Franco Sachetti, n.º XIV; nas *Gesta Romanorum*, cap. 124 (*Violier*, cap. 148); nas *Cent Nouvelles nouvelles*, n.º LII; nas *Nuits facétieuses*, de Straparola, I, da 1.ª noite (t. I, p.15). Também se repete no *Livre du Chevalier de la Tour*, cap. 128. O episódio do falcão morto (um carneiro, para simular um homem) vem nas *Horas de Recreio*, de Guichardin, p. 161; nas *Novelle*, de Granuci, n.º V: no fabliau do *Prud'homme qui donna des instructions a sons fils* (*Rec. de Fabliaux*, p. 131), na coleção de Barbazan, e Ms. de Clayette. Vid. *Melanges de littérature orientale*, t. I, p. 78. Há imitações deste conto em Hans Sachs, em uma comédia; o Dr. Schmidt, na sua edição de Straparola determina bastantes paradigmas deste conto, que ainda aparece nos *Mille et un quart d'heure*, de Gueullette. No *Dolopathos*, d'Hebers (ed. 1856, p. 225), acha-se esta narrativa; nos *Hausmarchen*, de Grimm, t. III, p. 176, ed. 1819, apontam-se outros paradigmas.

No *Divertimento de Estudiosos*, t. II, n.º 500, p. 187: «Um, querendo examinar o segredo de sua mulher, quando se deitou escondeu um ovo debaixo da cabeceira;

depois pela noite adiante fingiu que a acordara mui ansiado e cheio de dores. Perguntou-lhe a mulher, o que tinha. Respondeu ele, que lhe sucedia um caso que de ninguém queria fiar. Com mais curiosidade o quis ela saber, e fazendo mil juramentos de infalível segredo lhe pediu que lho descobrisse. Disse-lhe o marido:

— Fiado em tais promessas te declaro, que pari um ovo (e mostrou-lho) porém, segunda vez te recomendo o segredo, pela afronta que daqui se me seguirá.

A mulher, dizendo que estivesse descansado, sem dormir passou todo o resto da noite, que lhe pareceu um ano, pelo desejo de ir contar o sucesso; mas assim que amanheceu procurou logo uma vizinha e disse-lhe, que seu marido naquela noite pariu dois ovos, porém, que tivesse segredo. A vizinha contou a uma amiga, que seu vizinho N. havia parido naquela noite quatro; mas que ninguém o soubesse. Assim se foi contando a história e multiplicando ao mesmo passo os ovos, que na tarde do mesmo dia com universal espanto se contavam já publicamente que parira quarenta ovos N., o qual aparecendo, lhe perguntaram como sucedera o caso, e ele o declarou com bem admiração dos que o ouviram.

A PROVA DAS LARANJAS

Um tabelião foi de público e judicial em um lugar de Senhorio, e chegando a idade que não podia servir o ofício, pediu ao senhor da terra que lhe fizesse merce dele para um filho, que tinha tres já homens, e que cada um deles era suficiente para o servir. E o senhor, por lhe fazer merce, disse que lhe aprazia; porém, que queria ver os mancebos um por um, para ver qual seria melhor empregado, e que assim o daria.

O velho folgou disso, e mandou primeiro o mais velho, que apresentando-se ante o senhor, lhe disse que ele era o filho do tabelião; que Sua Senhoria mandara vir ante si para lhe fazer merce do ofício de seu pai, se lhe parecesse, para o servir nele. A este tempo o senhor tinha na sua sala uma bacia grande, cheia de água, e estavam nela laranjas, a saber, quatro inteiras e sete partidas pelo meio, com o agro para baixo, e o pé ou o olho para cima, que ao parecer de quem não no atentara bem pareciam todas inteiras. E tanto que o mancebo deu o recado, lhe respondeu ao senhor que logo o haveria, quase fingindo esperava por outra pessoa, e como se não fosse aquilo do caso próprio, lhe disse:

— Entrementes, vede que laranjas estão ali fora naquela bacia.

O mancebo olhou, e vendo as catorze metades, que cuidou que eram inteiras, e as quatro inteiras tudo, em lançando-lhe os olhos somente, disse:

— Senhor, são dúzia e meia de laranjas. (Que, na verdade, como estavam sobre a água assim o pareciam); e o senhor disse:

— Dizei a vosso pai, que mande cá outro filho, (o qual veio).

E aconteceu-lhe da mesma maneira que ao primeiro, que também disse que as laranjas eram dezoito, como o pareciam. E o senhor mandou vir o terceiro, o

qual vinha desgostoso, porque já sabia a pergunta, e não sabia que responder. E todavia chegando, o senhor lhe mandou que visse as laranjas que estavam naquela bacia, como dissera aos outros; e ele saindo fora, chamou dois homens da casa, que andavam passeando na sala, e disse-lhes:

— Senhores, o duque manda saber as laranjas que estão nesta bacia; sede presentes, por que sejais testemunhas do que achar:

E assim, tirou as laranjas fora, e viu ele e eles que eram as catorze metades e as quatro inteiras; e meteu a mão na água e viu que não havia lá outra cousa, e assim fez que o vissem aqueles dois homens que ali estavam. E visto isto, tirou papel e escrivantina que levava consigo e fez auto do que ali se achou, e nomeou nele os dois homens que foram testemunhas e o assinaram, e com isto tornou ao senhor, que visto lhe pareceu bem a diligencia que fizera, e disse-lhe:

— Vós o fizestes como oficial, e não como os outros, que sem ver o que era disseram o que lhes pareceu.

E logo mandou que mandasse fazer a carta do ofício, que lhe fazia merce dele, porque escreveu o que viu e palpou, que assim é necessário fazer-se para dar fé verdadeira.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, parte 1, n.º XIV.)

NOTA: Há uma situação análoga no *Conde de Lucanor*, n.º XIX; é um herdeiro do trono o escolhido: De lo que fizo um rei moro com tres fijos que havia, per saber qual dellos era mayor hombre. Fl. 84, ed. 1642.

OS DOIS IRMÃOS

Um velho rico tinha dois filhos, e porque o maior que tinha carrego da administrao da fazenda se casou sem licena, o lanou fora de casa, tirando-lhe a posse e mando que nela tinha, e alm disto lhe cobrou dio mortal com desejo de o empecer; e para o poder fazer ao menos na fazenda, imaginava sempre como per sua morte o deixasse deserddado e desse tudo ao outro filho menor. E achou que o faria, deixando de acabar umas casas sumptuosas que tinha comeadas no melhor da cidade, as quais estavam j galgadas as paredes para lhe lanar o primeiro sobrado, e isto porque o que havia de gastar nelas ficasse em dinheiro na mo do filho menor quando ele lho quisesse dar. E passados anos, o velho perseverando em sua contumcia, no quis perdoar o filho nem lhe quis mais ver o rosto. E com este rancor morreu e deixou grande fazenda em dinheiro, ouro e prata ao segundo filho, dando-lho na mo, porque no desse dali parte ao outro, ao qual ele deserddara, de todo se perdera. Coube ao maior to pouco, que no houve bem para se vestir de do ele e seus filhos, que, como havia dias que era casado, tinha quatro crianas, e assim ficou pobre e cercado de trabalhos e muita necessidade, que, vendo-se o mais velho em tanta misria foi ao irmo, e com lgrimas lhe disse:

— Irmo, bem sabes e ves minha necessidade e pobreza; rogo-te que me des estes princpios de casas que meu pai deixou de acabar, porque alimpadas com meu trabalho e de minha mulher e filhos, as possa cobrir de trouxa e agasalhar-me dentro; que elas a ti no te aproveitam, nem as estimas, e esto em esterqueira do concelho, feitas pardieiro; elas esto galgadas de maneira que sem lhe acrescentar parede, ali as cobrirei do que puder, e nisto me fars grande esmola.

O irmão menor vendo a necessidade de seu irmão, e como dizem, porque o sangue não se roga, entregou-lhe as casas, e fez-lhe delas sua carta de doação livre e desembargada.

Passados anos o irmão menor veio a casar, e porque a quem tem muito lhe dão mais, deram-lhe grande dote com uma mulher tão cobiçosa da fazenda, que o muito que tinha lhe parecia nada, e o pouco alheio cuidava que era muito e o queria e cobiçava para si. E desta maneira, indo um dia a visitar a mulher do cunhado, irmão de seu marido, viu o princípio e entrada da casa e o portal de pedraria que mostrava demandar mais água, que ser logo em cima coberta de trouxa como estava, e cobiçosa de haver aquele assento e fazer nele casas para sua morada custosas e ricas, sem fazer ali muita tardança veio ao marido e disse-lhe — que comprasse aquele assento a seu irmão dando-lhe por ele com que pudesse haver casas pera si em outra parte. E ele lhe respondeu: que o não faria, porque ele lho dera feito, pardieiro, que não era razão pedir-lho agora que o tinha limpo, ainda que fosse por compra.

Quando ela isto ouviu, ali foi a grita, que em toda a vizinhança se ouviu seu brado, dizendo: — que folgava muito de saber que ele lho tinha dado, porque já agora não dizia ela por dinheiro, mas sem ele lho havia de dar, e se não fosse em paz e por bem, seria por justiça. E dava logo esta razão:

— Se vós lho destes solteiro, sereis menor; e se lho destes em casado, a dada não vale, que eu não consinto.

E isto dizia tão menencória e pelejando, que o marido não tinha mesa nem cama sem arruído. E assim fez tanto, que por ter paz o marido citou a seu irmão, pedindo-lhe as casas que lhe dera; e processado o feito, que correndo os seus termos ordinários saiu por sentença a doação por boa. E assim foi a propriedade julgada ao pobre; porém, a mulher do rico mal-contente, fez agravar da sentença e seguir o feito até mor alçada, e assim foi a Suplicação, que então estava na cidade de Évora. E partindo de Lisboa, o rico ia a cavalo e com grande

cevadeira, e o pobre a pé com dous pães e quatro cebolas no capelo; e assim caminharam pera haver final sentença. Indo assim caminhando pera Évora, foram pousar uma noite na Landeira, em casa de um vendeiro, que havia dezoito anos que era casado e nunca tivera filho nem filha; e estava rico e contente, porque a este tempo tinha a mulher prenhe, quase em dias de parir. E por ser muito conhecido do rico o agasalhou e pos grande mesa, dando-lhe de cear o melhor que ele pode e tinha; assim se puseram a cear com grande festa, fazendo assentar a mesa a mulher do vendeiro pera que como prenhe tomasse de cada cousa um bocado. E o pobre homem, sem dizer que era irmão do rico, se assentou derredor do lume, e pos no borrarho a assar uma cebola para sua ceia, que assada a ceou com seu pão e água. Esta mulher prenhe ainda que estava a mesa com o marido e hóspede, onde tinham bem que cear, e recebiam gosto de lhe dar o que ele pedia por que não perigasse, não lhe pareceu bem nada do que ali havia, nem lhe prestava coisa que comesse, cheirando-lhe a cebola, que se assava, que morria por ir comer dela, e com vergonha do hóspede não se erguia da mesa, tomou-lhe tal desmaio que caiu no chão, e como criança era já grande a boa mulher com grande trabalho moveu aquela noite antes de muitas horas com muito pesar e dor do marido, o qual, inquirindo da mulher se desejara alguma cousa, tanto que ela lhe disse que da cebola assada que aquele homem ceara, se foi a ele com grande ira, que o queria matar a punhadas, e sem falta o fizera, se o irmão o não escusara, dizendo:

— Eu vou com ele em demanda a corte; se vos parece que vos tem culpa e é caso de o matar, como quereis, i comigo e acusai-o, e lá vos farão justiça.

Tanto que veio a manhã, determinou o vendeiro ir acusá-lo a corte. E assim como o rico se pos a cavalo, partiram ambos para a cidade de Évora donde o vendeiro pretendia fazer enforcar aquele pobre homem. E assim caminhavam os dous a cavalo, e o pobre a pé; chovia, e havia chovido toda a noite passada, de maneira que o caminho tinha a lugares lamas e atoleiros, porque era tempo de

inverno. A esta conjunção achou no próprio caminho um homem, que com uma azémola estava metido no olho de um grande lamarão de barro, tão pesado que não podia sair, nem valer-se a si, nem a azémola, e anda que bradou pelos que passavam a cavalo, nenhum quis acudir. Até que chegou este pobre homem que caminhava a pé, e com muito mais trabalho que todos e de feito o ajudou com vontade a livrar daquela afronta; e fez de maneira com que, tirando o homem da pressa de sua pessoa, buscaram ambos matos que lançar aderedor da azémola para poder chegar a ela sem atolar. Trabalhou tanto o pobre homem nisto, tirando a vezes pelos pés e mãos, e outras pelo cabresto e rabo, com a força que ele pos lhe ficaram nas mãos tantas sedas do rabo da azémola, que lhe davam grande fealdade. O dono, tanto que viu o defeito da azémola veio a grandes brados com o pobre, dizendo que acinte lhe arrancara o rabo, e que lhe havia de pagar por justiça o defeito, e que sobre isso iria a corte; e assim indo alcançou os outros que iam diante na primeira venda donde estavam pousados e lhe fez queixume do pobre que vinha a pé, muito triste de se ver com tantos desastres com lhe aconteciam sem ele ter culpa; e porque não acontecessem mais, não quis pousar naquela venda, mas só se pos ao caminho e chegou a Évora a tempo, que já lá estavam. E considerando o pobre como havia de parecer com tres demandas diante do regedor, assentou que era melhor matar-se ele mesmo a si, que ver-se em poder de seus inimigos;

E logo o pos por obra desta maneira. Subindo pela escada do muro da cidade, foi acima até chegar as ameias da torre que está sobre a porta, e deixando-se cair da torre abaixo para a banda de fora. Ora, aquela manhã, depois de tanta chuva, tinha amanhecido o dia bom e muito fermoso; um velho que estava entrevado doente e morava ali perto, por gozar o sol deste dia se fez levar ao soalheiro ao pé do muro, por ali aquecer e ter refrigério de ver e falar com alguns conhecentes que passavam; e assim pouco depois dele assentado em uma cadeira, vedes, vem de cima do muro pelos ares aquele homem, que desesperado por se

ver com tanta demanda se lançou desejoso de receber a morte, o qual veio diretamente dar sobre o desditoso velho, morreu, e o pobre homem que desejava morrer não recebeu nenhum dano da queda, que foi toda em cheio sobre o velho. Ao qual logo acudiram dois filhos que tinha, e achando-o morto lançaram mão do matador e preso o levaram ante o regedor. Porém, atravessando com ele pela praça, foi visto do irmão e dos outros dois contrários, que o estavam aguardando; tomou o irmão a dianteira e o vendeiro também queria dizer seu queixume e o da azémola o mesmo, de maneira que cada um se atravessava por falar, não deixando dizer ao outro. Tanta briga tiveram entre si, que o regedor olhou nisso e logo naquele instante propos em si, que se achasse da parte do pobre alguma coisa com que por direito o pudesse favorecer, que o faria de boa vontade. E disse:

— **Q**ue as pessoas que tinham que dizer contra aquele homem dissessem um a um, começando primeiro quem primeiro teve a diferença; e assim cada um per sua ordem.

Pelo que o irmão foi o primeiro, que lhe pediu as casas, fundando-se nas razões já ditas; ao qual respondeu o pobre com a verdade do caso como passava. O regedor disse:

— Eu mando que este fique com as casas como estão julgadas, e que vós que sabeis que lhas pedis mal e com malícia insistis nisso, lhe pagueis a ele duzentos mil réis.

E logo foi por eles preso, e não foi solto até pagar. Concluído este, veio o vendeiro, dizendo que lhe fizera mover a mulher; ao qual respondeu o pobre com a verdade, contando como passara. E o regedor, visto o caso, julgou ao pobre por sem culpa, e que o vendeiro pela afronta em que o pusera e em emenda do dano que lhe fez em sua casa dando nele, lhe pagasse cinquenta cruzados. E logo veio o da azémola, pedindo que maliciosamente pegara no rabo daquela alimária e lho arrancara; o qual era muito defeito e grande fealdade, que

lhe mandasse pagar o que fosse avaliado. Ao que foi respondido pelo pobre, dizendo que o ajudara a sair do atoleiro: ouvido pelo regedor e vista a ingratidão, foi julgado por ele que a azémola ficasse em poder do pobre tanto tempo até que lhe nascesse o rabo, e se servisse dela, e se o dono apelasse disso pagasse cinquenta cruzados. Isto concluído, os filhos do velho que estava morto, alcançaram as vozes pedindo justiça.

— Este matou; o matador morra por isso que assim é justo.

O regedor quis saber o caso miudamente, e ouviu ao pobre como e porque se lançara do muro abaixo. O que tudo visto, mandou que aquele homem acusado fosse assentado na cadeira em que estava o velho quando morreu, e o acusador se subisse ao muro e se lançasse dele abaixo como o outro fez e assim caísse sobre ele e o matasse, que desta maneira o matador pagaria como pecou; e se não quisessem aceitar isto, que pagassem ao pobre pela afronta em que o puseram cinquenta cruzados.

Os filhos do velho, visto que podia ser deitando-se do muro errar o golpe e não lhe fazer dano, e o que se lançasse corria muito risco de perigar, davam brados, e foram logo reteúdos e houveram por bem de pagar os cinquenta cruzados, antes que aventurar a vida. E assim o homem acusado ficou livre e com muito dinheiro com que se tornou para Lisboa na azémola, que lhe julgaram.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, parte I, conto XV.)

NOTA: Há um largo estudo comparativo sobre este conto na *Revista de Etnologia e Glotologia*, onde se compara a versão de Timoneda, no *Patranuelo*, e as russas, tibetanas, indianas e alemãs, coligidas por Benfey, as de Sercambi e de Busoto, comparadas por Reinhold Kohler.

Na *Revista de Etnologia*, pp. III a 137, faz-se a transcrição das versões deste conto do *Patranuelo* de Timoneda e da africana de Mornand *O Cadi d'Emessa*; e apontam-se as versões russa, tibetana, indiana, alemã, italiana e inglesa, de que deu notícia. Benfey na Introdução a tradução do *Pantchatantra*, em que

aparecem os mesmos episódios com que tem sido bordados os contos primitivos, sem seguirem a mesma ordem, que ficava ao capricho da fantasia do narrador. Esses episódios são: «Animal roubado», «Criança morta», «Velha morta», «Penhor da carne», «Bolsa achada», «Machado ao rio», «Olho arrancado», «Casas», «Perguntas», «Encontros». Destas laboriosas comparações, conclui-se que o conto não deriva de um fundo mítico, mas pertence ao ciclo dos Juízos salomónicos e devem a sua vulgarização a propaganda búdica na intenção casuística teológica, segundo Benfey, imitada pelos pregadores católicos. Muitos episódios que se acumulam neste conto tornaram-se contos independentes, reduzindo-se a crítica a determinar-lhe o tema fundamental. (*Rev. de Etnologia*, pp. 108 a 134.)

DOM SIMÃO

Deu um príncipe poderoso uma comenda grande de muita renda a um fidalgo nobre, que além de a ter ganhado em África, segundo costume, ele a merecia por sua virtuosa condição e bons costumes. Pareceu-lhe a el-rei que Dom Simão era caçador e tinha muitos galgos e outros cães, e se indignou tanto contra o fidalgo e determinou destruí-lo ou matá-lo; e assim com súpita menencoria, fez fazer prestes e cavalgou aforrado, e em cinco dias foi ter a comenda donde o bom comendador estava, bem fora de cuidar da menencoria que el-rei trazia contra ele. E tanto que el-rei chegou, foi o comendador para lhe beijar a mão, mas el-rei lhe mostrou no rosto a má vontade que lhe trazia, e o apartou logo, e disse-lhe:

— Eu tenho informações dos males que fazeis, os quais determino castigar, e há de ser em todo caso amanhã; salvo se em amanhecendo me responderdes a tres cousas que agora vos quero perguntar, e acertando em todas terei para mim que acertais no que fazeis, e senão, sois condenado a morte.

Muito lhe pesou ao comendador em ouvir isto, e quisera saber as culpas que lhe punham e desculpar-se delas; porém el-rei o não quis escutar, mas disse-lhe:

— Pela manhã mui cedo vinde-me aqui dizer: Em que lugar do mundo é o meio dele? E quanto há de altura da terra ao céu? E que está imaginando o meu coração naquele momento que vós me responderdes? E sem estas respostas e certas, não pareçais ante mim, nem me faleis.

E sem o querer ouvir se recolheu a uma camara a cear e dormir, e o comendador ficou agastado imaginando no caso sem saber porque estava el-rei menencorio dele, nem entendia o que havia de responder a suas perguntas, e quando lhe representava a imaginação que se fosse, em tal caso tinha mor pena. E com isto

se saiu a passear pola porta daquela sua casa, em a qual estava por hortelão um virtuoso homem, que na idade, filosomia do rosto e fala parecia muito ao comendador, e diferenciava no traje somente, que algumas vezes querendo por passatempo fazer festa, se vestia o hortelão roupas do senhor, levemente se enganavam os criados da casa. E andando assim passeando foi vista sua tristeza pelo hortelão que era virtuoso e de boa criação, e foi-se ao senhor, ao qual afincadamente pediu por merce que lhe desse conta de sua paixão, que poderia ser que por seu meio lhe daria algum remédio. O senhor que sabia que este hortelão era homem de muita habilidade e saber, lhe contou o caso todo como passava com el-rei. O hortelão que era muito sisudo:

— Senhor, tudo se remediará com uma cousa: o que é necessário fazer para remédio da afronta em que estamos é que dispais essas roupas e vistais estas minhas, e eu fingirei ser vós e irei ter com el-rei, que já tenho cuidado tudo o que hei de dizer e fazer para livrar a vossa vida e a minha da afronta presente.

E isto foi feito com tanto segredo e resguardo, que ninguém na casa o soube nem suspeitou. E o fingido comendador começou a passear a porta da camara donde el-rei dormia, e tanto que sentira estava vestido, lhe mandou recado, estava ali para lhe dar a resposta do que Sua Alteza perguntara ontem. El-rei folgou disso, e saiu para fora a um corredor que ali se fazia, que ia ter sobre a horta, e postos ali ambos disse o hortelão, fingindo ser o comendador:

— Ontem perguntou Vossa Alteza tres perguntas, a que respondendo digo: que quanto a primeira, que é — Donde está o meio do mundo? lhe afirmo que está ali. (E lançando mão de um arremessão de murtos que naquele corredor estavam o pregou na horta fazendo com ele fermoso tiro.) E para provar isto digo que o mundo é redondo, e ninguém diz o contrário, e sendo tal como é, em qualquer parte é o meio dele, como se pode ver em uma bola redonda, a qual donde lhe puserem o dedo é o meio dela. Está Vossa Alteza nisto satisfeito?

El-rei disse:

— Dizei das outras!

E ele respondeu:

— A segunda pergunta é — Quanto há daqui da terra ao céu? Saiba Vossa Alteza que isto tem medida igual e é uma vista de olhos. Abaixei os olhos ao chão, e logo alevante-os ao céu, que com uma só medida chegam, que é como digo, uma vista de olhos.

El-rei lhe disse:

— Bem respondestes; livre estais das duas; porém a terceira, tenho para mim, que nunca acertareis.

E ele lhe disse:

— A essa, melhor; porque a terceira é que hei de dizer. Que é o que Vossa Alteza cuida no seu coração a esta hora de agora? E porque isto não tem outro juiz senão ele mesmo, eu lhe peço que o queira ser justo como o é em tudo o mais, e respondendo, digo: que está Vossa Alteza com todo o seu coração cuidando que está falando com Dom Simão o comendador, e fala com seu hortelão, que eu não sou ele. E se o quer ver vestido com minhas roupas, está dando esmola aos pobres que mantém cada dia nesta comenda.

El-rei vendo a habilidade deste homem, e que em tudo dissera bem, quis saber dele com juramento a vida do comendador e seu exercício; folgou muito de saber e despedindo-se do comendador lhe mandou dar das rendas da coroa dois mil cruzados cada ano. E ao hortelão dava el-rei cárragos honrosos na corte, porque andasse nela, o que ele não aceitou por servir a seu senhor, que lho agradeceu e pagou, tratando-o dali por diante como a irmão carnal.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, p. 1, conto XVII.)

NOTA: Vid. a versão popular com a nota respetiva, vol. I. pág. 275 (*Frei João*

Sem Cuidados). Aparece nas novelas de Franco Sacchetti, nov. IV. No *Almanaque de Lembranças para 1861*, p. 322.

OS TRÊS CONSELHOS

A casa de um sábio letrado chegou um mancebo de dezoito ou vinte anos, e lhe disse:

— Meu pai, antes de sua morte me deu cento e cinquenta cruzados e me mandou que buscasse nesta terra tres doutos varões, a quem desse cinquenta a cada um, e lhe pedisse por merce que cada um me desse seu conselho daquilo que me pertencia fazer para bom governo de minha pessoa e vida. Eu tenho já escolhido os letrados, e Vossa Merce é o primeiro; sirva-se destes cinquenta cruzados.

E deu-lhos logo em dinheiro, que o letrado tomou, e estudando sobre o caso, passados oito dias lhe respondeu:

— Assentai vivenda com algum senhor, e qualquer que for aquele que vos aceitar honrai-o e servi-o com verdade e lealdade.

Despedido deste letrado se foi a outro, e com as mesmas palavras que disse ao primeiro, lhe pediu seu conselho, declarando o conselho que já trazia, e lhe deu cinquenta cruzados, que o letrado tomou. E estudando como o caso requeria, a cabo de oito dias, respondendo-lhe disse:

— Filho, pressuposto que haveis de ser tal qual o douto varão vos aconselhou, vos digo mais: Quando fordes poderoso, sede misericordioso, não façais com rigor tudo o que puderdes ainda que seja justiça. E sendo misericordioso no que fizerdes, sereis benquisto de todos, tereis amigos, que em alguma necessidade, se a tiverdes, vos serão bons, e isto guardai sem falta.

E o mancebo se foi ao terceiro letrado, ao qual contou os conselhos dos dois que já ouvistes, dando-lhe os cinquenta cruzados, que aceitou; e estudando sobre o

caso, conforme aos outros respondeu aos oito dias, e disse:

— Pois dais vosso dinheiro por conselhos, usai deles, que vos vai a vida em guardá-los. E além deles digo, que se os amigos a que fizerdes bem vos agasalharem, aceitai seu gasalhado, e quando caminhardes andai de dia, não andeis de noite, ainda que seja uma pequena jornada; mas deixai-a pola manhã, que vo vai nisto muito.

Estes foram os tres conselhos que os sábios deram a este mancebo, que se foi logo assentar vida com um senhor cidadão daquela cidade, ao qual sempre foi leal e sem lisonja como lhe foi aconselhado. Aconteceu, que vindo el-rei aquela terra, quis este senhor por fruta nova (que então o era) mandar-lhe alguns figos, que os tinha, em certas figueiras temporãs muito boas; e mandou a eles tres pajens, cada um com seu açafate, que o enchessem de figos, encomendendo-lhes a limpeza e bom tratamento deles, porque eram para levar a el-rei. Dos quais pajens era este mancebo um deles; e um dos outros, tanto que subiu na figueira, desejoso de comer dos figos se pos a isso comendo os melhores que achava. O outro pajem pos-se a encher o seu açafate, tendo o olho em quanto lhe vinha ter a mão algum muito feroso que lhe contentava mais, este comia. Este nosso pajem de que tratamos, tanto que trepou na figueira, com grande diligencia buscou como encher seu açafate de muitos bons figos limpos e maduros, tendo diante dos olhos que este era o gosto do seu senhor, que os havia de mandar a el-rei. Todos os tres açafates foram bem recebidos, e logo se viu a vantagem que o deste pajem tinha aos outros, e foi descoberto o caso que aconteceu no apanhar, pelo que o mestre-sala de el-rei o pediu aquele cidadão com quem estava, o qual pelo aproveitar lho deu, e o moço se soube dar tal manha em seu serviço e com tanta verdade, que el-rei de o saber e de que ver levou muito gosto e não queria ser servido por outrem senão por ele, quando o mestre-sala era ausente.

Mandou el-rei para fora do reino ao mestre-sala com um cárrego honroso, e mandou que até ele tornar serviço em cárrego aquele mancebo, o qual o fez,

tendo tão boa ordem no serviço do ofício, que el-rei estava muito satisfeito. E tanto que vindo novas que era morto o mestre-sala donde fora, a este deu o ofício, e foi tal, que mereceu que el-rei o fizesse mordomo da casa da rainha. E querendo ir aforrado visitar seu reino, e prover algumas coisas dele, o deixou onde ficava a rainha, servindo-a neste cargo em que esteve até que el-rei tornou. Como nunca faltam maus, foi este mordomo-mor mexericado com el-rei, de maneira que com falsas informações o indignaram tanto contra ele, que sendo como era muito leal, afirmaram contra sua pessoa que era treidor, e isto dito por palavra e per pessoa, que el-rei creu que seria verdade. E porque de todos era benquisto, não quis el-rei na corte fazer justiça dele, nem descobrir seus delitos; mas chamando-o ante si lhe disse:

— Esta carta não se fia de outra pessoa senão de vós; pelo qual com diligencia caminhando o mais que puderdes, a levai a Fuão, que está na raia deste reino, em tal fortaleza, e dai-lha, e vede como e de que sorte tem a guarda daquele castelo.

E logo que lhe deu uma carta selada com o selo real, que o mordomo tomou como leal criado; e visto o mandado d’el-rei, partiu logo para a fortaleza por jornadas que já levava ordenadas da corte, em que o terceiro dia havia de ir dormir aquele castelo. Porém, uma légua antes de chegar a ele, se achou com o cavalo quase desferrado de todo. E porque isto era passado pelo meio de uma boa povoação, quis repousar sua cavalgadura, e ouvindo trabalhar um ferrador, foi-se para aquela parte; mas antes que chegasse, lhe saiu ao encontro um homem preto, alto de corpo, ladino, e lhe disse:

— Senhor, boa seja a vinda de Vossa Merce; em verdade este é um alegre dia para mim; apeie-se, repousará aqui esta noite.

E pos-se a ferrar o cavalo, o qual fez com muito primor e graça, e feito disse:

— Senhor, conheci-me, que tenho muita razão de vos servir, e fazei-me merce que entreis nesta casa, que é vossa.

E o mordomo atentando por ele, pareceu-lhe que já o vira. E nestas detenções estiveram algum pequeno espaço, que lhe pareceu ao mordomo que devia de ficar ali, porque o preto se lhe deu a conhecer e era amigo que já recebera honras dele, e conforme ao terceiro conselho, não havia de passar adiante, e assim o fez com intenção de se erguer muito cedo e amanhecer na fortaleza. Cearam todos com contentamento, e sobre a mesa lhe disse como ia aquele castelo não a mais que a dar aquela carta de el-rei ao capitão, que devia importar, pois el-rei a não fiara de outrem senão dele, a qual mostrou, e pos debaixo da cabeceira. Duas horas antemanhã, o preto se ergueu da cama, e tomando mansamente a carta da cabeceira ao mordomo, a bom recado caminhou, e antemanhã ele estava batendo a porta da fortaleza.

Tanto que o capitão abriu a carta, sem outra detenção o mandou enforcar de uma ameia. Ora o mordomo-mor, tanto que foi manhã se ergueu, mas, quando não achou a carta ficou agastado, e partiu a todo o galope. E em chegando a vista da fortaleza viu o preto enforcado da ameia, que lhe dava já o sol, logo presumiu que aquilo devia ser recado da carta, e estava consigo pensativo que faria. Todavia com a fúria que o cavalo levava chegou a porta, e chamou, e porque foi logo conhecido dos de dentro lhe foi logo aberta; o mordomo-mor tomou a carta, e viu que era a que ele trazia; leu-a, que dizia assim: «Capitão, tanto que esta receberdes enforcai o portador.» E estava escrita da própria letra de el-rei, assinada e selada, de que o mordomo-mor ficou espantado. Determinou tornar diante de el-rei com a própria carta. Chegou ao paço a horas que el-rei acabava de jantar, e se recolhia a uma camara a repousar. Entrou e posto em geolhos, disse:

— Senhor, não sei que súbito acidente pode tanto com Vossa Alteza, que sem ser ouvido me mandasse matar tão cruelmente; minha inocencia me livrou.

E com breves palavras lhe contou como, e disse:

— Porém se Vossa Alteza tem culpas de mim, aqui estou, faça justiça, mande vir

diante de mim quem me acusa. E se me faz merce que eu seja ouvido, saiba que antes de vir a casa de meu primeiro senhor, dei cento e cinquenta cruzados que tinha, a tres sábios por tres conselhos que até hoje guardei. E do primeiro, que era ser sempre leal, como o fui, resultou que subi a mais do que merecia, nem esperava, como é chegar a servir de mordomo-mor da rainha. E neste tempo que a servia, sendo Vossa Majestade ausente, senti que um escravo de casa saiu do paço com certas peças ricas, que me pareceu levava de mau título: tomei-lhas, e por não infamar a pessoa que as devera guardar, ou quem lhas deu para as vender, dissimulei o caso, forrei o escravo, e mandei-o fora do paço, dando-lhe dinheiro para o caminho; no que tudo usei do segundo conselho, que era — ser misericordioso quando fosse poderoso. Agora levando a carta que Vossa Alteza me mandou, achei-me a uma légua da fortaleza com o cavalo desferrado; conheceu-me aquele escravo, que com o dinheiro que lhe dei aprendera a ferrador, e estava ali casado, e quando me viu ferrou-me o cavalo, mostrando e fazendo-me muito gasalhado me importunou que pousasse com ele aquela noite, o qual eu aceitei por guardar o terceiro conselho, que era tomar pousada com sol. O preto por me pagar, sem eu o saber, me tomou a carta da cabeceira, porque lhe disse que a levava aquele capitão, e de madrugada partiu de sua casa e a levou; donde resultou que conforme ao que nela dizia ele padeceu. Pode ser que quem tinha culpa das peças que digo, quando achou que não parecia o negro, temendo ser descoberto de mim, quis com minha morte inocente segurar a vida maliciosa pondo-me algum falso testemunho.

El-rei ouvindo isto pasmou e fez vir ante si quem o acusava, o qual a poucas perguntas confessou ser ele culpado em delitos que cuidava o mordomo-mor sabia e por escapar lhe alevantou tudo o que contra ele se disse a el-rei. El-rei o pos em justiça e por ela foi condenado a morte, que logo se executou. E assim pagaram ele e o negro como malfeitores, e escapou o inocente mordomo.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, parte 1, n.º XVIII)

NOTA: Conserva-se ainda no povo este tema tradicional, a que Trancoso deu forma literária. Vid. vol. I. pág. 338 (*Os Tres Conselhos*) e nota correspondente. O tema da morte do mensageiro repete-se na tradição do Pajem da Rainha Santa Isabel. (Vid. a nota de *O Pajem da Rainha*) Encontra-se uma versão no *Conde de Lucanor*, de D. Juan Manuel, Conto XLVI: De lo que acontecio al mercador que fue a comprar rosas. Fl. 118 X. (1642) Ed.

QUANTO VALE A BOA SOGRA

Uma nobre dona deu a um mancebo, que ia para as Índias de Castela, uma beatilha, muito fina, que lha levasse de encomenda, dizendo, que lhe rogava que a vendesse pelo mais que pudesse, e partiriam ambos o dinheiro. E o mancebo, não por cobiça do ganho, mas por fazer bem a viúva, que tinha uma filha virtuosa que manter, a guardou e levou a recado. Perderam os portugueses toda a mercadoria que levavam, e de nojo morreram quase todos antes de vinte dias; porém como não perdiam a roupa do seu corpo, houve este mancebo o caixão da roupa de linho, donde metera a beatilha, e como se viu solto determinou por misericórdia pedir a fazenda que perdera, e para se lhe fazer nisto favor teve maneira como mandou aquela beatilha rica de presente a mulher do Justiça Maior daquela terra. E ela tanto que a viu a aceitou, e desde logo trabalhou o marido tudo o que pode para que desse a fazenda aquele homem. E assim lhe deram cinco vezes mais de que lhe tomaram, e vendeu também o que lhe ficou na roupa de linho, que fez grande fazenda, e tudo feito em pedaços de ouro, veio a Portugal riquíssimo.

Estando este mancebo já repousado em sua casa, disse-lhe um dia a sua própria mãe:

— Filho, se fizeste algum dinheiro da beatilha da vizinha, rogo-vos que o mandeis a sua filha, que ficou órfã.

E ele vendo isto, e tendo diante dos olhos que tudo o que trouxe lhe veio de apresentar a beatilha como presentou, tomou cinquenta cruzados de ouro e deu-os a mãe:

— Dizei-lhe que tome isto por então.

Assim lhos mandou, e isto fez por quatro vezes; e a mãe vendo que ele tinha já dado tanto dinheiro, e que lhe parecia não ter satisfeito, lhe disse:

— Filho, se vós tanto lhe deveis, que com o que lhe tendes dado não vos parece que pagais, fazei o que eu vos disser, que eu vos rogo que caseis com ela, e que verdadeiramente por sua pessoa o merece.

O mancebo ouvindo isto de sua mãe, aceitou o casamento, que se logo tratou. Foram desposados e a seu tempo recebidos, porém como diz o rifão, *que a órfã não goza nem o dia da sua boda*, assim aconteceu a esta, que o dia que os receberam, azevieiros difamadores vinham da igreja detrás deles murmurando do noivo porque se casara com aquela que sua mãe a vendera primeiro. E isto diziam tão desavergonhadamente, que deram ocasião a que o noivo o ouvisse. Porém, des então lhe ficou um rancor no coração, e tão grande menencoria consigo, que se não podia consolar, tendo-a também contra a mãe. E assim despedida a gente que os acompanhou até casa, ele disse que ia por certa coisa que lhe faltava por trazer, e também se saiu de casa sem nunca mais tomar a ela.

Ficou a este tempo a noiva mais triste que a noite, sem ter consolação de ninguém nem saber a causa daquela mudança, que não sabia que conselho tomar, e certo se deixara morrer de nojo, se não fora a boa sogra que tinha, que esta a acompanhou todo o tempo que lhe durou seu trabalho.

Porém como o mancebo tinha para si que era enganado, apartado daquela vizinhança, em outra rua tomou casa, em que a pos de mercadorias que ele sabia tratar, com um sobrado em cima em que viveu mais de dois anos. Neste tempo indo a mãe a ver o filho, algumas vezes lhe achou mulheres em casa. E tanto que a mãe sentiu isto, imaginou o que havia de fazer, e foi-se a casa e disse a sua nora:

— Filha, sempre tomaste meu conselho, e espero também tomareis agora este que vos der: e é que deixeis estes trajes tão honestos e tristes e vos façais mui

fermosa e leda com outro traje que pareça de mulher que vai em corpo fora. Fiai-vos de que vos acompanharei até vos mostrar a lógia de vosso marido; entrai nela, e fingi comprar para um corpinho.

Daqui lhe aconselhou o que havia de fazer e se foi com ela até lhe mostrar a porta da lógia, e a velha se tornou para casa. A moça viu seu marido, envergonhada, pelo transe em que estava lhe veio outra cor ao rosto, que a fez mais fermosa, ainda que ela o era assaz, e esteve um pouco suspensa. O marido que a viu, não suspeitando nem por imaginação que fosse, lhe perguntou o que queria, e a fez entrar, e deu ordem como despedir os que ali estavam, e ficando com ela só começou a falar-lhe de amores, a que ela envergonhada não sabia que responder. Ele a importunou, e ela aceitou ficar ali aquela noite, em que ele conheceu claro que ela era muito fermosa. E chegada a manhã, ela lhe pareceu que já não era razão nem tempo de usar tanta vergonha:

— Muito tempo há que vos tenho por meu senhor, e se até agora tardei e estive sem vo-lo notificar foi por vos dar mostra de minha pessoa, que foi tão mofina, que sem me ver nem haver porque, me enjeitastes. E se todavia agora me enjeitais mandai chamar vossa mãe que me leve, que ela me trouxe.

Quando ele entendeu isto e viu ser aquela sua mulher, não sabia determinar o que faria, que por aquela noite que a teve, se ela não fora sua mulher, e ele fora solteiro, lhe pareceu que lhe merecia casar-se com ela. E estando nestas considerações, começaram a bater-lhe rijo a porta, e ele chegou a uma fresta, e conhecendo que quem batia era sua mãe, lhe foi abrir, a qual, em entrando pela casa disse:

— Filho, que vos parece da donzela que vos acompanhou esta noite? Credes que é a que eu disse, já que sabeis que é vossa mulher?

Ele vendo a fermosura da mulher e sua grande humildade, e conhecendo que o que ouvira foi engano, pesou-lhe do tempo em que deixou de estar com sua

nobre e virtuosa mulher, e com bom coração na vontade pedia perdão do agravo que até então lhe tinha feito, e se começaram a abraçar como se então se viram a primeira vez, e ficaram marido e mulher muito contentes, e tiveram a velha mãe dele por mãe de ambos, que por esta se pode bem dizer:

A sogra boa
Da nora é coroa.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, parte II, conto 1.º)

NOTA: Nos romances metrificados, como de *Dom Bozo e D. Pedro*, a sogra é sempre crua. A mulher que engana o marido metendo-se com ele na cama é um tema popular de muitos contos; este, porém, já recebeu forma literária na composição de Shakespeare, *Tudo É Bom quando Acaba bem*.

O QUE DEUS FAZ É PELO MELHOR

Havia um médico, bom homem, em corte de um poderoso rei, sem refulso de malícia, que visitando Sua Alteza, ainda que o achasse afligido com qualquer trabalho ou dor não mostrava entristecer-se, mas, aplicados os remédios que entendia lhe eram necessários, consolava el-rei dizendo: que se não agastasse, que sofresse seu trabalho com paciência, porque tudo o que Deus faz é pelo melhor.

Aconteceu que morreu o príncipe herdeiro do reino, pelo que el-rei esteve encerrado e muito triste; e querendo este médico visitá-lo e consolá-lo, como todos faziam, o fez com as palavras de seu costume, dizendo-lhe:

— Senhor, não vos agasteis tanto, que seja ocasião de perda de vossa pessoa; tudo que Deus faz é pelo melhor.

El-rei não teve paciência a este dito em tal tempo, e disse:

— Que pior me podia ser a mim acerca do príncipe, que morrer-me ele! Prometo de me vingar deste simples e ver se lhe dará por melhor a morte que lhe mandarei dar, se deixá-lo viver.

E chamou dois homens, que eram para isso, e disse-lhes:

— Ide após Fuão, que agora vai daqui, e dizei-lhe que lhe quereis dar um recado meu, e como chegar a ouvi-lo matai-o que eu o mando; não temais a justiça.

Os quais foram a casa do médico e acharam a porta da escada fechada, porque, como todos traziam dó pelo príncipe, ele também quando chegou a sua casa vinha muito afrontado, e para comer despiu-se por desabafar, ficando em calças e gibão, e por não ser achado assim se alguém o buscasse, que lhe pareceu que

estava desonesto, mandou cerrar a porta da rua, e os que o vinham matar disseram que traziam recado de el-rei, e o médico alvoroçado com isto lançou sobre si o capuz de dó, e quis ir adiante dos moços a abrir-lhe ele a porta, e com a pressa ao descer empeçou no capuz e de tal maneira se atravessou na porta que quebrou uma perna pela coxa, de que dava grandíssimos gritos. Acudiram os servidores de casa; tirando-o dali o lançaram na cama, que os brados que dava era lastimosa coisa de ouvir. Foi curado por donas de sua casa, como ele mandou, e respondido aos homens que estavam a porta que se fossem e dissessem a Sua Alteza o que acontecera; e eles o fizeram assim. E o médico esteve mais de seis meses em uma cama, que cuidaram que morresse daquilo; porém sarou, e depois que se ergueu, coxeando da perna foi beijar as mãos a el-rei, e el-rei vendo-lhe o defeito que tinha e o trabalho passado, o quis consolar com palavras meigas; mas o médico pelo costume que tinha não aceitou consolação:

— Não me pesa disso, porque o que Deus faz é pelo melhor.

Ouvido por el-rei e visto como em causa própria, teve-o dali por diante por bom homem, e perdeu o rancor que contra ele tinha; e visto na verdade ser por melhor o quebrar-lhe a perna, que se a não quebrasse morrera, como ele mandava, lhe fez merce para seu gasto, e aceitou seu conselho.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, parte II, conto III)

NOTA: Acha-se no *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, n.º XVII (ed. 1642, fl. 81 v). Indubitavelmente esta redação do século XIV tem uma fonte árabe. Na pág. 90 deixámos outra redação portuguesa do ms. do século XLV (*O Que Deus Faz É Por Melhor*). *Orto do Esposo*.

A RAINHA VIRTUOSA E AS DUAS IRMÃS

Um rei mancebo, que não tinha conversação de mulher alguma, requerido dos seus que se casasse, com desejo de achar na sua própria terra mulher para isso, refusava o casamento de muitas princesas forasteiras que lhe traziam. E queria que a mulher fosse de virtuosos costumes, claro sangue e boa vida, sem respeito a fazenda, pelo que por dote queria que tivesse estas tres cousas. E andando com esta imaginação passeando um dia por uma rua, saíram certas mulheres e moças todas fermosas a uma janela, e quando el-rei passou ficavam falando umas com outras, que el-rei as ouviu, e não entendeu o que diziam, e por saber o que era chamou a si fidalgos que estiveram mais perto. Foi-lhe respondido:

— Senhor, uma disse que se ela casasse com Vossa Alteza, se estrevia a fazer de suas mãos labores de ouro e seda, tão ricos e tanto em vosso serviço, que se se avaliassem valessem tanto dinheiro que bastasse para gasto da mesa. E a outra respondeu que aquilo era muito, mas que se ela tivesse tal dita que casasse com ele, lhe faria camisas e outras cousas de que tivesse necessidade. E a outra respondeu: Ambas não sabeis o que dizeis, nem vale todo vosso lavor tão estimado tanto que basta para vossa manutenção; eu vos digo o que farei: Se chegasse a estado de casar eu com el-rei, de seu ajuntamento lhe pariria dois filhos fermosos como o ouro e uma filha mais fermosa que a prata, o qual é prometer que as mulheres podem cumprir.

El-rei folgou de o ouvir, e notando as considerações em que elas estavam propos de casar com uma delas. Visto isto mandou chamar mulheres de título, donas e senhoras, a quem deu conta, diante das quais quis falar com estas donzelas para se determinar qual tomaria por mulher. E logo fez vir ante si a mais velha, que

vista foi julgada por muito fermosa; el-rei lhe perguntou:

— O que prometestes fazer estando a vossa janela se eu casasse convosco, estrevei-vos a cumpri-lo?

Ela se envergonhou, e mudada a cor disse:

— Farei em seu serviço tudo o que minhas forças bastarão.

El-rei a fez recolher e vir a segunda; porém nas perguntas aconteceu assim como a primeira, pelo que el-rei a fez recolher e vir a menor, que claramente mostrou ser ela a mais fermosa de todas. El-rei lhe perguntou se se estrevia a cumprir o que prometera, e ela muito envergonhada respondeu:

— Senhor, sim; com as condições que então disse.

Coube isto em tanta graça a el-rei, que ele a recebeu por mulher e se fizeram grandes festas que duraram muito. E el-rei trouxe para casa da rainha as duas irmãs que a acompanhassem, e elas foram servidas e tratadas como irmãs da rainha sua mulher. El-rei fez vida mui amorosa com sua mulher, porém durou pouco tempo, porque com inveja que tinham do estado da rainha ambas de um conselho lhe buscavam todo o dano e como a poder empecer e tirar da alteza e honra em que estava. De sua indústria, com falsas testemunhas naquele parto e em outro dois diante, publicaram com falsidade que a rainha parira monstros peçonhentos e não criatura, e os fizeram ventes aos que tinham razão de os ver, de que o reino todo se alterou, e el-rei aborreceu tanto a sua mulher, que lançando-a fora de casa não lhe permitiu em todo o reino lugar nenhum em que tivesse repouso, e as irmãs lhe buscavam tanto mal, que o faziam a quem a recolhia; de modo que a rainha veio a ser a mais pobre e abatida mulher de serviço que em seu tempo houve na Terra, porém permanecendo em toda limpeza se fingiu forasteira e por mulher de serviço a recolheram em um mosteiro de freiras. As irmãs procuravam ilicitamente de ver se podiam agradar a el-rei, o qual dissimulando e apartando-se da conversação delas fazia que as

não entendia, e quando se achava só dizia mal da fortuna que lhe apartava da sua presença a coisa do mundo que ele mais amava, e para recreação do desgosto que trazia consigo não tinha outra consolação senão ir muitas vezes em um barco pelo mar ao longo da terra por esporecer. Algumas vezes pescava e outras ia a caça ao longo de algumas ribeiras. E costumando isto, aconteceu que um dia indo ao longo de uma ribeira acima, viu a borda de água uma casa feita de novo. E chegando perto, desejando saber cuja era, viu a uma janela um menino que seria de sete anos, de muito fermoso rosto, pobrememente vestido, perguntou-lhe:

— Filho, quem mora nesta casa?

E o menino como muito criança, disse:

— Senhor, mora meu pai, que não está aqui; se Vossa Merce quer que chame minha mãe, virá logo.

E neste tempo outro menino de menos idade dizia dentro:

— Senhora mãe, senhora mãe! aqui está um fidalgo a nossa porta.

E a esta conjunção saiu uma mulher a porta da rua com uma menina pela mão, pequenina, e disse:

— Senhor, que manda Vossa Merce?

El-rei, que tinha pregados os olhos e o coração nos meninos que via, tendo no sentido que os filhos da rainha sua mulher já houveram de ser daquele tamanho, lhe disse:

— Vejo estas casas novas ao longo desta ribeira, e estes meninos tão fermosos, folgaria de saber cujo isto é?

Ela respondeu:

— Senhor, as casas e os meninos são meus e de meu marido.

— Dona, as casas creio que serão; mas os meninos, sois já de dias, que parece não deveis de ter tão pequenos filhos. Dona honrada, sou el-rei, e quero saber cujas

são estas casas e estes meninos.

Ela se humilhou muito e com os geolhos no chão, que ao que perguntava soubesse: — que as casas eram suas, mas que os meninos ela não sabia cujos filhos eram mais que trazer-lhos seu marido, que aquela manhã fora ao mar e viria a noite. Então disse el-rei:

— Pois dissei-lhe que amanhã ao jantar vá ter comigo ao paço, e leve estas crianças para me dizer o que sabe delas, que o hei de esperar sobre mesa.

E ela assim lho prometeu. Ido el-rei, como se meteu ao longo da ribeira, já ia acompanhado de muitos dos seus e iam buscando se descobririam alguma caça; Sua Alteza viu umas lapas que parecia que outro tempo foram pedreira e de dentro saiu uma mulher, que trazia os cabelos muito grandes, soltos e pretos, e os vestidos muito rotos. E assim como ela saiu viu a el-rei e com muita diligencia se tornou a meter para dentro para se esconder; mas como foi vista, el-rei a seguiu e asinha a alcançou:

— Quem sois? E porque estais neste ermo?

Ela que conheceu mui bem que era el-rei o que lhe falava, lhe disse:

— Para que quer saber Vossa Alteza a vida de uma mulher desventurada, que em penitencia de seus pecados a faz desta maneira, que agora ve?

El-rei, que viu que era conhecido dela, e que por muito que lhe rogou não quis dizer quem era, desejoso de o saber a fez tomar por dois homens, lhe mandou dar uma capa de água sua, e um sombreiro, que se cobrisse e a pusessem em ancas de uma mula, e que um escudeiro com muito resguardo a levasse ao paço, e sem que fosse vista de outra pessoa alguma a tivesse até que ele chegasse, o qual se fez assim. Ao outro dia, chegadas as horas de recolher a mesa, trouxeram aquela mulher por mandado de el-rei, que de novo lhe perguntou quem era e porque andava daquela sorte; e ela cheia de lágrimas e soluços disse:

— Estando eu nesta casa em muito viça, favorecida da rainha e de suas irmãs,

elas me apartaram um dia, e me disseram que Sua Alteza estava de parto, quando a primeira vez pariu, e que elas tinham determinado lançar um grande sapo-cão nas páreas quando deliberasse, para dizer que aquilo pariria a rainha, e que eu com diligencia tomasse a criança, que elas me dariam envolta em panos, que fosse lançar no mar, e que isto faziam, porque não acertasse de parir filhos como o prometera. Tomei a criança acabada de nascer, que era um filho, e logo em minha presença tiraram um grande sapo que tinham em uma panela, e o embrulharam com as páreas; e isto feito gritaram fingindo que isto era medo do sapo e lançaram a fugir juntamente com elas a parteira. E com esta revolta tive muito tempo para me sair do paço levando a criança comigo, e quando me vi na rua encaminhei para o mar, e fui ter junto aquele lugar donde Vossa Alteza me achou; desembrulhei a criança, vi que era varão, e nisto vi vir um velho pescador: deixei a criança embrulhada nos fatos como vinha e lancei a correr fugindo.

Ele como me viu deixar aquele vulto, foi ver o que era, e como lho vi erguer do chão e levá-lo para sua casa, tornei-me ao paço com o rosto ledado, e disse as senhoras que o lançara ao mar. Foram contentes do que eu disse que fizera, e desta maneira aconteceu outra vez no segundo parto, quando disseram que a rainha parira uma cabra; fugindo todas, fugi eu também e levei o infante ao próprio lugar donde levara o outro. Antes de outro ano, ou nele, a rainha veio a parir outra vez; chegada a hora me deram outra criança e fingiram como de ante haver a rainha parido uma toupeira, que tinham para isto prestes; e no espanto e alvoroço disto, quando fugiram fugi eu e fui ter a borda de água no lugar donde deixei seus irmãos, e vi que levava uma menina. Esmoreci, e quanto acordei achei o pescador comigo, e me dizia:

— Descoberta há de ser esta cousa a el-rei.

E porque me temi que buscasse no paço não quis tornar a ele, e meti-me naquelas lapas, em que haverá bem quatro anos que estou.

El-rei acabando de ouvir, ficou espantado das treições que as irmãs fizeram

contra sua irmã, as quais ambas foram chamadas e viram a donzela e entenderam tudo o que ela tinha dito, e como tudo era verdade não tiveram boca com que o negar e como que queriam falar uma com a outra se chegaram a uma janela daquela sala que ia ter ao mar, e abraçando-se ambas se lançaram em baixo com tanta presteza que se lhe não pode estorvar. Ainda a gente do paço não estava de todo sossegada deste alvoroço quando entrou pela porta o velho pescador e sua mulher; traziam no colo dois infantes e a infanta. E chegando ante el-rei o velho se adiantou de sua companhia, e disse alto que todos ouviram:

— Disseram que ontem passara Vossa Alteza pela porta de casa em que vivo, e vendo estes meninos perguntou cujos filhos eram, e porque minha mulher lhe não deu razão suficiente, Vossa Alteza mandou que viesse eu aqui e os trouxesse, que queria saber cujos filhos eram tão fermosos meninos; pelo que vim e os trago comigo.

Ouvindo isto, e visto o que a donzela dissera, todos os circunstantes a uma voz diziam que todos aqueles tres eram filhos de el-rei; e as donas todas da casa viram e conheceram todo o fato em que os infantes foram envoltos. Logo el-rei mandou por todo o reino em busca da sua rainha, e que se publicassem as novas do achamento dos tres filhos infantes, e da treição das irmãs da rainha e sua morte. E foi ter esta nova ao mosteiro onde a rainha estava; todos viam nela mais alegria, que em nenhuma outra pessoa, e foi tanta que suspeitaram o que era, e a rainha vendo que já não era tempo de se encobrir, lhes manifestou e declarou a verdade.

El-rei mandou chamar toda a fidalguia da corte e muitos senhores, que trouxessem suas mulheres, e com todos eles e elas em grande festa levou a rainha dali para o paço com tanto alvoroço de alegria como se então se casaram de novo.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, part. II, conto VII.)

NOTA: (Vid. a versão popular, n.º 39 e 40 e nota respetiva.)

Nos *Contos Populares Portugueses*, p. XVIII, este conto foi resumido para justificar os seus numerosos paradigmas; árabe, na *História das Irmãs Invejosas*, das *Mil e Uma Noites*; italiano, do século XVI em Straparola, nott. IV, cont. 3; e variantes, coligidas por Imbriani, Gubernatis, Laura Gonzenbach, Pitré, Comparetti e Schneller; a versão húngara, coligida por Ch. Graal; a alemã, por Grimm, Ulf, Ernest Meyer e Henri Prohle, Fremann; a austríaca, por Vemalcken e Zingerli; a avárica e a catalã, por Maspons y Labrós. No *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, aparece este conto extensamente metrificado sobre o ditado vulgar.

QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

Um homem muito rico, mercador famoso, teve um filho somente, o qual se criou com tanto mimo, que já seu pai não podia com ele de travesso, e por quere-lo então sujeitar com doutrina e castigo, o moço lhe fugiu e se foi. E passando lá muito trabalho, se passaram mais de vinte e cinco anos sem vir, nem mandar cartas suas, de maneira que alguns o tinham por morto. Neste tempo o mercador veio a grande crescimento de fazenda, quintas, casas e outras herdades e chegando a velhice, no último da vida fez seu solene testamento: «Deixo por meu universal herdeiro ao mordomo de minha casa.» De tudo o que tinha fez inventário mui copioso, e no cabo disse: «Porém digo que tenho um filho, o qual há muitos anos se foi desta terra contra minha vontade, e não sei de certeza se é vivo ou morto; se este meu filho for vivo e aparecer como eu desejo, quero que a quem ora deixo por testamento e universal herdeiro desta minha fazenda lhe de ao dito meu filho o que quiser, sem ser constrangido a outra cousa, e a demasia lhe fique.»

E desta maneira houve seu testamento por acabado, e desta enfermidade morreu. Soube-se sua morte na terra onde estava o filho, o qual ouvindo a morte de seu pai e da grossíssima fazenda que deixou, partiu donde estava e veio a sua casa; e entrou por ela como por casa própria, perguntando quem tinha aquela casa e fazenda. Foi-lhe dito quem e por que título; e ele disse quem era, e foi conhecido por velhos que foram criados de seu pai. O mordomo, que o ouviu e entendeu bem isto, lhe respondeu:

— Esta fazenda, ainda que ficou de vosso pai, é toda minha e não tendes nela mais do que dar-vos eu o que eu quiser. Vede o testamento de vosso pai, que ele vos desenganará, que vos não devo mais dar-vos o que eu quiser.

E mostrou-lhe a verba do testamento que o dizia assim a letra, como já declarámos. E o mancebo lhe pedia que fizesse conta que eram irmãos e que partisse pelo meio o qual o mordomo não quis. Visto isto, disse o mancebo:

— Ora, já que sois obrigado a dar-me alguma cousa, pois diz que me dareis o que vós quiserdes, pergunto, que é que vós me quereis dar, pois meu pai o deixou em vosso alvedrio?

Respondeu que lhe daria como cinco mil cruzados, valendo a fazenda mais de cem mil. Rogaram ao mordomo que desse o que fosse honesto; ele nunca quis vir em nenhum arrazoado, pelo qual o demandou, e ambos vieram a juízo e ambos houveram o testamento por bom; porém dizia um que seu pai o não podia deserdar sendo vivo, nem nunca tivera essa tenção. Dizia o mordomo:

— Já teu pai presumia que eras vivo, e para vivo mandou que te desse o que eu quisesse, e assim não sou obrigado a mais.

Sobre o caso houve libelo, réplicas e o mais que em direito se costuma até razoado final, que indo o feito concluso, como o caso era de tão grossa fazenda, quis o rei da terra ser presente na determinação da sentença. Entre os mesmos julgadores havia diferenças; porém um velho se levantou em pé e disse:

— Ora, Senhor, veja Vossa Alteza o testamento, que diz: Dará o mordomo ao filho o que ele mordomo quiser dar; portanto vós, mordomo, dai ao filho do mercador isto que vós quereis, e fique-vos para vós o que lhe dáveis, porque a tenção do pai nunca foi deserdar o filho, mas por sustentar sua fazenda a fiou de vós. Para se cumprir o testamento é necessário dar-lhe o que vós quiserdes, e quiseste a maior parte, essa julgo que lhe deis, e fique-vos o que lhe dáveis.

El-rei, e todos os que ali estavam presentes houveram o caso por muito bem julgado e aprovaram a sentença, e assim se cumpriu.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, parte II, conto VIII.)

VARIANTE

«Como se conta de um homem, que tinha uma filha bastarda; quando veio a hora da morte, fez um testamento e disse: — Leixo a Fuão por meu herdeiro, e mando que de a minha filha pera seu casamento tudo aquilo que ele quiser de minha fazenda.

Crescida a moça, dava-lhe o herdeiro cem mil reais para casamento, que era mui pouco: e sobre isso, vieram a juízo. Perguntando o juiz ao herdeiro quanto valia a fazenda e quanto dava a moça, respondeu que valia um conto e que dava cem mil reais. Disse o juiz, logo vós quereis desta fazenda novecentos mil reais?

Respondeu o herdeiro, sim. Pois segundo a verba do testamento (disse o juiz) vós haveis cem mil reais, e a moça novecentos; porque ela há de haver aquilo que vós quereis da fazenda do testador, e esta foi sua vontade, mas leixou a verba anfibológica por olhardes melhor pola fazenda de sua filha, até ela ser em idade para casar. E destes exemplos há muitos, de que os oráculos dos gentios usavam para enganar os seus devotos.

João de Barros, *Gramática*, p. 170, 1540.

NOTA: Acha-se na coleção italiana *Il Novellino*, conto X; passou a adaptar-se aos Jesuítas, e atribui-se a diferentes personagens históricos. A forma italiana vem em Nannuci, *Manual della Letteratura*, t. II, p. 65.

O FALSO PRÍNCIPE E O VERDADEIRO

Acabado de repousar a sesta um rei viúvo, que já saía fora da camara para a guarda-roupa, muitos fidalgos mancebos lhe apresentaram um, que traziam ante si preso, e postos ante ele lhe disseram:

— Senhor, estando agora na sala grande jogando a pela o príncipe com este fidalgo e outros, sobre uma chaça vieram a ter diferença no jogo, e tanta que o príncipe menencorio contra ele o afrontou e lhe disse palavras muito feias e malditas, que este fidalgo alevantou a mão e lhe deu tão grande punhada no rosto, que lhe ensanguentou os narizes e a boca, cousa que a todos nos pareceu tão mal que o queríamos matar por isso, e o fizéramos se não fora pelo duque seu avo, que com grandes brados se pos no meio, dizendo:

— **Que** pois Sua Alteza estava na terra não quiséssemos nós tirar-lhe seu mando.

El-rei que o ouviu entendeu bem o caso, e disse:

— E o príncipe a esse tempo não tinha consigo nenhuma armas? Ou como lhe não tirou a vida?

— Armas, tinha; que traz adaga na cinta; porém tanto que se viu ensanguentado se pos a um canto da sala a chorar, coisa que de todos lhe foi muito estranhada.

El-rei deixando passar um pequeno espaço em o qual deu lugar a apartar de si a grande ira que com a súpita menencoria tinha concebido contra o fidalgo, e sossegado no espírito, disse:

— Afirmo-vos, que em verdade, que mais quisera que me dissésseis que o príncipe era morto ainda que não tenho outro filho, que saber que sofreu essa

injúria tamanha sem se vingar dela. Quero, que seja ouvido este fidalgo ante os meus desembargadores, guardando-lhe também a ele seu direito e justiça, que creio não terá nenhuma desculpa que o escuse de morte, havendo feito tão grande delito como fez.

E ainda que o mancebo a este tempo quisera responder, el-rei o não quis ouvir, mas mandou-o ter preso e arrecadado com grande guarda; porém que se quisesse ir a alguma parte da cidade que o levassem com muito resguardo e segurança, e que esta prisão fosse por quinze dias, dentro dos quais se provesse do que lhe cumprisse, e no cabo se apresentasse ante ele e os seus desembargadores. Muitos fidalgos que se acharam presentes acompanharam a este mancebo e lhe aconselhavam que se fosse. Porque o podia fazer não somente da cidade mas do reino até a raia na fronteira dos inimigos, onde trabalhando em armas na guerra podia fazer cousa com que el-rei lhe perdoasse o mal que fizera, o que ele não aceitou nem quis nunca quebrar a prisão que lhe deram. E assim se lhe passaram os catorze dias do prazo em os quais, ainda que buscou conselho de letrados e fidalgos para sua salvação, não achou quem lhe aconselhasse cousa que o satisfizesse, nem desculpa do delito, porque a todos parecia caso de morte. E mui inteiro nesta tenção saía alguns dias de sua pousada acompanhado de seus guardadores por se desagastar, e para ver se achava quem lhe abrisse algum caminho como parecesse mais despejado diante de el-rei. Recolhendo-se quase noite encontrou a porta de um mosteiro uma mulher muito velha, que ao parecer seria de noventa anos, muito feia, seca e mal-arroupada, e ela que o estava esperando, chegou-se a ele e disse-lhe:

— Senhor, eu vos faço saber que sei a pressa em que andais e o remédio que tendes para sobrar vossa vida do caso que vos aconteceu; para o qual não achareis no mundo quem vos aconselhe o que vos cumpre senão eu, e seguindo a ordem do meu conselho sereis livre desta afronta e ficareis o mais honrado de vossa geração. Porém, antes de tudo, para que eu tenha razão de vos dar a indústria e

modo que necessário é neste caso, convém que façais por mim o que vos eu pedir.

O fidalgo tanto que a ouviu e entendeu o que lhe dizia, foi em extremo ledo, prometendo-lhe de fazer por ela tudo o que lhe mandasse; porém ela disse que havia de ser logo, e que o que lhe pedia era que a recebesse por sua mulher, do qual ele se maravilhou muito e respondeu:

— Deixando a parte a qualidade das pessoas, em que não falo, vossa idade não conforma com a minha, que eu ainda não fiz vinte anos e vós pareceis de cento ou quase, pelo qual não posso casar convosco.

Ela se mostrou muito agastada e respondeu:

— Embora; e vós enjeitais-me por velha, pois eu vos certifico que me haveis de rogar e receber, senão que ireis a casar com a picota, que é mais antiga deixando-lhe lá a cabeça por arras.

E assim se apartou dele, indo muito direita pelas ruas. O fidalgo, que com as suas palavras estava já esforçado e com esperança de vida, vendo-a ir, e temendo se fosse ficaria sem remédio, foi-se após ela com tenção de lhe prometer o que pedia, e tanto a seguiu, que a alcançou e lhe disse:

— Senhora, perdoai-me não aceitar antes de agora o que me pedistes, que eu conheço que erre e quero fazer o que me mandardes.

E assim se foi ela a sua pousada e ali em mãos do cura prometeu e jurou de a receber por sua mulher; porque sem isto não lhe quis ela dizer cousa alguma. E tanto que perante testemunhas foram jurados, ela lhe aconselhou o que devia de fazer aquela noite e o que havia de dizer ao outro dia apresentando-se diante de el-rei. Vindo a manhã, quando foram horas e soube que estava el-rei com os desembargadores na casa de despacho se foi lá, e lhe fez saber que estava ali, que se vinha livrar. El-rei mandou que entrasse, maravilhando-se todos de sua ousadia; e ele entrando disse o seguinte:

— Mui alto e poderoso rei e senhor nosso, ainda que Vossa Alteza está menencorio, a seu parecer com razão, se me ouvir diante destes fidalgos e letrados com animo desapaixonado, e de sua pessoa que será a principal testemunha do que disser, ficarei desculpado e com muita honra; para o qual somente lhe peço por merce me queira ouvir, até que acabe de todo o que quero dizer. Havendo quatro anos, pouco mais, que Vossa Alteza era casado com a rainha, vendo que ela não paria, desejoso de ter filhos era afeiçoado a mulheres, e a ela não mostrava tanto amor como no princípio. Por lhe ganhar a vontade, aconselhada de outras mulheres se fingiu prenhe, e assim haveria príncipe no reino e Vossa Alteza lhe teria mais amor. O que tudo se ordenou e fez como ela pedia, e as parteiras lhe trouxeram um filho de uma pobre mulher, que morava fora dos muros da cidade, cujo marido era um cavouqueiro. Isto tudo se fez com tanto segredo, que nunca até hoje foi descoberto. Com esta imaginação a rainha adoeceu de enfermidade de que morreu, dando primeiro conta a seu confessor do que fizera. Verificado não ser príncipe o que cuidavam que o era, ficará o meu caso menos grave e eu não merecendo tanta pena por sua parte. E se Vossa Alteza não se esfada, ainda lhe direi adiante outras novidades maiores do tempo e de mim, que fazem ao caso e folgue de as saber.

El-rei lhe disse:

— Por certo, que o que até aqui me dissestes foi tanto e estou disso tão espantado e triste, que não posso imaginar que possais dizer adiante cousa maior, nem que eu receba alegria; porém, por saber que é, e por vos ouvir como tenho prometido, dizei.

— Saberá Vossa Alteza, que havendo quase dous meses que a rainha se fazia prenhe, por encobrir melhor o engano não consentia que houvesse mais ajuntamento, e per a não anojar, se foi para fora desta corte Vossa Alteza e assim andando pelas terras do duque meu avo mandou rodear a cerca por ver se havia entrada no pomar; e achando-lhe uma pequena porta a fez lançar fora do couce,

e aberta viu que andavam dentro mulheres, e uma donzela muito fermosa, que naquele tempo seria de catorze anos, e peitando com joias e dinheiro aquelas que a deveram guardar, a meteu na casa do pomareiro, e ali houve ajuntamento e lhe deu estes tres anéis que Vossa Alteza levava nos dedos, e esta cadeia com esta cruz e lhe descobriu que ele era rei, ainda que ela não lhe quis dizer quem era, porque ficou tão anojada de seu corrompimento, recolheu-se em casa sem tornar mais em sua vida ao pomar. Seu pai, que é o duque meu avo, tomou isto por mal, porque minha mãe se determinou de não casar, e como o duque não tem outro filho nem filha senão minha mãe, e sabia ser eu seu neto, criou-me com mimo, pois sou com verdade filho de Vossa Alteza, e veja se conhece estes anéis, cadeia e cruz. E assim sendo isto verdade, como é, já ve que este que até agora se teve por príncipe o não é, que se o fora não couberam em sua boca as palavras torpes e vis que me disse.

E com isto se pos em geolhos na alcatifa que estava aos pés de el-rei; admirados ficaram todos os desembargadores e fidalgos que estavam presentes, em especial Sua Alteza, que então se lhe representou diante dos olhos aquela donzela fermosa e como a houvera naquele pomar, e as muitas vezes que desejou saber quem era; lembrou-se que ele dera aquelas joias, conheceu-as e considerando o mais que fica dito, teve para si que aquele que tinha diante dos olhos era seu verdadeiro filho, e quanto ao mais do que estava em posse de príncipe fizeram-se as diligencias necessárias, e de um em outro se soube a verdade, e o mancebo foi julgado por sem culpa do passado, e do presente lhe fizeram grandes honras, jurando-o por príncipe do reino para o haver depois da morte de seu pai. Mandou el-rei o mancebo que até então tivera o principado e sua mãe com todas as pessoas que foram ao conselho e consentimento de o trazer por filho de el-rei, se fossem da terra e os mandou levar a uma ilha donde nunca mais nenhum tornou a corte.

Estando sobre mesa com grande contentamento, el-rei quis saber como e por

quem fora descoberto a seu filho, que o era e não o outro, rogando ao príncipe lho contasse. Contou como a porta de sua casa achara aquela velha que lhe descobriu o caso miudamente, e que ela lhe ensinou que fosse pedir aquelas joias a sua mãe, e também tudo o mais que até então tinha dito e feito, e lhe descobriu como para isso ele lhe jurara casar com ela, porém que o não faria pela disformidade das idades, baixeza e fealdade dela, e não tinha tenção de casar senão quando e com quem Sua Alteza ordenasse. El-rei lhe disse:

— Já que lho jurastes de a receber e ela cumpriu o que vos prometeu, seja quem for, cumpri vossa palavra.

Fez el-rei que a velha viesse ao paço, e foi recebida por mulher do príncipe, o qual ficou disto tão triste como já fora ledo com o sossego de seu conselho. O príncipe e ela foram levados a uma camara rica donde tinham seu leito, em que o príncipe se deitou com mostras de tanto pesar por se ver casado contra seu gosto, que ninguém lhe podia ver o rosto, nem ele quis ver o da princesa, mas deitado na cama virando-se para a dianteira e ela da outra parte voltada para a parede estiveram sem se verem nem falarem um ao outro esta noite e outras muitas. Uma noite, estando o príncipe e a princesa na cama, segundo seu costume, ouviu um rumor na camara, e era tal, que parecendo-lho fosse alguma treição se ergueu do leito, e com a espada na mão foi para aquela parte adonde o rumor parecia, e ali nem em toda a casa não havia cousa que se pudesse temer, nem mostras que dessem suspeita do que fora, que ele pode ver tudo bem porque tinha um brandão aceso que alumiaava a casa toda. Vista a quietação deixou a espada e tornou-se ao leito, e como a este tornar levasse o rosto para a cama donde a princesa jazia, ainda que estava virada para a parede viu-lhe a cabeça em que tinha uma coifa feita de ouro tirado com algumas pérolas riquíssimas que davam de si muito lustro e faziam que os fermosos cabelos, que estavam debaixo se diferenciassem na cor do ouro. Ele vendo o resplendor da coifa, sem saber determinar consigo o que seria aquilo, considerando que a velha tinha os cabelos

muito alvos, desejou afirmar-se que era o que via, chegou mais perto; viu-lhe o rosto muito alvo e fermoso. Ficou mais maravilhado do que se pode imaginar, porque viu que era a mais fermosa e bela criatura que seus olhos viram. Não podia acabar consigo de crer que aquela fosse a velha, que ele cuidava tinha consigo, porque lhe parecia, como na verdade era, moça que não passava de catorze anos, alva e loura.

Vista pelo príncipe a fermosa dama que tinha consigo, pediu-lhe se voltasse para ele; por que se não desconcertasse no termo, inda que era sua mulher e ele seu marido, conhecendo que era acabado o tempo do seu encantamento, lhe disse:

— Senhor, quem me desconhece de dia na sua sala por velha, não é razão que me venere e conheça em outra parte por moça e fermosa; pelo que Vossa Alteza não haverá de mim mais do que até agora houve sem se determinar de duas cousas qual quer: Se me quer esta que ora me ve de noite consigo na cama, e que me há de sofrer de dia velha e feia na sala; ou pelo contrário, ter-me na sala de dia esta moça e fermosa, e na cama de noite velha e feia. E como se determinar no caso assim lhe responderei e direi o que há de fazer ao diante.

O príncipe, que já a este tempo estava tão namorado dela, que por nenhum preço a queria perder, nem aventurar-se a isso, lhe respondeu:

— Seja eu tão ditoso que vos não perca, e no mais vos quero como vós quiserdes que vos queira, porque em vossa vontade deixo a minha, e essa quero seguir toda a minha vida.

A este tempo ficou a princesa muito leda, e logo disse:

— Pois senhor, de hoje para sempre serei esta que aqui me vedes e não parecia, porque já é acabado meu encantamento. Parece cousa tão contra razão ver-me ontem velha e feia e hoje moça e fermosa; é necessário dizer-vos quem sou. El-rei de Granada é meu pai; sendo eu de sete meses, estando no berço a desoras a ama que me criava viu que em um instante se me mudou a cor e se me arrugou a

pele de maneira que me tornei logo velha muito feia; minha ama deu logo grandes brados, aos quais acudiram el-rei e a rainha, e ainda que a ama lhes disse o que vira, disseram eles que não era possível senão que alguma cousa má lhe levara a filha, e logo lançaram fora de casa a ama, queixosos dela, que saiu comigo do paço, e buscou quanto a ela foi possível, quem lhe dissesse que cousa fora aquela e o remédio que tinha, e achou um velho que lhe disse, que antes de quinze anos de minha idade seria livre e com muito contentamento, porque aquilo fora feito por ciúmes de uma mulher com quem meu pai antes de casar tivera conversação; e aconselhou a minha ama me trouxesse a esta cidade, porque aqui haveria fim meu trabalho e eu ficaria livre.

Todos folgaram muito de saber que era de tão alto sangue; despediram logo mensageiros que fizeram saber aos reis de Granada, os quais levaram tanto gosto disso, que não se puderam ter sem virem ali donde viram a filha e genro e aos reis seus sogros.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, p. III, conto I.)

NOTA: Sobre o tema tradicional de um príncipe que se dá a conhecer pela sua valentia, vid. vol. I, *O Matador dos Bichos*. Em um conto da Idade Média, que vem no *Novellino*, e no *Báculo Pastoral*, o príncipe é ensinado por um mestre, que tem mais doze discípulos em quem bate quando o príncipe erra a lição.

CONSTÂNCIA DE GRISÉLIA

Em os confins de Itália, mais a parte do Ponente, região alegre e deleitosa, povoada de vilas e lugares, habitava um excelente e formosíssimo marques, que se chamava Valtero, homem mancebo, dotado de grandes forças e rara gentileza. Por diversas vezes indo a caça havia visto Grisélia, que morava não longe da cidade onde o marques tinha seus paços, com seu pai, em um lugarzinho de poucos e pobres moradores com algum gado, que com indústria de Grisélia eram governados grandemente. Era esta lavradora de bom parecer quanto a disposição e presença corporal, porém fermosa, de animo, nobre criação, raro aviso, era excelente e como era criada a todo o trabalho, não se achava em seu pensamento nenhum modo de deleite, antes um grave e varonil coração publicava em defesa de sua honestidade; era coisa de notar como estimava suas ovelhas e servia seu pai. O marques determinou que Grisélia fosse sua mulher; neste comenos fez aparelhar com grande diligencia vestidos, joias e todo o mais que para tal caso convinha, os quais vestidos mandava cortar a medida de uma criada de sua casa, semelhante a estatura de Grisélia. Vindo o dia tão desejado em que se haviam de celebrar as bodas, acudiram ao paço muitos cavaleiros e damas ricamente vestidos, e em não saber quem seria a noiva estavam todos suspensos e maravilhados. Mas o marques vendo que tudo estava a ponto, tomou consigo seis privados seus e foi-se diretamente a casa do pai de Grisélia. Tomando o velho pela mão se apartou em secreto com ele, e lhe disse:

— Se assim como sou teu senhor, quererás dar-me tua filha por mulher?

— Senhor, nenhuma coisa devo eu querer, senão o que tiverdes por bem.

— Entremos, porque diante de ti tenho necessidade de fazer certas perguntas a tua filha Grisélia.

Entrados em casa, ficando os seus cavaleiros fora, começou sua prática amorosamente:

— Eu e teu pai somos contentes que sejas minha mulher; creio que não sairás de nosso contentamento; porém, que quero saber de ti uma cousa, e é que quando nosso casamento vier a feito, que será logo, me digas se estás pronta e aparelhada a eu fazer de ti tudo o que me bem parecer, sem por causa nenhuma mostrares tristeza, nem em tuas palavras contradizeres cousa alguma?

A considerada donzela, cheia de vergonha e tremendo de alegria, lhe disse:

— Senhor, bem sei que este favor é muito maior que meu merecimento; porém se vossa vontade e minha ventura é tal, não digo eu fazer cousa contra vosso parecer, porém nem pensá-la no pensamento; nem do que vós fizerdes contradizer-vos cousa alguma, ainda que por isso haja de receber mil mortes.

Ouvindo o marques tais promessas, disse:

— Baste isso, que não se espera menos de vosso bom entendimento. E tomando-a pela mão, a tirou fora diante de seus cavaleiros, dizendo-lhes:

— Amigos, esta é, ainda que malcomposta, minha mulher e senhora vossa; portanto amai-a e servi-a como é razão.

Entonces os cavaleiros com os chapéus nas mãos se ageolharam beijando-lhe a mão com muita cortesia cada um por si. Ela abraçando um a um os alçou do chão com toda a humildade que podia ser. Nisto mandou o marques que um deles levasse secretamente a nova marquesa ao paço e a pusesse no aposento de uma ama sua de quem muito se fiava, pera que fosse despida dos vestidos que trazia, e vestida daqueles ricos, que o marques pera aquela hora havia feito. E despedido deles com a cortesia costumada se entrou em o aposento onde estavam a Grisélia vestindo e compondo pera tal efeito; a qual estava já posta a ponto, e o marques lhe deu um rico anel em sinal de desposada e tomando-a pela mão saiu com ela onde estava já aguardando todos os cavaleiros e damas que haviam de ver

a noiva, e onde logo foram desposados por um bispo e se celebraram as bodas, passando aquele dia com grandes festas e prazeres.

Mostrou-se depois em pouco tempo na nobre e já feita marquesa tanta graça e prudencia, que não mostrava em cousa alguma ser nascida nem doutrinada na aspereza do monte. Com tão excelente mulher vivia o marques em suas terras em muita paz e sossego. Dali a tempos pariu uma filha em extremo fermosa; do qual parto levou o marques estranho contentamento, o qual por provar sua constancia ordenou uma cousa estranha de maravilhar e não digna de louvor, que mandou a sua ama, que era mais sagaz e cautelosa, do que ele se fiava: «Que tomasse uma menina, que havia trazido do espirital falecida daquela hora, e estando a marquesa dormindo de noite na sua cama lhe tomasse sua filha e lhe pusesse aquela morta com os próprios vestidos que a sua tinha.» Feito tudo isto com maior sagacidade, a marquesa acordando e achando ao seu lado a criança morta, cuidando ser sua filha começou a gritar. O marques que já estava de sobreaviso, acudiu muito apressado, mostrando-se muito espantado do acontecido. Ele esteve recolhido em seu aposento por espaço de alguns dias, em os quais ordenou a um criado seu mui familiar secretário de suas cousas, levasse sua filha a el-rei de Polónia, pera que a criasse em toda sorte de bons e virtuosos costumes e sobretudo a tivesse tão secreta, que ninguém soubesse cuja filha era. Dali a quatro ou cinco dias, determinou o marques de visitar a marquesa, a qual achou encerrada mui triste, e entrando mandou que todos se saíssem fora, e ele ficando só com a marquesa lhe começou a dizer:

— Meus vassallos estão de vós malcontentes e lhe parece cousa áspera ter por senhora uma mulher baixa de rústica geração; e eu como desejo de os ter contentes e em paz, queria que vos tornásseis para casa de vosso pai.

Acabado que a marquesa ouviu isto, nenhum sinal de turbação mostrou, antes com gentil semblante lhe respondeu:

— Não há aí cousa nenhuma que vos agrade, que a mim me não contente; isto é

que firmei no meio do meu coração quando vos dei a palavra de ser vossa mulher.

Considerando o marques o animo e profundíssima humildade de tal mulher, sem conhecer nela mudamento nenhum do que antes era, atalhou a prática, dizendo:

— Abaste por agora isto; ponha-se silencio neste negócio até ver se meus vassalos me tornam a importunar.

Com esta dissimulação passaram doze anos no cabo dos quais a marquesa pariu um filho. Ao fim de dois anos, sendo já o infante desmamado, ordenou o marques, por lhe dar sobressalto maior e provar sua paciencia e constancia, que se fosse a marquesa com ele a caça de monte folgaria em extremo. Ela mui contente e festejada se vestiu mui ricamente, não deixando a seu filho. Chegados que foram ao monte, mandou o marques que o jantar (a causa da grande calma que fazia) se fizesse junto de uma fonte sombria e deleitosa. E determinando sair a caça com seus monteiros, encarregou muito a seu secretário que trabalhasse quanto possível fosse por furtar a marquesa o filho que sempre trazia consigo, e vista a presente o levasse a el-rei de Polónia, por que o criasse secretamente com a filha que lhe tinha mandado. O menino, levantando-se de a par da mãe, se alongou algum espaço a brincar com umas pedrinhas que ali achou; nisto o secretário, que não estava descuidado, vendo que ninguém o podia ver, apanhou o menino e levou-o onde o marques lhe tinha mandado.

Quando a marquesa despertou, perguntando pelo menino a algumas mulheres e escudeiros que aí estavam, e não lhe dando razão dele, cuidando que alguma fera o houvesse comido ou feito algum dano, os extremos que fazia eram tão grandes que dava lástima. Achegando o marques, e dando-lhe parte da perda de seu filho, foi tão grande o pesar que fingiu ter, que não quis comer, nem beber, senão logo se partiu para a cidade, e a marquesa também: Passados alguns dias, lhe disse:

— Grande desdita foi em haver-vos tomado por mulher, pois por vossa culpa hei perdido dois sucessores e herdeiros de meu estado; e meus vassallos vendo a baixaza de vossa linhagem e a negligencia que tivestes de guardar meus filhos, sou importunado deles que vos mande para casa de vosso pai, e me case com uma donzela, que dizem que é filha do rei de Polónia. Portanto é necessário que despida de vossos vestidos reais, conforme a vossa natureza vos vades para casa de vosso pai:

A isto respondeu a nobre marquesa:

— Sempre eu entendi que entre vossa grandeza e meu pouco merecer não havia proporção nenhuma. Em o demais aparelhada estou a servir a vossa desejada esposa, se for necessário.

O marques como não cansado de a experimentar em diversas coisas, lhe disse:

— Já que, fermosa Grisélia, vos ofereceis para servir minha esposa, eu quero que fiquéis em casa a dardes ordem ao recebimento e banquetes, que se oferecerem.

Ela foi mui contente e ficou em casa feita criada e despenseira, e nisto com sua boa prudencia cuidava que tinha alcançado muito. Neste tempo que isto passava, mandou o marques a seu secretário, de quem muito se fiava, com cartas escritas de sua mão, acompanhado de muitos cavaleiros pedindo a el-rei de Polónia que lhe mandasse a filha que lhe tinha mandado. Era tão grande a amizade que el-rei tinha ao marques, que determinou de os acompanhar e assinado certo dia tomou seu caminho, levando consigo a donzela, que em extremo era fermosa e levava consigo o infante seu irmão, chegando em poucos dias em frente do marques.

A que sabia ser marquesa, em figura de servidora de casa, chegou a dar os parabéns a noiva e fingida desposada, sem se poder faltar de louvá-la de fermosa e avisada. Determinados de se assentarem a comer, revirou-se o marques para

sua Grisélia, meio rindo, em presença de todos lhe disse:

— Que vos parece, Grisélia, esta minha desposada? Não é muito fermosa?

— Não cuido que se ache em todo o mundo outra que mais o seja.

O marques vendo a generosidade com que isto dizia, e considerando aquela grande constancia de mulher tantas vezes e tão fortemente tentada da paciencia, não podendo mais dissimular a fez vir assentar a par de si, dizendo:

— Ó minha nobre e amada mulher, não cuido haver homem debaixo do céu, que tantas experiencias de amor de sua mulher haja visto como eu. Vós sois, senhora, minha mulher, nunca outra tive, nem tenho, nem terei. E esta que vós cuidais que é minha esposa, é vossa filha, a qual fingidamente fiz que a tivésseis por morta; e este é o infante vosso filho. Pois juntamente cobrais tudo, perdoai-me os desgostos que vos tenho dado, pois foram para mais fineza de vossa honra.

Ouvindo isto a nobre marquesa, de prazer perdia o sentido e com o soberano gozo de ver seus filhos, que tantas vezes tivera por mortos, saía fora de seu juízo, e querendo ir-se para eles desfeita toda em lágrimas, não se pode escusar de os abraçar muitas vezes. Vendo isto as damas e senhoras que ali estavam, todos a porfia com muito gosto e prazer a despiram de seus fatos pobres e lhe vestiram os seus acostumados. Foi para todos um mui grande dia de alegria, e com isto viveram depois marido e mulher largos anos com muita paz.

(Trancoso, *Contos e Histórias*, parte III, n.º V.)

NOTA: É notável a relação que existe entre o texto de Trancoso e a redação castelhana de Timoneda no seu *Patranuelo*, n.º II (ed. Ribadaneyra, p. 131). Ou Timoneda traduziu a sua versão da portuguesa de Trancoso, ou ambos os autores se serviram de uma lição comum. Esta última suposição parece inferirse do folheto italiano sem data *La Novella di Gualtieri*, anterior aos dois. O

conto de *Grisélidis* acha-se no Decameron, de Boccaccio, X Jornada. Du Ménil, investigando as fontes tradicionais do Decameron, cita os livros em que se acha este conto; Philippo Foresti, *De plurimis claris scelectisque Mulieribus*, p. 145; Bouchet, *Annales d'Aquitaine*, liv. III, citam-na como realidade histórica. A tradição recebeu a forma poética no *Lais del Freisne*, de Marie de France. (*Oeuvres*, t. I, p. 138.) Chaucer tratou este assunto no *The Nut-Brown*; representa-se nos teatros populares da Inglaterra; há um mistério frances de 1395, e Hans Sachs compos uma comédia *Die gedultig und gehorsam Marggräfin Griselda* (Vid. Du Ménil, *Histoire de la poesie scandinave*, pp. 359 e 360.) O conto de *Grisélidis* acha-se na tradição popular da Rússia, na coleção de Afanasieff, liv. 5, n.º 29, do qual Gubernatis dá um resumo.

Historia de Watter e de la pacient Griselda, em latim, por Francesco Petrarca, e arromançada por Bernat Metje. (Ms. impresso em 1883 por D. Mariano Aguilá.) O antigo tradutor refere-se «como a recitavam as velhas ao lar, nas vigílias do inverno.» (Cervães e Rodrigues *Lit. mortas*, p. 225.) Petrarca agradecendo em uma carta a Boccaccio o seu *Decâmeron*, exalta a beleza da narrativa do *Conto de Grisélidis* e declara que o traduziu para latim, *De Prude entia et Fide uxoria*. — No romance de Chrétien de Troyes, *Erec et Enide*, reconhece-se este tema popular, tantas vezes elaborado literariamente na Idade Média. (Julesville, *Hist de la langue, et littérature française*, t. I, p. 304.) A versão portuguesa da tradição oral alentejana é preciosa como expressão do sentimento popular. (Vid. vol. I, p. 246.)

O BARBEIRO DO REI

Um rei havia ficado por falecimento de sua mulher com uma filha, a qual era herdeira e sucessora do reino. Este, para tirar de si paixão e merenconia, que lhe sobrevinha por causa de sua tristeza, se saía muitas vezes por tempo de verão a um pátio que tinha, muito fresco, ornado de muitas flores cheirosas, que ali mandara criar por seu refrigério. Estando neste pátio que digo, vinha por algumas vezes com ele por seu mandado o seu barbeiro para lhe fazer a barba, e como os barbeiros tem por seu natural serem práticos e chocarreiros, el-rei o mandava chamar, mais por gostar de sua boa conversação, que por necessidade que tinha do seu ofício. Estando um dia com el-rei fazendo-lhe a barba como costumava, veio el-rei a gostar tanto de sua boa conversação, que lhe disse que lhe pedisse merces, que o barbeiro desprezou sua promessa, dando-lhe a entender que não havia mister nada. Mas vindo outras vezes ao próprio ofício como costumava, lhe veio el-rei a cobrar tanta afeição, que lhe importunava, que lhe pedisse merces, que por grandes que fossem lhas não negaria. Ele, tomando ousadia e atrevimento as promessas que el-rei lhe fazia, lhe disse:

— Saberá Vossa Alteza que não há aí na vida cousa que hoje aceite que me possa fazer contente e que meu desejo satisfaça, senão é uma, a qual é dar-me em casamento a princesa sua filha.

El-rei, sobressaltado de tão estranha novidade, dissimulou com ele, interrompendo a prática noutra matéria, cuidando que aquilo era dito a modo de graça, por dar passatempo a el-rei com suas chocarrices e zombarias: mas ele era tão em seu inteiro juízo, que vindo outra vez barbear a el-rei, e tornando-lhe a pedir el-rei que lhe pedisse merce, tornou a repetir sua primeira petição dizendo: «Que não tomaria outra cousa senão a princesa sua filha por mulher.»

El-rei parecendo-lhe isto já mais que zombaria, determinou de o despedir com brevidade, e ido, mandou chamar um homem letrado, de grande entendimento em diversas ciencias, e, dando-lhe conta como desejando por muitas vezes de fazer algumas merces a aquele homem, sempre lhe saíra com desatinos tamanhos, a que não podia nem sabia dar entendimento.

O letrado esteve um pouco cuidando consigo em seu entendimento, e disse a el-rei:

— Senhor, faça-me Vossa Alteza merce de se por em outro lugar, fora desta casa a barbear com esse barbeiro, e de lhe tornar a repetir que lhe peça merces, para ver se acerto em um segredo que tenho imaginado nesta casa.

El-rei fez assim, e pondo-se noutra casa o mandou chamar, e com dissimulação, lhe disse:

— Mestre, desejo tanto de voz fazer merces, e vejo que nunca me pedis nada; folgara que me ocupásseis em alguma cousa, porque de verdade que vos tenho tanta afeição, que não haverá cousa que me peçais que, ainda que seja uma grande parte do meu reino, vos não conceda.

O barbeiro lhe respondeu:

— Certo, senhor, que Vossa Alteza me oferece há tempo merces que não posso deixar de não lançar mão delas, portanto se Vossa Alteza mas quer fazer, serão para mim mui grandes, e é que me há de fazer merce de me mandar dar dez cruzados para pagar o aluguer de minha casa de que estou penhorado, e nisto a receberei mui assinalada.

Se el-rei de primeiro se espantou de lhe pedir sua filha em casamento, mais se espantou abatendo-se tanto que para lhe pedir dez cruzados lhe mostrava ficar em tamanha obrigação. El-rei mandou dar os dez cruzados, e depois de ido fez vir diante de si o letrado que lhe havia aconselhado, e vindo diante dele lhe disse o que passara com o barbeiro, que deitasse juízo em tamanha diferença.

O letrado respondeu:

— Vossa Alteza saberá que meu entendimento saiu certo, e para saber a prova disto mande Vossa Alteza abrir a terra aonde esse homem punha os pés quando estando barbeando, lhe pedia sua filha em casamento, que eu creio que nesse lugar se achará um grande tesouro, e não pode ser menos senão que pisasse com seus pés algum grande tesouro quem tinha fumos de pedir a princesa em casamento.

Mandou el-rei abrir a terra onde isto passou e foi achado um grande haver, que a el-rei foi de grande admiração; e para pagar ao letrado tão bom conselho como tinha dado, em especial tirá-lo de uma dúvida tamanha, lhe concedeu uma boa parte daquele haver, e outra parte mandou dar ao barbeiro com que se autorizasse em estado.

(Trancoso, *Contos e Histórias* parte II, conto III)

O ACHADO DA BOLSA

Havia um mercador muito rico, e assim como cada dia se lhe iam acrescentando suas riquezas, assim nele se lhe ia multiplicando tanta avareza, que em outra coisa não trazia o sentido senão em ajuntar dinheiro. Este estando um dia vendendo suas mercadorias, tomou quatrocentos cruzados em ouro, que havia vendido, e deitou-os em uma bolsa, e depois de recolher seu fato se foi para sua casa entesourar. Indo pelo caminho fazendo suas contas com a imaginação, lhe acertou a cair a bolsa, e até que chegou a casa a não achou menos. Esteve para perder o juízo juntamente com a bolsa. Com grande dor e paixão se foi ao duque, que era senhor daquela cidade, e lhe pediu que mandasse Sua Excelencia em seu nome apregoar que achasse uma bolsa com quatrocentos cruzados em ouro, que os trouxesse diante dele, que lhe daria quarenta cruzados de achado. Foi dado o pregão pela cidade, e sendo ouvido de todos, chegou a ouvidos de quem tinha achado a bolsa, que era uma mulher viúva, muito pobre e virtuosa. E ouvindo dizer, que davam quarenta cruzados de achado foi mui leda, entendendo que ficar com a bolsa seria infernar sua alma. Assim com esta determinação se foi diante do duque e lhe pos em sua mão a bolsa que havia achado assim e da maneira que o mercador a havia perdido. Vendo o duque a pobreza desta mulher, e que era digna de ser grandemente favorecida, logo mandou chamar o mercador e lhe disse como a bolsa havia já aparecido, que não faltava mais que cumprir sua promessa aquela mulher honrada que a havia achado. Folgou em extremo o avarento mercador, porém achegou-lhe a alma o ver que havia de dar os quarenta cruzados que tinha prometido de achado, e assim imaginou logo naquele instante um ardil para os não dar, e foi que tomou a bolsa e vazou o dinheiro em uma mesa que ali estava, e contou-o, e posto que o

achasse certo, contudo isso revirando para a mulher que o havia achado, lhe disse:

— Mulher de bem, aqui nesta bolsa faltam trinta e quatro escudos venezianos, que estavam de mais dos quatrocentos cruzados em ouro que aqui estão.

A boa velha afrontada e corrida, lhe disse:

— De maneira, senhor, que credes de mim que vos havia de furtar o vosso dinheiro! Quem me obrigava, tendo eu em meu poder essa bolsa, a traze-la aqui, senão não querer eu o alheio?

Não deixava o mercador de gritar e dar vozes dizendo que lhe fosse buscar os trinta e quatro escudos venezianos que faltavam, se queria que lhe desse o achado que tinha prometido. O duque, conhecendo a malícia do mercador e tudo aquilo que fazia e dizia era a fim de se escusar de dar o que prometera, entendendo que quanta era a bondade da virtuosa mulher tanta era a maldade do avarento mercador, imaginou que a maior pena que podia dar a um homem tão ruim como aquele era fazer que com seu engano se ofendesse a si mesmo, e a esta causa, virando-se para ele, lhe disse:

— Vinde cá; se isto é assim como dizeis, porque me não declarastes que a bolsa levava mais esses escudos de ouro? Ora eu tenho entendido que vós sois tal que quereis fazer o alheio vosso, e que esta bolsa que essa mulher honrada achou não é vossa, pois nela faltam esses ducados venezianos que dizeis; antes essa bolsa que se achou sem dúvida nenhuma é uma que esse próprio dia perdeu um meu criado com esta mesma soma de dinheiro que essa tem, e pois sendo assim como é, a mim e não a vós pertence.

E dizendo isto, virou-se para onde estava a velha, e lhe disse:

— Boa mulher, pois que achastes esta bolsa com estes cruzados de ouro, eu vos faço graça dela com o dinheiro que tem.

Não se atreveu o inconsiderado avarento a replicar ao que o duque dizia; antes

arrependido de não haver cumprido a palavra que prometera se foi para sua casa chorar seu desastre.

(Trancoso, *Ibid.*, parte III, conto VII).

NOTA: Aparece também no *Patranuelo*, n.º VI, de Timoneda (ed. Ribadaneyra); no fabliau *Du Marchand qui perdit sa bourse* (*Recueil de Fabliaux*, p. 101, da *Bibliothèque choisie*); nas *Novelas* de Geraldo Cynthio, X, e no *Novellino* italiano. O conto de Trancoso, n.º XV, anda como episódio no conto do *Justo Juízo* largamente estudado por Benfey e Kohler, sobre as versões russas, tibetanas, indianas e alemãs. Nos *Contos Nacionais*, n.º III, Porto, 1883, vem uma versão popular portuguesa, que nos leva a crer que Trancoso poucas vezes recorreu a fontes literárias.

Le-se no *Divertimento de Estudiosos*, t. II, p. 184: «Certo mercador perdeu em Mantua uma bolsa provida, e publicamente dizia que daria quarenta coroas a quem a achasse. Apareceu com ela uma velha, e entregou-lha. Duvidou o mercador dar-lhe o prometido, asseverando falsamente, que lhe faltava uma grande parte do seu dinheiro. Foi consultado o duque, que, ouvindo as partes conheceu a cavilação, e entregou a bolsa a velha, dizendo ao mercador: Que buscasse a sua, que não era aquela, pois se compunha de tanto mais dinheiro, como dizia.» Acha-se nas *Novelas* de Giovanni Sercambi, *De justo judicio*, e no *Patranuelo* de Timoneda, como episódio de outro conto.

O CAPÃO TORNADO SAPO

Houve um homem pobre, o qual veio a ter muita fazenda, e não tendo mais que um filho, certa gente procurou de o casar com uma filha sua; a nora começou (como costumam) a aborrecer tanto, que o não podia ver; e como mulher muitas vezes pode muito no mal, pode também com o marido, para que aborrecesse seu pai, de modo que também o não podia ver; o pobre pai morria de fome, seu comer eram favas muito ruins, e com esta grande fome chegou um dia a porta do filho pedindo que lhe desse de comer; tinha um capão cozido para jantar, mas logo o escondeu metendo-o em uma arca, e dando ao pai uma tigela de favas, o deitou pela porta fora, e acabando de as comer, depois que se foi, disse a mulher: — Agora comeremos a nossa vontade, ide buscar o capão; — o qual achou que se tinha tornado em um terrível e espantoso sapo, que lhe saltou no rosto, aferrando-lhe os dois pés na barba e as mãos na testa, não havia quem o pudesse desapegar; foi um homem com uma tenaz pegando ele para o tirar, o sapo o atravessou com os olhos, tão terrível e peçonhentemente, que logo caiu no chão, nem houve quem pudesse dar remédio a tal caso.

(Francisco Saraiva de Sousa, *Báculo Pastoral de Flores de Exemplos*, t. I, p. 87. Ed. 1657.)

NOTA: Cita-se uma variante de Cesário, lib. 60, cap. 22, em que em vez de um sapo era uma serpente.

OS PODERES DO OURO

Houve em Itália, e em um dos mais conhecidos lugares dela, um honrado pai de famílias, nobilíssimo por geração, rico de bens procedidos da herança e nobreza antiga de seus passados, dotado de muitas partes e graças naturais, e tão liberal do que possuía, que mais parecia despenseiro das riquezas que carcereiro delas. Teve este em sua mocidade um filho tão industrioso e esperto nos negócios da mercancia, que ajuntou em poucos anos grande cópia de dinheiro, o qual ele guardava com tão solícito cuidado, como costumam os que com cobiça e trabalhos o adquiriram, e era notável espanto aos naturais, verem em um velho a largueza e liberalidade de mancebo, e em o filho a avareza e tenacidade de velho. O pai, que o via responder tão mal a suas inclinações, e que já com a idade e continuação de gastar largo estava menos rico, muitas vezes lhe dizia, e aconselhava com brandura, que conservasse com o que ganhara, a honra que tinha de seus passados, e não degenerasse deles por seguira vileza do interesse. Que usasse das riquezas como nobre, e favorecesse a velhice de quem o criara, e honrasse aos pequenos irmãos que tinha; que fosse proveitoso aos amigos e parentes, benigno aos pobres, e se não cativasse ao trabalho de entesourar riquezas sem fruto. Mas como falar a um morto e aconselhar a um avarento é cuidado vão, nenhum efeito faziam os paternos rogos em sua má natureza. Sucedeu que o Senado daquela República por a nobreza e pessoa do mancebo, e pela indústria e sagacidade que mostrava, o elegerem em companhia de outros, para ir com uma embaixada a Roma ao Sumo Pontífice. Depois de sua partida, vendo o pai ocasião ao que havia muito que desejava, mandou secretamente fazer chaves falsas com que entrou na camara do filho, e abriu os cofres em que aquele inútil tesouro estava depositado, e com a brevidade que o desejo lhe

pedia, vestiu a si, a sua mulher e filhos custosamente, deu libré a seus criados, comprou ricas armações e baixelas, encheu a estrebaria de cavalos fermosos, acudiu em ocasiões a parentes e amigos necessitados; despendeu, enfim, aquela prata e ouro que o filho com muitas vigílias ajuntava, da maneira em que ele quando florescia em riquezas usava delas. Gastado o dinheiro, encheu os sacos em que antes estava de muitos seixos e areia, e posto tudo na mesma ordem em que o filho o deixara, tornou a fechar os cofres e as caixas como de antes. Tomou depois o filho da sua embaixada, e os pequenos irmãos o foram esperar a entrada da cidade vestidos custosamente, e com o magnífico aparato de que então usavam. Vendo-se o irmão rodeado deles, ficou confuso e enleado, lhes perguntou logo donde houveram tão ricos vestidos e fermosos cavalos? Ao que eles com uma simplicidade inocente responderam: Que seu pai e senhor vivia com diferente largueza da que antes tinha, e que outros trajos e cavalos de maior preço lhe ficavam. Entrando depois em casa de seu pai, nem a ele conhecia, pelo diferente estado em que o deixara, e como nesta mudança se lhe não aquietava o coração, foi-se com muita pressa aonde tinha posto o seu tesouro, entrou na sua camara, abriu os cofres, e vendo que os deixara, se quietou, porque não dava lugar a mais vagarosa experiencia a pressa com que os companheiros o chamavam e o Senado o esperava. Depois que deu fim aquela obrigação, que a ele lhe não pareceu que fosse tão custosa, fechando-se de vagar no seu aposento, abriu as arcas e os sacos em que lhe parecia que estava a sua bem-aventurança, e vendo o engano da areia e seixos, que dentro tinham, começou a gritar com grandes lamentações e brados, a que, primeiro que todos, acudiu o generoso velho, perguntando-lhe que tinha? de que se queixava? e quem o ofendera? — Ai de mim (disse ele), que me roubaram as riquezas que com tantos trabalhos e com tão largo discurso de anos tinha granjeadas. — Como é possível que te roubaram (respondeu dele), se eu vejo esses cofres e sacos cheios, que parece que não podiam tirar nada deles, nem eles levarem mais? — Ai, triste de mim

(tornou o filho), que o de que eles estão cheios, não é do ouro e prata com que os deixei, que não tem agora mais que pedras e areia sem proveito. A isto respondeu o generoso pai, sem no rosto fazer mudança: — Ah, enganado filho, que importava para que estes sacos estivessem cheios de ouro fino ou de areia grossa, se a tua avareza te não deixava fazer nas obras diferença dela? Cessaram os brados, mas não já o sentimento do filho com esta resposta, que a mim me pareceu digna de ser contada entre as mais célebres do mundo.

(Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, diál. VII).

O TESOURO ESCONDIDO

Acho estremada aquela história que toca o Ausónio, poeta, em um seu epigrama: E é que um homem desesperado com uma paixão que teve, se ia enforcar em um lugar secreto, levando consigo o baraço em que havia de deixar a vida. Sucedeu que com a força que fez, caindo uma parte da terra naquele lugar, se lhe descobriu um tesouro, a cuja vista mudou logo o pensamento, e levando o que achara, deixou em seu lugar o baraço que trazia. Vindo depois o que ali escondera, e achando-o menos, e em seu lugar a tentação da sua desventura, fez, porque perdera um tesouro, o que o outro deixou de fazer porque o achara; de modo que a um deu vida o ouro, a outro matou a avareza dele.

(Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, diál. VII)

NOTA: Compare-se com a tradição popular, conto *O Tesouro do Enforcado* de vol. I.

ERRAMOS (E RAMOS)

Uma mulher não tratava bem de obras a honra de seu marido, e ele muito mal de palavras a toda a sua vizinhança; era o seu nome dele Ramos, e pondo-se um dia em práticas com a mulher começou a contar com ela todos os cornudos que havia no seu bairro; a mulher, com raiva de sua má natureza, a cada passo dizia:

— E Ramos, marido; tornai a contar, que falta um.

Ele, que entendia mal o remoque, sem se meter na conta, a tornava a fazer de novo muitas vezes.

(Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, diál. XI, p. 156).

NOTA: Encontrámo-lo também na tradição insulana, e no Porto.

O PAJEM DA RAINHA

Teve a Rainha Santa Isabel um pajem ou criado de camara que servia de seu esmoler e outras obras pias e caritativas em que a santa rainha de contínuo se occupava; era este moço de boas partes que foi a herança que seu pai lhe deixou, segundo conta Henrique Grã, que estando para morrer lhe disse: — Filho, a melhor herança que te posso deixar é dar-te este conselho: que sejas muito virtuoso e que ouças cada dia missa inteira e sejas muito devoto da Virgem Nossa Senhora. Estas e outras cousas santas lhe encomendou. Neste tempo tinha el-rei Dom Dinis outro pajem muito seu privado e querido; este, vendo a privança que o outro tinha com a rainha, por inveja e por mais cair em graça de el-rei, determinou de lhe levantar um falso testemunho e po-lo em mal com el-rei; e foi este que afirmou que a rainha tinha uma afeição má; como o rei vivia não mui honestamente, pouco bastou logo para lhe dar crédito, e assim dali por diante andava pensativo, triste, malenconizado, vivendo com muita desconfiança da rainha pelo que seu pajem lhe tinha dito, determinou de o matar secretamente, e saindo aquele dia a passear, passou por onde estavam ardendo uns fornos de cal, e chamando de parte os homens que neles trabalhavam, lhes mandou que a um criado da camara que ele enviaria com um recado: — se tinham feito o que el-rei lhe tinha mandado? — o arrebatassem logo e o lançassem dentro no forno para que assim se fizesse em pó e em cinza, porque assim convinha ao seu serviço. Ao outro dia pela manhã mandou o pajem da rainha que fosse logo com este recado, para que os homens pusessem em execução o que lhes tinha mandado; mas Nosso Senhor, que nunca falta aos seus e acode aos inocentes, ordenou que em passando este moço tangessem no Mosteiro de S. Francisco (que estava em caminho) a missa, e entrando esteve-a

ouvindo até ao cabo, e ainda outras duas, que se começaram. Neste tempo desejando el-rei saber se era já morto, mandou ao pajem da camara (que era aquele que o havia acusado levantando-lhe o falso testemunho) e lhe disse: — Vai ao forno a saber se tem já feito o que mandei: foi e dando o recado, arrebataram-no os homens e vivo o meteram no forno. Neste tempo acabando o moço inocente e sem culpa de ouvir as missas, foi dar o recado que el-rei tinha dito, se haviam feito o que Sua Alteza lhes havia mandado, e dizendo eles que sim, se voltou com a resposta a el-rei, o qual vendo e considerando que havia acontecido este negócio ao revés de como ele havia mandado, e tornando-se ao pajem o começou a repreender, perguntando-lhe donde havia estado tanto tempo? Respondeu ele: — Senhor, indo a cumprir o mandado de Vossa Alteza, tangendo a missa entrei dentro, e ouvi aquela missa até ao cabo, e antes que aquela se acabasse começaram duas, e assim ouvi todas tres até ao cabo, porque assim mo encomendou meu pai e deixou por benção, que todas as missas que visse começar estivesse a elas até ao fim. Então viu el-rei por este juízo de Deus as falsidades, e veio a cair na conta da verdade e a conhecer a inocencia da santa rainha, e a fidelidade e virtude do criado, e assim lançou a má imaginação que trazia contra a rainha.

(Saraiva de Sousa, *Báculo Pastoral*, I, 148)

NOTA: Acha-se no *Patranuelo*, de Timoneda, n.º XVII. (Ed. Ribadaneyra, p. 158.) Loiseleur des Longchamps, no *Essai sur les fables indiennes*, p. 134, not., cita um dos contos dos Sete Vizires, e o fabliau *D'un roi qui voulut faire bruler le fils de son sénéchal*. (Legrand d'Aussy, *Fab.*, t. v, p. 56.) Esta mesma tradição acha-se na redação inglesa das *Gesta Romanorum*, cap. XCVIII; nas *Cento Novelle antiche* (*Libro di Novelle*, LXVIII); nas *Novelas* de Geraldo Cíntio, 2.ª cent., 8.ª dez., 6.ª novela; a lenda de Santa Isabel, em Portugal, no *Báculo Pastoral*, de Saraiva de

Sousa, já se achava em verso por Afonso o Sábio, avo do rei D. Dinis, contada como um milagre da Virgem. A sua proveniência oriental acha-se no *Katha sarit ságara*, coleção de Somadeva Bhatta, do século XII. (Trad. Brockaus, vol. II, p. 62). Æsterley, na sua edição das *Gesta Romanorum*, cita na nota ao número 283 os paradigmas desta lenda, também popular na Alsácia com o título de *Fridolin*, sobre que Schiller fez a balada *Gang nach dem Eisenkammer*. Vid. também o estudo de D'Ancona, na *Romania*, t. III, p. 187. Repete-se ainda na tradição popular de Coimbra.

A lenda só entrou muito tarde em Portugal, porque não foi incluída no texto da *Vida de Santa Elisabeth* (1225-1336) publicada por Fr. Francisco Brandão, e aparece adaptada a Rainha Santa por Fr. Marcos de Lisboa, na sua *Crónica da Ordem dos Menores*, de 1562. É esta a forma literária da tradição hagiológica:

«El-rei Dom Dinis, no tempo de seus vícios, em que ao Demónio servia e a sua carne, induzido também per o mesmo inimigo, teve algumas desconfianças da gloriosa rainha, sua mulher. E um seu moço de camara movido por o mesmo devaneio, com a cobiça de lhe ser aceito, e com inveja que tinha doutro moço da camara a quem a rainha ocupava em distribuir as esmolos e obras de misericórdia que fazia, por ver nele virtude e bons costumes, afirmou a el-rei que a rainha lhe tinha afeição. E el-rei espantado disto, posto que o não acabasse de crer, determinou-se em secretamente fazer matar aquele moço da camara de que se a rainha servia. E cavalgando aquele dia, e passando por um forno de cal que se cozia, chamados a parte os cozedores que lhe metiam a lenha, lhes mandou que o moço de camara que outro dia lhes mandasse ali com recado seu, que dissesse se tinham feito o que lhes mandava, o metessem logo no forno, per a que morresse, que assim cumpria o seu serviço.

E outro dia pola manhã mandou el-rei o moço da camara da rainha com o recado ao forno, per que logo morresse.

Mas Nosso Senhor que nunca falta na honra e inocencia dos seus, ordenou, em

que passando aquele moço da camara por a porta duma igreja, tangiam a levantar a Deus; entrou na igreja e teve até o cabo desta missa e de outras duas ou tres que se começaram. No qual tempo el-rei que desejava saber se era já morto aquele moço de camara, vendo o seu moço da camara que acusara o outro, mandou-o muito depressa ao forno saber dos cozedores se cumpriram seu mandado, os quais o tomaram logo e atado o meteram per lenha dentro do forno ardendo. E o outro moço de camara inocente, acabando de ouvir as missas, deu o recado de el-rei aos cozedores do forno, se cumpriram seu mandado, e eles responderam que sim.

E tornando com a resposta a el-rei, ficou fora de si, vendo que aconteceu o contrário do que ordenara. E repreendeu-o e perguntando onde se detivera tanto, lhe respondeu o moço da camara da santa rainha:

— Senhor, passei por junto de uma igreja e ouvindo tanger a campã a levantar a Deus, entrei dentro a ver Deus, e começou-se outra missa, e antes de aquela acabar outra, e esperei que se acabasse, per que meu pai me lançou per benção que a toda a missa que visse começar, estivesse até o fim.

E caiu el-rei por este juízo de Deus em conta da verdade e inocencia da gloriosa rainha e da virtude de seu moço da camara e deixou toda imaginação. E mostrou Nosso Senhor neste caso, o valor da inocencia e virtude e devoção das missas e Santíssimo Sacramento, também como a malícia cai nos laços que pera os inocentes arma.» (*Op. cit.*, p. II, fl. 195.). Pelos considerandos de Frei Marcos, a legendogonia hagiológica é um processo de propaganda religiosa igual ao dos pregadores do budismo, aliciando a imaginação popular.

Esta lenda da Rainha Santa Isabel acha-se fundamentalmente estudada pelo insigne folclorista Emm. Cosquin, em uma monografia publicada na *Revue des questions historiques*, fasc. de janeiro e de julho de 1903. Observa Cosquin, que quando Isabel de Aragão, contava ainda sete anos de idade, em 1278 já Martinus Polonus (Martins Strabiki) no seu *Promptuarium Exemplarum* consignava esta

lenda:

«Certo homem idoso, tendo servido durante muito tempo fielmente o seu rei, lhe recomendara na hora da morte a seu filho Guilherme, para que tomasse a criança para o seu serviço. O rei tendo concordado, o pai disse em voz baixa a seu filho:

— Filho, eu te dou tres conselhos, e se tu os seguires, tu te acharás bem. O primeiro é de não te meteres em companhia de invejoso ou de maldizente. O segundo é: todas as vezes que vires teu senhor ou senhora inquietos ou com tristeza, manifestares que tomas parte em seus pesares. O terceiro é de nunca deixares de ouvir missa, sejam quais forem os cuidados urgentes nessa ocasião.

Morto o pai, Guilherme portou-se com todo o discernimento no serviço do rei, que todos o gabavam, exceto um balio do rei, que notara que Guilherme se afastava dele como de um maldizente. Impelido pela inveja, este balio foi ter com o rei, acusando o pajem de andar apaixonado pela rainha.

— E se quiserdes, disse ele, assegurar-vos disto, fazei chorar a rainha ralhando com ela, e vereis como Guilherme se põe logo a chorar com ela.

Assim aconteceu. E o rei, muito encolerizado, procurava meio para fazer morrer o Guilherme, mas ninguém dar por isso, e o invejoso aconselhou-o que o mandasse com recado ao mestre do forno da cal: «O primeiro que amanhã de manhã vier de mandado do rei, importa que seja imediatamente lançado no forno.»

Então o rei disse a noite ao Guilherme para ir logo de manhã cedo ao forno de cal e dizer ao mestre caleiro de cumprir o que rei lhe tinha recomendado na véspera. No dia seguinte, pos-se Guilherme a caminho muito cedo, e ouviu ao passar a floresta tocar a missa. Lembrando-se do conselho do pai, dirigiu-se para esse lado. O padre demorando-se para vir começar solenemente a missa em honra de nossa Santa Virgem, o rapaz teve de esperar algum tempo, contrariado

por retardar o cumprimento da ordem do rei, mas impunha-se a recomendação que lhe fizera seu pai. E como ele se demorasse tanto, o invejoso fez com que o rei o enviasse ao forno de cal para ver se Guilherme estava já queimado. Logo que ele ali chegou, perguntou ao mestre do forno, se ele tinha cumprido a real ordem?

— Não, respondeu-lhe o outro; mas vamos dar-lhe cumprimento imediatamente.

E agarrando-o, o forneiro arrojou-o para dentro do forno. Acabou a missa, Guilherme pos-se em marcha para o forno de cal, a dar conta do seu recado.

— Dizei ao rei, meu senhor, volveu o forneiro, que eu cumpri a risca o que me ordenara.

O rei vendo o Guilherme de regresso, perguntou-lhe porque é que tanto se tinha demorado. O rapaz, todo trémulo, declarou que se tinha retardado por causa de uma missa, e participou ao rei, que isso fizera pela recomendação que seu pai a hora da morte lhe aconselhara. O rei vendo que o invejoso tinha sido alcançado pelo juízo de Deus e que Guilherme era mais fiel que todos os outros, dali em diante tratou-o melhor do que até então tinha.»

Emmanuel Cosquin faz notar os elementos semelhantes entre o exemplo de Martinus Polonus com a narrativa de Frei Marcos de Lisboa; provavelmente o cronista dos Menores colheu-a dessa fonte de 1278, porque na *Vida de Santa Isabel*, atribuída a Diogo Afonso, secretário do cardeal-infante D. Afonso, e publicada em Coimbra em 1560, não aparece ali esta lenda.

O ilustre folclorista encontra este conto em diferentes Sermonários da Idade Média; de Jean Herolt, de 1418 nos *Sermones Discipuli*, e no do franciscano Pelbar de Temervar, e outros do fim do século XV. O tema dos Conselhos tem tido desenvolvimento novelesco independentemente; e o terceiro conselho, da audição da missa encontra-se no poema medieval *Ruodlieb*, duzentos anos

anterior ao exemplo de Martinus Polonus; e nota, que a primeira máxima do *Ruodlieb* é a que recomenda: Se ouvires tocar a missa, ou que alguma se canta, desce do cavalo e vai logo assistir a ela. Dez anos antes do nascimento da rainha Isabel de Aragão, já no *Liber de Donis* aparece este conto redigido pelo dominicano Etienne de Bourbon; e Afonso o Sábio (1252-1284) tratava este tema da devoção da missa nas *Cantigas de Santa Maria*, mas sem o episódio dos Conselhos, refletindo-se a ação narrada na Cantiga, em um conto espanhol do século XV, no conto 5.º do suplemento do *Libro de los Exemplos* de Clemente Sanches, publicado por Morel-Fatio.

Como Santa Maria guardou um privado do conde de Tolosa que não fosse queimado no forno, porque oía missa cada dia.

.....

E' d'aquest'aveio, grã teme 'há já passado / que houve em Tolosa um Conde mui preçado, / e aquese havia um home seu privado / que fazia vida como religiosa. / Antr'os outros bem muito que fazia, / mais que outra rem amava Santa Maria; / assi que outra missa nunca 'el queria / oir, erg 'a sua, nem lh'era saborosa. / E outros privados que com el Conde andavam / haviam-lh' inveja, e por ende punhavam / de com el'volve-lo, porque d'ess' i cuidavam / haver com el Conde sa vida mais viçosa. / E sobr'esto tanto com el Conde falaram, / que aquel' bom home mui mal com el mescraram, / e de tais cousas a el' o acusaram, / per que lhe mandava dar morte doorosa. / E que não soubessem de qual morte lhe dava, / por um seu caleiro a tão l'est' enviava, / e um mui grão forno entender lh'o mandava / de lenha mui grossa, que não fosse fumosa! / E mandou-lhe, que o primeiro que chegasse / home a el dos seus, que tantoste filasse, / e que sem demora no forno o deitasse, / e que i ardesse a carne d'el astrosa. / Outro dia el Conde do que mecrado era, / mandou-o que fosse a ver se fizera / aquele seu caleiro o que lhe dissera, / dizendo: Esta via não te seja nojosa. / E si ele ia cabo de sua carreira, / achou um' ermida que estava senlheira, / u diziam missa bem de mui grã maneira / de Santa Maria, a Virgem preciosa. / E logo tão toste

entrou em a igreja, / e disse: — Esta missa, a como quer que seja, / oirei eu toda,
por que Deus de peleja / me guarde de mescre má e revoltosa. — / Enquanto el'a
missa oía bem cantada, / teve já el Conde que a cousa acabada / era, que mandara;
e porém sem tardada / enviou outr'home natural de Tolosa. / E aquel'home era
o que a mescre feita / houvera, e toda de fond' a cima treita, / e disse-lhe lego: —
Vai corrend' e aseita / se fez o caleiro a justiça fremosa. / Tão toste correndo foi-
s' aquel falso arteiro / e não teve via, mas per um semedeiro / chegou ao forno e
logo o caleiro / o deitou na chama forte e perigosa. / O outro, pois toda a missa
houv' oída, / foi ao caleiro et disse-lh': — Hás cumprida / a vontade del Conde?
(Diss'el): — Sem falida / senão, nunca faça eu mia vida goiosa. / Então do caleiro
se partia tão toste / aquel'home bom; e per um grão recoste / se tornou al Conde,
e dentr'em sa reposte / contou-lh' end'a estória maravilhosa. / Quando viu el
Conde aquel' que chegara / ant'ele vivo, e soube de como queimara / o caleiro o
outro que aquel' mescrara, / teve-o por cousa d'oir mui espantosa. / E disse
chorando: — Virgem, beeita sejas, que nunca te pagas de mestras nem d'invejas,
/ porém farei ora per todas tas igrejas / contar este feito e como és poderosa.

Não pode prender nunca morte vergonhosa / aquele que guarda a virgem
graciosa.

Transcrito das. *Cantigas de Santa Maria*, de D. Alfonso el Sábio, t. I, pp. 125 a
127. Ed. da Academia Espanola, Madrid, 1889. O sábio académico marques de
Valmar acompanhou todas as lendas tratadas nas *Cantigas de Santa Maria*, com
notas dos paradigmas apresentados pelos principais filólogos europeus: O
erudito Ad. Mussafia aponta os estudos sobre esta lenda, de Wilhelm Hertz,
Deutsche Sagen im Elsas, p. 278, sobre a balada de Schiller *Der Gang nach dem
Eisenhammer*, Johanes Gobius, Scala Coeli, fol. 168 V (v.º Missa.)

Gaston Paris, *Romania*, vol. V, p. 454; Wesselofsky, *ibid.*, vol. VI, p. 181;
D'Ancona, *Studi di Critica e Storia letteraria*, p. 347; e *Gesta Romanorum*, p. 749,
Ed. de Oesterley. E restringindo-se ao tema do inocente salvo pela sua devoção,

cita Mussafia as versões ocidentais, edição de Oesterley, p. 688; *Cento Novelle antiche*, LXVIII; Méon, *Vie de Peres*, II, 331; tradução catalã antiga; publicada por Morel Fatio na *Romania*, vol. v, 453; Timoneda, *Patranuelo*, p. 158, ed. 1846.

Na sua completa monografia, Emm. Cosquin assenta a origem indiana, deste conto no seu vastíssimo ciclo no folclore russo, grego, de origem búlgara, turca, africana, ilha de Java, Bengala, e nas tradições populares judaicas. Transcrevemos aqui a versão indiana coligida pelo pandita Natesa Sastri, que Cosquin traduziu para frances do *Indian Antiquary* de Bombaim:

«Um pobre velho bramane recebeu outrora de seu pai moribundo tres conselhos:

— Não recuses nunca a refeição da manhã. (Refere-se a imposição ritualística para terminar sacramentalmente o jejum.)

— Não digas o que os teus olhares viram. — Serve lealmente o teu rei. Todos os dias, muito cedo o bramane vai dar os bons-dias e apresentar os seus respeitosos cumprimentos ao rei e abençoá-lo, proferindo esta sentença: Quem semeia o bem, colherá o bem; e semeando o mal, colherá só mal. E assistia a sua oração.

Um certo dia, em dia do jejum (o undécimo dia da Lua, *ekadassi*), o rei que tinha toda a confiança no velho, mandou-o ao aposento da rainha buscar a sua cimitarra, que lhe esquecera.

Ao atravessar o jardim, o bramane surpreendeu a rainha acompanhada do ministro do rei. Entrou na camara e pegou na cimitarra; porém, fiel ao segundo conselho de seu pai, nada disse ao rei do que vira:

A rainha temendo ser denunciada pelo bramane, desmaiada, com audácia acusou-o de ele ter-lhe feito propostas desonestas. O rei, furioso, chamou dois dos seus algozes e disse-lhes:

— Ide a porta oriental da cidade e arranjai lá um grande caldeirão cheio de azeite, e tratai de o por a ferver. Amanhã irá ali um homem que vos há de fazer a

pergunta: «Está tudo feito?» Sem considerar quem ele possa ser, amarrai-o de pés e mãos e atirai-o ao azeite fervente. Depois o rei chamou o bramane e deu-lhe ordem para no dia seguinte, logo de manhã, ir a porta oriental e perguntar aos dois homens, que encontrará ao pé de um grande caldeirão, se: «Está tudo feito.» E seja qual for a resposta, vem trazer-ma.

No dia seguinte, de manhãzinha, o bramane dirigiu-se para a porta oriental; mas no seu caminho um amigo saiu-lhe ao encontro e pediu-lhe de quebrar com ele o jejum da véspera, compartilhando a refeição do duodécimo dia (*imposição sacramental avadasi*.) Lembrando-se do primeiro conselho de seu pai, o bramane aceitou o convite, apesar de toda a pressa em cumprir o seu recado.

Enquanto ele se achava assim impedido, o ministro que tinha sido informado pela rainha da ordem do rei, não pode resistir ao desejo de saber se esta ordem já tinha sido cumprida, vai ter com os algozes, e pergunta-lhes: Se estava tudo feito? Imediatamente os algozes o agarraram e atiraram-no ao azeite fervente.

O bramane despedindo-se do seu comensal, foi ter com os algozes, e fazer-lhes a pergunta prescrita.

«Sim, responderam-lhe eles; está tudo feito. O ministro está bem morto, já executámos a ordem do rei.»

O rei estupefacto ao ver diante de si o bramane com tal resposta, ameaçou-o de o mandar matar se não declarasse toda a verdade sobre o seu comportamento com a rainha. Então o bramane contou o que vira, e o rei depois de ter punido a culpada, nomeou o velho bramane seu ministro.» (Cosquin, *op. cit.*, p. 48.)

É também interessante este tema tradicional do folclore judaico: «Um homem piedoso e rico, pertencente a corte, tinha um filho gentil e bem-afigurado, e instruído. À hora da morte esse homem piedoso recomendou ao filho — nunca saísse da Sinagoga, desde que o ministro oficiante se levante para a oração, e comece o *Kaddisch*, até final da prece. Igualmente, se alguém se levantar a fim de

dizer *Barbu*, por não ter ouvido o ofício, espere que ele tenha terminado a sua oração. Foi o que eu fiz toda a minha vida, e tudo me saiu bem nos meus negócios. Também, se tu passares por alguma cidade em que haja alguma sinagoga e que tu ouças o ministro oficiante, entra e não saias antes do ofício acabado.

Este homem piedoso expirou a seguir. O filho era muito estimado de toda a gente, ele tinha um cargo na corte; era ele o escanção do rei e da rainha (o que lhes enche os copos), que lhes corta o pão e carne. Estimavam-no extremamente, e pela sua parte ele só tinha boas intenções. Vendo isto o ministro, encheu-se de inveja, e tratou de dizer ao rei:

— Senhor, tendes olhos e não vedes que o jovem copeiro é amante da rainha.»

E assim por diante. A marcha da narrativa é completamente a mesma da legenda do *Pajem de Santa Isabel*. (*Ibid.*, p. 42 do Ap.)

Além da lenda do Pajem, anda ligada também a rainha Santa Isabel a da *esmola convertida em rosas*, repetida nos contos populares portugueses. Do milagre das rosas, escreve M.me Busquet, no seu livro *La Normandie romanesque et merveilleuse*: «O milagre das rosas é conhecido e popularizado em muitos departamentos de França e da Alemanha. Não podemos recordar os nomes de todas as personagens, em cujo favor ele se operou; citaremos apenas de memória Santa Elisabeth de Hungria, e San Mayel, um dos patronos mais venerados do antigo priorado de Souvigny, onde existia o seu túmulo.» (*Op. cit.*, p. 385.) M.me Busquet refere o Milagre das Rosas, passado com a filha do senhor feudal Nicolau d'Estousteville, que em 1116 fundara a abadia de Valency-en-Caux. O sire d'Estousteville, na sua construção, com que dotou a igreja que edificara, ratinhava os salários dos mestres escultores, arquitetos e pedreiros, que mandara vir da Alemanha, e forçava os seus vassallos a servirem nesse trabalho, mandando-lhes distribuir rações insuficientes. A própria filha de sire d'Estousteville, é que empregava generosamente todos os seus pecúlios, e de vez

em quando da cozinha paterna socorria aquela gente esfaimada. Uma tarde, quando ela ia, como de costume, fazer algumas distribuições aos artistas estrangeiros, tendo o que era de comer no regaço e levando na mão um canjirão de vinho, aconteceu encontrar-se com seu pai. Ladino nas suas suspeitas, o avaro castelão avançou furioso para a filha, e perguntou-lhe em um tom de arrepiar:

— Que levás, com tanta cautela assim resguardado?

— Meu pai, são rosas e água. (A primeira escusa graciosa que se lhe ofereceu a lembrança.)

O inexorável castelão não se fiou na doce voz da filha, e ordenou-lhe com um gesto violento que mostrasse o que levava na saia. E esperando ver a provisão de comestíveis, qual não foi a sua surpresa vendo cair a seus pés bastantes flores do roseiral; e ainda levado por um brutal impulso despejando no chão a vasilha que a filha levava na mão, o furor injusto do pai cruel foi novamente enganado, por que uma água límpida e cristalina espalhou-se em gotas cintilantes pela relva.» (*Op. cit.*, p. 383, ss.) Como Santa Isabel, no século XIII, também Maria d'Estousteville se meteu a freira em um convento de Carmelitas no século XII. Neste livro ainda cita uma outra heroína do milagre das rosas, M.me Bréauté, filha de um castelão de Saint-Valency-en-Caux; depois da morte de seu pai deu largas a sua piedosa caridade fundando a Gafaria (*Leproserie*) de Sainte Marie de Clemencé.

Pelo processo legendogónico, variam os nomes das pessoas e das localidades persistindo os temas lendários.

A INGRATIDÃO DOS FILHOS

Certa mulher dera a sua filha em dote quanto possuía; e depois, assim ela como o genro a desprezavam e lhes aborrecia em casa como carga inútil. Vendo isto a velha:

— Já sei (disse consigo) como emendar o erro meu.

Dali por diante fingia que se furtava aos olhos dos domésticos para se retirar a certo aposento interior, onde tinha uma arca com muitas fechaduras, cujas chaves recatava; ali, de noite, a horas escusas, com dissimulação afetada, abria, vazava, contava e tornava a guardar, em lugar de patacas, pedacinhos de louça quebrada, espreitando entretanto se fora sentida a mesma que o desejava ser. Também entre a conversação deixava cair algumas palavras prenhes, que indicavam testamento feito, ou quantidade de sufrágios e esmolas, ou louvor dos que pouparam para a sua velhice ou outras semelhantes. Do que tudo vieram a filha e o genro a entender que a velha tinha dinheiro escondido e logo deliberaram dar-lhe bom trato e falar-lhe com agrado e sujeição. Tanto que chegou o seu dia e passou desta vida, foram muito sofregos registrar o que havia na arca, suave tormento de suas esperanças, mas o que acharam entre os telhos, foi só um papel com estas palavras:

— Filhos meus, se os tiverdes, não vos esqueçais de vós no dar-lhes estado; este desengano que tenho vos deixo, em lugar do dinheiro que não tenho.

(P. Manuel Bernardes, *Nova Floresta de Vários Apotegmas*, t. I, p. 145.)

VARIANTE

Achava-se certo pai com duas filhas capazes já de tomarem estado, e querendo

dar-lho com mais grandeza lhes consignou em dote quanta fazenda possuía. Supos que os consortes nunca deixariam de corresponder a esta liberalidade com igual gratificação provendo-o depois do que necessitasse, servindo-o e tratando-o com aquele amor que podia prometer-se de pessoas tão próximas no parentesco como obrigadas pelo benefício. Mostraram-lhe os esposos ao princípio algumas demonstrações de afeto, mas faltando-lhes pouco a pouco as esperanças de conseguirem já nada do velho, que lhes tinha dado tudo, começaram-no a maltratar de sorte, que bem cedo conheceu o erro em que caíra, reduzindo-se a pobreza. Vendo-se o velho reduzido a tão triste estado, e cuidando no remédio da sua necessidade, lhe ocorreu enfim uma indústria, que lhe saiu bem-sucedida e acertada. Tinha um amigo particular, e pediu-lhe certa quantia bastante de mil cruzados, a qual sem falencia alguma lhe restituiria passado aquele termo. Conseguiu prontamente o dinheiro, e levando-o as escondidas para a sua camara que ficava próxima as dos genros e filhas, vazou o saco sobre uma mesa e pos-se a contar o dinheiro, manejando-o de sorte que tinisse e soasse fora o estrondo. Perceberam as filhas o som, acudiram logo ao reclamo, espreitaram pela fechadura da porta, e vendo sobre o bufete tanta soma de moedas, comunicada a novidade aos maridos, assentaram que convinha mudar de estilo e dar ao velho outro tratamento. Como lhe supunham ainda algum cabedal, temerosas que talvez o deixasse a pessoas estranhas, julgaram que importava ganhar-lhe a vontade para segurarem deste modo toda a herança. Assim como o resolveram o executaram, e para mais se certificarem, em certa ocasião procuraram saber dele um dia se lhe restava ainda alguma cousa, e quanta soma de dinheiro de que dispusesse.

Respondeu o acautelado velho que alguma quantia reservara para fazer seu testamento. Que sua tenção era deixar a soma dos mil cruzados, que lhe restavam, a suas filhas, deixando a uma ou outra mais ou menos, conforme os obséquios e serviços que delas recebesse naquela sua velhice necessitada de

tantos.

Bastaram estas palavras para acenderem nas filhas o apetite do dinheiro, e cada qual logo a porfia começou a ganhar a vontade e benevolencia do pai, servindo-o em tudo e gozando-se ele dissimuladamente do bom sucesso que surtira o estratagema. Passado algum tempo adoeceu de morte o velho, e chamando as filhas e os genros, disse-lhes ser chegada a sua última hora, e que assim tanto que expirasse, acabados os sufrágios, receberiam dos Frades a chave da caixa, a qual abrissem, porque de quanto estava dentro as deixava igualmente por herdeiras. Apenas o bom velho expirou, prontamente se disseram missas, e recebendo as filhas com alvoroço a chave, abriram a arca mui ligeiras, mas não estava dentro uma só moeda; somente acharam um malho, que tinha estas letras ao redor escritas:

«Com este malho se de na cabeça de quem não tratando de si, deixa a sua fazenda a outrem.»

(P. Manuel Consciência, *Academia Universal de Vária Erudição*, p. 95.)

NOTA: Acha-se nos fabliaux da Idade Média: *Le bourgeois d'Abbeville*, por Bernier (*Recueil de Fabliaux*, p. 166); o conto do *Sapo*, no *Doctrinal de Sapience*, f. 21, v. A herança de pedras acha-se no testamento de Fauchet, em que os logrados são os frades; há outras versões nas *Histoires plaisantes et ingenieuses*, p. 146; e em Piron, *Fils ingrats*, comédia. Esta história afeta outras formas, como é o episódio da intervenção do neto que se prepara para exercer a mesma crueldade com o pai. Nos *Contos Nacionais para Crianças*, n.º 1, há uma referencia a uma versão popular ainda corrente em Portugal. Nas *Horas de Recreio*, do P.e João Batista de Castro, p. 81, vem este tema da *Velha que dá o que tem a filha*. António Prestes no *Auto dos Dois Irmãos*, tem este tema: «no cabo do qual Auto se trata como estes dois filhos se casaram a furto do pai, e o pai não os

querendo ver, houve quem os metesse de amizade, de maneira que o pai lhes deu tudo o que tinha. Depois que lho deu não o quiseram mais ver nem agasalhar, até que o pai se fez que queria morrer, e encheu um cofre de areia, e meteu dentro um rifão, que diz: **Quem se deserda antes da morte, e com isto fenece o Auto, etc.»**

A USURA DE NOSSA SENHORA

Um onzeneiro famoso foi avisado e castigado com lepra. Tendo já quase esgotado a medicina e a bolsa, por último remédio recorreu a Senhora do Loreto, prometendo-lhe se sarasse, oferta de cem escudos de ouro. Foi ouvido e restituído a saúde brevemente. Os amigos, aproveitando a ocasião o amoestaram, não tornasse a manchar a sua alma com aquele vício da usura.

Respondeu:

— Se fora vício esse que dizias, não levava a Senhora cem escudos por curar-me.

(P. Manuel Bernardes, *Estímulo Prático*, exemplo V.)

O MÉDICO DE BOA-FÉ

Como o outro que curava de um espinho certo cavaleiro, e tinha-lhe metido em cabeça que era postema. Ausentou-se um dia e deixou um seu filho instruído, que continuasse com os emplastos do espinho, a que chamavam postema. Mas o filho na primeira cura, para se mostrar mais dextro, arrancou o espinho; cessaram logo as dores, e sarou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veio o pai; pediu-lhe o filho alvíssaras, que sarara o doente só com tirar o espinho. Respondeu-lhe o pai:

— Pois daí comerás, pura besta. Não vias tu, selvagem, que enquanto se queixava das dores continuavam as visitas e se acrescentavam as pagas? Secaste o leite a cabra que ordenhávamos.

(Alexandre de Gusmão, *Arte de Furtar*, p. 26.)

NOTA: Este conto popular e os cinco que se lhe seguem foram transcritos do celebrado livro *Arte de Furtar*, atribuído ao P.e António Vieira, o grande pregador do século XVII; aparecem hoje aqui sob o nome do seu verdadeiro autor, Alexandre de Gusmão, ministro e secretário de D. João V.

Na Academia de Ciências de Portugal, fizemos uma comunicação, tendo por fim resolver o problema literário, posto pelo vogal José Pereira de Sampaio (Bruno), sobre quem seja o autor da *Arte de Furtar*. Este académico, num trabalho apresentado, há anos, em sessão, estabeleceu a prova definitiva de que esse tratado não fora escrito pelo P.e António Vieira, mostrando que, em 1741, Barbosa Machado, no artigo biobibliográfico do insigne orador, não inclui entre as suas obras, a *Arte de Furtar*, citando-a, no Suplemento da *Biblioteca Lusitana*,

a edição de Amesterdão de 1744, (da qual há duas edições do mesmo ano, com paginação diferente in-4.º de XII-508 p., e outra em diferente tipo, com retrato, de 409 p.). Ferreira Gordo, dando conta a Academia das Ciências de um exame dos manuscritos portugueses da Biblioteca de Madrid, ao referir-se aos do P.e António Vieira, escreve: «Do mesmo ou de João Pinto Ribeiro, *Arte de Furtar*, e se acha já proibido pelo Edital de 1755.»

E, como José Sampaio não tenha revelado a parte positiva do problema até ao presente, lançámo-nos nessa investigação, sem invadir a esfera de atividade de um crítico que muito prezamos. Eis as considerações que estabelecemos para encontrar a solução desejada:

De todos os escritores portugueses do século XVIII, só o ministro Alexandre de Gusmão era capaz de simular o estilo do P.e António Vieira; como ele, nasceu no Brasil, estudou no Colégio dos Jesuítas de Santos, o que não é indiferente para o apocrifismo literário; aos vinte anos acompanhou para Paris, como secretário de embaixada, o conde da Ribeira Grande, em 1715, formando-se ali em Direito Civil, e, no regresso, incorporou-se na Universidade de Coimbra, em 1719.

D. João v enviou-o para Roma, a auxiliar seu irmão Bartolomeu de Gusmão, onde se demorou sete anos, adquirindo o conhecimento prático das gírias da Cúria. Desde 1734, foi encarregado dos despachos da Secretaria do Estado para o Brasil. Neste complicado serviço, encontrou continuados e industriosos roubos e fraudes da Fazenda, aos quais opôs hábeis regulamentos e expedientes, que melhoraram os rendimentos do Estado. Em 1742, entra para o Conselho Ultramarino, onde também prestou valiosos serviços, para reprimir engenhosos latrocínios, que se lhe revelavam como uma completa *Arte de Furtar*. Com o seu raro talento de escritor, e uma observação ironista, adquirida nas viagens e longa residencia em Roma e em Paris, e com o malicioso espírito de engenhoso intérprete de cifras diplomáticas, era fácil a Alexandre de Gusmão, nascido no

último quinquénio do século XVIII, imitar o estilo digressivo faceto do padre Vieira, fazendo habilmente imprimir, na Holanda, a «*A Arte de Furtar*, gazua geral dos reinos de Portugal». Em 1740, em carta de 2 de maio escreveu Alexandre de Gusmão a Barbosa Machado respondendo ao pedido de apontamentos biográficos para a *Biblioteca Lusitana*. Por esse tempo, elaborava ele, na sua mente, este livro, com um estilo em que a beleza ressalta da verdade da observação e das situações pitorescas que descreve. É inquestionavelmente um moderno, com uma fina crítica, que não possuíam Luís António Verney, o Cavaleiro de Oliveira e José da Cunha Brochado. Do estilo de Alexandre de Gusmão trataram Fr. Fortunato de S. Boaventura e Camilo Castelo Branco, por modo a determinar qualidades idênticas as da *Arte de Furtar*, conforme o documentam esses trechos.

De todos os escritores da primeira metade do século XVIII, só o ministro Alexandre Gusmão era capaz de simular o estilo de Vieira, e de fazer esse livro faceto e de mordente moral a *Arte de Furtar*. Frei Fortunato de S. Boaventura, nos seus *Subsídios para Se Escrever a História Literária de Portugal*, falando da decadência da força e majestade da língua portuguesa nos escritos retóricos, contrapõe: «*resplandecem mais no gabinete do Soberano (D. João V) do que nas cadeiras sagradas e professas, do que nos oferecem um claro testemunho os Decretos e Aviso régios, que escreveu Alexandre de Gusmão.*» (*Op. cit.*, p. 193.) Foi nos ócios desta redação oficial, que o perspicaz ministro fantasiou esses quadros realistas, nos ditos e considerandos morais, que fazem da *Arte de Furtar*, além de um profícuo documento, uma digna obra literária. Por uma intuição do caráter do estilo, Camilo Castelo Branco roçou pela verdade do problema que Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana* suscitou, dando em 1749 notícia da *Arte de Furtar* edição de 1744. No *Curso de Literatura Portuguesa*, p. 162, reconheceu Camilo nos escritos de Alexandre de Gusmão: «esperteza de observação, na soléncia da crítica, e para quem antepõe *estudos sociológicos* a perluxidades

linguísticas, o secretário de D. João V, excede António Vieira e D. Francisco Manuel de Melo.»

NÃO ESCAPA DE LADRÃO QUEM SE PAGA PELA SUA MÃO

A um cego, desses que pedem por portas, deram uma vez em certa parte um cacho de uvas por esmola; e como se guarda mal cevadeira de pobres o que se pode pisar, tratou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço que o guiava; e para isso concertou com ele que o comessem bago a bago, alternadamente; e depois de quatro idas e venidas, o cego para experimentar se o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares; o moço vendo que seu amo falhava no contrato, calou-se e deu-lhe os cabes a ternos. Não lhe esperou muito o cego e ao terceiro invite descarregou-lhe o bordão na cabeça. Gritou o rapaz:

— Porque me dais?

Respondeu o amo:

— Porque contratando nós que comessemos igualmente estas uvas bago a bago, tu comes a tres e quatro.

Perguntou então o moço:

— E quem vos diz a vós, que eu fiz tal aleivosia?

— Isso está claro (respondeu o cego), porque faltando-te eu primeiro no contrato comendo a pares, tu te calaste, sem me requereres tua justiça; e não eras tu tão santo que me levasse em conta nem em silencio a minha sem-razão, senão pagando-te em dobro pela calada.

(Idem, *Arte de Furtar*, p. 33.)

A VENDA DAS GALINHAS

E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das galinhas a quem vendia na feira, e levando-o a quem dizia lhas havia de pagar, o pos em uma igreja onde estava o padre cura confessando; e chegando-se a ele lhe pediu por merce a puridade, se lhe queria ouvir de confissão aquele homem, e respondeu alto que sim e que esperasse, que logo o despacharia, se deu o vendedor por satisfeito, cuidando que o mandava esperar para lhe dar o preço da compra, e teve lugar o ladrão de se acolher com o furto.

(Idem, *Ibid.* p. 276.)

NOTA: Esta anedota acha-se extremamente vulgarizada; nas *Facetieuses journées*, p. 107; nas *Repues franches*, de Villon; nas *Facetie di Poncino*, na Arcadia di Brenta, p. 152; nos *Nouveaux contes a rive*, p. 262; nos *Contes du siur d'Ouville*, t. II. p. 471; no *Courrier facétieux*, p. 355; na *Histoire générale des Larrons*, p. 20; na *Bibliothèque de Cour*, t. III, p. 23. As variantes dão-se entre o objeto da compra e a pessoa que paga. No conto *Des trois aveugles* vem esta peripécia como episódio. (*Recueil de fabliaux*, p. 85.) Nas *Novelle* de Morlini, n.º XIII, fab. II, e em Bebelius, liv. II, conto 126, acha-se este mesmo conto do jesuíta portuguez, e ainda corrente nas facécias populares.

O ROUBO DO VESTUÁRIO

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte de Coimbra um forasteiro bem vestido armou a lhe furtar o fato, na volta; e armou bem para seu intento, porque o esperou no bocal de um poço, que está na estrada por onde havia de passar, chorando sua desgraça, e que lhe caíra naquele instante uma cadeia de ouro dentro do poço e que daria um dobrão a quem lha tirasse. Moveu-se a compaixão o passageiro, que devia de ser homem de bem, senão que o picou o interesse, e por isso não presumiu de malícia; gabou-se que sabia nadar como um golfinho e que lhe tiraria a cadeia de mergulho. O matalote da cadeia, tanto que o viu debaixo de água, tomou as de vila-diogo com todo o fato e cabana.

(Idem, *Ibidem*, p. 278.)

A ROUPA DOS MENDIGOS

Um fidalgo piedoso lançou um pregão na sua terra que tal dia dava um vestido novo por amor de Deus a cada pobre. Ajuntaram-se no seu pátio infinitos, e a todos deu vestidos novos, mas obrigou-os a que logo os vestissem, e tomou-lhes os velhos, e neles achou bem cosido e escondida por entre os remendos maior quantidade de dinheiro vinte vezes que a que tinha gasto nos vestidos.

(Idem, *Arte de Furtar*, p. 316.)

A CASA DOS MORTOS

Indo o pajem de um fidalgo que tinha fama de rico a comprar uma moeda e rábãos para a ceia de todos, encontrou uma grande procissão de religiosos e clérigos, que levavam a enterrar um defunto, e detrás da tumba se ia carpindo a mulher, e lamentando a sua desgraça; e ouviu que dizia entre lágrimas e suspiros:

— Aonde vos levam, meu mal-logrado? À casa onde se não come, nem bebe; nem tereis cama mais que a terra fria.

Em ouvindo isto o rapaz, voltou para casa como um raio fugindo, trancou as portas e disse espavorido a seu amo:

— Senhor, ponhamo-nos em armas, que nos trazem cá um homem morto.

— Tu deves vir doudo, disse o amo, pois cuidas que a nossa casa é igreja?

— Entrei em suspeitas se viriam cá enterrar aquele finado; e confirmei-me de todo, porque a gente que o traz vem dizendo que o levam a casa onde se não come, nem bebe, nem há cama mais que a terra fria; fiz bem em fechar as portas, pois assaz bastam os defuntos, que cá jazemos mortos de fome, que é pior que maleitas.

(Idem, *Ib.*, p. 328.)

AS BOTAS FIADAS

Um fidalgo tomou por matéria de riso calçar todo o ano sem pagar nenhum par de obra aos sapateiros, que vieram a dar-lhe na trilha; levantando-se as maiores com palavras, que correu entre todos que nenhum se fiasse dele, nem lhe desse calçado sem lhe pagar primeiro.

Vendo-se o fidalgo posto em cerco, e que ninguém lhe queria dar sapatos sem o dinheiro na mão, mandou ao moço que pedisse um só sapato a prova, e que se lhe contentasse mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos.

— Isso sim, disse o oficial; um sapato levará voce, mas dois não os verá seu amo sem me por nesta banca o dinheiro.

Como o fidalgo teve um nas unhas, mandou o pajem a outro sapateiro com o mesmo recado, e do mesmo modo fiou um sapato dele, persuadindo-se que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lho restituiria não lhe servindo. Vendo-se assim com os dois, calçou-os e foi-se ao paço rir sobre a história.

(Idem, *Arte de Furtar*, p. 474.)

A MATRONA DE ÉFESO (Variante)

Em Éfeso havia uma matrona honestíssima que, morrendo-lhe seu marido, fez por ele os maiores extremos de dor que se podem considerar; e não se contentando com as cerimónias comuns das outras viúvas, se foi a sepultura de seu marido (que antigamente se enterravam nos adros das igrejas) e ali estava a chorar, sem querer comer, nem afastar-se daquele lugar. Aconteceu terem ali perto enforcado a uns facinorosos, para guarda dos quais deixara a Justiça alguns soldados. Soube um destes que estava junto da sepultura aquela matrona, e compadecido da sua mágoa, lhe levou da sua ceia, e a obrigou a que comesse, por não morrer desesperada. Passou adiante, porque o mesmo que a convenceu a que comesse, a persuadiu também a que lhe desse seu corpo, com a qual coisa descuidando-se da sua obrigação, vieram os parentes de um dos justicados e o furtaram. Vindo depois o soldado e não achando o corpo na forca, temendo o castigo, veio dizer-lo mui triste a viúva, a qual o consolou e remediou logo, tirando o corpo de seu marido defunto, pelo qual havia feito tantos extremos, e o puseram na forca em lugar do justicado.

(P.e João Batista de Castro, *Hora de Recreio nas Férias de Maiores Estudos*, Centúria I, n.º 79, Lisboa, 1770.)

NOTA: Sobre esta tradição e sua forma popular, vid. *A Viúva e o Alcaide* e nota correspondente.

A par da variante do século XVIII, aditamos-lhe agora outra para mostrar a sua degradação.

«Uma romana, morrendo-lhe seu marido, de quem fora sempre estimada,

mandou-o enterrar no cemitério dos enforcados, que juntamente com a forca estava diante das suas casas, e ficou carpindo a falta de seu marido com gemidos e prantos lastimosos. Ouvindo-os um soldado que estava de guarda a um corpo de um justicado veio consolá-la e lhe assistiu toda a noite, deixando o cadáver só, que entretanto foi levado pelos parentes. Amanhecendo, viu o guarda a falta, e deu-se por perdido; mas a mulher remediou o caso, dizendo-lhe que desenterrasse o corpo de seu marido, que o pendurasse na forca, como o outro estava. Assim o fez, e obrigado a viúva pelo arbítrio, e esta ao soldado pela compaixão que tivera dela, casaram-se ao dia seguinte, trocando a viúva repentinamente os excessivos choros com excessivas alegrias.»

(Marques Soares, *Divertimentos de Estudiosos*, t. II, p. 258.)

O POBRE CHAGADO E AS MOSCAS

Essa frequente mudança de vice-reis não agrada aos portugueses e a outra gente da Índia, nem tampouco a semelhante mudança que há nos capitães das fortalezas e entre os oficiais; e para significarem isto, contam que:

Era uma vez um pobre a porta de uma igreja com as pernas todas cheias de chagas, nas quais pousavam as moscas em tal quantidade, que fazia grande compaixão; pelo que outro homem se chegou a ele, e julgando que ele lhe dava muito gosto, lhe enxotou todas as moscas, com o que o pobre paciente se agastou muito, dizendo que:

— As moscas que ele enxotava já estavam fartas, e o não picavam, mas as que viessem de novo famintas o picariam muito mais.

Assim (dizem eles) acontece com os vice-reis, porque os fartos se vão embora e vem os famintos.

(Pyrard, *Viagem, Contendo a Notícia da Sua Navegação às Índias Orientais*, 1601-1611.)

O ANJO E O EREMITA

Houve um ermitão antigamente, que havendo gastado alguns anos nesta solitária vida retirada no ermo, exercitando-se em obras de virtude e mortificação grande da própria vontade, foi grandemente tentado algumas vezes de um espírito de blasfêmia, não lhe parecendo justos os juízos de Deus, a ele ocultos e não entendidos. Este pensamento o atormentava, este cuidado o entristecia, esta tentação o molestava de maneira que nem de dia nem de noite lhe deixava livre uma hora de descanso, havendo uma perpétua guerra em resistir a vontade o dar consentimento aos desacertos que lhe representava o entendimento. Um dia, quando mais descuidado do socorro e mais molestado da tentação o ermitão estava, lhe apareceu um anjo em figura de homem mancebo e bem-disposto, e lhe disse:

— Segue-me, se queres considerar e conhecer os ocultos juízos de Deus, que tanto saber desejas.

Alegre em extremo o pensativo ermitão aceitou sua companhia, com o grande desejo de aclarar sua dúvida, de sossegar seus desvelos. Caminharam ambos larga jornada aquele dia, e já no crepúsculo da noite chegaram a casa de um homem não rico, porém mui virtuoso e caritativo, que os agasalhou mui urbanamente com o sustento que tinha, e a ceia lhe pos na mesa uma taça ou copo de prata para beberem, de debuxo e lavor mui curioso, que ele muito estimava e em cuja vista se revia.

Porém o anjo subtilmente naquela noite lho furtou sem que ele o sentisse e o levou consigo. Despediram-se pela manhã do hóspede; e continuando sua jornada, o anjo mostrou ao ermitão a taça que furtara, de que o ermitão muito se escandalizou, estranhando o desprimor e vilania de roubar a prenda de mais

estima que tinha aquele pobre homem, que em sua casa com tanta caridade hospedara. Pouco caso fez o anjo daquelas queixas e sentimentos do companheiro; foram continuando seu caminho e se agasalharam a seguinte noite em casa de um homem rico dos bens da terra, porém mau e perverso, de pouca caridade, nem cortesia, que sem alguma os recebeu, e pesadamente os agasalhou com tão pouca urbanidade, que mais tinham motivo de queixas que de agradecimento. Pela manhã, despedindo-se o anjo e companheiro dele, lhe ofereceu o anjo a taça curiosa, que ao outro hóspede caritativo furtara, ação que ao ermitão de novo acrescentou sentimento, em ver que a prenda de estima que a um pobre primoroso e tão caridoso furtara, a um rico sem caridade nem primores dera; tudo lhe parecia desacertos e ações alheias de todo bom juízo.

Nestas queixas e debates, do que o anjo se lhe dava pouco, foram continuando seu caminho, vindo na terceira noite da sua peregrinação agasalhar-se em casa de um homem afável, benévolo e caridoso, que os hospedou com grande benignidade e largueza; e vindo a manhã, despedidos dele, o anjo lhe despenhou no rio, de uma ponte alta, um criado seu, que nela estava, de quem o hóspede muito fiava, e lho afogou no rio. Admirou-se o ermitão de tal crueldade, repreendendo-lhe o homicídio e mau galardão que dera a quem com tanta liberalidade e amor os tratara; porém, como o anjo da sua admiração e repreensão pouco caso fazia, foi continuando a sua jornada; e chegada a quarta noite dela, se hospedaram em casa de um honrado e caridoso homem, que os recebeu com grande cortesia. Tinha este um menino de pouca idade, e que de noite com o seu choro não deixava repousar a quem na casa estava; o que visto pelo anjo, sem ser do pai sentido, se levantou e o afogou no berço, ação que vista do ermitão, sem poder remediá-lo, além do grande sentimento e pena que dela recebeu, parecendo-lhe que tão desordenadas e tiranas obras não podiam proceder senão de algum espírito maligno, qual ser o anjo imaginava, se resolveu de não continuar mais tal jornada nem ir em sua companhia a parte alguma; e

assim, saindo de casa deste caridoso homem que ficava com notável sentimento lamentando a morte de seu defunto filho, que era o espelho em que se reviam suas esperanças, o ermitão armando-se com o sinal da cruz conjurou o anjo, que ser demónio imaginava, que o deixasse e em sua companhia não fosse; porém o anjo lhe disse:

— Eu não sou demónio, como imaginas, senão anjo do Senhor, que me mandou para que te manifestasse os ocultos juízos de Sua eterna Providencia, que tanto alcançar procuras; e assim saberás que tirei a curiosa taça de prata aquele caridoso homem que nos agasalhou a primeira noite tão afavelmente porque com o muito em que ve-la se desvelava e recreava, se esquecia e mostrava túbio nas contínuas orações, que antes de te-la fazia, do que já o divertiam assim o gosto de possuí-la como o cuidado de guardá-la, privei-o dela para que sua antiga devoção nada diminua, mas antes se afervore e cresça. Dei a mesma taça aquele homem rico e Descaridoso, para que nesta vida receba o prémio de alguma obra boa natural que tem feito, pois o não há de receber na outra. — Precipitei no rio ao criado do terceiro hóspede que com tanta caridade nos recebeu, porque tinha firme propósito de matar a seu amo na noite seguinte, e, assim afogando o traidor criado livrou Deus da morte aquele que nos agasalhou tão caridosamente por Seu amor. — Ultimamente afoguei no berço ao menino, filho do nosso último hóspede caritativo, porque sendo de antes de extremo liberal para os pobres, de lhe nascer este filho apertou a mão no fazer bem, indo de cada vez diminuindo as esmolas com os desejos de conservar e adquirir fazendas para o filho; e assim tirei a vida ao menino inocente em idade tão virtuosa para que fosse gozar da glória e ficaria ocasião ao pai para continuar na eficácia das obras de caridade, de que já se descuidava. Estes são os juízos de Deus em tudo justos, e acertados, que a quem os ignora, parecer podiam desordens ou injustiças.

Com isto desapareceu o anjo, e ficou o ermitão fora da tentação que o molestava,

e consolado nas aflições que sentia.

(P.e Mateus Ribeiro, *Alvío de Tristes e Consolação de Queixosos*. Parte I. Edição de 1672.)

NOTA: Na concepção dita vulgar, a harmonia do universo e o destino humano estão sob a vontade da Providencia, a que tudo coordenadamente obedece; mas na sucessão dos acontecimentos eles contradizem essa crédula confiança. O ditado: *Deus escreve direito por linhas tortas* ressalva esse outro anexim que diz contra a justiça providencial: *Dá Deus nozes a quem não tem dentes*. Este problema instante do destino humano provocou a especulação filosófica do génio judaico, mais do que em qualquer dos outros ramos da raça semita, e expressou essas flagrantes antinomias da vontade de Deus em poemas como o de *Job* e em contos como este do *Anjo e o Eremita*. O génio judaico pos no *Eclesiastes* o problema na sua crueza: «Há justos sobre os quais pesa a desgraça como se vivessem como ímpios, e há também ímpios que vivem tão sossegados como se vivessem como justos. Tenho visto correr as lágrimas dos inocentes sem que alguém os console; e também visto privados de todo o socorro importante resistirem a violencia... Eu compreendo, que o homem não pode por nenhum modo descobrir a razão das obras de Deus, que passam sob o Sol; quanto mais ele se afadigar a procurá-la, menos a encontrará.» Gaston Paris, seguindo este pensamento dos Hebreus, achou a sua mais antiga expressão poética, no livro de *Adjaib* ou *Livro das Maravilhas* de Zachariah Ben Mohammed e também no *Talmude*, notado pelo folclorista Baring-Gould. Dessas fontes orientais antiquíssimas do conto é que ele passou para a tradição muçulmana coranica e para a tradição cristã ocidental da Idade Média. Reconhecida esta fonte primitiva da concepção casuística, importa descrever o seu quadro aproximando os dois paradigmas semitas.

«Moisés andando atormentado pelo problema da distribuição dos bens e dos males sobre a Terra, Deus o arrebatou ao cimo de uma montanha, e quis fazer-lhe compreender como se governa o mundo. À falda da montanha manava uma fonte. Moisés viu aproximar-se um cavaleiro para dessedentar-se; sobre a borda, ao ir-se embora deixou um saco de peças de ouro esquecido. Vem depois um pastor, deparou com o saco, e foi-se embora com ele. O cavaleiro tendo dado pela sua perda, tornou a fonte, onde encontrou ali apenas um velho, que havia instantes chegara, tendo posto no chão o seu carroto para descansar um pouco. O velho bem protestou que não vira saco algum, e invocou o testemunho de Deus, mas o cavaleiro ergueu o sabre e matou-o. Moisés estava cheio de horror e de indignação diante de tamanha injustiça. Mas Deus disse-lhe:

— Não te espantes pelo que acabas de ver. O velho tinha outrora assassinado o pai desse cavaleiro; o ouro pertencia legitimamente, sem que ele o soubesse, ao pastor, que o achou; o cavaleiro tinha-o adquirido por mal, e com ele ia fazer mau emprego; assim a todos justiça foi feita.»

Agora a versão do Corão 64-81); é Iaveh que fala:

«Moisés encontrou um de nossos servos, favorecido de graça e esclarecido de ciência.

— Posso eu seguir-te, disse-lhe Moisés, a fim de que tu me ensines uma parte do em que foste ensinado?

O desconhecido respondeu:

— Tu não tens a paciência bastante para andares longo tempo comigo, pois que tu não poderás suportar cousas de que tu não compreenderás o sentido.

— Se a Deus prouver, disse Moisés, tu me acharás perseverante, e eu não desobedecerei as tuas ordens.

— Está bem, disse o desconhecido; acompanha-me, mas não me faças perguntas sobre o quer que seja, se eu primeiro te não falar.

Meteram-se então ao caminho ambos, e entraram para um batel; quando eles desembarcaram o desconhecido deixou-o em estado de não poder mais servir.

— Tu acabas agora de praticar uma ação clamorosa, disse Moisés, arrombaste este batel, para se afogaram todos que vão dentro dele.

— Não te disse eu que te faltaria a paciência para me acompanhares?

— Não me imponhas, disse Moisés, obrigações tão difíceis; e desculpa-me de ter desobedecido as tuas ordens. Eles partiram, e imediatamente encontraram um mancebo. O desconhecido matou-o.

— Que é isto? disse Moisés; acabas de matar um inocente! Que ação detestável!

— Bem te disse eu que não terias paciência bastante para me acompanhares.

— Desculpa-me por esta vez. Se te fizer ainda uma só pergunta, tu não consentirás mais que eu te acompanhe.

Eles caminharam até as portas de uma cidade. Pediram hospitalidade aos habitantes, mas estes lha recusaram. Como um muro ameaçasse ruína, o desconhecido compo-lo.

— Tu devias, disse Moisés, pedir a esta gente uma recompensa.

— Nós vamo-nos separar, disse o desconhecido; tu não tens toda a paciência que é precisa. Eu vou explicar-te os casos que te espantaram; o batel pertencia a pobres pescadores; eu o arrombei, porque atrás de nós chegava um rei que se apoderaria de todos os navios em bom estado. Quanto ao mancebo, os seus parentes eram crentes, mas se ele vivesse infetá-los-ia da sua perversidade e da sua incredulidade. Deus lhes dará em troca um filho virtuoso e digno da afeição. O muro é herança de dois órfãos, cujo pai era um homem piedoso; no alicerce deste muro está um tesouro, e Deus quer que a sua idade de razão chegue antes de este tesouro ser achado. Eu não pratiquei nenhuma destas ações pela minha cabeça, e eis aqui a explicação, que tu não tiveste a paciência de esperar.»

Agora a mesma lenda no meio cristão, vinda pelo sincretismo operado no Egito,

pelo encontro da cultura judaica, do domínio muçulmano e contactos do cristianismo ocidental; tal é a origem do episódio apenso as legendas das *Vitae Patrum*. Escreve Gaston Paris sobre a apropriação da lenda judaica: «Pode-se crer que esta apropriação se efetuou no Egito, neste país, onde, antes da invasão muçulmana, judeus, cristãos e pagãos de todas as variedades viviam uns e outros acomodadamente; conservando por personagens eremitas da Tebaida, a legenda da Idade Média latina parece ainda atestar essa origem. Esta legenda foi admitida pelos cristãos, então, quase como a encontraram sob uma forma que parece mais a do Corão do que a dos livros rabínicos; eles conservaram então quase inteiramente a aplicação exclusivamente temporal; mas para de logo esforçaram-se em referir esta aplicação a doutrina propriamente cristã transformando-a...» (*Op. cit.*, p. 181).

De um ms. frances da Biblioteca Mazarin do século XIV, publicado por Edelestand du Méril, fez Gaston Paris a tradução deste conto, como a mais antiga fonte donde derivaram as versões ocidentais:

— «Havia no Egito um solitário que pedia a Deus para lhe serem revelados os seus juízos. Um dia um Anjo de Deus, sob a aparência de um ancião lhe apareceu e disse:

— Vem, vamos divagar por este deserto; vamos ter com os santos padres que o habitam e obtenhamos a sua benção.

Partiram os dois, e, depois de muita fadiga, chegaram a uma gruta, aonde encontraram um santo homem, que muito bem os recebeu, lhes lavou os pés e ofereceu do que tinha. De manhã, quando eles se despediram, o Anjo rapiocou o prato em que lhes fora apresentada a comida. Dizia o Eremita consigo:

— Que ideia haveria para furtar ao santo homem, que nos agasalhou com tão grande caridade, o seu prato?

O hospedeiro enviou atrás deles o seu filho, que ainda os alcançou e lhes disse:

— Entregai-me o prato de que vos apoderastes.

Disse-lhe o Anjo:

— O meu companheiro, que ali vai adiante é que tem o prato; vai-lho pedir.

E quando o rapazito lhe passava na dianteira empurrou-o para o precipício da borda da estrada, onde morreu. O Eremita vendo isto, ficou cheio de temor, e disse:

— Desgraçado de mim! O que fomos fazer ao nosso bondoso hospedeiro! Depois de o termos roubado, matamos-lhe seu filho.

Foram andando ainda, e chegaram a um casebre em que vivia um anacoreta com dois discípulos. Bateram a porta mas o anacoreta mandou-lhes dizer:

— Que se fossem embora, porque não tinha lugar para os agasalhar.

Eles suplicaram de os deixar passar a noite sob o seu teto, porque estavam cansadíssimos; seguiu-se a recusa. Eles insistiram:

— As feras vão-nos devorar, se não nos acolherdes.

Por fim o anacoreta, impacientado, disse a um dos seus discípulos:

— Conduzi-os para o estábulo.

Aí chegados, pediram uma luz para verem onde é que poderiam deitar-se; foi-lhes recusada a luz. Pediram qualquer refeição; um dos discípulos trouxe-lhes pão e água, dizendo-lhes:

— É da minha ração isto que vos dou; olhai, que não o saiba meu mestre.

Ficaram toda a noite assim, deitados sobre o chão duro.

Rompendo o dia, disse o Anjo a um dos discípulos:

— Pede a teu mestre, que nos atenda, que temos alguma cousa a dar-lhe.

O anacoreta apareceu-lhes, e o Anjo ofereceu-lhe o prato, que ele tinha furtado ao santo homem. E continuaram a sua jornada. O Eremita não sabendo que este ancião era um Anjo, disse-lhe com indignação:

— Afasta-te de mim; que não quero mais a tua companhia. Tu furtas o que pertencia aquele santo homem que tão bem nos recebeu; tu fazes morrer seu filho, e isso que lhe roubaste dás agora a um homem que não teme a Deus e não tem compaixão de ninguém.

O Anjo respondeu-lhe:

— Não pediste tu a Deus que te revelasse os seus altos juízos? Eu fui enviado para tos revelar. O prato que eu furtei aquele santo bom homem não tinha uma boa origem; não era conveniente que um homem tão bom e tão piedoso tivesse em sua casa qualquer cousa mal adquirida; isso que era mau foi dado a um malvado para realizar-se a sua perdição. Quanto ao filho, se eu não o tivesse matado, ele teria assassinado o pai na noite seguinte.

Então o Eremita conhecendo que era um Anjo que lhe falava, lançou-se a seus pés com a face em terra. O Anjo desapareceu, e o Eremita compreendeu que os juízos de Deus são justos.»

É este o fundo simples de diferentes narrativas latinas, das quais uma foi pensada a coleção das *Legendas* que tem o título geral de *Vitae Patrum*, tendo o pequeno conto o título: *Do Eremita Que Foi Acompanhado por Um Anjo*.

Desta forma passou para a elaboração em conto versificado da época de S. Luís e publicado nos *Fabliaux* por Méon em 1825; compilado nas *Gesta Romanorum* do século XIII, e vulgarizado nos sermonários a começar nos da *Scala Celi* de João o Moço, e nos sermões do arcebispo de Tiro, Jacques de Vitri. O insigne romanista Gaston Paris fez a tradução desta forma do conto; considerando-a «muito superior pela felicidade da expressão, pelo encanto dos detalhes, ocupando pela sua hábil composição um lugar a parte na poética narrativa da Idade Média.» A sua versão acha-se na *Poesia da Idade Média*, da p. 155 a 164. (Ed. Paris, 1885.)

Gaston Paris fez a comparação deste episódio das *Vitae Patrum*, com a versão

mais antiga do Corão (XVIII, 64-81), concluindo, se não pela identidade, pelas mais íntimas relações, provindas ambas independentemente de uma fonte mais antiga em relação a narrativa árabe, que deriva de uma lenda judaica, pois que aí figura Moisés, personagem do Velho Testamento donde se alimentava a imaginação árabe.

OS DIAS POR MILÉNIOS

Lá se escreve no Espelho dos Exemplos, que um religioso santo e devoto se desvelava em desejar de entender, cada vez que ouvia cantar no coro, aquele verso do Salmo 89: Mil anos, Senhor, a vossa vista são o dia de ontem passado; como podia ser não sentir nem computar o tempo em anos a milhares? Quis o Senhor mostrar-lhe um emblema deste mistério, e assim, viu diante dos seus olhos um pássaro de formosíssimas penas e cores tão belas, que por não carecer de tão fermosa e agradável vista, o foi seguindo fora do convento a um bosque que vizinho estava, onde começou a cantar com tal suavidade, que elevado o devoto religioso no suave da melodia, se esqueceu de tudo o que no mundo havia. Deu fim o músico pássaro a seu canto; e voltando o religioso para o mosteiro, batendo a portaria, que estava mudada; e não sendo dos religiosos conhecido, nem ele conhecendo aos que via, se veio a achar pelos anos do prelado que ele nomeava que então era, buscados os livros do convento; que havia trezentos e sessenta anos que o devoto religioso do mosteiro saíra, que a ele lhe pareciam breves horas.

(Id., *Alívio de Tristes*, etc. Parte III, p. 382.)

NOTA: Nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso, o Sábio, vem metrificada esta lenda, que encheu a Idade Média: *Como Santa Maria fez estar o monge trezentos anos ao canto do passarinho, porque lhe pedia que lhe mostrasse qual era o bem que haviam os que eram em Paraíso.*

Quem a Virgem bem servirá a Paraíso irá.

E d'aquest'um grão milagre / vos quero eu ora contar / que fezo Santa Maria / por um monge que rogar / lh'ia sempre que lhe mostrasse / quel bem em Paraíso há. // E que o visse em sua vida / ante que fosse morrer. / E por ende a Graciosa / vedes que lhe foi fazer: / fê-lo entrar n'uma horta en que muitas vezes ia. // Entrara; mais aquel'dia / fez que uma fonte achou / mui clara et

mui fermosa / et cab'ela se assentou, / e pois lavou mui bem sas mãos, / disse: — Ai Virgem, que será? // Se verei do Paraíso / o que ch'eu muito pedi, / algum pouco de seu viço / ante que saia d'aqui, / e que sábia do que bem obra / que galardão haverá! // Tão toste que acabada / houve o monge a oraçom / oiú uma passarinha / cantar logo em tão bom som, / que se escaeceu, sendo / e cantando sempre a lá. // A tão grave sabor havia / d'aquel canto e d'aquel lais, / que grandes trezentos anos / esteve assi ou mais, / cuidando que não estivera / senão pouco como está. // Monge alguma vez no ano / quando sal ao vergeu, / des i foi-se a passarinha / de que foi a el mui Breu, / e disse: — Eu d'aqui ir-me quero / ca oí mais comer guerra // O convento. E foi-se logo, / e achou um grão portal / que nunca vira, e disse: / — Ai Santa Maria, val! / Não é este o meu moesteiro, / pois de mi que se fará? / Des i entrou na igreja, / e houveram grão pavor / os monges quando o viram, / e demantou-lh'o prior, / dizendo: — Amigo, vós quem sodes, / ou quem buscades a cá? // Disse el': — Busco meu abade / que agora aqui leixei, / e o prior e os frades / de que mi agora quitei, / quando fui a aquela horta / si seem, que mi o dirá? // Quando esto oí o abade / teve-o por de mal sem / e outrossi o convento, / mais des que souberam bem / de como fora este feito / disseram: — Quem oirá? // Nunca tão grã maravilha / como Deus por esto fez / polo rogo de sa Madre / Virgem Santa de grão prez, / E por aquesto a loemos / mais quem a não loará. // Mais doutra cousa que seja? / ca par Deus grão dereito é, / pois quanto nós lhe pedimos, / nos dá seu Filho a la fé, / por ela, e aqui nos mostra / o que nos depois dará.

Quem a Virgem bem servirá a Paraíso irá.

Anotando esta legenda, Adolfo Mussafia aponta o trabalho de W. Hertz, *Deutsche Sagen im Elsas*, p. 273, versando a concentração de muitos anos em momentos; como também Reinhold Kohler, na *Revista de Filologia Alemã*, vol. XIV. e na *Germania*, vol. II, p. 432. Investigou a difusão da lenda D'Ancona, *Stadii di critica e storia letteraria*, pp. 309 a 312; Æsterley na edição de *Schimpf und Ernest* de Pauli, no n.º 537; Paulo Meyer, *Romania*, vol. V, p. 473, publicando a prédica de Martino di Sully; também no *Libro de Exemplos*, n.º CX. Ed. Gayangos Luzel publicou uma versão oral nas *Legendes chrétiennes de la Basse Bretagne*, t. I, p. 222; e Carnoy, *Litterature orale de la Picardie*, p. 149. Todos estes Contos figuram o versículo 4.º do Salmo 90: Mil anos diante de Deus são como um dia.

FORTUNA DE POLÍCRATES

Notável foi a felicidade de Polícrates, tirano de Sarno, que ocupou esta ilha com as armas repentinamente, crescendo em pouco tempo tanto seu poder e grandeza, que era alvo a que os olhos e os discursos de toda a Grécia se encaminhavam. Jamais cousa intentou que não conseguisse; nunca intentou empreender cousa que não alcançasse. Era temido com armadas nos mares e vitorioso com exércitos em terra; correndo tanto sem encontro nem embaraço sua ventura, subindo tanto ao auge sua felicidade, que Amósis rei do Egito, seu grande amigo, lhe aconselhou que voluntariamente tomasse algum desgosto, pois a fortuna lho dava, porque não parecia possível durar tanta felicidade sem infortúnios. Aceitou Polícrates o conselho, e lançou ao mar uma esmeralda, que estimava em muito por ser de excessivo preço e valia; porém, não querendo a fortuna que sentisse este, ainda que voluntário desgosto, sucedeu que acaso daí a cinco dias um pescador recolhera nas redes um grande peixe lho presenteasse, e no ventre dele se achasse a rica pedra que no mar arrojado tinha. Mas como tanta ventura ameaçasse já, sendo na terra declinação apressada, sucedeu que sendo preso a traição de Oretre, governador da Lídia por Dario, rei da Pérsia, o mandou crucificar na eminencia de um levantado monte onde acabou a vida miseravelmente, sendo espetáculo da mais lastimável compaixão a quantos de antes o adoravam por tão favorecido da ventura.

(Idem, *Ib.* Parte I, p. 45.)

NOTA: A lenda do tirano de Santo e do anel que arrojado ao mar lhe veio outra vez parar a mão foi apresentada por Heródoto, *Hist.* Liv. III, e por Ateneu e Tucídides. Provém de um fundo popular, em situações de diferentes contos:

esperar a desgraça depois de uma felicidade ininterrupta (supra, p. 258); o anel arrojado ao mar, que volta a mão do dono, sendo pescado o peixe que o engolira (*ib.*, p. 260.)

Na tradição colhida por Heródoto, Amósis, faraó do Egito, separa-se de Polícrates para não sofrer a fatalidade que o espera após continuadas prosperidades; mas Grote, na sua *História da Grécia*, t. IV, pende para o contrário, que foi Polícrates que rompeu a aliança com Amósis logo que o viu atacado por Cambises.

ESPELHOS REJEITADOS

Um homem de melhor parecer e estatura por entendimento, se apartou a viver alguns anos longe da cidade em um monte aonde além de tratar pouco de sua pessoa, com ar dos matos, o discurso da idade e algumas enfermidades, que tivera, estava do rosto e das feições muito dessemelhado; vindo depois com nova ocasião a viver a terra donde saíra, querendo-se vestir e concertar ao galante, mandou que lhe comprassem um espelho; fez o criado a diligencia e não achou nenhum de que se satisfizesse o amo; tendo provado muitos ou quase todos os que havia, e perguntando-se-lhe porque o enjeitava, respondeu:

— Porque fazem tão mau rosto e tão avelhentado, que se não pode um homem de bem ver a eles; e há poucos anos que os havia nesta terra tão excelentes, que me faziam o rosto como de um anjo.

Riu-se o moço, dizendo entre si:

— Mais se desconhece meu amo por ignorante que por mal visto; pois ao espelho põe a culpa que tiveram os montes e a idade.

(Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, diál. XI)

GAIA

(Argumento e declaração da história)

Em tempo que reinava em Galiza, e parte de Espanha, o animoso rei Ramiro que foi casado com uma senhora chamada Gaia, tendo os Mouros ocupada: a demais: por ser em tempo que se havia perdido Espanha entre outros reis mouros, reinava Almançor.

Estes dous reis, havendo entre si batalhas, em uma cativou Ramiro uma irmã deste Almançor, a qual tinha por amiga; do que enojada Gaia, tratou com Almançor a quisesse furtar, que ela daria ordem como se fosse com ele, como deu, e a cobrou, e levou pera Portugal, que estava de Mouros, e a foi por junto da cidade do Porto, e junto do rio Douro, sobre o lugar que agora chamam Gaia, onde Almançor tinha fortaleza, e paços dos quais hoje em dia se veem os alicerces, e fundamentos. O que vendo Ramiro, ordenou de improviso tres galés de armada, com elas veio aportar a São João da Foz, meia légua do Porto, e sendo de noite com elas se entrou por o rio Douro, sem serem sentidas dos Mouros, e cobertas de ramos por não serem vistas, tanto que amanheceu. Ramiro se pos em trajos de romeiro, saiu em terra deixado em sinal aos seus que se ouvissem tanger uma buzina que consigo levava lhe acudissem. E assim se foi guiando pera os paços deste mouro, e antes disso chegou a uma fonte, onde com ele veio ter uma moura, que vinha buscar um púcaro de água, pera mesma Gaia, o qual falando-lhe em aravia lhe pediu o púcaro pera beber por ele, e lho deu, e des que bebeu, tirando um anel do dedo o deitou dentro, sem o ver a moura. Bebendo Gaia conheceu o anel que era de seu marido Ramiro, e o mandou chamar, por ser já então ido Almançor, e vendo-se, se abraçaram, e trataram de matar o mouro e se irem ambos, e pera isso o meteu em uma camara, pera que

quando Almançor dormisse a sesta lhe desse rebate; nisto veio Almançor da caça, e sentado a mesa pera comer, esta Gaia lhe deu conta de Ramiro, e como vinha pera o matar, e assim o Mouro mandou vir ante si a Ramiro, e passadas entre si razões, por fim, disse Almançor: — Se eu Ramiro fora a tua casa pera te matar, que me fizeras? respondeu: Mandara-te levar a um alto, e com esta buzina te fizera tanger até que rebentara. Mandou Almançor, que isso lhe fizessem; levado ao alto, começou a tanger, e logo a gente de Ramiro acudiu, e tomando os Mouros descuidados degolaram Almançor, e os mais, e foi saqueada a terra, e dessa Gaia ficou o nome ao lugar de Gaia, da cidade do Porto.

NOTA: Na tradição portuguesa encontra-se um vestígio da poesia árabe do período em que principiou a missão de Maomé. É a história dos amores do jovem poeta Murakkich, que pedindo em casamento sua prima Esma, filha de Auf, este lha recusou dizendo que era criança e pobre, que se fosse nobilitar em feitos guerreiros primeiramente. Murakkich voltou passados anos rico e coberto de glória; seu tio tinha casado Esma com um rico e opulento árabe do Iémen, mas ocultou ao mancebo a cruel nova, dizendo que sua filha tinha morrido. O poeta veio a descobrir o casamento de sua prima, e quase moribundo, acompanhado de dois escravos partiu para as terras de Nadjan; o cansaço prostrou-o, e os que o conduziram depuseram-no em uma gruta e aí o deixaram por morto. Traduzimos agora a seguinte situação, para aproximá-la da tradição portuguesa que anda no *Livro Velho das Linhagens* contada na pitoresca prosa do século XIV:

«Murakkich assim abandonado e voltando a si foi descoberto na gruta por um pastor que guardava os rebanhos do marido de Esma.

— Aproximas-te algumas vezes da mulher de teu senhor? — perguntou Murakkich —, e poderias levar-lhe mensagem secreta?

— Não; — respondeu o pastor —, mas eu vejo todos os dias uma das suas escravas, que vem ordenhar o leite das minhas cabras para levá-lo a sua ama.

— Pois bem — disse Murakkich —, eu reclamo de ti um serviço, de que serás largamente recompensado. Toma este anel e lança-o no leite que a escrava leva a Esma.

À noite, a hora em que a escrava trazia o tarro em que bebia sua ama, o pastor ao deitar o leite também deixou cair dentro o anel. Ao beber, Esma sentiu o anel que tinha contra os seus dentes; tomou-o na mão, mirou-o ao clarão do fogo, e conheceu por certos sinais que nele gravara quando outrora o dera a seu primo. Pediu explicações a escrava, que também estava maravilhada. Então Esma chamou seu marido e lhe disse:

— Manda chamar o pastor das tuas cabras e dele sabe donde lhe veio este anel.

O pastor respondeu:

— Eu recebi este anel de um homem que encontrei na gruta de Djebban. Pediu-me que lançasse esse anel no leite destinado a Esma. Fiz o que ele me pediu. Quanto ao mais ignoro o seu nome e a sua tribo, e quando o deixei na gruta estava quase a expirar.

— Mas, a quem pertence este anel? — perguntou o marido a consorte.

— É o anel de Murakkich — respondeu Esma —; está a expirar, apressemo-nos a ir buscá-lo.»*

Esta mesma situação se descreve na lenda do rei Ramiro, que procurava sua mulher que estava em poder de Abencadão; pelo paralelo se verá que a tradição árabe se naturalizou em Portugal, acomodando-se as nossas lendas nacionais; uma fonte representa a mesma ideia do leite dos rebanhos do deserto, e tanto o poeta, querendo saber da sua namorada Esma, e Ramiro sua esposa Gaia, empregam o mesmo meio, do anel, que também vamos encontrar empregado por Tristão em uma mensagem a Isolda. Esta tradição pertence ao ciclo dos Moalacats, que andaram na memória das tribos até receberem forma escrita, vindo pela corrente oral comunicado as classes populares dos Mallaudi e dos

Moçárabes, de preferencia a qualquer redação poética escrita.

Escreve Villemarqué, para mostrar como apesar da grande transformação artística dos Contos de Tristão, pelos romancistas, não desfiguraram completamente as situações, que se não conheçam os traços da fisionomia primitiva. Assim «Uma balada muitíssimo espalhada na Armórica deu-lhe a presença da semelhança da situação do conto rústico com o do troveiro: Um jovem príncipe bretão feito prisioneiro, querendo informar sua mãe, manda-lhe um mensageiro portador de um anel, que o fará reconhecer» (p. 82.) No romance da Gaia, é pela entrega de um anel que Ramiro se anuncia a Gaia, sua mulher em poder de Almançor. Tristão, vendo-se doente em um país estrangeiro manda uma mensagem a Isolda e é o anel que brilha em um dedo que o faz ser levado a rainha.

Como Sepúlveda, que tirava os seus romances das crónicas espanholas, João Vaz compilou a tradição dos amores de Gaia de algum documento escrito. Qual ele fosse ninguém o pode asseverar. É certo que se encontra a narração desses amores com esta forma graciosa no *Livro Velho das Linhagens*: «e este rei D. Ramiro se ve casado com uma rainha, e fez nele rei D. Ordonho; e pois lha filhou rei Abencadão que era mouro, e foi-lha filhar em Salvaterra no logo que chamam Maier: então era rei Ramiro nas Astúrias: e quando Abencadão tornou adússia para Gaia, que era seu castelo, e quando veio rei Ramiro não achou a sua mulher e pesou-lhe ende muito, e enviou por seu filho D. Ordonho e por seus vassalos, e fretou suas naves, e meteu-se em elas, e veio aportar a Sanhoane da Furada; e pois que a nave entrou pela foz cobriu-a de panos verdes, em tal guisa que cuidassem que eram ramos, ca entonce Douro era coberto de uma parte e da outra de árvores; e esse rei Ramiro vestiu-se em panos de veleta, e levou consigo sua espada, e seu corno, e falou com seu filho e com os seus vassalos que quando ouvissem o seu corno que todos lhe acorressem, e que todos juvecem pela ribeira per entre as árvores, fora poucos que ficassem na nave para mante-la, e ele foi-se

estar a uma fonte que estava perto do castelo; e Abencadão era fora do castelo; e fora correr seu monte contra Alfão; e uma donzela que servia a rainha levantou-se pela manhã que lhe fosse pela água para as mãos; e aquela donzela havia nome Ortiga; e ela na fonte achou jazendo rei Ramiro, e nem o conheceu, e ele pediu-lhe de água pela aravia, e ela deu-lha por um antre, e ele meteu um camafeu na boca o qual camafeu havia partido com sua mulher a rainha pela meadade; ele deu-se a beber e deitou o anel no antre, e a donzela foi-se, e deu água a rainha, e caiu-lhe o anel na mão, e conheceu ela logo; a rainha perguntou quem achara na fonte; ela respondeu que não era i ninguém: ela disse que mentia, e que, lhe não negasse, ca lhe faria por ende bem, e merce; e a donzela lhe disse então que achara um mouro doente e lazarado, e que lhe pedira de água que bebesse, ela que lha dera; e entonce lhe disse a rainha que lhe fosse por ele, e se o i achasse que lho aducesse. A donzela foi por ele, e disse-lhe ca lhe mandava dizer a rainha que fosse a ela; e entonces rei Ramiro foi-se com ela; e ele entrando pela porta do paço conheceu-o a rainha, e disse-lhe — «Rei Ramiro, quem te aduce aqui?» — E ele lhe respondeu — «ca o teu amor» —: e ela lhe disse que vinha a morrer, e ele lhe respondeu, ca pequena maravilha: e ela disse a donzela que o metesse na camara, e que lhe não desse que comesse, nem que bebesse; e a donzela pensou dele sem mandado da rainha; e ele jazendo na camara chegou Abencadão e deram-lhe que jantasse, e depois de jantar foi-se para a rainha; e desque fizeram seu prazer, disse a rainha — «se tu aqui tivesses rei Ramiro, que lhe farias?» O mouro então respondeu — «o que ele a mim faria; matá-lo.» Então a rainha chamou Ortiga que o aducesse da camara, e ela assim o fez, e aduciou-o ante o mouro, e o mouro lhe disse — «és tu rei Ramiro?» — e ele respondeu — «eu sou» — e o mouro lhe perguntou — «a que vieste aqui?» — el-rei Ramiro lhe disse então — «vim ver minha mulher que me filhaste, a torto; ca tu havias comigo tréguas, e não me catava de ti:» — e o mouro lhe disse — «vieste a morrer; mas quero-te perguntar: se me tivesses em Mier que morte

me darias?» — El-rei Ramiro era muito faminto e respondeu-lhe assim — «eu te daria um capão assado e uma regueifa, e dar-te-ia tudo comer, e dar-te-ia em cima em sua capa (copa?) cheia de vinho que bebesses: em cima abriera portas do meu curral, e faria chamar todas as minhas gentes, que viessem ver como morrias, e far-te-ia subir a um padrão, e far-te-ia tanger o corno, até que te saísse o folego.» — Então respondeu Abencadão — «essa morte te quero eu dar.» — E fez abrir os currais, e fe-lo subir em um padrão que i então estava; e começou rei Ramiro então seu corno tanger e começou chamar sua gente pelo como que lhe acoressem, ca agora havia tempo; e o filho como ouviu, correu-lhe com seus vassalos, e meteram-se pela porta do castelo, e ele desceu-se do padrão adonde estava, e veio contra eles, e tirou sua espada da bainha, e descabeçando até o menor mouro que havia em Gaia, andaram todos a espada, e não ficou em essa vila de Gaia pedra sobre pedra que tudo não fosse em terra; e filhou rei Ramiro sua mulher com suas donzelas, e quanto haver aí achou, e meteu na nave, e quando foram a foz de Âncora amarraram as barcas, e comeram i e folgaram, e D. Ramiro deitou-se a dormir no regaço da rainha, e a rainha filhou-se a chorar, e as lágrimas dela caíram a D. Ramiro pelo rosto, e ele espertou-se, e disse-lhe, por que chorava, e ela disse-lhe — «choro por o mui bom mouro que mataste» — e então o filho que andava i na nave ouviu aquela palavra que sua madre dissera, e disse ao padre — «padre não levemos connosco mais o Demo». — Então rei Ramiro filhou uma mó que trazia na nave, e ligou-lha na garganta, e ancorou-a no mar, e des aquela hora chamaram i Foz de Âncora. Este Ramiro foi-se a Mier e fez sua corte, e contou-lhe tudo como lhe acaecera, e então batizou Ortiga, e casou com ela, e louvou-lhe toda sua corte muito, e pos-lhe o nome D. Aldara, e fez nela um filho, e quando nasceu pos-lhe o padre o nome Albozar, e disse então o padre, que lhe punha este nome porque seria padre e senhor de muita boa fidalguia; e morreu rei D. Ramiro. Deus lhe haja saúde a alma, *requiescat in pace*.**

* Ap. Lamartine, *História da Turquia*, t. I, p. 79.

** *Mon. his.*, II, *Scriptores*, pp. 180-181. Esta mesma legenda se encontra no Livro das *Linhagens do Conde Dom Pedro* (*Mon. hist.*, *ibid.* pp. 274-277) com algumas variantes na ação.

ROMANCE DA GAIA

Cantemos de Ramiro Rei de Espanha,
E d'el-rei Almançor de Berberia,
Quando por desventura tão estranha,
No mais de Espanha então Mouros havia;
Com animo cruel, com cruel sanha,
Cada qual um ao outro pretendia
Privar de sua fama, honra, estado.
Com todas suas forças e cuidado.

Desse Ramiro, digo o esforçado,
Que deste nome tres com ele hão sido,
Daquele que com Gaia foi casado,
Por quem tantos trabalhos há sofrido,
Da qual Gaia do Porto há tomado,
Em Portugal o mesmo apelido,
Lugar junto do Douro em o Porto,
Onde foi Almançor preso e morto.

Por mãos deste Ramiro animoso,
No que se satisfez de sua afronta,
E lhe valeu em isso o ser manhoso,

Segundo a história o aponta,
Que não bastava ser rei valeroso,
Que força sem saber mui pouco monta,
E os ardis é cousa mui notória,
Que são causa urgente de vitória.

Nem tratamos aqui das mais pendenças
E batalhas antre estes reis havidas,
Que foram muito largas e extensas,
E em crónicas estão bem referidas;
Só queremos tratar das diferenças,
Que antre estes reis foram movidas
Quando Ramiro houve cativado
A irmã de Almançor, e desonrado.

Donde este Almançor tempo esperando,
A mulher a Ramiro há furtado,
No qual se foi enfim mui bem vingando,
Ou estava no furto melhorado,
De Gaia Almançor ficou gozando,
E com ela ficou como casado;
Assim que um pecado outro chama,
E fazem na maldade calo e cama.

Vendo-se Almançor com a tal presa,
Como Águia-real voou com ela,
Logo que a furtou com ligeireza
Perdeu de vista os reinos de Castela,
E veio aqui portar nesta devesa
Do Douro, onde então estava aquela.
Povoação, e paços, donde Gaia,
A qual aí está junto da praia.

Ramiro tal ficou com esta nova,
Que se lhe deu lá onde era ausente,
Que esteve em se meter em uma cova,
Não querendo viver antre a gente;
Não haver igual dor, é clara prova,
Porque de si é quase impaciente,
Mas como é cristão, e rei sabido,
A Deus logo então se há socorrido.

Tanto, e mais chorava o seu pecado,
Que toda esta mesma desventura,
No que consiste o ser cristão chamado,
E nisto está o seu remédio, e cura;
Ramiro que em isto se há fundado.
Ver quão pouco na vida o gosto dura,

A Deus se dedicou, o que Deus vendo,
Neste caso quis logo ir provendo.

E assi lhe inspirou que ordenasse
Uma pequena e secreta armada,
De umas tres galés, e que guiasse
Aonde sua Gaia era levada;
E que como fiel bem confiasse,
Que por ele seria i cobrada,
E o mesmo Almançor morto e vencido,
Porque Deus o havia permitido.

Ordenou pois Ramiro com bom siso
As tres galés da armada pela posta,
Com bonança vieram de improviso,
A Portugal a demandar a costa,
E por ela guiando sobre aviso,
Calados sem falar, nem dar resposta.
A São João da Foz foram surgidos
De noite, sem dos Mouros ser sentidos.

Chegadas as galés a foz, e entrada
Daquesse rio Douro caudaloso,
Aí parou então esta armada,
Com perigo, por ser lugar fragoso;

Da noite era já parte andada,
O céu estava claro e luminoso,
O ar sereno, tudo sossegado,
O mar porém ali sempre é irado.

E por se segurar determinaram
Tomar o rio acima assi surgindo,
Pela parte adentro se deitaram,
Com os remos o Douro vão ferindo,
E por fazer carreira deceparam,
Mil árvores, que o rio vão cobrindo,
Que sem isso galés ir não podiam,
Até onde levá-las pretendiam.

Era o arvoredado nessa idade,
Mui sobejo e crecido até a praia,
Na parte donde agora é a Cidade,
E na banda d'aquém chamada Gaia,
De árvores mui grã variedade,
De brózios e louro, mirtos, faia,
E com ser tudo frágua e penedia,
Somente o arvoredado ali se via

Nesta parte de cá d'aquém do Douro,

No mais alto outeiro, e o maior,
Aí tinha seus paços el-rei Mouro,
Aquele a quem chamaram Almançor;
Aí tinha também o seu tesouro,
Porque daquela terra era senhor,
Contente e recreado ali vivia,
Por ser terra de caça e monteria.

Aí vai uma cava como mina,
Até o rio feita entre dous valos,
Que ainda agora se ve, e determina,
Ser pera irem beber os seus cavalos;
Também é cousa certa, e de crer digna,
Que tinha outros Reis Mouros vassalos,
Todos a este Rei obedeciam
Porque em sua lei maldita criam.

Ali se estava o Mouro aposentado,
Donde o largo mar c'os olhos via,
Dali o via as vezes sossegado,
E outras quando bravo bem o ouvia;
Também estava ali fortalezado,
Porque d'el-rei Ramiro se temia,
Que quem deve, enfim sempre receia,

Se tem um bom jantar, de haver má ceia.

Ali gastava a vida com sabores,
O Mouro Almançor mui namorado,
Gozando dessa Gaia, e seus favores,
Mulher d'el-rei Ramiro o magoado;
Mas o jogo, a caça, e os amores,
O fazem do perigo descuidado,
E entre tanto o tempo dá uma volta,
Pesca o pescador n'água envolta.

Chegado pois Ramiro, o mui prudente,
Com suas tres galés apercebidas,
De noite, já que bem dormia a gente,
Ali se prepararam escondidas;
E posto que vem feito uma serpente,
Ordena que não sejam ali sentidas,
E seu furor resguarda pera quando
Se veja de Almançor ir triunfando.

Ali gastada a noite em sossego,
Quanto possível era e importava,
Tratavam do segredo em emprego,
E do que tal empresa demandava;

A língua de Arábigo, e Grego,
Mui ao natural pronunciava,
Só do aviso da terra tendo m'ingua
Por si se oferece ir tomar língua.

Ficou porém por todos assentado,
Que tocando Ramiro uma cometa
Não fique em Galé nenhum soldado,
Que logo o outeiro não cometa,
E com animo forte e esforçado,
Contra os cruéis Mouros arremeta,
E todos juntos dando, Sant'Iago,
Os Mouros hajam um cruel estrago.

Passada pois a noite, veio o dia,
Ramiro toma trajos de romeiro,
Deixada toda sua companhia,
Subindo se vai só pelo outeiro,
A Deus só quis levar por sua guia,
E em sua fé firme, e mui inteiro,
E fazendo o sinal da Cruz no peito,
Aos paços do Mouro foi direito.

Por ver se indo assi desconhecido

A sua mulher Gaia ver pudesse,
Ou sendo Almançor a caça ido,
Ela com seu Ramiro se viesse.
O Febo então mostrava haver nascido,
Contra quem disse: Se ora te aprovesse,
Com teu resplendor, Febo, me ir mostrando
Este bem que pretendo e vou buscando.

Assi se vai o triste Ramiro,
De pensamentos tais arrodado,
De pedra não seria mais de um tiro,
Que perto estava já de povoado;
Dizendo vai: Se este bem adquiero,
Deste Mouro serei mui bem vingado,
E por esta história ser sabida
Aqui se verá feita uma ermida.

E dando mais Ramiro uma passada
Viu uma fonte d'água mui fermosa,
De rica pedraria fabricada,
De água mui delgada, e saborosa,
A qual hoje em dia é chamada,
A fonte de Ramiro, sem mais glosa,
A qual hoje aí está por memória

Em testemunho, e fé desta história.

Ali se assentou por ir cansado,
Não, para descansar, que mal descansa
Aquele que então há começado,
Trabalhar por o que depois alcança,
E ali se dispõe determinado
Armar uns certos laços d'esperança,
Esperando que vá alguém a fonte,
Que novas de Almançor lhe diga e conte.

Cuidando está' Ramiro o que faria,
Se espere ali, ou fosse prosseguindo,
Que só da sua armada se temia,
Não fossem os Mouros i sentindo,
Pelo perigo grande que corria
Em não se ir primeiro descobrindo,
A terra antes de se dar rebate,
Por que melhor se desse o seu combate.

Começou a dizer: Já fenecera
Com a morte que eu mesmo me daria,
Se a esperança não me entretivera.
Dizendo, espera a noite e mais um dia,

Tantas vezes me diz espera, espera
Que já cuido que o faz de zombaria;
Se me ouves esperança por esmola
Te peço, ou me mata ou me consola.

Qual sói o mar fazer naturalmente,
Nas marinhas que a ele são chegadas,
Quando vem com maré, e com enchente,
Da qual são de contino visitadas,
Que com o ardor do sol quando é quente
As tais águas com sal são congeladas,
E se antes de o ser, i tem vazante
Não fica i sal atrás, nem adiante.

Assi a mágoas em o pensamento,
Vão ao coração, e i represadas,
Traz maré de enchente o sentimento,
E em águas de sal i são tornadas,
E com força da dor, e do tormento,
Por os olhos rebentam e destapadas,
Nas lágrimas vem tudo, e quem não chora,
Da cova esta tal mui perto mora.

Assi o bom Ramiro recordado

Daquela pena e dor que o atormenta,
Posto que a chorar está avezado,
Como de novo agora o mal lamenta,
E a presa da mágoa se há quebrado,
Dos olhos outra fonte lhe arrebenta,
E assi duas fontes ali correm
Porque uma nascia deste homem.

E assi era de ver esta perfia
Com que cada qual delas caminhava,
Que se da fonte muita água corria
Ramiro pelos olhos mais deitava,
Mil lástimas o triste ali dizia,
Perguntai pera quem, ou a quem falava,
Com dor a língua fala desatinos,
E faz homens chorar como meninos.

Uma Ninfa então fazendo abalo
Lá dentro em a fonte se banhava,
E começou cantar por consolá-lo,
Notou Ramiro então o que cantava.
Cantando (disse a Ninfa) a ti falo.
Ramiro, lá te ouvi aonde estava,
Sou Ninfa, Esperança sou chamada,

Espera que a boa hora te é guardada.

Com esperança caçam os caçadores,
As aves em os laços enlaçadas,
Com o esperar recolhem os lavradores,
E fruto das sementes semeadas,
E com canas também os pecadores,
Com sedelas e boias e chumbadas,
Os peixes quando o comer engolem
Com que por engano de anzóis cobrem.

Neste conto Ramiro está enlevado
E a Ninfa no mesmo ainda procede,
Quando junto a eles há chegado
Uma Moura da lei de Mafamede,
Sapatinhos de cor de laranja
A medida do pé tres pontos pede,
Escassamente a Moura foi sentida
Quando a Ninfa na foi sumida.

Na idade mostrava esta Moura,
Que ainda donzela ser devia,
De gentil parecer tão branca e loura,
Que nisso nada Moura parecia,

Não sei a natureza, porque doura,
De graça a que dá graça e bem fugia,
Que bem sem graça é como está visto,
Aquele que não cre na lei de Cristo!

Vestida vem de cor alionado
De uma roupa de seda até o artelho,
E uma touca tunisil com um trançado
De fitas d'amarelo e vermelho,
Com um cinto mui largo, e apertado
Em tudo traz concerto, e aparelho
Por isso de ser vizia não receia,
Mas em ver, e ser vista se recreia.

Vaso dourado traz de grã valia,
De mui ricos esmaltes esmaltado,
Quer ser cousa de rei bem parecia,
Segundo era rico e bem obrado,
Cantando vem a Moura em aravia;
O tal cantar Ramiro há notado,
D'amor era seu canto mui subido,
Porque se aqueixava de Cupido.

Ali saúda a Moura o bom andante,

Ao seu modo em sua aravia,
Ramiro lhe responde em consoante,
De arábigo que bem o entendia;
A Moura que o ve feito um brivante,
Posto que de nenhum modo o conhecia,
Suspeita por o ver tão bem criado
Ser homem que seus trajos há mudado.

Pediu-lhe de beber o bom romeiro,
A Moura de cortes não lho negava,
Mas o vaso encheu, e lavou primeiro,
E com mesura lho apresentava,
Ramiro lhe tirou o seu sombreiro,
E o púcaro d'água lhe tomava,
Que ser de Almançor claro se via,
Pelas letras, e armas que trazia.

Ramiro, que em tal ventura se acha,
Bebendo perguntou a quem servia,
A Moura respondeu servia a Gaia,
Pera quem ia buscar a água fria;
Vede que trago amargo ali traga,
Ver que sua mulher também bebia
Por jarros de Almançor, seu inimigo,

O qual ela já tinha por amigo.

Não quis Ramiro mais saber do caso,
Mas encobrando a dor que n'alma sente,
Tornou encher na fonte o rico vaso,
(Dizendo) de força é, seja paciente;
Mas vagando vai já aquele prazo,
Se minha esperança não me mente,
Que presto se verá morto este Mouro,
Perdendo sua fama e seu tesouro.

Consigo isto dizia o magoado
Tirando d'um anel no vaso o deita,
Sem que fosse sentido, nem olhado
Da Moura por não ter disso suspeita;
Por el-rei Almançor lhe há perguntado
A caçar deve ser ido, a cousa feita,
A caçar vai dos porcos e veados,
Que os seus lá lhe tinham emprazados.

A Moura se despede do romeiro
Só por representar honestidade,
Que ali se detivera o dia inteiro,
Segundo que isso pede a mocidade;

Subindo vai a Moura pelo outeiro,
Ligeiro, e com grã velocidade,
Porque parece que ia já tardando,
E teme que o tardar lhe vão notando.

Ramiro, que na fonte só ficava,
Donde sua figura clara via,
Consigno mesmo o triste ali falava;
E ele mesmo assim se respondia
E sendo d'antes águia que voava,
E que na nota a todos excedia,
Agora com a dor que o aperta
Parece que desvaira e desconcerta.

Se verdadeira és minha figura,
(Dizia) tu figura já és tal,
Que como cousa que já não tem cura,
Se devem deixar ao natural,
Porque teu mal é mal que sempre dura,
E que é sobre todos sem igual,
Por isso, pois o tens e o padeces
Não sei como de todo não faleces.

A figura então lhe respondia,

Em voz, e em toada diferente,
Que serem duas cousas parecia,
Cada uma por si distintamente,
Ou fosse a esperança a qual seria,
Que já o reprendera de impaciente,
Agora nisso mesmo lhe aponta,
No que lhe respondeu, ou tanto monta.

Deixemos a Ramiro por agora,
Sobre seu mal soltar mil desatinos;
Chore o seu mal, que com razão o chora,
De mil ais, de suspiros mui continos,
Até que Deus lhe traga aquela hora,
Na qual, nem Mouros velhos nem meninos
Fiquem mais povoando aquela terra,
E morra Almançor naquela guerra.

Vamos saber da Moura o que passava,
Quando sua senhora a água bebia,
E se se alterava, ou perguntava,
Cujo fosse o anel que dentro ia?
Porque nisso Ramiro se fundava
Em que o seu anel conheceria,
E se lhe tinha amor de mulher boa,

No caso ela faria de pessoa.

Bebeu pois a Rainha, e achando
E anel conheceu que de Ramiro era,
E quanto pode em si dissimulando.
Um mui grande suspiro aí dera;
E confusa está imaginando,
Porque via, e arte ali viera,
Ou porque invenção, modo, e jeito,
E se era aquele, ou contrafeito.

Perguntou se achara alguém na fonte
Ao tempo que ela água tomara,
Dizendo que lhe diga, e lhe conte,
Tudo o que ante ela se passara,
Ou outra alguma cousa lhe aponte,
Por onde o anel ali achara;
E porque disso a Moura se espantava,
A Rainha contra ela se assanhava.

A Moura, que se ve ser inocente,
Do caso que então mal entendia,
Jura que não achou nenhuma gente,
A Rainha lhe disse que mentia;

E com esta porfia diferente,
A Rainha em ira se encendia,
Com um chapim lhe tira d'arremesso,
Quis Deus se desviou, e foi avesso.

Tornou a Moura, então assegurou-se,
Dizendo que achara a um romeiro,
Mas que não se acordava, e desculpou-se,
Da culpa de lho não dizer primeiro;
A Rainha com isso aquietou-se,
Crendo ser seu marido verdadeiro,
E ou fosse com fé, ou sem verdade,
De ve-lo mostrou ter grande vontade.

Mandou pois a Rainha, que o chamasse
E que de sua parte lhe dissesse,
Que fosse logo lá, e não tardasse,
E fosse confiado, e não temesse,
E que em bom segredo lhe guardasse,
E que do tal romeiro entendesse,
Que Almançor a caça era ido,
Que podia fazer em seu partido.

A Moura parte logo diligente,

A cumprir o mandado da senhora,
Ramiro que tornar a moura sente,
Esforço (disse) se há mister agora;
E como viu a Moura vir contente,
Alegrou-se também naquela hora,
Posto que o coração o convidava
Com outro desprazer, que adivinhava.

Chegando pois a Moura lhe dizia;
Romeiro, a rainha Gaia manda,
Te peça com amor e cortesia,
A vejas, que te espera na varanda.
Que de ver-te grã gozo levaria,
E de favorecer tua demanda,
Que lhe queiras fazer aquesta graça,
Antes que Almançor venha da caça.

Que saibas que Almançor a caça é ido,
Não percas ponto algum de tal ensejo;
Ramiro que a mensagem há ouvido,
Ousado mostra logo o seu desejo,
Cuidando que fazia em seu partido,
Alegre sem algum receio ou pejo,
Tomando o bordão, disse: Senhora,

Guiai, que em vossas mãos me ponho agora.

E sem fazer demora obedecendo,
Acompanhou a Moura com cautela,
Perguntando se vão, e respondendo,
A Moura a Ramiro, e ele a ela,
No andar pausa as vezes vão fazendo,
Ramiro vai soltando a Moura a trela,
A Moura é cortesã, e confiada,
E demonstrava ser mui namorada.

A prática de amores é fingida,
Da parte de Ramiro enganosa,
A Moura vai de amor presa e vencida,
Enganada merece a invejosa,
Nos amores, mui solta e atrevida,
O que dana, e afeia o ser fermosa,
Enganada merece uma tal dama,
Quando de namorada quer ter fama.

Pois trata de adquirir o que pretende,
A ver sua senhora, e o deseja,
Mormente, pois o sabe, e o entende,
Mas todas são feridas da inveja,

O fogo da cobiça as acende,
Que sempre umas com outras tem peleja,
Sobre o negro amar e ser amadas,
E são umas das outras desdenhadas.

Junto vão já dos paços e castelo,
A Rainha andava passeando,
Na varanda mui morta já por ve-lo,
Ramiro os seus olhos levantando,
Não pos dúvida alguma em conhece-lo,
Nem ele dela esteve duvidando,
Subindo pois Ramiro uma escada,
A Rainha com ele está chegada.

E como onde há amor não há receio,
Sem receio de nada se abraçaram,
Porque o seu prazer era tão cheio,
Que remeteu por mais que o represaram,
E estando assim neste enleio
De amor, dos olhos rios emanaram,
De águas que dizem ser salgadas,
Estas porém por doces são julgadas.

Qual Píramo e Tisbe se mostraram,

Amar-se de verdade o que pedia
O vínculo de amor que professaram,
Mais mostra de amor ser não podia,
Que a que ali ambos demonstraram,
Nem outra cousa d'eles se entendia,
Mas como a mulher baila ou dança,
Logo sabe fazer uma mudança.

Perguntou-lhe então Gaia o que buscava
Ou porque via e arte ali viera;
Ali Ramiro então se assentava,
Como se em sua casa estivera,
Assentado dizer-lhe começava
O caso que a isto me trouxera:
Se tu, senhora, o tens também sabido,
Porque me julgarás por atrevido?

Se venho por ventura a salvar-te,
O amor sobretudo é cousa forte,
Ao menos senão puder cobrar-te,
Consolar-me-ei em ver-te em minha morte,
E se Deus conceder poder livrar-te,
Quero provar em isso minha sorte;
A isso (como digo) venho agora,

A cobrar-te, ou morrer por ti, senhora.

Gaia sabiamente respondia,
Fingindo ser leal, e verdadeira:
Isso mui bem agora se faria,
Se se tivesse modo ou maneira
De ser a nossa salvo, mas não via
Nem sabia caminho, nem carreira,
Nem tu, Ramiro, mostras aparelho
E nisso há mister mui bom conselho.

Ramiro lhe tornou: aconselhado
Estou, senhora, e bem apercebido,
Mas em só te levar não sou vingado,
Sem matar este Mouro fementido.
E se de nós pode ser descabeçado,
Em salvo te porá o teu marido
Porque eu que a isso me aventuro,
Não é sem te poder por em seguro.

Pois isso (disse) mandas que se faça,
Assi se fará bem, e sem perigo,
Com o favor de Deus e sua graça,
A qual seja contigo e comigo;

Mas porque pode vir cedo da caça
Este Mouro cruel teu inimigo,
Eu te direi o modo e que termos
Pera a nosso salvo isto fazermos.

Abriu logo uma camara dourada,
De verão lhe servia de aposento,
Onde nunca o sol fazia entrada,
E na sesta ia ter contentamento
Que só por sua mão era fechada
Por lhe servir de seu recolhimento,
Aí o fez entrar, e sendo entrado,
Deste modo e maneira lhe há falado:

— Aqui te ficarás dentro metido,
Se queres concluir em este feito,
E se ves do caminho afligido
Bem podes acostar-te em este leito;
Aqui podes estar sem ser sentido,
Onde podes fazer de teu proveito,
Quando for tempo, e hora de acostar-se,
E aqui Almançor vier deitar-se.

Virá ora da caça encalmado,

A mesa tem já posta esperando,
O comer está já negociado
Não poderá já ir muito tardando;
E desde de comer há acabado,
O sono o vai logo convidando,
E é certo vir logo a este pouso
A descansar a sesta, e ter repouso.

Nisto deu-se rebate, e nova certa,
Que vinha Almançor da montaria,
A camara fechou que estava aberta,
E de Ramiro então se despedia;
Tornou a seu estrado e alerta
Se pos a entender no que entendia,
Com as damas lavrando seda e ouro,
Quando a esta hora chegou o Mouro.

Acompanhado vem de caçadores,
De monteiros de pé e cavaleiros,
E de cães, como eles filhadores,
Muitos mouros de lança, besteiros
Vestidos de libeiras, de mil cores,
Com buzinas e cornos presenteiros,
Porém vinham mui surdos, e calados

Por não acharem porcos, e veados.

Descavalga Almançor mui diligente,
Subindo para o paço e aposento;
Ela que o ve vir tão descontente,
Per si lhe foi fazer recebimento,
Com passo perlongado, e diferente,
Lhe demonstrou ter contentamento
Com sua boa vinda, e alvoroço,
Deitando-lhe os braços no pescoço.

Almançor lhe pagou por esta via,
Os afagos de amor na mesma hora,
Fazendo-lhe uma grande cortesia,
Dizendo-lhe: — Vivais, minha senhora,
E com este prazer e alegria,
Sem se fazer alguma outra demora,
Se sentaram a mesa e, assentados
Serviram-lhe seus pajes e criados.

No meio do comer os dous estando,
Com grande gosto, festa e alegria,
O segredo esta má lhe foi soltando,
Dizendo: — Quero dar-te iguaria,

Da qual bem sei que deves d'ir gostando,
Por ser nova de gosto t'a daria,
No que conhecerás quanto te ama,
Quem não dá por Ramiro, em que a chama.

— Que deras, Almançor, rei poderoso,
(Lhe disse) a quem Ramiro te entregara,
Que deras se te viras tão ditoso,
A quem agora preso t'ó mostrara
Não me estranhes mostrar-te d'isto gozo,
Que se com firme amor não te amara,
Na treição de Ramiro consentira
Que hoje te matava neste dia. —

Que diremos de caso tão horrendo,
De femea tão má, tão fera, dura,
Que coração tão duro há, que vendo
Deslealdade tal em criatura,
Não deixe de ser duro amolecendo
Havendo dó de tanta desventura,
Num Rei que vem em trajos de romeiro,
A tirar a mulher de cativoiro.

Ah falsa, que te vais ao profundo,

Como não temes que há Deus verdadeiro?

Que trocas por amor falso, e segundo,
A teu Rei e a teu marido, o amor primeiro,
Por isso, e cousas tais vai mal ao mundo,
Por isso vem a peste, e o cativoiro.
E há falta de paz na cristandade,
Por falta de verdade, e lealdade.

Se a verdade cá nasceu na terra,
Qual terra, ou quem ousa desterrá-la,
Se tão natural é que lhe põe guerra?
Quem ousa, ou pretende degradá-la?
Se na verdade todo o bem se encerra,
Qual é o que se põe a pedrejá-la.
E sendo como é cousa tão forte.
Que só ela é senhora sobre a morte.

Oh, se esta verdade se abraçasse,
Ali onde parece claramente,
Se cada um a casa a levasse,
Assi como quem leva um bom parente,
E se dentro no peito a conservasse,
E o mesmo fizesse toda a gente,
Servindo-lhe de peso, e medida,

A Deus seria alegre nossa vida.

Ó celeste virtude, ó lealdade,
Qual há antre as mais que melhor seja,
De ti produz, e nasce a castidade,
Que todo o poder vence em peleja;
Que cousa há melhor na Cristandade?
Que cousa mais chegada a Igreja?
Que cousa, porque Deus melhor se renda,
E nos de Sua graça, e nos defenda.

Almançor, que o caso há ouvido,
Bem cre que esta Gaia isto dizia
Por folgar de falar no seu marido,
Que tudo aquilo que era zombaria,
Então lhe disse: — Aqui está escondido,
E sabe que matar-te pretendia,
E levar-me consigo sem mais ordem,
Mas eu quero ser tua, não doutro homem.

Confuso fica o Mouro, e mui turbado
Do caso, e perigo em que estivera;
Que antes de muito fora degolado,
Se esta mesma Gaia o quisera
Por outra parte está mui alterado,

Festejando este bem que amor lhe dera,
Trazendo a seu poder seu inimigo,
Sem perda de batalha e sem perigo.

Ó cruel sobre todas as mulheres,
Tal fama queres ter, tal nomeada,
Porque o teu Ramiro já não queres?
Por estar com um Mouro abarregada,
Não te lembram os filhos teus prazeres?
Nem te acordas que és mulher casada,
E que fosse cristão? não sei agora,
Antes parece que em ti lei não mora.

Das mais que foram más calar se pode,
Só desta sobre todas má praguejo,
Não sinto nelas mal que se acomode,
A uma tal treição, a tal despejo,
Por um Mouro infiel cara de bode,
Em quem foi por amor, e o desejo
Perde do bom Ramiro, a memória,
Perde honra e fama, perde a glória.

Ramiro bem ouvia o que passava,
Porque dali estava muito perto,

E como a má tudo lhe contava,
E já era enfim bem descoberto,
Já vedes em que estado o triste estava.
Com que dor, agonia, em que aperto,
Que saltos lhe daria nessa hora,
O coração querendo saltar fora.

Não quis mais Almançor comer bocado,
Com festa de prazer e alegria,
Dizendo: — Eu estou bem consolado,
Não quero comer outra iguaria,
E mais pois tenho hóspede honrado,
Razão é que lhe guarde cortesia.
E pois aqui está neste aposento,
Vamos-lhe fazer um recebimento.

Seu capitão da guarda então chamando,
Ali se lhe humilhou, e lhe há mandado,
Que com a sua guarda vá guiando,
Pera donde Ramiro está fechado.
O triste de Ramiro está orando
A Deus, que lhe socorra em tal estado,
Porque mui claramente ali via,
Que a morte a porta lhe batia.

A porta desfechada num momento,
Do número de mouros mui armados,
Foi cheio todo aquele aposento,
Com alfanges, e braços remangados.
Deus te valha, Ramiro, em tal tormento,
Que os teus estão de ti mui alongados,
E a tua armada está no Douro,
E tu só preso antre tanto Mouro.

Vendo pois Almançor tal desatino,
A seu contrário estar tão desarmado,
E em hábito vil de peregrino,
Mostrou-se disso mui maravilhado,
Dizendo: — Eu não sei nem determino,
Que este seja Ramiro esforçado,
Mas se ele este é, e fez mudança,
Bem pouco val agora a sua lança.

Ali Ramiro então lhe respondia:
— Alguma hora foi ela nomeada,
Antre cristãos e antre a barberia
Também em essa Veiga de Granada,
Onde morreu mui grã cavalaria,

E se perdeu a tua cavalgada.
Agora, eu venho a conquistar-te,
Porque venho de paz, e desta arte.
A irmã te furtei sendo casada,

Tendo-a por amiga sendo dama,
No que ocasião a ti te hei dado
A queres roubar minha honra e fama;
Por isso se causou por meu pecado,
Chegares, Almançor, a minha cama,
E não sendo na terra, sem perigo
Me furtaste a mulher que tens contigo.

E pois fui causador dessas afrontas,
O Reino busque lá outro herdeiro,
Que já não quero mais, que estas contas,
E andar neste traje de romeiro —
Almançor lhe tornou: — Mui bem apontas,
Mas ves Lobo em figura de Cordeiro,
E já não te crerei o que disseres,
Inimigo da honra das mulheres.

Perdoa-me, Ramiro, isto que digo,
Que como a Rei que és, devo tratar-te;

Mas estou des'agora mal contigo,
Des'que de teu engano soube parte;
E pois que te metestes em tal perigo,
Sem te valer o teu saber, e arte,
Podes dizer que a ti em este feito,
Vieste cá fazer pouco proveito.

Tua Gaia comigo, está senhora
De ti, Ramiro, está pouco lembrada,
E diz que oxalá que nunca fora,
Contigo em algum tempo desposada;
Se dizes que te há sido traidora,
Em esta tua máquina ordenada,
Com bem razão to foi, pois tu hás sido,
O que foste pera ela mau marido.

Por uma parte tenho sentimento
Do mísero estado em que estás posto,
Mas que fazes tu neste aposento,
Agora sem meu grado, e sem meu gosto?
Por isso me não dá de teu tormento,
E de se te mudar em teu desgosto,
E gosto que levavas tão profundo,
Em me privar da vida deste mundo.

Ramiro respondeu: — Teu ódio claro
Te cega, e faz que julgues de ligeiro,
Não deves de razão ser tão avaro;
E deves de ouvir partes primeiro.
E por minha defesa te declaro,
Qual mal posso sem armas ser guerreiro,
E a minha tenção foi e é boa,
E isto julgará toda a pessoa.

Vinha ver se acaso ver podia,
Essa por quem eu tanto hei padecido,
Pois já ver, nem cobrá-la não podia,
Por ir de meu estado despedido,
E em lei de razão se permitia,
Vir ve-la, pois enfim sou seu marido,
Que quanto é tratar de seu tormento,
Nunca me veio tal ao pensamento.

Está mesma mulher que nunca fora,
De ver-me mostrou grã contentamento,
Mil lágrimas chorando nesta hora,
Cuidando neste nosso apartamento;
E por tu, Almançor, vires de fora,

Da caça, me meteu neste aposento,
E se ela outra conta te há dado,
Inocente sou disso, e mal culpado.

Almançor não curando de argumento
Nem razões que Ramiro apontasse,
(Lhe disse em final) que ao tormento,
Desde então ali se aparelhasse.
Porque o que dizia era vento,
E que da culpa não se escusasse,
Que o que a sua Gaia lhe contara,
Isto em verdade se passara.

Dizendo: — Se em teu Reino me acolheras,
Como agora eu te hei acolhido,
Com tenção de matar-te, que fizeras?
Responde-me se disso és servido,
Que se pelo perdão ainda esperas,
O teu juízo deves ter perdido,
Que não tenho razão de perdoar-te,
Nem menos me mereces, que acabar-te.

Ramiro com bom animo esforçado,
Lhe tornou: — Pois enfim queres padeça,

Sem nessa minha morte ser culpado,
A justiça do céu sobre ti deça,
Pois julgas como homem apaixonado,
Nem tomas parecer doutra cabeça;
Mas já que assi é, se eu te colhera,
A ti, Almançor, mesmo isto fizera.

Mandara-te levar mui bem atado,
Sem te valer ser Rei nem teus primores,
Com dous algozes cada um a seu lado,
E por em o mais alto dessas torres,
E com esta buzina a ser forçado
Tanger sem descansar, sofrendo as dores,
E fosses depois disso enforcado,
Como homem qualquer de baixo estado. —

Almançor ouvindo este pendença,
Que Ramiro contra ele imaginava,
Em ira encendido, sem detença,
Contra Ramiro, disse que mandava,
Que nele se execute a tal sentença,
Porque do mesmo modo a confirmava,
Juntando-se pois gente infinita
De mouros, o levaram com grã grita.

No alto da muralha o puseram
Atado, e ia com corda no pescoço,
E ali a tanger o constrangeram,
Com mui grande prazer e alvoroço;
A esta festa todos concorreram,
Nenhum velho ficou nem mouro moço,
Ao som da buzina, uns cantavam,
Outros dando risas apupavam.

Essas mouras de honra encerradas,
E damas mais fermosas e as feias
Subiam ao alto por escadas,
Por verem dos eirados e açoteias,
As mais mouras e mouros e manadas
Vão, só ficam, os presos nas cadeias,
Mas nas cadeias ouvem claramente,
A festa e clamor que vai na gente.

Almançor ao som da alegria,
Que por toda a Vila há soado,
De novo disse, que comer queria,
E a mesa se pos logo assentado,
E quantas vezes a buzina ouvia,

Com grã gosto metia o bocado,
E a Gaia cruel com ele estava
Que a ira, e zombar o ajudava.

A gente de Ramiro, que emboscada
Estava d'aí perto donde ouvia
Os mouros quando davam apupada,
E vendo a buzina que tangia,
Remetendo com ordem ordenada,
Toda dentro da Vila se metia,
Que as guardas que a Vila então guardavam,
Onde estava Ramiro então estavam.

E dali como lobos indomados,
Nos paços de Almançor deram de siso,
Ao tempo que ele e seus privados
Estavam com mais festa e com mais riso;
Aonde logo foram degolados,
El-Rei, e os mais mouros de improviso,
E a Gaia também as mãos tomada,
E a vila sujeita e saqueada.

Essa Mourama junta como estava,
Pera ver a Ramiro padecente,

Que de nada então se precatava,
Vendo entrar na Vila alheia gente
E o furor, e esforço que mostrava
Matando e degolando cruelmente,
Se põe a defender com seus terçados,
Mas logo foram i desbaratados.

E como ia já sentenciado
Que não se desse vida a nenhum Mouro,
De sangue um grão rio há manado,
Que pelos matos foi sair ao Douro,
E em sangue as águas se hão tornado,
E perdeu por então a cor de louro,
E o mar pelos Portos há mostrado,
Ter muito sangue então derramado.

Ramiro lá do alto tudo vendo,
A Deus pelas merces as graças dando
Como livre se viu, se foi decendo,
Vendo que o andavam os seus buscando,
E como os seus o fossem conhecendo,
A mão todos ali lhe então beijando,
Por seu Rei, senhor, e satisfeito,
Aos paços guiou e foi direito.

Dois filhos de Ramiro ali vinham,
Filhos da mesma Gaia nesta armada,
Que chegando Ramiro já i tinham,
A sua mesma mãe as mãos tomada,
Os quais por animá-la lhe diziam,
Que fariam que fosse perdoada;
Chegado pois Ramiro lhe rogaram,
Por ela, e a vida lhe alcançaram.

Em isto o bom Ramiro lhe contava
A treição que esta Gaia lhe urdira,
Do que toda a gente se espantava,
E como de seus laços se expedira,
Que proposto a morte já estava,
Se Deus com seu favor não lhe acudira,
Dando com discrição e bom esforço,
Que já tinha o baraço no pescoço.

— Contudo, pois pedis, filhos amados,
(Lhe disse) lhe perdoe, e de a vida,
Pois dela quereis ser filhos chamados,
Mando que ninguém isso vos impida,
E vão a vossa conta os seus pecados,

Que por eles melhor fora punida,
Pera ficar aviso as semelhantes
Casadas com bons Reis e com infantes.

Assolada a terra, e destruída,
E havida esta presa, e grão vitória,
Ficou a soldadesca enriquecida,
E com honra e fama, e grande glória;
Dos trabalhos passados esquecida,
Só deste bem presente tem memória,
Dando louvor a Deus toda a gente,
Por vitória tal tão excelente.

Foi este tal triunfo celebrado,
Cuja fama correu o mar e a terra,
E logo o arraial i foi alçado,
Decendendo do alto e da serra,
Nas galés se hão todos embarcado,
Por terem concluído aquela guerra,
Começando a remar os remadores,
Ao som das trombetas e atambores.

A Gaia vai chorando amargamente,
Pelo mouro Almançor que já não via,

Ramiro e os filhos de repente,
Vendo quão pouco a vida agradecia,
Mandaram-na deitar em continente
No mar, porque mui bem o merecia,
Com uma grande pedra a ela atada,
Ali fica esta Gaia mergulhada.

E com próspero vento e bonança,
Ramiro a seus Reinos há tornado,
Levando de Almançor a tal vingança,
E vitória que Deus lhe havia dado.
E daí em diante a sua lança
Já mais mouro algum há aguardado,
E sempre este bom Rei lhes moveu guerra,
Ganhando-lhes de Espanha muita terra.

Aquele Rei dos Reis omnipotente,
Que na terra merces lhe há outorgado,
E tenha em a glória eternamente
Com coroa da glória coroadado;
E aos Reis cristãos que ao presente,
Reinam, paz e concórdia haja dado,
Pelos quais nesta Liga assi ligados:
Os imigos da Fé sejam domados.

João Vaz [\[44\]](#)

OS AMORES DE MACHIM E ANA DE HARFET

Imperando na Selva Calidónia
Eduardo Terceiro, Rei famoso
A quem a Gália, como a gente Ausónia
Coroa e cetro deu, por belicoso,
O que a rara grandeza Macedónia
Imitou a Alexandre poderoso,
E a cujo valor, brio e potencia
Rendeu com feudo Escócia obediencia.

Florencia em beldade peregrina,
Em sua corte então por celebrada,
Uma formosa e nobre Proserpina,
Em nome próprio Ana de Harfet chamada,
De mil louvores por beleza digna
Por de heroica prosápia venerada,
Honestas, sábias e ricas na pureza,
Esmaltes finos da maior nobreza.

Com negros olhos graves e resgados,
Faces de pura neve e fresca rosa,

Os dous pequenos lábios encarnados,
Que a boca faziam mais formosa,
As sobancelhas arcos delicados,
Garganta e testa, cada qual lustrosa,
Barba e nariz perfeitos e excelentes,
Aljofres brancos por pequenos dentes.

Havendo na puerícia demonstrado
Com prudencia constante fortaleza,
Na gravidade, engenho delicado,
E no galhardo brio alta firmeza,
Em o olhar gracioso e sossegado
(Ferida de que mais amor se preza),
Atrativa ocasião, para que olhada,
A tivesse maior de ser amada.

Teve na Corte vários pretendentes,
Que a seu querer renderam liberdades,
Umas secretas, outras aparentes,
Que são várias de amor as qualidades.
Como a Pandora, graças e acidentes
Lhe ofereciam de amantes mil vontades,
Mas só Machim, de todos escolhido
Foi pera ser da dama mais querido.

Era Machim mancebo a quem cobria
Ao lábio levando subtil ouro,
Olhos verdes, com quem amor feria
De estremado cabelo, crespo e louro;
A boca grande Tiro lhe vertia,
E nela amor fazia seu tesouro,
Airoso em corpo, grave em estatura,
Suave em fala, e belo em compostura.

Em a Corte o lugar tinha presado
Que merece um fidalgo cavaleiro,
Por cortesão de todos estimado,
E em os jogos de Marte por primeiro.
Humilde não, nem fero ou regalado,
Mas de animo perfeito em tudo inteiro,
Alegre, livre e afável, generoso,
A pé bizarro e a cavalo airoso.

Amor, que oferta livre é da vontade
Desterro do temor que oprime o peito,
Perda certa da própria liberdade
E quem nela descobre o mor efeito,
Vínculo que só junta com verdade

Os corações, que ilustram seu sujeito,
Valor que quando mostra segurança,
O não obrigam males a mudança.

De Machim a vontade recebendo,
O temor desterrou do bem que amava,
Pois que a liberdade foi perdendo,
O efeito lhe mostrou no que ganhava;
E de tal sorte aqui se viu crescendo,
Que quanto mais os corações atava,
Para os males que o tempo dar podia,
Sempre maior firmeza oferecia.

.....

Assim Machim que o pátio foi seguindo
Desta Hipodamia, sol da formosura,
Ou no curso de Atlanta, em que vencendo
A tantos foi com graças e ventura,
Entre todos ficou só merecendo
Da glória singular, palma segura,
Por méritos tão justos alcançado
Que dos mesmos depois foi celebrada.

.....

E posto que o amor quando secreto
Em o gosto maior amor se chama,
Se quem o busca amando, por decreto
Sabe a honra guardar, do bem que ama;
Machim, que em observar este decreto
Foi nos Nove de Amor o de mais fama,
Não por isso deixou como estimado
De arriscar este bem por invejado.

.....
Amava Ana de Harfet com força viva
A seu Machim, de tantos invejado,
Com virtude de amor tão unitiva,
Que um no outro vivia transformado;
Pela vista ordinária, que o não priva
Crescia mais de amor, o último estado,
Porque sempre na vista desejada,
Se sustentou melhor da cousa amada.

.....
Isto se viu no amoroso trato
Que Machim teve na correspondencia,
Pois descoberto foi do tempo ingrato,
Sem merecer gozar sua assistencia,

Que os pais de Ana de Harfet, em o boato
Do vulgo só fazendo experiencia,
A certeza do amor e trato acharam,
E dividir-lhe os corpos procuraram.

Como é delito amor, lhe é concedido
Por ausencia gozar de apartamento,
Sem que o trato lhe seja permitido,
Para abraçar melhor o esquecimento;
Aos dois amantes este há dividido,
Porque moura Machim com mais tormento,
Que em processo de ausencia duro e forte,
Sempre há sentença com rigor de morte.

A Bristol finalmente Ana levada,
Foi com rogo materno persuadida,
Que melhor se lograsse bem casada
Que sem gosto do pai, tão mal querida;
Ela, que sem Machim estima em nada
Tudo quanto lhe oferece o bem da vida,
Só disse, que num peito generoso
Assentaria mal forçado esposo.

Porém o pai baseando na potencia

Do real cetro, favor alto e subido,
Iguale esposo achou, a descendencia
Do tronco donde fica produzido.
Com ele no rigor da larga ausencia,
Pretendeu que Machim fosse excluído,
Porque as paixões de amor cessassem, quando
Honra, as da honra estavam demandando.

.....

Assim a bela Harfet, que combatida
De seus parentes, e de amor estava,
Em tormento em que quase ve vencida
A esperança maior que a sustentava,
Duvidosa de achar o bem da vida,
Se contrários intentos intentava,
Os novos pensamentos de si lança
Salvando de Machim só a esperança.

Com ela mais de amor novo obrigada
Lhe pediu que em secreto a visitasse,
Antes de perseguida e maltratada
Em contrário poder se sepultasse;
Que posto que está firme e desculpada
Do mal, que em seu dano Juno ordenasse,

Teme, como quem ama, ver perdida
A vida, por quem só sustente a vida.

Quando Machim famoso, que de Marte
Então seguia o amoroso intento,
Apercebido, e posto de tal arte
Qual se devia a tal atrevimento;
Entra a buscar a glória que reparte
Glória a seu bem, e bem ao pensamento,
Que já por esperar, no amor mostrava,
Ser Nero, do Leandro que aguardava.

.....

As primeiras razões foram suspiros,
Com que os amantes dois se saudaram,
Em tal princípio rigorosos tiros
Que os corações amando ali provaram,
soluços e penas, vários giros,
O colóquio primeiro dilataram,
Té que Machim não vendo neles pausa,
Assim de tanto mal procura a causa.

— Mil vezes, doce amor e vida minha,
Machim querido, centro e luz desta alma,

Por resistir de um mal que nela tinha
O peso, fui na força como a palma;
Mas na dor, conhecendo que detinha
Pensa maior que o bem, me punha em calma,
Intentei publicar-ta por ser certa,
Que a dor causa mais dor quando encoberta,

Sabe, que deste amor que brandamente
Com a imaginação se foi criando,
A causa sendo a vida indificiente,
Que por minutos se ia acrescentando,
Por contrário ao meu bem, vários acidente,
De sorte o foi na fama dilatando,
Que quando estar cuidei mais escondido,
Foi de meus pais por público sabido.

.....

Intentaram pois dele divertir-me
Tanto a outro himeneu querer honrar-me,
Que da força chegada persuadir-me,
Pode, que era melhor precipitar-me;
Mas, como amor merece mais por firme
Com mais glória cheguei a resolver-me
De a vida antes perder, que sem ti ver-me.

Bem vejo que o paterno amor vencido
O castigo me oferece por ingrata,
Pois qual o humor na planta conhecido
É o amor, que a seu querer me ata;
Mas também sei, que humor não reduzido
De tornar a raiz mui pouco trata
Pois só ao fruto leva o justo intento,
Que tal deve de ser meu pensamento.

«Mal poderei deixar-te, amor querido,
Pois eras quem...» E nisto soluçando,
O mais no coração que tem ferido,
Vai com brandos suspiros dilatando.
Machim, nos belos olhos suspendido,
Vendo que estão aljofres destilando
Do extase amoroso recordado
Assim responde ao bem do seu cuidado:

— Deixa, querido bem, de lamentar-te
Nem querer com mais choros afligir-te,
Pois, sabes que nasci só para amar-te,
E com eterno amor saber servir-te.
Agora, tens mais causas de alegrar-te,

E de paixões e penas divertir-te,
Pois podes deste jugo livre ver-te,
E mais no de himeneu engrandecer-te.

.....

Se com amor a tua se conforma,
E queres dar a minha glória aumento,
Pois ves que o meu, do seu querer te informa
E unidos faz de dois em pensamento,
Os receios, meu bem, que tens reforma,
Que com audaz e livre atrevimento,
Se teus olhos me deram confiança,
Seguro viverei contigo em França.

Que pelo pregão público da guerra,
Não nos pode faltar real seguro,
A fuga confessando de Inglaterra,
E ser a causa amor funesto e puro;
Se esta vida da pátria nos desterra,
Tantos gostos na Gália te asseguro,
Na paz de um himeneu, que outra memória
Será nada, respeito de tal glória.

.....

Perantes e agravados esforçados
Tenho, que nesta empresa aventureiros
Com atrevidos animos ousados
Serão, qual devem, nossos companheiros.
Navios, há no porto mil fretados,
Que obrigando de algum os marinheiros,
Ao que cair a sorte venturosa,
Farei Touro de Europa tão fermosa.

No primeiro será célebre dia
Em que a divina igreja, mãe sagrada,
Do trabalho suspende, como pia
A ocasião, de tantos desejada;
Dentro nela com minha companhia
O repente darei, com mão armada,
E desfraldando o tréu, navegaremos
A porto onde seguro descansemos.

Disse Machim e Ana, que só sente
De a liberdade amada ver perdida,
Lhe torna: — Antes que algum rigor me absente,
Dispõe, meu bem, qual deves, na partida,
Que contigo viver na Líbia ardente,
Para mim só será perfeita vida,

Mas em que amor não falte a seu descargo
Em o prazo vai muito breve ou largo.

Advertidos assim se despediram,
E alegres a partida prepararam.
Que os amados que se viram
À fuga com mais glória se animaram
E se pena estes dois então sentiram
Foi só enquanto a causa dilataram;
Se largas esperanças penas deram,
O que em ser possessão detiveram.

Enquanto poucos dias vão passando
Que se julgam por muito esperados,
Suas joias a dama vai juntando
E os vestidos que tem mais estimados;
Um precioso Joiel dos mais prezados,
Entre eles com mil gostos ocultando
A cuja vista real e alta assistencia
Rendem mar, terra e céus obediencia.

.....

Quando já pela mão com seus amores
Machim, e de parentes rodeado,

No campo deixa inveja as frescas flores
E ao mar dá presunção no que há ganhado.
Alegre, em um navio dos melhores
Entra, sem de ninguém ser reprovado,
E com força guiando o próprio intento
As velas faz largar ao fresco vento.

.....

Assim aquele dia navegaram,
Mas, tanto que dos montes foi caindo
A sombra, e que as estrelas divisaram
A notívaga luz, ir descobrindo,
Os da nau a conselho se juntaram.
Temendo que do porto os vem seguindo.
Que talvez o temor só tira a trave,
Com que aos olhos cerrou a culpa grave.

Resolveram-se enfim com confiança,
Por o piloto em terra haver deixado,
Que por terem mais certo a segurança
Fosse todo o Canal atravessado,
E nos últimos fins da nobre França,
Seguro porto fosse então baseado,
Que o risco temor causa na aventura

Da cousa amada enquanto não segura.

.....

Ia Machim alegre navegando
Posto que mareados seus amores.
A quem com vários mimos regalando
Amor lisonjeava com louvores.
Febo nas ondas já com o carro entrando
Adormia no campo as frescas flores,
E Cíntia com seus cornos levantados,
Longe fazia os mares prateados.

.....

Quando desenfreados e violentos
Da cova saem, em fúria revestidos
Os mais que irados e queixosos ventos,
De poucos na soberba conhecidos.
Tremeram ao sair os elementos
Que deles sempre em tudo sai temidos,
E do centro do triste lago Averno
A negra areia rociou o inferno.

Pelo Canal investem furiosos
E de Machim a nau acometendo,

Com repentino assalto impetuosos
A querem em um instante ir desfazendo;
Mas sem piloto, os nautas animosos,
E seu rigor primeiro conhecendo,
Por as velas de presto ir amainando,
Às ostagas acodem vozes dando.

.....

Com isto, e com se por dobrado intento
No governo do leme necessário,
Por que se cena a discricção do vento
Ao Orião tomando temerário,
Machim, que só lhe aflige o pensamento
Ver seu amor com vento tão contrário,
Acode a Ana, que a acha trespassada,
Com o Joiel Cristífero abraçada.

Mas depois de alguns dias engolfados
À discricção do vento que os levava
Duvidosos, por ver-se derrotados
E que o piloto Amor cego os guiava,
Vista houveram de montes levantados
A quem o mar em torno cerca e lava,
E de uma parte a outra, onde surgiram,

Uma enseada alegres descobriram.

Alvoroçada com a vista a gente,
Alegres a tenaz ancora lançava,
Que antes de dar ao fundo o curvo dente
Dele ferido o mar, na nau saltava;
Lança o batel também que diligente
Saber que terra era desejava,
Que faz ser sua própria natureza
Mais dela o trato e vista estima e preza.

Coberta esta se via de arvoredos
À vista espesso e alto em demasia,
Cercado pelo mar, de alto rochedo,
Com que inculta e ser nova parecia,
Metidos no batel em que, com medo
Viram que uma ribeira clara e fria
Entre árvores e rochas despenhada
Dava tributo ao mar pela enseada.

Viram que dois formosos e altos montes
A ribeira causavam deleitosa,
Cobrindo o arvoredos os horizontes,
Que cria ali a terra por viçosa;

Que forma a linfa em pedra várias fontes,
Na terra a grama, estancia graciosa,
E que as árvores temem com aviso
De em si ver a filúcia de Narciso,

Ali da parte donde nasce o dia,
Em uma rocha e cais, que propriamente
A natureza fabricado havia,
Saiu a terra a Calidónia gente;
Cobiçosa da caça, a discorria
Sem encontrar nem ver cousa vivente,
Mais que diversas aves modulando
Louvores mil, que a Deus estavam dando.

Aqui Machim com Ana em doce glória
Esquecia do mar a dura guerra,
A seus amores dando larga história
Na praia, na ribeira, vale e serra.
Os companheiros com maior memória
Da terra para a nau, da nau a terra
Iam e vinham alegres, e aumentavam
As glórias que na terra os dois gozavam.

.....

A noite escura, negra e temerosa
De quem Délia com medo se escondia,
Se mostrou com o vento tão furiosa
Que com a nau pairar-se não podia,
E com a tempestade rigorosa
No cativoiro deu de Berbéria,
Donde os Anglos que os Afros nela acharam
De Atlante ao grande reino os trespassaram.

.....

Perdeu também Harfet supitamente,
Com grave dor do sobressalto a fala;
Que um temor alterando de repente
A vida com a morte em breve iguala.
Machim em tantas penas tristemente
Se esforçou quanto pode em animá-la,
Mas pode muito mal ser suspendida
Em a fuga ligeira a breve vida.

Assim, sem mais obséquias sepultada
Foi em túmulo breve a bela Inglesa,
Coberto em tosca pedra e só lavrado
Do lavor que lhe deu a natureza;
E de gótica letra bem formada

Um epítáfio heroico, cuja alteza
Abrevia este caso sem segundo
Na língua que terceira chama o mundo.

.....

Mas com a cousa amada por perdida
Causou no sentimento a dor mais forte,
E com pena a memória mais crescida
Sempre se viu em as que leva a morte;
Machim, que por faltar-lhe o bem da vida.
Via nestas tristezas sua sorte,
Querendo com a vida malograda
Píramo ser de Tisbe tão amada.

Chamando os companheiros, que a ventura
Em tanto mal leais sempre lhe dera,
Como quem já da vida mal segura
Esperança melhor seu prémio espera,
Pondo os olhos na breve sepultura
Em que seu mal da vida o bem pusera,
Assim os foi a todos advertindo.
Seus contrários intentos encobrindo.

O batel que o rigor do tempo irado

Em terra vos deixou, e a sorte impia,
Convém que logo seja reparado
E que busque do mar a incerta via.
O mantimento de aves aprestado
Será por todos, hoje neste dia,
Em quanto eu de meu bem só me despido
E em orações lhe dou amor devido.

Depois que os companheiros prepararam
O sustento das aves, e o não viram,
Também pela espessura se embrenharam
E de seu mal o dano pressentiram;
Em cuja busca cinco sóis passaram,
Depois dos quais já morto o descobriram,
Diante de uma cruz ageolhado,
Com o que perdão pede do pecado.

Finalmente Machim na última sorte
A os seus mereceu por despedida,
Juntarem os dois corpos em a morte,
Que foram tão queridos em a vida,
Trás da qual, por a tanto mal dar corte
Da nova terra a gente despedida,
Buscando de salvar-se novo intento,

Torna a provar o húmido elemento.

No pequeno batel não teme a guerra
Que lhe pede Neptuno dar triunfante,
Antes nela atrevida chega a Terra,
Em que foi convertido o grande Atlante;
Mas este escassamento a gente aferra
Quando de Agar os netos vi diante
De quem na liberdade condenados
A Marrocos depois foram levados.

Entre os vários cristãos que ao jugo duro
Se vieram dos ímpios Mauritanos,
Co'mar a seus intentos mal seguro,
Foram uns derrotados Anglicanos;
De quem com limpo trato e amor puro,
Mais devido a cristãos entre os tiranos,
Em Marrocos achei pois cousa certa
Que uma Ilha deixavam descoberta.

Não dista da paragem donde estamos
Largas navegações que receemos,
Que se no mar Atlantico a buscamos
Não duvido que dela o porto achemos.

Quando por bem das Pátrias empreendamos
Empresas tais, mais glória merecemos,
Que por ela (no risco) a confiança
Mais glória mais valor, mais nome alcança. (Est. 110 e 112.)

Assim o Piloto experto a seu discurso
Alegre fim ditosamente dava,
E o coração do Céu, do dia o curso
Com clara luz no ocaso sepultava;
E porque a negra noite ao concurso
Dos astros já no Céu claro mostrava,
Do sábio Capitão foi estimado
E com amor e mimos regalado.

Se guardada de Deus, por maravilha
Alguma Terra ou Ilha ali deserta
Dos Anglos será esta a fresca Ilha
De arvoredos altíssima coberta,
A cuja densidade mais se humilha
Névoa que sempre nela é cousa certa;
Se a fazeis na altura donde estamos,
Esta é seira falta a terra que buscamos. (Liv. III, nat. 62.)

(Manuel Tomás, *Insulana*. Livro II.) Ed. 1635.

NOTA: Na legendogonia, os nomes de pessoas e de lugares favorecem a formação de relações históricas, geográficas e hagiológicas, que facilmente entram na corrente da tradição e se impõem como realidade. É uma eflorescência parasítica custosa de extirpar. Do nome de Machim, dado a uma parte da ilha da Madeira pelos navegadores portugueses, fez-se no meado do século XVI a lenda de Machim, um cavaleiro inglês, que fugindo com uma dama casada foi no baixel levado pelas tempestades a ilha desconhecida, que vindo a ser descoberta pelos Portugueses conservaram, não se imagina por que revelação esse nome de Machim como testemunha dessa prioridade inglesa.

A lenda, como todas as invenções fantasistas, abunda em detalhes e situações romanescas, que servem quase sempre para se descobrir as suturas dos elementos tradicionais e até os intuitos do fabricante da lenda. É o que se dá com a lenda de Machim, que o historiador inglês Henry Major, no seu livro *Life of Prince Henry de Portugal*, procurou dar-lhe foros de documento histórico, por assim convir autenticar a prioridade da descoberta da Madeira por um inglês. Mas esta tradição de Machim é na, lenda, comunicada por um castelhano, que estivera cativo dos Mouros, João de Morales ou João de Amores, ao capitão João Gonçalves Zarco, que por indicações deste seu piloto singra para a ilha a que aportara o namorado inglês. Há portanto o intuito de aliar as duas iniciativas inglesa e castelhana, de que o descobrimento dos navegadores portugueses seria a resultante. Esta circunstância revela-nos a razão da lenda: a glorificação das navegações inglesa e castelhana fantasiou-se nesse momento histórico dos esponsais e casamento de Filipe II com Maria Tudor, em 1550-55. A forma mais antiga em que essa tradição foi reduzida é a que Valentim Fernandes, alemão, compilou sob o título *Descrição ou Notícia das Ilhas do Atlantico*, que com mais seis relações várias vendeu ao erudito bibliotecário Peutingger, e hoje conservadas na Biblioteca de Munique. O interesse que Peutingger teve sempre das coisas das navegações portuguesas, levou Valentim Fernandes ou de Morávia, hábil

arranjador da vida, a explorar esta curiosidade; assim o primeiro opúsculo da coleção vendida é a tradução da *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné*, por Azurara. Esta crónica, que tanto preconizava o infante D. Henrique, foi desconhecida de Pedro Nunes e de todos aqueles que não falaram da lenda infantista; só foi utilizada por João de Barros, em 1552 na sua *Década I*, alterando-a estilisticamente e dando pasto as amplificações retóricas de outros narradores. Portanto a cópia de Valentim Fernandes foi feita pouco antes de 1552, isto é, quando Barros andava redigindo a *Década*; anula a declaração de Valentim Fernandes no fim do seu manuscrito: *Deus seja louvado, ano de 1506 aos 14 dias de novembro acabei aqui de escrever e traladar esta história da Guiné — Valentim Fernandes*. O ano foi posto para apagar qualquer relação com o exemplar explorado por João de Barros, por isso que era vendido para a Alemanha. Mas este conhecimento de Valentim Fernandes suscita o reparo ao sétimo folheto do *Descobrimento e Notícia das Ilhas do Atlantico*, pois desprezando a narrativa de Azurara que cita os dois navegadores da Casa do Infante, João Gonçalves e Tristão Vaz, neste folheto é que fabrica a lenda do descobrimento pelo Machim. Note-se que este manuscrito de Valentim Fernandes não tem data, e que os argumentos do historiador inglês Major tiram a sua força da atribuição de 1507, que está na relação que antecede esta.

Só depois de 1550 é que António Gaivão, começando o seu *Tratado dos Descobrimientos Antigos e Modernos Que São Feitos em a Era de 1550*, é que alude — *outros também afirmam* — a notícia a que dera curso Valentim Fernandes, que lhe sobreviveu. Por este simples fio propagou-se a lenda engalanada com o caso dos amores, já amplamente contado pelo Dr. Gaspar Frutuoso, na sua história geral do arquipélago dos Açores, *Saudades da Terra*, de 1590, e depois metrificado em oitava rima por Manuel Tomás, no seu poema épico *Insulana*, de 1634, e romanceado pelo seu amigo D. Francisco Manuel de Melo, na *Epanáfora Amorosa*, de 1658, inventando um Francisco Alcoforado, criado

imaginário da Casa do infante D. Henrique, que redigiu a Relação para conhecimento de seu amo. A *Epanáfora Amorosa* apareceu traduzida em frances em folheto com o nome de Francisco Alcanforado, em 1671, e depois também em ingles. Foi nesta forma independente do corpo das *Epanáforas*, que se encobriu o seu intuito novelesco, vindo pela sua raridade a ser considerado como um precioso documento histórico, que Henry Major aproveitou com a entusiástica credulidade na *Vida do Infante D. Henrique*. O Dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo na edição das *Saudades da Terra*, do Dr. Gaspar Frutuoso, de 1873 (*História das Ilhas do Porto Santo, Madeira, Deserta e Selvagem*) refutou perentoriamente os argumentos em que se justificava Major, e Camilo Castelo Branco, na *Lenda de Machim, Reflexões a Vida do Infante D. Henrique*, também dissolveu esse erro, que prejudica a importante monografia. Mas apesar desta mancha, que a Academia Real das Ciencias tentara apagar em uma nova tradução, que não foi levada a efeito, ainda se lê: «Se não fosse a forte mão dos historiadores ingleses, já há muito que a personalidade do infante D. Henrique teria desaparecido entre nós, em meio de insignificantes episódios, que alguns conterraneos do infante tem avolumado, levados pelo espírito de partido.» (*Boletim da Academia*, vol. VIII, p. 47.) Major continuou a retórica de João de Barros, que ampliou estilisticamente o simples texto de Azurara escrito «por mandado do infante» o que explica o panegírico, de atribuir aos homens do infante as ilhas que já figuram nos mapas do século XIV; daí sua linguagem dúbia, não falando em descobrimentos mas dizendo: e assi chegaram a ilha que se chama agora do Porto Santo,» e da ilha da Madeira, também dubiamente: no «ano seguinte passaram-se a outra Madeira.» João de Barros desconhecia os documentos cartográficos dos séculos XIV e XV, daí a sua improvisação de descobrimentos; nas cartas geográficas italianas de 1351 (reinado de D. Afonso IV), de 1375 (reinado de D. Fernando) e de 1384 (início do reinado de D. João I) vem apontados esses nomes de Porto Santo, Insule de Lengam (da Lenha ou

Madeira) Insule deserte, Insule salvage. João de Barros foi provavelmente iludido pelos herdeiros de João Gonçalves Zarco, que «*fizeram escritura mui particular deste descobrimento, e querem que toda a honra e trabalho dele lhes seja dada.*» Está-se a ver donde soprava o vento da falsa tradição, cuja poeira empanou as vistas históricas de João de Barros, que contagiou Damião de Góis. Mas as vagas notícias deste descobrimento no século XIV, pré-infantistas, e ainda o nome de alguns navegadores, fizeram criar outra lenda, cujos vestígios se vão achar no nome de Machim, encontrado em diversos anos em documentos por Brito Rebelo e Jordão de Freitas: «em 1375 e em 1379, quer dizer, no reinado de D. Fernando, vivia em Lisboa um marítimo, mestre de barco deste rei, chamado Machim, que como se sabe é o nome de uma das vilas da ilha da Madeira, cabeça da capitania de Tristão Vaz, e ao qual vários autores tem pretendido encontrar origem no nome lendário do amante de Ana d'Arfet.» (Freitas, *Quando Foi Descoberta a Madeira*, p. II.) «Mais importante, porém, será consignar que no cap. XIX, fls. 47, da cópia que a Biblioteca da Ajuda possui das *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, este autor açoriano diz que a ilha de Ferro, nas Canárias, foi casualmente descoberta, *depois de tornado Colon*, por um biscainho chamado João Machim, do qual ficaram duas filhas, chamadas Maria Machim e Luísa Machim, que viviam no tempo do autor daquela obra, escrita em 1590. A descrição que Gaspar Frutuoso faz deste descobrimento, leva-nos a crer que o nome de Machim se tornou lendário nos relances do descobrimento da Madeira e das Canárias, arquipélagos vizinhos um do outro» (ib). Por 1590, também o cónego da Sé do Funchal, Jerónimo Dias Leite, escrevia com a lenda de Machim a *História do Descobrimento da Ilha da Madeira*, e também a *Insulae Materiae Historia*, que Manuel Constancio publicou em Roma em 1590, onde se lê que Macino em tempo de D. João I, descobrira aquela ilha, e deriva o nome de Machino: «*ea enim a Macino reperta est; tum primum cum Joannes, hoc nomine primus Imperio Lusitaniae potiretur. — Oppidum Machici a*

nomine Praetfecti nuncutum...» (*Ib.*, 10.) Neste texto coloca-se a lenda de Machim em 1384, começo do reinado de D. João I; e para a ajuda da formação da lenda o João de Morales torna-se em João de Amores, que em vez de castelhano, é historicamente o nome do porteiro da Camara de D. João I, agraciado pelo monarca com o reguengo de Linha Pastora.

Da Relação do cónego Jerónimo Dias Leite transcreveu Manuel Tomás, cónego da Sé do Funchal, a lenda poética para a *Insulana*; e deste poema tomou D. Francisco Manuel de Melo o quadro que romanceou na *Epanáfora Amorosa* em 1660, em que se refere também a História do Descobrimento escrita em latim pelo Dr. Manuel Clemente (publicada em 1590.) O nome de Machim aparece também em um pirata italiano, mencionado por Diogo Gomes; em Machim Fernandes, grumete, mencionado no *Livro das Despesas do Tesoureiro da Casa da Mina*; e para mais localizar a lenda em Inglaterra, no século XVIII, aí se nomeia um astrónomo Johnes Machim, e um Dr. João Machim da Inquisição de Espanha.

Como a crítica intencional pretendeu desvalorizar os nomes das ilhas nas cartas italianas considerando-os de inclusão tardia, o visconde de Santarém observa que a indicação do arquipélago da Madeira só aparece nas cartas posteriores a expedição de D. Afonso IV as Camaras (1331-1344) sendo esses nomes traduzidos dos nomes portugueses em italiano, como também o fizeram para os das ilhas dos Açores.

Valentim Fernandes, o ardiloso sócio de Nicolau de Saxónia, hábeis impressores da *Vita Christi*, no melhor período da sua prosperidade industrial, imprimiu e dedicou ao rei D. Manuel o livro das *Viagens de Marco Polo, e de Nicolau Veneto e a Carta de um Genoves*, em 1502; estas relações maravilhosas e misto de fábulas mandara-as traduzir em português para exploração do gosto do género da geografia fantástica. Esta sua tendencia exploradora ve-se na impressão da novela do Ciclo de Santo Graal, a *História do Mui Nobre Vespasiano*. O

impressor foi-se convertendo em editor, e como autor plagiando descaradamente o *Almanach perpetuum* de Abraão Zacuto, de 1496, no seu *Reportório dos Tempos*, de 1557.

Entre as relações geográficas que compilou para vender para o estrangeiro, não era como homem de ciência que procedia, mas para satisfazer curiosidades científicas como as do célebre humanista Peutinger, que lhas pagavam. Pelas suas relações com os mais influentes fidalgos da corte, ele pode tirar uma cópia do raro manuscrito *da Crónica da Conquista da Guiné* por Gomes Eanes de Azurara. Nesta crónica, então consultada por João de Barros, é que viu o facto do descobrimento das ilhas do Porto Santo e Madeira. João de Barros que difundiu a inexata versão de que pelos anos de 1418-1420, os Portugueses descobriram primitivamente aquelas ilhas e lhes deram os nomes, «em que excede a lista do anterior cronista Azurara, do qual o mesmo Barros confessa ter derivado as notícias de que se serviu.» (Major, *Life*, cap. V, pág. 66.) Servindo-se da mesma fonte, Valentim Fernandes *na Notícia das Ilhas do Atlantico*, que compilou para o erudito Peutinger, altera a narrativa de Azurara, substituindo os nomes de João Gonçalves e Tristão Vaz, pelo nome de Machim, um ingles que aportou impellido pela tempestade a ilha do Porto Santo e daí passando depois a ilha da Madeira, ao fim de seis meses; ali fabricou de um grande tronco um batel, no qual se aventurou ao mar, chegando a Marrocos. O sultão o mandou de presente ao rei de Castela, o qual estando em guerra com o rei de Portugal, pouco caso fez de Machim, que em Espanha morreu. É a primeira relação que elabora a lenda de Machim, nome corrente, na tradição popular de marinheiros do tempo do rei D. Fernando. Convinha ao génio imaginoso de Valentim Fernandes bordar esta lenda; como observa o Dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo, sobre o carácter dessa relação: «Descobrimientos e sucessos ultramarinos extraordinários e até maravilhosos, eram a expectativa supersticiosa dos espíritos ao fecho do século de Quatrocentos e introito do de

Quinhentos; expectativa tanto mais exigente, quanto via irem recuando diante das proas exploradoras os fabulosos países com que as lendas marítimas as embalavam. Livro, pois, que lisonjeasse esta paixão da época, voava do mercado literário e por bom preço. — Publicaram-se então e ainda depois muitos deste género e neste intuito. E a relação do caso de Machim usado era para o intento; participava do erótico maravilhoso da Idade Média e de trágico-marítimo do gesto do tempo: amores malogrados; um rei intervindo; um marido traído; uma dama. Ana d'Harfet raptada por modo impossível; uma fuga mais impossível que o rapto; tempestades; ilhas encantadoras e desertas; Harfet morta de dor de alma. Machim e os companheiros cativos de mouros; e ele, por conclusão finando-se por essas terras de Espanha; novela ultrarromânica de todos os quatro costados!

«Se não houvera razão de acreditar que a lenda de Machim fora inventada para fins políticos internacionais, suspeitá-lo-íamos inspirada pela Egéria gananciosa de algum editor de livros de então;... mas nada obsta a que com a invenção do estadista quisesse especular o industrial da letra redonda; até é vulgar ainda hoje, ser este o instrumento daquele, quando não tratam de potencia a potencia.

«Será pois o célebre inédito de Valentim Fernandes o mais antigo documento português, ou melhor, em português, do caso de Machim? Isto mesmo corrobora-lhe a presunção de haver sido, não a origem da lenda mas o primeiro tentame de nacionalização dela. O nome e circunstancias de Valentim Fernandes vinculados ao caso de Machim, constituem a nosso ver, uma das maiores razões contra a realidade do sucesso.» (Ed. *Saudades da Terra*, p. 372)

A aliança do aventureiro inglês Machim com a revelação, do seu maravilhoso descobrimento a João de Morales, *castelhano*, manifesta um intuito da lenda, quando Carlos V planeava e negociava o casamento de seu filho Filipe II com Maria Tudor, rainha de Inglaterra, filha de uma princesa castelhana.

Por este tempo se encontrava Valentim Fernandes em Lisboa com António

Gaivão, que trabalhava no seu *Tratado de Todos os Descobrimentos Antigos e Modernos Que São Feitos em a Era de 1550*, impresso anos depois da sua morte, em 1563. A parte que neste tratado relata o descobrimento da ilha da Madeira, alude a nova explicação divergente da de Azurara:

«No ano de 1344, reinando Dom Pedro de Aragão, o quarto, dizem os cronistas do seu tempo, que lhe pediu ajuda Dom Luís de Lacerda, neto de D. João de Lacerda para ir conquistar as ilhas Canárias.

«*Também querem* que neste meio tempo fosse a ilha da Madeira descoberta, que está em trinta e dois graus, *por hum Ingres que se chamava Machim*, que vindo de Inglaterra para Espanha com uma mulher furtada, fora ter a ilha com tormenta e surgiram naquele porto que se agora chama Manchico, de seu nome tomado, e pela amiga vir do mar enjoada, saiu em terra com alguns da companhia, e a nau com tempo se fez a vela, e ela faleceu de anojada.

Machim, que a muito amava, para sua sepultura fez uma ermida do Bom Jesus, e escreveu em uma pedra o nome seu e dela; e a causa que o ali trouxera, e pos-se por cabeceira; e ordenou um barco de tronco de uma árvore, que ali havia muito grossa, e embarcou-se nele com os que tinha, e foram ter a costa de África sem velas nem remo. Os Mouros houveram isto por cousa milagrosa, e por tal os apresentaram ao senhor da terra, e pela mesma causa os mandou a el-rei de Castela.»

Todos estes detalhes, característicos da invenção fantasista, denunciam que Valentim Fernandes lhe comunicara a sua relação, ainda hoje inédita na Biblioteca de Munique. Mas António Gaivão, que ressalvara a transcrição da narrativa, *Também Querem*, transcreve depois a narrativa de Azurara, sincretizando-a com a de Valentim Fernandes:

«No ano de 1420, descobriram (João Gonçalves o Zarco e Tristão Vaz) a ilha da Madeira, e se passaram a ela onde ainda acharam a ermida e pedra que

contava como Machim ali estivera. Outros dizem, que vendo um Castelhana os desejos que o infante tinha de descobrir novo mundo, lhe dera conta como eles acharam a ilha do Porto Santo, e por ser cousa pequena não faziam dela estima. Que foi causa de mandar o infante Bartolomeu Perestrelo, João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira, e pelos sinais e derrotas que o Castelhana dera do Porto Santo, foram ter a ele, e depois de ali estar dois anos, no de 1420, se passaram a ilha da Madeira, onde acharam como Machim ali estivera.» (*Op. cit.* fl. 15.)

Quando em 1563 se publicou o *Tratado dos Descobrimentos* por António Galvão, que a estas versões ajuntava a ressalva: *Outros Querem* trabalhava Gaspar Frutuoso na *História Geral das Ilhas Atlanticas, as Saudades da Terra*, e ao tratar do descobrimento da ilha da Madeira transcreve na sua narrativa a lenda de Machim. Mas a adoção da lenda, embora fantasiada, obedecia a necessidade de corrigir o erro manifesto adotado por João de Barros, dando Porto Santo e Madeira descobertos em 1418-1420, o que era desmentido pelos mapas e relações do século XIV. No *Boletín de la Sociedad Geografica de Madrid* (vol. I. p. 109, 1877) foi publicada a relação de um frade mendicante espanhol do século XIV com o título *Conocimiento de todos los Reynos e Terras e Senorios que son por el mundo. E los senales e armas que han cada tierra e senorio per sy. E de los Reys e senorios que los proveen*. Nele descreve as viagens feitas e menciona também as ilhas Selvage, Desierta, Lecname e Porto Santo logo depois das Canárias e antes dos Açores. Escreve Jordão de Freitas: «Das informações fornecidas pelo livro de aquele franciscano se serviram o normando João de Bettencourt e seus companheiros nas expedições que fizeram as Canárias em 1402 (quer dizer 16 anos antes de João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz haverem aportado ao Porto Santo) como consta da obra de Pierre Bontier e Jeham Le Verrier domestiques da dit sieure de Bettencourt, editado por Pierre Bergeron em 1630.*» Os documentos de Baronio publicados por Costa Macedo provaram a evidencia que

em 1331 e 1345, D. Afonso IV organizara expedições as Canárias. De tudo isto resulta, que Azurara quis interessadamente glorificar o infante D. Henrique com o descobrimento que não fez; e que João de Barros ampliou com mais fantasias o texto de Azurara. A lenda de Machim obedecia a uma necessidade de coordenações cronológicas. António Gaivão escrevia no seu *Tratado dos Descobrimentos*, consignando estes dados: «No ano de 1393, reinando em Castela el-rei Dom Anrique III pela informação que Machim deste lhe dera, e a companhia de sua nau moveu a muitos de França e Castela irem a descobri-la e a Grã Canária, principalmente andaluzes, biscainhos..., *querem que fossem os primeiros* que houveram vista das Canárias e saíssem nelas e cativassem cento e cinquenta pessoas: *outros querem* que fosse isto no ano de 1405.» Nesta expedição como vimos aparece um Machim, biscainho. O valor histórico da lenda é nulo; achadas as datas autenticas de 1331 e 1345, a lenda fica substituída pela realidade, subsistindo apenas o romance geográfico, a que deram forma literária Manuel Tomás no poema a Insulana, e Dom Francisco Manuel de Melo na *Epanáfora Amorosa*. O Doutor Gaspar Frutuoso, apresentando essa lenda nas *Saudades da Terra*, tinha, além do seu *Conhecimento do Tratado dos Descobrimentos*, notícia de um biscainho João Machim que descobrira a ilha de Ferro, conhecendo ainda em 1590 duas filhas desse navegador. Todos estes vestígios que tornaram lendário o nome de Machim, usado por diversos marítimos portugueses, italianos e biscainhos, mostram que só muito tarde é que a lenda de Machim se tornou castelhana e inglesa.

* Jordão de Freitas, *Quando Foi Descoberta a Madeira*.

O texto das *Saudades da Terra* ficou inédito até a abreviação clara e sistemática da História Insulana feita pelo P.e António Cordeiro.

A narrativa do Dr. Gaspar Frutuoso merece ser lida e conhecida para se apreciar melhor a forma que, passados muitos anos, lhe deram Manuel Tomás e D.

Francisco Manuel de Melo. Eis o cap. IV, da História das Ilhas Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagem:

DA HISTÓRIA MAIS VERDADEIRA E PARTICULAR COMO O INGLÊS MACHIM ACHOU A ILHA DA MADEIRA.

«Ainda que já atrás tenho contado brevemente o que se conta do ingles Machim, que, desgarrado com tormenta foi ter a ilha da Madeira* (a qual ainda nunca fora descoberta) e tudo foi relatado conforme do que escreve o notável capitão António Galvão, em um Tratado que fez de novos Descobrimientos; agora quero contar mais particularidades do descobrimento da mesma ilha, como então prometi. Direi também mais verdadeira e particularmente seguida, segundo outros que melhor a inquiriram e examinaram, da maneira que aconteceu esta saudosa história cheia de muitas saudades.

«No tempo de el-rei Duarte de Inglaterra, houve um nobre ingles, afamado cavaleiro, a que chamavam de alcunha o Machim, o qual por ter altos pensamentos e ser também de haveres fortes, andava de amores com uma dama de alta linhagem, a que chamavam Ana de Harfet. Prosseguindo ele com extremo seus amores, veio ela também a amar muito a quem a amava; porque, enfim o amor, se não for com amor, não tem igual paga; e, como este (como as cousas odoríferas) se não podem encobrir aonde está encerrado, com mostras e suspeitas que de si deram, foram descobertos os amantes, por se quererem ambos muito (que ainda as vezes a proibição de uma cousa é causa de maior desejo dela, e é isca de maior incendio o querer alguém apagar o fogo amoroso, pois nossa natureza mais incita, e aspira ao que mais lhe é vedado...) os parentes, cuidando deitar água no fogo, e não alcatrão — para divertir a corrente do amor — com aprazimento de el-rei a casaram em Bristol com um homem de alto estado. Machim foi disto mui lastimado, e ela muito descontente, e não tendo nenhum meio a paixão e destes extremos com que ambos se viram, mostrando com lágrimas ardentes a lástima deste casamento, acordaram com grande

segredo fugirem para França, com quem Inglaterra então tinha grandes guerras. E falando Machim com alguns agravados e parentes, a quem descobriu seu peito e todo seu talento e tesouro, (que tinha encerrado onde estava seu coração, e amor,) deram-se as fés e juraram de ir todos com eles para França. E para melhor porem em efeito esta partida foram secretamente poucos a poucos ter a Bristol, onde estavam certas naus de mercadores carregados para Espanha, determinados a meterem-se em uma delas e, por força, fazendo-se a vela, passaram-se a França, fazendo saber com todo secreto este seu acordo a Ana de Harfet para vir ter com eles e fugirem. E, ordenado o dia que as naus estivessem despejadas de gente principal, um dia de festa, sendo o mestre e mercadores em terra, e estando Ana de Harfet avisada, cavalgou o mais secreto que houve, em seu palafém, e levando um crucifixo, e todas suas joias de preço, deu consigo no lugar ordenado, onde a estavam já esperando com um batel. Meteu-se nele com o seu Machim, que com seus criados e amigos a recolheram e levaram a uma das naus que tinham prestes, a qual fizeram logo a vela, e cortadas as amarras, recolheram o batel. Acertou porém de ventar uma grande tormenta, revolvendo as ondas, como invejosas daquele desenvolto amor, com que logo se afastaram da terra; e como anouteceu, havendo conselho que poderiam sair as outras naus atrás ela, porque haviam de entender que passavam a França, desviaram-se desse caminho esperando de ir tomar as derradeiras partes de França em Gasconha ou Espanha. E, como o piloto e mestre ficaram em terra, e os que iam na nau não sabiam tomar a terra nem a altura dela, achando vento próspero, correram para onde os levava a ventura com todas as velas, por não os alcançarem; e em poucos dias se acharam em uma parte de uma terra brava toda coberta de arvoredos até ao mar, de que ficaram espantados e confusos. Logo detrás da ponta viram uma enseada grande, e metendo-se nela deitaram ancora, lançaram um batel fora, foram ver que terra era; e não podendo sair com a quebração do mar, foram dar a uma rocha, que entrava no mar da banda nascente, onde saíram bem a sua

vontade, e daí se foram a praia entre o arvoredo e o mar, até darem em uma fermosa ribeira de boa água, que por entre o arvoredo se saía ao mar, não achando animal nem bicho nenhum, porém acharam muitas aves e viram o arvoredo tão grosso e espesso, que os pos em espanto. Entre outras árvores, acharam junto do mar uma mui grande e grossa, que da antiguidade tinha um oco no pé onde entravam como uma casa. Tornando com esta nova a nau, o Machim e os companheiros, entendendo que era terra nova, puseram em vontade de a pedirem aos reis de Espanha. Ana de Harfet, como ia enjoada e mareada do mar, rogou ao Machim que a levasse a terra a ver aquela ribeira, e desmarear-se alguns dias do enjoo. Fe-lo ele assim, mandou levar roupas e mantimentos a terra, para estar ali alguns dias de vagar, enquanto o tempo lhe desse, levando consigo alguns companheiros para estarem em sua companhia na terra, e outros iam i vinham a nau; mas como a fortuna corre em alguém não lhe dá vagar de repouso. À terceira noite depois que chegaram levantou-se um grande vento tão forte sobre a terra, que a nau se desamarrou; os que dentro estavam deram a vela, sem poderem parar, seguiram por onde o vento os levava, e em poucos dias, dizem, que foram dar a costa de Berbéria, onde foram logo cativos dos Mouros e levados a Marrocos. Quando amanheceu, os que ficaram em terra não viram a nau, quedaram-se mui tristes, dando-se logo por perdidos e desesperados de mais poderem dali sair. A dama de Machim de se ver ficar ali, pasmou, e nunca mais falou, e dali a tres dias morreu. Machim, pelo muito que lhe queria, arrebetava, e, vendo-se desterrado de sua pátria, e seu amor morto, que era todo o conforto de seu desterro, não lhe lembrava já saudades da terra; só as tinha insofríveis da sua Ana de Harfet, que diante de si prestes via feita em terra. Com estas com que ficava, e com ardentes suspiros e lágrimas a acompanhava ali; onde estavam agasalhados a mandou enterrar e pos-lhe uma cruz de pau a cabeceira, e uma mesa ou campa de pedra com o seu crucifixo sobre ela, e aos pés do crucifixo pos um letreiro em latim, em que contava todo

seu tristíssimo sucesso e o que naquela viagem tão sem ventura lhe tinha acontecido, que se em algum tempo ali viessem cristãos, fizessem naquele lugar uma igreja da invocação de Cristo. Acabado o que pediu aos companheiros que, com a roupa que tinham e aves que tomassem, se fossem onde a ventura os guiasse, pois ele a não tivera de lhe viver sua amiga; e que queria ali ficar e morrer onde matara Ana de Harfet, e só com sua saudade acompanhando o corpo morto, pois ela o acompanhara vivendo.

Os companheiros movidos pela piedade lhe disseram todos que o não haviam de deixar e que ali haviam de morrer e ficar com ele. O Machim, que muito lhes agradeceu aquele amor, e mais lhe agradecera sua crueldade se só o deixaram, de dor e paixão de sua amiga não durou mais de cinco dias. Os companheiros, que não com pouca saudade de sua companhia o enterraram junto de sua Ana de Harfet, puseram-lhe outra vez a cruz a cabeceira, e, deixando o mesmo crucifixo como Machim o pusera, e estas duas sepulturas naquela terra erma, por tristíssimo espetáculo saudoso e amoroso, meteram-se no batel em que vieram da nau, (posto que outros querem que o fizeram do tronco da árvore, que grossa era capaz de muitas pessoas,) e indo ter a costa da Berbéria, foram lá cativos dos Mouros e levados a Marrocos, onde já estavam cativos os outros companheiros da nau, tão sem prazer e sem ventura.

* No cap. II, diz de João Gonçalves e Tristão Vaz: «se foram ambos nas barcas até a Ponte de S. Lourenço e de lá até a baía e porto de Machim, e desembarcaram... onde acharam uma choupana derribada, e dali foram onde agora está a Igreja de Cristo na vila de Machim, e aí acharam uma cruz em uma árvore com letras, que diziam — Aqui chegou Machim, ingles, com tormenta, e aqui jaz uma mulher que com ele vinha. — E tanto que eles isto viram, se tornaram para a ilha do Porto Santo e levaram as mostras da madeira no navio que veio de Lagos, no dito ano...»

CAP. V - Ao tempo que a nau trouxe Machim à ilha da Madeira, desgarrou da dita ilha e foi ter a Berbéria, onde foram cativos com os outros que depois vieram da mesma companhia, — havia

em Marrocos muitos cativos, entre os quais estava um Castelhana por nome João Damores, homem do mar e bom piloto, mui entendido na arte de navegar, o qual como lá viu estes ingleses que da ilha vieram desgarrados quis saber delas que ventura os trouxera a Berbéria e os chegara àquele estado de cativo..., e porque os tristes sempre têm algum alívio em contar suas tristezas, eles lhe contaram a João Damores os amores de Machim miudamente:

O João Damores era homem esperto nas cousas do mar, e sobretudo curioso: — perguntou a estes companheiros de Machim de que porto de Inglaterra partiram e que tempo trouxeram e que derrota levaram, e em quantos dias vieram ter aquela terra nova, e quando a nau desamarrou, que caminho trouxeram, e em quantos dias vieram ter a costa de Berbéria. — Neste tempo faleceu em Castela o mestre de Santiago, pessoa de grande estudo e, deixou em seu testamento que por sua alma tirassem certo número de cativos de África, e entre eles tiraram o piloto João Damores. E como no mesmo tempo havia guerra entre Portugal e Castela, andava por capitão de uma armada João Gonçalves Zarco, guardando a costa do Algarve, porque faziam nele muito dano os Biscairthos. E andando assim na costa de Andaluzia, houve vista do navio em que vinha de África João Damores com outros resgatados o qual alcançou e tomou. O piloto João Damores como se viu em poder dos cristãos, foi-se logo ao capitão e contou-lhe tudo o que havia passado e sabido dos Ingleses e da terra nova que acharam, que pedia pertencer a el-rei de Portugal. O capitão ficou muito alegre com o que lhe ouviu, lançou logo mão deste piloto, e trazendo-o consigo — e fazendo a volta para o Algarve trouxe o piloto ao infante D. Henrique, que estava neste tempo em Sagres, mandando logo a João Gonçalves que fosse com o piloto a Lisboa oferece-lo a el-rei seu pai... El-rei, tanto que viu e ouviu a João Gonçalves Zarco, houve muito prazer com a nova que ele lhe deu da terra nova e fez-lhe muita honra. E vindo neste tempo a Lisboa o infante Dom Henrique ver-se com el-rei para este descobrimento da ilha nova, ordenaram que o mesmo João Gonçalves a fosse a descobrir com o piloto que tomara, pois que *estava informado com os Ingleses* onde demorava; e mandando-lhe aparelhar um navio de Armada e um barinel partiram... e logo

foram demandar a *ilha do Porto Santo a qual havia dois anos que era descoberta por uns navios de castelhanos*, que iam para as ilhas de Canárias, as quais, havia pouco tempo que — *uns franceses tinham achadas*, e por isso o piloto tomou esta derrota.» (Esta referencia do Dr. Gaspar Frutuoso revela-nos a apagada reminiscencia da expedição do sieur Jean de Bettencourt as Canárias em 1402, que se dirigira pelas informações do *Conocimiento de todos Reynos* do frade mendicante castelhano, dos fins de século XIV, confessadas na *Histoire de la premiere decouverte et conquete des Canaries, faite des l'an 1402*, por dois serventuários do aventureiro normando.

«Havia fama entre os navegantes e homens do mar, que desde a ilha do Porto Santo, aparecia um negrume mui grande e espantoso... Conhecendo eles que era terra, houveram todos muito prazer, e deram uns aos outros grandes gritos com alegria, zombando do medo passado e do espanto que tinham, sendo aquilo ilha e terra tão formosa. Viram logo uma praia grande e espaçosa, e o piloto pelos sinais conheceu que *era a terra dos ingleses*.»

Na *Historical and descriptive account of the Island of Madeira*, considera T. M. Hughes, que: «Esta história (de Machim) achou cabida nas crónicas espanholas, nas quais aparece com significativa *diferença*, de ter *Machim sobrevivido e chegado a Castela* muitos anos depois de cativo dos Mouros, *sendo evidente intuito desta variante o pretexto a qualquer direito da Espanha a ilha da Madeira*.» (pp. 5 e 6.) O que Hughes pressentiu, leva a deduzir que a fabricação da lenda anglo-castelhana, fora para lisonjear a onipotencia de Carlos V, quando negociava o casamento de seu filho Filipe II com Maria Tudor, rainha de Inglaterra. A diferença da lenda dando como falecido Machim junto de Ana de Harfet, e ficando ali sepultado na Madeira abandonado pelos outros companheiros, é a versão seguida pelo Dr. Gaspar Frutuoso nas Saudades da Terra estilisticamente romanticada. E esta diferença é a que segue, encostando-se em toda a marcha da ação e frases sentimentais, D. Francisco Manuel de Melo, que

acobertou a sua narrativa com o nome suposto de Francisco Alcoforado, fictício escudeiro do infante D. Henrique. Na dedicatória da *Epanáfora Amorosa* D. Francisco Manuel de Melo indica uma das fontes desta narrativa: «O Doutor Manuel Clemente, que foi pregador de tres pontífices em Roma, compos desta história um livro em latim, que dedicou a Sant. de Clemente vit. Antes e melhor que todos, Francisco Alcoforado, escudeiro do infante D. Henrique fez de todo este sucesso uma relação, que ofereceu ao mesmo infante, tão cheia de singeleza como de verdade, por ser um dos companheiros neste descobrimento: a *qual relação original eu guardo como joia preciosa vinda a minha mão por extraordinário caminho.*» O historiador Major cansou-se a imaginar genealogias de D. Francisco Manuel de Melo para explicar heranças de papéis da família de João Gonçalves Zarco; e Álvaro Rodrigues de Azevedo refutando essa investigação ainda chegou a formular a hipótese de ter D. Francisco lido uma relação manuscrita de poucas áginas do cónego Dias Leite. Mas, lidos os capítulos IV e V, da *História do Descobrimento da Madeira* pelo Dr. Gaspar Frutuoso, chega-se a evidencia de que a *Epanáfora Amorosa* fora escrita sobre traslado da narrativa de Frutuoso. Mas como era possível essa leitura, se o texto manuscrito e único existia inédito na Livraria do Colégio dos Jesuítas da cidade de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, e aí se conservou sempre reservado até a expulsão dos Jesuítas pelo marques de Pombal? Apesar deste poderoso óbice, D. Francisco Manuel de Melo leu e tomou nota da narrativa da lenda de Machim da versão do Dr. Gaspar Frutuoso: O modo como isto se efetuou é o extraordinário caminho a que alude na dedicatória e que somente hoje se esclarece. D. Francisco Manuel de Melo *quebrou o degredo* do Brasil, e dirigindo-se para Portugal aportou na ilha de S. Miguel em 1658, como se sabe por Carta de 14 de junho, na qual diz: «ventos inimigos e inimigos como os ventos, me fizeram arribar nesta ilha de São Miguel, depois de 84 dias de molestíssima viagem. Eu a passei com pouca saúde, porque vim do Brasil sem ela. Mas o agasalho do governador desta terra,

Luís Velho, fará ressuscitar os mortos, quanto mais convalescer os doentes. Aqui fico... desejando de achar via segura para me ir a provar a ventura dessa Corte...* Pelas suas íntimas relações com o governador, os Jesuítas acercaram-se do antigo aluno do Colégio de Santo Antão, por irmandade, e lhe mostraram o tesouro inédito de Frutuoso de que eram depositários perpétuos. Como a ida para o degredo do Brasil, D. Francisco Manuel estivera na ilha da Madeira, um mes, leu de curiosidade o poema da *Insulana* do seu amigo e velho cónego da Sé do Funchal Manuel Tomás, que no episódio do livro II, relata a lenda de Machim seguindo os traços de Frutuoso. D. Francisco Manuel cita-o efetivamente, ocultando por conveniencia jesuítica o *extraordinário caminho* por onde lhe viera aquela tradição.

As relações de similaridade da Epanáfora Amorosa com a *Insulana*, já apontadas desde 1845 por Hughes; e comprovadas pelo Dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo em 1873, bem fundamentam uma fonte comum aos dois poetas, que se inspiraram de uma narrativa inédita das *Saudades da Terra*. O erudito anotador desta crónica, acha que a publicação da *Insulana*, dedicada em 1643 ao governador da ilha da Madeira, D. João de Meneses, «oculto, mas firme inimigo do domínio dos Filipes», que não é aventureiro que tivesse o pensamento reservado de nos abrigarmos ao protetorado de Inglaterra, para nos libertarmos da tirania dos Filipes, ou (quem sabe?) talvez o intuito de predispor este arquipélago a desmembrar-se da metrópole...» A suposição pode fortificar-se por uma circunstancia histórica; em 1634 casou D. João IV com uma fidalga castelhana por negociação do conde-duque de Olivares, a aprazimento de Filipe IV. Todos os que alimentavam as esperanças da libertação da autonomia de Portugal, sempre sustentadas pelo velho duque de Bragança D. Teodósio, sentiram-nas completamente perdidas; e atendendo ao *ódio castelhana*, a emancipação ou desmembramento do Arquipélago era-lhes ainda um refúgio.

Levado neste ponto de vista quis o Dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo considerar

a *Epanáfora Amorosa* de D. Francisco Manuel, impressa com outras narrativas históricas em 1660, como intencionalmente publicada para auxiliar a negociação do casamento da infanta D. Catarina com Carlos II de Inglaterra, levando ela como joia do seu dote a ilha da Madeira: «Com efeito, enquanto D. Luísa mandava em 1660, para a Camara do Funchal, uma carta apócrifa da doação da ilha de Madeira a infanta D. Catarina, datada de 1656, — D. Francisco Manuel publicava nesse mesmo ano de 1660 as *Epanáforas* e a meio delas a III; supositícia como essa doação, como ela antedatada também ainda do tempo de D. João IV, enquanto a regente guardava a mesma doação como extremo recurso, — Melo *historiava* o descobrimento da mesma ilha como de origem inglesa, a fim de tornar menos duro ‘ao pundonor portuguez a alienação dela a Inglaterra, e ainda a preço do renome do seu progenitor João Gonçalves Zarco, serenar quanto possível a paixão dos povos se o sacrifício da Flor do Oceano chegara a ser consumado. — Porém Melo com tal arte debuxou o quadro, que os toques com que prodigiu o caso de Machim, e pelos quais o imbuiu por verdadeiro ao vulgo, são em si mesmos implícitos protestos da sua nobre e ilustrada pena contra a pretendida realidade da lenda; foram judicioso ardil do hábil escritor em auxílio de outro ardil patriótico da rainha.» (Ed. *Saud.* p. 386.) Aqui o Dr. Azevedo escreve como advogado; o casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II foi feito por assim convir a Luís XIV no plano da sua política; a redação da *Epanáfora Amorosa* depois do conhecimento do autógrafo das *Saudades da Terra*, em 1658, foi anterior as negociações do casamento da infanta, uma das quatro princesas em que Luís XIV tinha de escolher a consorte; e além de tudo, D. Francisco Manuel de Melo tendo *quebrantado o degredo* do Brasil, não podia entender-se com a regente, que sempre o hostilizara junto de D. João sendo, aliás, em 1662 reabilitado pelo conde de Castelo Melhor, ministro que acutou no termo da regencia imposto pela maioria de D. Afonso VI. Camilo Castelo Branco no seu estudo *A Lenda de Machim* —

Reflexões a Vida do Infante D. Henrique por Henry Major, rejeita a interpretação de Azevedo: «Parece-me que D. Francisco Manuel de Melo não teve o menor intuito político na formação do seu romance histórico, nem se me afigura que ele se prestasse a iludir o público sobre assunto de tamanha gravidade, pondo uma lenda a cobrir uma infamia da rainha, que para salvar a dinastia empobrecia um reino desfalcando-o vergonhosamente para comprar um genro poderoso. A meu ver o motivo que teve a vítima do déspota para escrever a *Epanáfora* é de uma simplicidade tão verosímil como a dos espíritos atribulados que repousam em imagens de um sentimento entre amoroso e trágico. Ele mesmo o explica ao amigo a quem a oferece: — Vendo-me agora *nesta solidão, a cujo favor vim fugindo da justiça ou da injustiça do povoado*, me pus a discorrer vagarosamente sobre de que maneira eu poderia satisfazer aquela íntima promessa, escrevendo a relação de algum sucesso grande que pertencesse a este reino, precedido ou ilustrado de afetos amorosos.» (*Sentimentalismo e Hist.*) Não era para Belas, que D. Francisco Manuel *fugia da justiça ou da injustiça do povoado*; mas sim do degredo perpétuo na Baía, vindo parar ao fim de oitenta dias de borrascas na ilha de São Miguel, sendo ali na cidade de Ponta Delgada, onde folheou o autógrafo das *Saudades da Terra*, do Doutor Gaspar Frutuoso, deixado aos Jesuítas, que o guardavam no seu Colégio. Major considerando a *Epanáfora Amorosa* como exclusiva obra de D. Francisco Manuel e por ele parafraseada sobre uma ignota relação, dava-lhe valor histórico por desconhecer o protótipo da lenda que o Dr. Frutuoso romanceou nas *Saudades da Terra*. Nenhum dos críticos da lenda de Machim considera esta conexão coma *Epanáfora*; nem tão-pouco apontam as cartas geográficas, em que o arquipélago da Madeira vem apontado e denominadas as suas ilhas no tempo de D. Afonso IV, circunstancia que dissolve a lenda infantista. O que na lenda se evidencia é o intuito de unificar a glória marítima dos Ingleses e Castelhanos apagando as iniciativas dos navegadores portugueses do século XIV. Que facto histórico determinaria uma tão especial

lisonja? Quando Fernando e Isabel realizavam a unidade imperial ibérica, casaram sua quarta filha Catarina de Aragão com o príncipe de Gales, Artur, filho de Henrique VII, de Inglaterra. Tendo falecido o príncipe ao fim de cinco meses, o rei de Inglaterra para não ter de restituir o dote da princesa espanhola, casou a nora com o seu filho imediato, que foi Henrique VIII que a coroou como rainha. Desta união anglo-castelhana nasceu Maria Tudor, que sendo rainha de Inglaterra veio a casar com Filipe II, conforme os planos imperialistas de Carlos V, que imprimiu na política peninsular o imperialismo germanico de seu pai. Não é para estranhar que o *alemão* Valentim Fernandes (de Morávia), folheasse um capítulo de geografia maravilhosa explorando-o como impressor e compilador de viagens extraordinárias e relações manuscritas. Coincidia a grandeza marítima dos dois países com o apagamento de Portugal na História, e era essa corrente que o impressor *alemão* servia evemerizando lendas românticas com banais situações fantásticas que se tornaram narrativas novelescas em Gaspar Frutuoso, Manuel Tomás e D. Francisco Manuel de Melo.

Refutando judiciousa e cabalmente os argumentos com que Henry Major pretendia tomar documento histórico a lenda de Machim fantasiada na *Epanáfora Amorosa*, diz Camilo: «Nós, os Portugueses, trabalhamos há cinquenta anos para expurgarmos da história os Laimundos, Ortegas e os Pedros Alfardos. Permita o Sr. H. Major que refuguemos dos vossos estudos sérios o historiador Valentim Fernandes e mais o historiador Francisco Alcoforado.» (Ob. cit. ed. p. 257, 1914).

* Prestage. *Esboço*, p. 291; erra no facto de atribuir o regresso a licença concedida por D. Luísa de Gusmão (p. 263).

PARTE III
LENDAS, PATRANHAS
E FÁBULAS

A LENDA DA TERRA

No princípio do mundo, quando o homem cavava a terra, a terra abria bocas e gritava. O homem queixou-se ao Senhor, e o Senhor disse então a terra:

— Cala-te, que tudo criarás e tudo comerás.

(Guarda, Mondim da Beira, etc.)

LENDA DOS RIOS

Há dois rios ao pé de Mirandela, chamados Tuela e Rabaçal. No tempo em que os rios falavam, dizia o rio Tuela:

Arreda, arreda,
Rio Tuela;
Se não quiseres arredar
Aí vem o Rabaçal
Que ele te fará arredar.

Porque o rio Rabaçal leva mais água do que o Tuela.

(Torre de D. Chama)

LENDA DO MILHO E DO CENTEIO

Quando se acaba de gastar o milho, começa a colheita do centeio barroso, que se semeia em fevereiro e só se malha em julho. De uma vez o milho disse-lhe, chasqueando-o desta sua demora:

— Gandarela, gandarela,
Que andas seis meses na terra!

Respondeu-lhe o centeio:

«Cala-te, meu reboludo,
Quanto te acabas sou eu que acudo.

(Airão)

VARIANTE

Disse o Trigo para o Centeio:

Cala-te lá, Centeio, centeiaço;
Que tu não fazes as funções que eu faço.

Retrucou o Centeio para o Trigo:

Cala-te lá, Trigo aspadanudo,
Que não acodes ao que eu acudo.

Diz dali a Aveia:

Eu sou a Aveia, Negra e feia;
Mas quem me tem em casa

Não se deita sem ceia.

(*Vila Nova de Gaia.* — Leite de Vasconcelos, *Trad.*, p. 124)

TEJO, DOURO E GUADIANA

Havia tres rios irmãos, o Tejo, o Guadiana e o Douro, que combinaram deitar-se a dormir, dizendo que o primeiro que acordasse partisse para o mar. O Guadiana foi o primeiro que acordou; escolheu lindos sítios e partiu de seu vagar. O Tejo acordou depois, e como queria chegar primeiro ao mar, largou mais depressa, e já as suas margens não são tão belas como as daquele. O Douro foi o último que acordou, por isso rompeu por montes e vales, sem se importar com a escolha, e eis porque as suas margens são tristes e pedregosas.

(Mondim da Beira, Famalicão, Porto)

LENDA DA LUA E DA ÁGUA

Quando Deus foi fazer o Inferno, deixou Luz-Vela (*Lusbel=Lucifer*) na cadeira dele; quando veio não lhe quis Luz-Vela restituir a cadeira, alegando que o Senhor lha tinha dado.

Dizia o Senhor:

— A cadeira é minha; emprestei-ta, não ta dei.

Luz-Vela ateimava muito e pos uma demanda com o Senhor. O Senhor apresentou a Lua, a Água e o Sol como testemunhas de que tinha emprestado e não dado a cadeira. A Lua e a Água juraram falso; o Sol jurou a verdade, dizendo ao Senhor:

— O que é dado, é dado; o que é vendido é vendido; o que é emprestado, é emprestado. Portanto, a cadeira é vossa.

Deus então castigou a Lua (que era tão linda como o Sol) tirando-lhe os raios para os dar ao Sol; castigou a Água, obrigando-a a correr sempre, sem nunca estar queda.

(Famalicão)

A LENDA DAS ADUELAS E DOS ARCOS DA PIPA

Diziam as aduelas da pipa: — Muito fortes somos nós, que sustemos o vinho.

Responderam os arcos: — Mais fortes somos nós que em todas vós temos mão.

Nisto começa a falar o vime, que liava os arcos de loureiro:

Mas se eu tiro a minha mão,

Vai-se o vinho pelo chão.

(Airão)

A LENDA DAS MANCHAS DA LUA

Uma vez andava um homem a trabalhar ao domingo apanhando silvas. Apareceu Deus e disse-lhe:

— Então, andas a trabalhar ao domingo?

— Senhor, aqui ninguém me ve neste canto.

— Pois deixa estar, que toda a gente te há de ver.

Depois Deus colocou na Lua o homem com o molho de silvas as costas. É ele que, andando lá, produz as manchas.

(Freixo, Carrazeda de Ansiães, etc. — L. de Vasconcelos, *Vanguarda* n.º 34)

NOTA: Stanislao Prato estudou largamente esta lenda no opúsculo *L'Uomo nella Luna*, como complemento ao ensaio crítico sobre *Caino e le Spine secondo Dante e la tradizione popolare*; nela cita versões de diversos países: *Contes populaires de la Haute Bretagne*, de Paul Sebilot, 2.^a série n.º 64; na *Melusine*, de Gaidoz e Rolland, pp. 403-6, n.º 5; nos *Norddeutsche Sagen*, de Kuhn e Schwartz, n.º 55; nas *Seize superstitions populaires de la Gascogne*, de Bladé, n.º 4, p. 10. Na tradição popular açoriana é um pescador que andando de noite as lapas, é arrebatado para a Lua. A lenda deriva-se da crença gaulesa e cítica da transmigração das almas para a Lua. (Vid. Belloguet, *Ethnogénie gauloise*, t. III. p. 184.) A ideia de castigo afrontoso é uma reacção contra o antigo respeito da crença religiosa.

OUTRA

A Lua era mais linda que o Sol. O Sol queria casar com ela, mas a Lua não lhe dava cavaco. Ele então despeitado atirou-lhe a face com cinza, e ela a ele com agulhas de costura.

A Lua ficou sem brilho, e o Sol cheio de raios. Ainda nos eclipses é o Sol que batalha com a Lua.

(Porto, Vimieiro, Leça de Balio, Famalicão, Carrazeda, Torre de D. Chama. —
Ibidem)

NOTA: Pedroso, nas *Superstições Populares Portuguesas*, coligiu esta lenda como supersticiosa, sob o n.º 578: «O Sol passou pela Lua atirou-lhe com uma mão cheia de terra; por isso ela ficou escura e com manchas.»

LENDAS DE FEVEREIRO

Uma vez o Fevereiro pediu a março uma tigela de papas; disse o Março:

— Só se tu me emprestares tres dias.

Fevereiro caiu nessa, e daí em diante ficou com vinte e oito dias e o Março com trinta e um.

Dizia a velha dos bezerrinhos:

— Vai-te, meu fevereiro curto,
Que cá ficam os meus bezerrinhos
Todos oito.

Diz agora ele:

— Ora, cala-te tu,
Que aí vem meu irmão Março,
Que dos oito ficarão quatro.

(Foz)

Fevereiro,
Enganou a mãe
Ao soalheiro.

(Adágio do P.e Delicado)

NOTA: Na *Revista de Etnologia e Glotologia*, vem paradigmas espanhóis, e é conhecida na França meridional, na Suíça, Inglaterra, Escócia, Itália; vid. pp. 103 a 108. Saco Arce traz na sua *Gramática Galega* este ditado: *Febreirino corto / Cós teus dias vinteoito, / Si durarás mais quatro / Non paraba can nin gato.*

Na tradição popular espanhola de Guadalcanal e Sevilha também se encontra esta lenda em que figura São Pedro, que mete o dinheiro em certo lugar do *Perro de las especias*. (Ap. Rodriguez Marin, *Cantos populares espanoles*, t. IV. p. 382.)

LENDA DE SALOMÃO

O rei Salomão era tão esperto, que mesmo de cima de uma palheira sabia ver tudo o que há por esses céus além. Vai de uma vez a mãe tirou-lhe a palheira debaixo dos pés, quando ele estava a ver as estrelas, e ele parou a falar consigo:

— Temos caso! Ou o céu se arredou, ou a terra se afundou.

(Açores)

LENDA DO CHORÃO

O chorão protestou com Deus que havia de chegar ao céu. O Senhor disse-lhe, que nunca lá havia de chegar, porque quanto mais crescesse mais havia de virar para o chão.

(Famalicão)

LENDA DA LENHA

Quando se queimava a lenha, gritava; foi por isso que o Senhor lhe tirou a fala para não comover a gente.

LENDA DA OVELHA

No princípio do mundo, a ovelha falava. Ela estava presa, mas queria que lhe abrissem a porta, porque tinha chegado março e já havia que comer; e disse então:

No março, onde quer eu passo;
No abril, abre a porta e deixa-me ir;
Em maio, onde quer eu caio.

LENDA DO CÃO

O cão pediu ao lobo para o ensinar a uivar. E o lobo pediu-lhe que o ensinasse a farejar. O lobo ensinou-o a uivar mas quando quis que o ensinasse a farejar, o cão disse:

Se te eu ensinasse a farejar,
À cama me irias matar.

(Guarda)

LENDA DA SERPENTE, DO SAPO E DO SARDÃO

No princípio falavam a serpente, o sardão, o sapo, etc. Deus perguntou-lhes se queriam ter pernas e não falar. A serpente disse que não queria ter pernas, mas ferrar. O sardão disse que queria ter pernas e não ferrar mas ser avesso as mulheres. O sapo disse que não queria ter pernas, nem ferrar, mas ter o corpo feio e os olhos bonitos.

(Leça do Balio)

LENDA DA CORUJA

Havia um pássaro sem penas, chamado o pito-nu. A coruja ficou por fiadora para que todas as outras aves emprestassem ao pito-nu penas para ele se vestir. Mas o pito-nu, assim que se agarrou vestido, fugiu. A coruja nunca aparece de dia com medo de que as outras aves a piquem, pelo facto de ela não poder restituir as penas do pito-nu.

(Do pé da Guarda)

LENDA DO SAPO

O sapo sustenta-se de terra que come, mas come mui pouquinho de cada vez com medo que ela se acabe.

(Airão — Minho)

PORQUE OS CÃES SE CHEIRAM

Os cães deram uma vez um banquete entre si; como faltasse a pimenta ofereceu-se um deles para ir de uma carreira a cidade buscá-la. Os outros cães esperaram que esperaram e o mensageiro não aparecia; por fim resolvem ir cada um a sua procura, e daqui resultou que quando algum cão se encontra com outro sempre se cheiram para saberem se é o que foi buscar a pimenta.

(Braga e Ilha de S. Miguel)

OS TORDOS E AS ANDORINHAS

«...faltam aqui os tordos, os quais por São Miguel vem a Portugal, e então se vão de ela as andorinhas não se sabe para onde, pois se não veem na África; parece que irão para algumas ilhas, ou terras, que estarão por descobrirem, e costumam dizer, que encontrando no caminho as andorinhas lhe dizem:

— Donde vindes, loucos,
Que fostes muitos e vindes poucos?

Porque os caçaram lá onde eles foram, por serem bons para comer; e que as andorinhas não são, e por isso as não matam; e os tordos respondem:

Donde vindes, utas,
Que fostes poucas e vindes muitas?

Porque eram já filhos, que cá em Portugal criaram no verão.»

(Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, cap. 55, — Arqu. dos Açores, vol. XII, p. 156.)

LENDA DAS ANDORINHAS E DOS TARALHÕES

Dizem os taralhões:

— Donde vindes, andorinhas,
Que fostes poucas e muitas vindes?

Replicam elas:

— Donde vindes, taralhões loucos,
Que fostes muitos, e vindes poucos?

CONTO DA CODORNIZ

(VOZES DE ANIMAIS)

A codorniz passando um dia por certo sítio, viu o sapo a porta do seu covil, e como ele só tivesse visível a cabeça, a codorniz encantou-se dos olhos dele e pediu-lhe que saísse cá fora; o sapo obedeceu, mas a codorniz aterrou-se tanto com a figura dele que se retirou, bradando: *Tem-te, lá! Tem-te lá!* Daqui acredita-se que veio a forma do seu canto.

(Paços de Ferreira)

ONOMATOPEIAS

Canta o galo:

— Quem virá lá?

Outro galo:

— Um cavalheiro.

A galinha:

— Jantará cá?

O frango:

— Triste de mim.

O franganito:

— Tripas ao sol.

(Airão)

O CUCO E A POUPA

A poupa foi uma vez chamar o cuco para a ajudar a fazer certo trabalho; disse o cuco:

Eu, se estiver suão,
Vou-te dar uma demão;
E se estiver nevoeiro
Quero ir para o meu cuqueiro.

LENDA DOS ANIMAIS

Quando os animais falavam, a *pulga* disse:

Que a matassem,
Mas que a não estorcegassem.

(Oliveira de Azeméis — Leite de Vasconcelos, Tradições, p. 139)

A *galinha*, referindo-se ao milho, disse:

Que muito se medisse, e nenhum se vendesse.

(Penafiel — *Ibid.*, p. 154)

O *burro* disse:

Que tanto nevasse,
Que até as ventas se lhe arreganhasse.

(Carregosa do Douro — *Ib.*, 176)

O *boi* disse:

Que tanto chovesse,
Que até os cornos lhe amolecesse.

(Penafiel — *Ib.*, 177)

A *cabra* disse:

Que tanto sol raiasse,
Que até as pedras rachasse.

(*Ib.*, p. 180)

Disse a *ovelha*:

Que tanto ventasse,
Que até a lâ lhe voasse.

(Penafiel, Gaia — *Ib.*, p. 182)

VOZ DO CORVO

Uma vez andavam uns pedreiros no monte a arrigar um penedo, o que muito lhes custava; passou um corvo por cima e disse.

— Scaba, scaba, scaba (*exearva*).

Daqui lhe veio a sua feia voz.

(Paços de Ferreira — *Ib.*, p. 158)

LENDA DO SAPO E DA TOUPEIRA

O sapo em outro tempo tinha rabo, e a toupeira tinha olhos. Depois fizeram uma troca entre si; a toupeira ficou cega mas em paga com cauda, e o sapo desrabado ficou com uns olhos lindos.

(Chaves — Ap. Leite de Vasconcelos)

NOTA: Vem como forma de superstição nas *Tradições Populares Portuguesas*, de C. Pedroso, n.º 577.

A PROVA DOS LOBOS

Uma vez uns lobos tinham enterrado um carneiro para o comerem em certo dia; mas um deles foi as escondidas e comeu-o sozinho; os outros, quando viram que o carneiro tinha desaparecido, disseram que haviam de saltar todos por cima de um carro com estadulhos, que o criminoso ficaria espetado nos estadulhos. Saltaram, e o criminoso ficou efetivamente espetado nos paus.

(Mondim da Beira — Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 187)

O GORAZ

O goraz tem duas malhas, uma de cada lado da cabeça; é o sinal dos dedos de São Pedro, quando um dia que andava pescando apanhou este peixe.

(Pedroso, *Vária*, n.º 446 — Leite de Vasconcelos, *Trad.*, 188)

O GRITO DO CÃO

Abel tinha um cão, que estimava muito; quando Caim matou Abel, e o cão foi pelo mundo fora a dizer:

— Caim, Caim!

Daqui o grito do cão, quando lhe batem.

(Mafra — L. Vasc. *ib.*, 197)

AS ORELHAS DO BURRO

Quando Deus criou os animais, deu o nome a todos; daí a dias veio verificar se eles se lembravam ainda dos seus nomes. Todos se lembravam, menos o burro; Deus então puxou-lhe muito as orelhas, e disse-lhe:

— Burro, burro! sempre hás de ser burro!

(Mafra)

A CRIAÇÃO DA MULHER

Quando Deus quis formar Eva, tirou uma costela de Adão, mas veio um cão (raposa, gato, etc.) e levou a costela. Deus correu atrás dele, e agarrando-lhe pela cauda fez dela a mulher, dizendo:

Tanto vale fazer Eva
De uma costela de Adão.
Como de um rabo de cão.

(Ap. Leite de Vasconcelos, *Vanguarda*, n.º 39)

A OBRA DE S. PEDRO

Andava uma mulher a bulhar com o Diabo. Deus mandou São Pedro apartá-los. O santo foi, cortou a cabeça a ambos, e voltou. O Senhor perguntou-lhe:

— Ó Pedro, tu que fizeste?

— Não se queriam acomodar, e eu peguei e cortei-lhes as cabeças.

— Eu não te mandei fazer isso. Torna lá.

São Pedro foi, mas ao colocar as cabeças nos troncos, enganou-se e colocou na mulher a cabeça do Diabo, e neste a da mulher.

(*Ibidem*)

NOTA: Gubernatis, na *Mitologia Zoológica*, t. I, p. 325, explica o sentido mítico das lendas da troca de cabeças.

O CANTO DO GALO

Quando os Apóstolos estavam a mesa, afirmaram eles que Cristo não era Deus;
e Cristo respondeu:

— Que tanto era Deus como o galo falar.

Foi então que o galo disse: *Coroado!*

E ainda hoje é a sua linguagem.

(Penafiel)

LENDA DA CODORNIZ

Quando a Virgem ia de Belém para Nazaré, a codorniz levantou o voo e fez bulha; a Senhora amaldiçoou-a para que não pudesse pousar em árvore nenhuma.

(Cabo Verde)

OUTRA

Indo Nossa Senhora a fugir para o Egito com o seu filho, a codorniz levando o voo dianteiro, gritava: Cá vai! A Senhora vendo que ela a denunciava, condenou-a a andar rasteira, sem erguer voo nem sorrir para o Sol.

(Açores)

LENDA DA ARVELINHA

Quando ia de fugida para o Egito a Virgem com o Menino, a arvelinha ia atrás apagando as pegadas com o rabinho. Então Nossa Senhora abençoou-a, dando-lhe o poder de matar o milhafre metendo-se debaixo das asas.

(Açores)

O BALIDO DA OVELHA

Quando a Virgem ia para o Egito, andava a ovelha no monte a berrar: *Belém! Belém!* A Virgem não queria que ela berrasse para não se saber que ela ia ali, e a ovelha continuava sempre a dizer aquilo. A Virgem Maria amaldiçoou então a ovelha, ficando esta condenada a sempre berrar.

(Famalicão)

NOSSA SENHORA E A SOLHA

Estando Nossa Senhora a beira do rio, viu uma solha e perguntou-lhe:

— Ó solha! a maré enche ou vaza?

A solha pos a boca a banda, e repetiu com escárnio:

— Ó solha! a maré enche ou vaza? Nossa Senhora disse:

— Assim fiques sempre com a boca a banda.

(Foz e Porto — Ap. *Positivismo* t. IV, , p. 225.)

A ROMARIA DA ABADIA

Deus mandou a Senhora para o deserto, e ela não queria ir. Deus disse-lhe então:

— Vai, Maria. Todas as romarias se hão de renovar e acabar, e a tua há de ficar.

(Famalicão)

LENDA DAS GIESTAS

Quando Cristo veio ao mundo, foi procurado pelos Judeus para o matarem, e como estes o vissem entrar para uma casa, colocaram-lhe a porta um ramo de giesta, a fim de no dia seguinte o prenderem.

Nesse dia, porém todas as casas da povoação apareceram marcadas e os Judeus não puderam dar com ele.

(Vanguarda, n.º 20)

LENDA DO MANTO DE NOSSA SENHORA

Estava Nossa Senhora em sua casa, quando lhe vieram dizer:

— Vinde ver o vosso amado Filho, que vem pela Rua da Amargura com a cruz as costas.

Nossa Senhora arranjou-se a pressa e disse para Santa Isabel:

— Prima, dá-me dali daquela arca o meu manto.

Santa Isabel foi e perguntou:

— Qual quereis, o manto roxo ou o manto encarnado?

Responde-lhe a Senhora:

— Ó bebada! Eu estou cá agora para mantos encarnados!

(Porto)

LENDA DOS TREMOÇOS

A Virgem passava por um campo de tremoços. Como eles rugiram, e a Virgem não querendo que eles fizessem barulho, disse-lhes:

— Amaldiçoados sejais vós! Quem vos comer nunca se satisfará.

(Famalicão — *Vanguarda*, n.º 50)

NOTA: Na Itália e Espanha são frequentes estas lendas, último vestígio da elaboração dos Evangelhos populares a que a Igreja chama apócrifos. Pitré coligiu-as sob o título de *Ciclo Legendário Evangélico*. Na Andaluzia este género de contos tem um nome popular; chama-se-lhes *Susedios e Suseios*, considerando-os não como contos mas *Sucedidos* (acontecidos). Rodriguez Marin coligiu *Cinco Contezuelos Populares Andaluzes*, em que São Pedro é o herói, uma espécie de Sancho.

LENDA DE NOSSA SENHORA

A Virgem passava por um campo de trigo e perguntou aos lavradores:

— Que semeais?

— Semeamos pedras.

— Pedras vos nasçam! Daqui a tres dias vinde quebrar os penedos. E continuou a andar. Logo ao outro dia o campo apareceu coberto de penedos.

Chegou a outro campo, onde andava outra sementeira. Perguntou:

— Que semeais?

— Trigo.

— Trigo vos nasça. Daqui a tres dias vinde segá-lo.

Dali a tres dias vieram os Judeus e perguntaram aos lavradores:

— Vistes aqui passar uma mulher com um menino, montada numa jumentinha?

— Vimos. Andávamos nós a semear este trigo.

— Ah! isso então já foi há muito. Podemos ir embora.

Assim escapou a Virgem.

(Id. *ibid.*)

NOTA: «Os pinhões também foram amaldiçoados por denunciarem a passagem da Senhora com barulho. Os fetos igualmente foram amaldiçoados pelo mesmo motivo; e esses então ficaram com as mãos na cabeça (as folhas voltadas para cima). Sob o n.º 614 traz a lenda da origem do Gato — nascido da baba do leão.

A SUBMERSÃO DAS CIDADES

Na ilha de S. Miguel existe uma lagoa das Sete Cidades. A tradição da submersão de cidades em lagos é frequente na Península Hispânica, explicando-se pela seguinte forma:

Nossa Senhora foi a cidade de Valverde vestida de pobre pedir esmola; como a trataram com crueza, Valverde afundou-se na lagoa do Carregal.

(Galiza)

NOTA: Esta lenda repete-se na Galiza, substituindo a Virgem São Tiago, e localiza-se em outras lagoas, como a de Doninos e Riega; o historiador Manuel Morguia considera esta crença da submersão de Valverde como a tradição inconsciente e remota da passagem das cidades lacustres para as aldeias territoriais. A lenda da condenação é comum a outras cidades de origem lacustre, como a Ars afundada no lago de Paradru. Diz o Dr. Anselmo de Andrade, de quem tomámos estes factos: «Na tradição portuguesa encontra-se também mencionado este género de pecado e de expiação. Uma cidade transmontana, que negou hospitalidade a um santo, teria sofrido o castigo de ser sepultada nas águas exatamente como as ímpias cidades espanholas.» *Ciencia Pré-Histórica* — As habitações lacustres, p. 17, nota.

ORIGEM DO NOME DE LISBOA

Diz La Martiniere, no seu Dicionário Geográfico:

«A *tradição afirma* que Ulisses, depois da destruição de Troia, viera a estes distritos e que lançara os primeiros fundamentos de Lisboa, que se ficou chamando Ulissipone, ou Ulissipo ou mesmo Olissipo: mas pode ser que a semelhança dos nomes ocasionasse esta opinião. Com efeito além de ser difícil provar que Ulisses saíra do Mediterraneo, o verdadeiro nome da cidade não era nenhum daqueles, mas sim Olissipo, como se ve de uma inscrição achada em Lisboa.» — Ainda hoje esta tradição medieval é corrente entre os fadistas, há bastantes cantigas jocosas a Ulisses, como fundador de Lisboa.

OUTRA ORIGEM DO NOME DE LISBOA

Um padre espanhol, querendo refutar o *Teatro Crítico*, de Feijó, diz que o nome de Lisboa vem do grego *olis* e *hyppon*, tirado do que refere Plínio acerca das ligeiras éguas, que concebiam do vento. (*Pan.*, t. IV, p. 18, col. 2.)

A MOURA SALUQUIA E O NOME DA VILA

«Querem alguns que Moura fosse fundada sobre as ruínas da antiga Araucitana: seja porém como for, o nome da vila indica origem posterior a Gregos, Romanos e Godos. — Conta-se que em tempo de el-rei Dom Afonso Henriques, sendo possuidora desta povoação e seu castelo uma dona árabe chamada Saluquia, filha de Buaçon, senhor de várias terras do Alentejo, tratara este de se casar com um mouro chamado Brafama, alcaide do castelo de Aroche, dez léguas distante de Moura; o qual vindo celebrar as núpcias foi acometido no transitio por dois fidalgos, Álvaro e Pero Rodrigues, ascendentes da nobre família dos Mouras, que o mataram num vale, a uma légua da vila, que em memória do caso se chamava Brafama, ainda no tempo do P.e Carvalho, isto é, no princípio do século passado. Diz mais a tradição, que os fidalgos com sua gente se disfarçaram em trajos mouriscos e caminharam, fingindo comitiva da boda para a fortaleza, onde a moura esperava o noivo a uma janela que deitava para o campo, mas assim que ao entrarem os hóspedes no castelo se descobriu o engano, precipitou-se de uma torre abaixo para não cair cativa. Daqui vem ter a vila por armas uma mulher ao pé de uma torre, em alusão a morte de Saluquia; e com este brasão de armas combina o letreiro de uma sepultura, que está na igreja do castelo, e que declara jazerem ali sepultados os cavaleiros, que tomaram esta terra aos Mouros.» (*Panorama*, t. IV. p. 4, 1840.)

PENHOR SAGRADO

Governando a Índia António Moniz Barreto, e querendo socorrer a fortaleza de Malaca cercada pelos Achéns, mandou pedir a Goa vinte mil pardaus emprestados, dando a cidade o seu filho Duarte Moniz, em penhor da quantia. A cidade aceitou o penhor, que era um menino de sete para oito anos. — Este mesmo facto se conta de Balduino II, que empenhou seu filho aos Venezianos, por uma grande soma com que salvou o seu reino de Constantinopla.

A ABÓBADA DO MOSTEIRO DA BATALHA

Da Sala do Capítulo, diz Frei Luís de Sousa: «Sendo quadrada, e tendo 340 palmos em ambito, a 85 por cada lanço, é fechada de abóbada de cantaria, sem coluna, nem esteio, nem cousa que a sustente, nem mais repuxo da banda de fora, que a companhia do edifício que lhe fica dos lados. Assim está em forma, que a quem põe os olhos no alto, engana, e faz parecer pela grandeza da casa, que se sustenta sem concavo. É fama que ao tempo que se fabricava caiu duas vezes ao tirar dos simples, com dano de oficiais; e el-rei, desejando que todavia ficasse a casa sem o desar das colunas ao meio, prometeu merces ao arquiteto, as quais o fizeram espertar de sorte que, tornando-a a fechar, afirmou que teria melhor sucesso; porém ao tirar a madeira dos simples, dizem que não quis el-rei arriscar os oficiais, e mandou vir das prisões do Reino alguns homens, que estavam sentenciados a grandes penas, para que sobre eles caísse o terceiro dano quando sucedesse.»

(Tal é o fundamento do romance a *Abóbada* de A. Herculano, no t. II das *Lendas e Narrativas*.)

OS CARRILHÕES DE MAFRA

«Corre, por tradição, que tendo o Monarca fundador encomendado (para Liege) primeiro só um carrilhão com as dimensões e requisitos que desejava tivesse, lhe responderam com o preço, acrescentando que era *obra mui rica e dispendiosa*, como quem inculcava que os recursos da coroa portuguesa não suportavam tamanho dispendio. Dom João V, que sentiu ofendido o seu amor próprio, e julgou menoscabada a sua grandeza, replicou que, *visto a obra ser mais barata do que pensara, fizessem em vez de um daqueles, dois carrilhões.*»

(*Panorama*, t. IV, p. 61.)

CONTO APLICADO

«Neste campo se acham muitas vezes umas pedrinhas como chícharos e grãos; contam os da terra, e se traz em prática, que Nossa Senhora indo para o Egito, passando por este lugar andava um lavrador semeando chícharos, e que a Senhora lhe perguntara, que semeava? E ele lhe respondera, que semeava pedras; e a Senhora repetira: — pedras te nasçam. Ainda que parece fábula e conto de velhos, bem me lembra ter já visto em duas ou tres partes pintada esta história, ainda que a contam de muitas maneiras; mas na verdade eu vi algumas vezes aos peregrinos colher aquelas pedrinhas com muita devoção, e sem ela as colhi de companhia com eles, vendo-lhas colher, e trouxe comigo ao Reino.»

(Frei Pantaleão de Aveiro, *Itiner.*, p. 292.)

A TORRE DO LADRÃO

«Lembra-me que quando vão de Tomar para Coimbra, entre Ceras e a Venda do Pereiro, nos mostram uma Torre a mão direita, desviada do caminho, na qual dizem que morava um ladrão, que salteava os caminhantes: pouco vai em crer ou não ser verdade a história que sobre isso nos contam; mas todavia muitos tem ser verdadeira, vendo os indícios tão manifestos.»

(Frei Pantaleão de Aveiro, *Itiner.*, p. 90.)

NÚMERO FATÍDICO

Estava-se a missa na Amendoa.

Um vulto de homem (diabo?) entrou na igreja tendo na mão uma cabaça. Deu uma volta, subiu a capela-mor e pos-se a beber. A garganta era transparente e via-se-lhe correr o líquido pela garganta abaixo. Desceu e quase todos foram atrás dele para o ver ou matar. No templo ficaram só onze pessoas. O vulto foi até um sítio (que é hoje um charco) onde se sumiu e com ele os que o seguiam. Nunca mais ali nasceu erva. Daí vem que, de então, na Amendoa só podem viver *onze moradores*. Quando há mais passam para defronte, para Vila de Rei, ou morrem.

(Comunicação do Dr. Marcelino de Mesquita.)

MARIA EXTRAVANDIA

(Loulé)

Eu na terra fui gerada,
Nas ondas do mar nascida;
De meu triste nascimento
Minha mãe foi falecida.
Lá deitaram-na ao mar,
Em caixão de oiro metida,
Puseram-lhe coroa e cetro
Já rainha falecida,
Deitaram-me cá na terra,
De um senador me confia;
Minha ama me criou
Com muito amor que me tinha,
Ao cabo de quinze anos
Minha ama falecida.
Eu lhe fiz o seu enterro
Como ela merecia;
Todos os dias do ano
À cova rezar-lhe-ia.
A mulher do senador
Por inveja que me tinha,

Prometeu a escravo seu
Dar-lhe carta de alforria,
Me deitasse ponte abaixo
P'lo caminho que seguia.
De fidalgos e marqueses,
De todos fui socorrida,
Só el-rei da Babilónia,
Que uma estátua ali tinha,
Levou-me para sua casa
Com estado de rainha,
Falou-me do seu amor,
E eu de amor não sabia,
Me meteu em uma torre,
Pela raiva que me tinha,
Numa torre me metera
Que nem sol nem lua via;
Dava-me o pão por onça
E a água por medida.
Já me leva o meu amor,
Que eu de mouros fui cativa,
Vendida em pública praça
Para ver quem mais daria;
Comprou-me estalajadeiro
Para lhe ganhar a vida,

P'ra lhe fazer de comer,
Com as mais que ali havia.
Eu fora tida em pouco,
Fazer comer não sabia,
Pedi-lhe bons instrumentos,
Que eu melhor lhe ganharia,
Pois eu tinha na tenção.
Dar-lhe um tanto cada dia.

Recordai imperador,
Aqui tendes vossa filha,
Pelo nome me puseram
De Maria Extravandia.[\[45\]](#)

LENDA DA FONTE DOS AMORES

Conta-se que D. Ines de Castro se correspondia com Dom Pedro, trazendo a corrente da água que alimentava a fonte do seu jardim, a mensagem dos seus ocultos amores. Dois séculos, antes, descreveu Goffried de Estrasburgo no belo poema do Tristão este estratagem do namorado da rainha Isolda: «O rei proibiu a Tristão a entrada no palácio. No meio do jardim corria uma fonte, a sombra de uma grande oliveira. A água da fonte corria passando diante dos aposentos de Isolda. Combinou-se que todas as vezes que Tristão visse o jardim solitário cortaria uma tabuinha em que gravasse um T ao lado de um I e a corrente levará a mensagem, que Brangiene terá o cuidado de apanhar. Assim fizeram, e a oliveira cobria com a sua sombra os colóquios dos amantes.»

(Bossert, *La Littérature allemande au Moyen Age* p. 291)

CLAVINAS DE AMBRÓSIO

Esta locução popular, ainda usada, significa os meios de defesa impotentes. Provém do antigo conhecimento dos poemas da Távola Redonda, em que o sábio Merlin, (denominado Ambrósio, na *Crónica* de Geoffroy de Monmouth), defendia com as ameaças das suas Profecias os povos britânicos da barbaridade dos Saxões. — Outros vestígios se encontram, como *Artes merlínicas*, aludindo aos recursos do profeta, entre o povo *Arte de berliques*; e a impreciação: *Valha-te São Barambum!* resto da lenda do Monge bretão *San Brendan* conhecido dos nossos navegadores e cartógrafos.

NOTA: Com esta locução aparece uma outra: *Volta de Andresa*, também explicável pelos poemas medievais. Nos poemas de *Tristão* o intrigante que muito se esforça para malquistar o rei March com seu sobrinho o namorado de Isolda, é chamado *Andret*, que se torna típico, dando lugar a locução — *Volta de Andresa*.

LENDA DOS FERREIROS

Nas proximidades de Penela há dois montes bastante elevados e de forma mais ou menos cónica.

Dois ferreiros, dizem que irmãos, foram estabelecer as forjas cada um em seu monte, mas possuindo ambos um só martelo, dele se serviam alternadamente. Os montes, na sua parte superior distam uns dois quilómetros um do outro; e quando o Melo, assim se chamava um dos ferreiros, precisava do martelo, chegava a porta da forja e gritava para o Jurumelo, assim se chamava o outro, para lho atirar. Os dois ferreiros eram gigantes; uma vez zangou-se o Jurumelo com o companheiro, e atirou-lhe o martelo com tanta violencia, que desencavando-se este no ar, foi cair o ferro na encosta do monte Melo, e logo daí brotou uma fonte de água férrea, e o cabo, que era de madeira de zambujo, foi espetar-se na terra, reproduzindo-se um zambujo, que deu o nome a povoação do Zambujal, a quatro quilómetros dos referidos montes.

(Ap. *Positivismo*, t. II, p. 452, Porto, 1880)

VARIANTE

Havia um ferreiro no monte de Arcela e outro no de Guisande (Minho), mas tinham entre si apenas um malho com que trabalhavam. Quando um descansava atirava o malho ao outro, de monte a monte.

(Cercanias de Vermoim — *Epopéias Moçárabes*, p. 102. Porto, 1871)

LENDA DA PONTE DE DOMINGOS TERNE

A ponte de Domingos Terne, sobre o Ave, uma légua para o norte da Senhora do Porto de Ave, foi segundo a tradição, feita pelo Diabo. Eis o caso:

O Diabo queria ajuntar dois namorados, cada um dos quais morava em lugares diferentes e separados pelo rio. Todas as noites lançava este uma ponte para o rapaz ir ter com a sua conversada (namorada). Soube-se disto, e numa noite um padre pos-se a espreita, e depois que o rapaz passou, exorcismou de repente a ponte, que o Diabo nunca mais pode retirar.

(*Positivismo*, t. IV, pág. 116. Lendas análogas se contam das pontes de Valtelhas, Misarela e outras)

LENDA DA AMENDOEIRA

A amendoeira é a árvore que enganou o Diabo. Como o Diabo a viu florescer em janeiro, sentou-se debaixo dela, a espera que lhe amadurecessem os frutos, para depois ir guardar as outras árvores. Esteve até setembro a espera do fruto, pois é neste mes que a amendoeira o dá. Como nesse mes não estivessem maduras ainda as amendoas, cansado já de esperar foi espreitar as outras árvores. Estas porém já estavam apanhadas, e o Diabo todo desapontado voltou para debaixo da amendoeira, mas neste meio tempo tinham-lhe apanhado as amendoas e o Diabo ficou logrado.

(Idem, *ibid.*, Lisboa)

A PONTE DA ALIVIADA

Quando o Diabo fez a ponte da Aliviada chamou São Gonçalo, que andava a fazer a de Amarante, e disse-lhe que a não benzesse; o Santo ergueu a bengala a modo de cruz, assim como quem ao falar aponta; o Diabo então fugiu para cima de um monte de onde começou a atirar pedras ao Santo, as quais ele desviava.

(Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 312)

A PONTE DA MISARELA

Um salteador das terras de além-Douro perseguido pela justiça embrenhou-se pelas serras de Trás-os-Montes, mas chegou a beira de uma torrente caudal e não pode passar. Para fugir ofereceu a alma ao Diabo, e logo ali apareceu uma ponte, que se desfez assim que ele passou. Na hora da morte o salteador confessou-se, e o padre disfarçou-se em salteador, chamou o Diabo, fez-lhe a mesma proposta, a ponte apareceu, e meteu-se por ela. Quando já estava no meio da ponte faz o sinal da cruz, bota-lhe água benta, e a ponte ficou firme até hoje. É de um só arco.

(Ap. J. A. d'Almeida, *Dic. Corográfico.*)

LENDA DE SIMANCAS

A vila de Simancas, chamada de antes Gureba, cobrou este nome porque sete donzelas que daqui haviam de ser levadas, se cortaram as mãos para de este modo escaparem; e como as amostrassem aos mouros que vinham arrecadar o tributo, dizendo:

— *Que* não podiam ir por estarem mancas, — eles responderam, que:

— *Assi mancas* as queriam.

Mas o povo compadecido de tanta virtude, arremeteu tumultuariamente contra os mouros e mortos de mão comum, foram as donzelas postas em liberdade, deixando por nome a vila a resposta que deram aos bárbaros: *Si mancas* as queremos, e por armas as mãos cortadas das donzelas.

(Fr. Bernardo de Brito, *Monarqu. Lusit.*, p. II, liv. 7, cap. 9)

LENDA DE CHACIM E DO MOSTEIRO DE BALSEMÃO

Um habitante da Alfandega da Fé recusou-se a ceder sua noiva para a prelibação, onde resultou uma renhida peleja entre cristãos e mouros. Como os cristãos eram poucos, Nossa Senhora veio socorre-los, trazendo uma ambula de bálsamo na mão, com que ia dando vida aos mortos e sarando os vivos. Em reconhecimento da vitória alcançada por este modo, o povo fez uma ermida a Nossa Senhora do Bálsamo na Mão, e ainda hoje se celebra ali a festa do Cara-Mouro, resultando para a Aldeia o nome de Chacim da chacina, que ali se fez nos infieis, e para a povoação de Alfandega o título da Fé

(J. A. de Almeida, *Dicionário Abreviado de Corografia*, t. I, p. 37)

NOTA: Sobre a lenda do Tributo das Donzelas elaboraram-se muitas outras tradições de etimologia popular ou toponímia, tais como a de Peito Burdelo, Figueiredo das Donas, Valdoncel, etc.

ORIGEM DO NOME DE BRAGANÇA

querença, era este o nome que primeiro se deu a vila de Bragança, por ser o mesmo que antes tinha o terreno, quinta ou lugar em que el-rei Dom Sancho I a fez de novo construir.

(Viterbo, *Elucidário*)

NOTA: Viterbo extrata um codicilo de 1183 onde vem *Benequerencia*, como alatinização do nome local, e que explica a lenda.

ORIGEM DO NOME DE VISEU

Quase pegado a esta cidade para o lado do Nascente, está o Alto do Viso, onde se dividem as águas para os rios Paiva e Dão: deste alto os guerreiros cristãos avistaram uma povoação, e disse um deles:

— Que *Viso eu?*

Daqui ficou o nome a terra.

LENDA DE BRITIANDE

Era uma vez um rei que passou por aquele sítio (de Britiande) na ocasião em que um lavrador andava a varejar uma nogueira. O pobre homem ofereceu nozes a um dos da comitiva real, e como este aceitasse, o rei disse-lhe:

— Conde, Brite e ande.

Daqui o nome da povoação.

(Ap. Leite de Vasconcelos, *Enciclopéd. Republicana*, p. 195)

LENDA DE CRESCIDO (A CASTRO DAIRE)

Um rei, visitando um certo fidalgo, exclamou ao reparar no desenvolvimento físico de um filho do fidalgo:

— Ah! está crescido.

(Id., *ibid.*)

LENDA DE LAMEGO

Vem de jeito esta conhecida frase *Noites de Lamego*, que se interpreta assim: Um viajante hospedou-se uma noite em Lamego. O dono da casa deu-lhe um quarto muito escuro, onde havia um armário com queijos, e pela manhã esqueceu-se de ir abrir a porta. O viajante acordou, e cuidando que o armário era uma janela, abriu-o e como não visse luz e ele lhe cheirasse ao queijo que lá estava, disse:

— É muito cedo, não se ve nada, e só ainda agora as mulheres vão a vender o leite pela rua.

E tornou-se a deitar, dormindo não sei se um dia se mais. Quando lhe abriram a porta, ficou tão admirado por as noites de Lamego serem tão compridas.

(Id., *Ibid.*)

A TORRE DOS NAMORADOS

Conta-se na povoação do Alcaide que, no tempo dos Mouros, o rei era lavrador e tinha uma filha muito formosa que era requestada por dois mancebos. O rei não sabendo a qual havia de dar a filha, porque ambos a queriam, deu-lhes duas empresas arrojadas, para desempenharem, e então se decidir. Um tinha de levantar dentro de certo prazo uma torre muito alta, e o outro encanar um ribeiro para o lago do palácio.

Ambos cumpriram tudo como o rei talhara, e julgavam-se já com direito a mão da princesa. Ela fugiu para uma floresta, e os namorados lá a encontraram, e não querendo nenhum ceder do seu amor, mataram-na. A torre ainda existe de pé.

(Povoação do Alcaide — Fundão Ap. *Diário de Notícias*, n.º 6339, 1883)

A SEPULTURA DOS DOIS IRMÃOS EM SINTRA

Dois irmãos traziam amores com uma donzela que por aqueles sítios habitava, ignorando ambos os amores um do outro. Acontecendo por uma triste fatalidade encontrarem-se os dois irmãos em uma noite tenebrosa, debaixo do balcão do objeto que tão enfeitiçados os trazia, um deles persuadido que o outro lhe disputava os favores de sua dama, corre cego e inconsiderado sobre ele e o estende morto a seus pés, vítima de um frenético ciúme. Porém qual a sua desesperação quando pela voz moribunda daquele que julgava seu rival, reconhece ter sido o assassino de seu próprio irmão, que muito amava e que lhe expira nos braços! Cheio de desesperação volta contra o peito o ferro fraticida, e cai morto sobre o cadáver ensanguentado do irmão, preferindo uma morte pronta a uma vida inconsolável cheia de remorsos.

(*Sintra Pitoresca*, p. 114)

NOTA: Esta lenda também existe em Verona, contando-se a situação como passada entre Bartolomeu Scaligero e seu irmão, que se assassinaram em uma entrevista amorosa. (Philarete Chasles, *Etudes sur Shakespeare*, p. 159.) Diz o abade Castro: «Muitas tradições vogam acerca desta campa, que nós temos por falsas ou viciadas... referindo uns que é a sepultura dos dois irmãos, outros diversas lendas que mais se assemelham a contos de fadas ou de velhas com que embalam as crianças, do que realidades, que tenham por base algum sólido fundamento.»

(*Panorama*, t. I, da 2.^a série, p. 359.)

QUANTOS PÃES DÁ UM ALQUEIRE?

«Dizia certo arcebispo a um criado que soubesse quantos pães de arrátel lhe dava a padeira por cada alqueire de trigo, que lhe mandavam amassar; e se não fossem tanto, que lhos não aceitassem, porque cada alqueire dava tanto.

Respondeu-lhe o criado:

— Pois, senhor, eu não quero viver com quem *sabe quantos pães faz um alqueire*.

E despediu-se logo.»

(Marques Soares, *Divertimento de Estudiosos*, t. II, p. 37. Lisboa 1766.)

NOTA: É uma simples locução figurada, para exprimir o conhecimento prático e a experiencia adquirida. Do seu sentido genérico converte-se em forma concreta, quase objetiva e suscita um conto.

Na sua *Égloga I*, D. Francisco Manuel de Melo descrevendo as qualidades da boa mulher burguesa, escreve entre outras quintilhas: *Unha com carne co'a roca, / Que na feira os fusos feire / Grande alma de maçaroca / E saiba, pois que lhe toca, / Quantos pães dá um alqueire?*

FÁBULA DA RAPOSA E DO MOCHO

Uma raposa passou por um soto e sentiu piar um mocho; disse ela para si:

— Ceia já eu tenho.

E foi muito sorrateira trepando pelo castanheiro em que estava piando o mocho, e filou-o.

O mocho conheceu a sorte que o esperava, e viu que não podia livrar-se da raposa sem ser por ardil. Disse então para ela:

— O raposa, não me comas assim como qualquer frango desses que furtas pelos galinheiros; tu também sabes andar a caça de altenaria, e é preciso que todos o saibam. Agora que me vais comer, grita bem alto: «Mocho comi!»

A raposa levada por aquela vaidade, gritou:

— Mocho comi!

— A outro sim, que nenja a mim! — replicou-lhe o mocho caindo-lhe de entre os dentes e voando pelo ar fora, livre do perigo.

(Airão)

A ÁGUIA E A CORUJA

A coruja encontrou a águia, e disse-lhe:

— Ó águia, se vires uns passarinhos muito lindos em um ninho, com uns biquinhos muito bem-feitos, olha lá não mos comas, que são os meus filhos.

A águia prometeu-lhe que os não comia; foi voando e encontrou numa árvore um ninho de coruja, e comeu as corujinhas. Quando a coruja chegou e viu que lhe tinham comido os filhos, foi ter com a águia, muito aflita:

— Ó águia, tu foste-me falsa, porque prometeste que não me comias os meus filhinhos, e mataste-mos todos!

Diz a águia:

— Eu encontrei umas corujas pequenas num ninho, todas depenadas, sem bico, e com os olhos tapados, e comi-as; e como tu me disseste que os teus filhos eram muito lindos e tinham os biquinhos bem-feitos entendi que não eram esses.

— Pois eram esses mesmos, disse a coruja.

— Pois então queixa-te de ti, que é que me enganaste com a tua cegueira.

(Porto)

AINDA NÃO SE ACABA O MUNDO

Frase proverbial, quando se veem muitas crianças juntas; liga-se a lenda do Malcho, preso em uma estreita casa, no fundo do mar, e girando em volta de uma coluna, até acabar o mundo. Aos navios que passam faz a pergunta: — *Ainda não acaba o mundo?*

Apenas temos encontrado a frase, mas não a lenda vulgar na tradição da Catalunha e da Sicília.

A BARATA E OS FILHOS

A barata saiu debaixo de umas pedras com os filhos e disse-lhes, enquanto eles ainda pequenos estavam ao sol:

— Passeai, flores! Passeai, flores!

Daqui vem o ditado: «Quem o feio ama, bonito lhe parece.»

(Ilha de S. Miguel)

A RAPOSA E O LOBO

A raposa e o lobo mataram dois carneiros e fugiram. Depois que se acharam seguros, deitaram-se a comer, mas só puderam comer um, e o outro ficou inteiro. Diz a raposa:

— Compadre, é melhor enterrarmos este carneiro e vimos cá amanhã come-lo juntos.

Vai o lobo e diz-lhe:

— Mas nem eu nem tu temos fardo, como é que o havemos tornar a achar?

— Deixa-se-lhe o rabo de fora.

Assim se fez. No dia seguinte apresenta-se o lobo e diz:

— Comadre, vamos comer o carneiro?

— Hoje não posso; tenho de ir ser madrinha de um cachorrinho.

O lobo fiou-se, mas a raposa foi ao lugar onde estava enterrado o carneiro e comeu um grande pedaço. No outro dia torna o lobo a perguntar-lhe:

— Que nome puseste ao teu afilhado?

— Comecei-te — exclama o lobo:

— Que nome! Vamos comer o carneiro?

— Ai, compadre (disse-lhe a raposa), hoje também não pode ser; estou convidada para ir ser madrinha.

O lobo fiou-se; a raposa tornou a ir comer sozinha. Ao outro dia vem o lobo:

— Que nome deste ao teu afilhado?

— Meei-te.

— Que nome! (replica o lobo). Vamos comer o carneiro?

A raposa tornou a escusar-se com outro batizado, e foi acabar de comer o carneiro. O lobo vem:

— Como se chama o teu afilhado?

— Acabei-te.

— Vamos comer o carneiro?

Foram e chegaram ao sítio; assim que viram o rabo, disse a raposa:

— Puxa com força, compadre.

O lobo puxou, e caiu de pernas para o ar; a raposa safou-se.

(Airão)

NOTA: Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, p. 362 (vid. nota 1, p. 364 e 365). A fábula dos Highlanders versa sobre uma panela de manteiga; é popular na Noruega, como se vê pela coleção de Absjörnsen, *A Raposa e o Urso*.

A RAPOSA NO GALINHEIRO

De uma vez uma raposa apanhou um buraquinho num galinheiro, entrou para dentro fazendo-se muito esguia, e depois que se viu lá, comeu galinhas a farta. Quando foi para sair estava com a barriga muito cheia, e por mais que fez não pode passar pelo buraco. Viu-se perdida, porque já vinha amanhecendo. Por fim teve uma lembrança: Fingiu-se morta.

De manhã veio o lavrador e viu-a:

— Cá está ela. É que estrago que me fez!

Vai para lhe dar pancadas e matá-la, mas ve-a hirta, com a língua atravessada nos dentes e os olhos envidraçados:

— Poupaste-me o trabalho; morreste arrebetada. Foi bom.

E pegando-lhe pelas pernas atira-a para o meio da horta para a enterrar. A raposa assim que se viu fora do galinheiro, pernas para que te quero! botou a fugir pelos campos fora e fez do rabo bandeira. O lavrador deu a cardada ao dianho, e jurou que nunca mais se fiaria em raposas.

(Airão)

A RAPOSA E O GALO

Uma raposa viu um galo pousado em cima de um palheiro, e não podendo agarrá-lo começou a falar-lhe cá de baixo:

— Ó galo, tu não sabes? Veio agora uma ordem para todos os animais serem amigos uns dos outros. Nós cá as raposas já não temos guerra com os cães, estamos amigos; e tu podes-te descer cá para baixo, que eu já te não faço mal.

Estava nisto, quando vem uma matilha de cães, e farejando a raposa, botam-se atrás dela. A raposa ia sendo agarrada, mas fugiu o mais que podia. O galo de cima do palheiro gritava-lhe:

— Mostra-lhe a ordem! Mostra-lhe a ordem!

A raposa, ainda de longe, lhe respondia:

— Não tenho vagar! Não tenho vagar.

E fugia por entre uns tremoçais, que já estavam secos, que faziam uma grande bulha, e ela dizia:

— Ai, que rica festa! E logo hoje, que vou com tanta pressa.

(Airão)

NOTA: Nos *Contos Populares da Grã-Bretanha*, trad. de Brueyre, p. 369, vem também esta fábula. Acha-se em La Fontaine, *Le Coq et le Renard*.

O LOBO E A OVELHA

Uma vez um lobo encontrou uma ovelha, que andava a pascer, e disse-lhe:

— Ó ovelha! eu como-te.

Respondeu a ovelha:

— Pois sobe ali para cima, que eu entretanto vou pascendo, e depois entro-te lá mesmo pela boca dentro.

O lobo subiu para o alto do monte e esperou. A ovelha assim que viu o lobo longe, fugiu. O lobo começou a correr atrás dela, e como a não pudesse agarrar, disse:

Eu, que sou lobinho-cão
Nunca corri tanto em vão.

Respondeu a ovelha:

Eu, que sou ovelhinha ruça,
Nunca corri tanto de escaramuça.

(Vila Cova, Leite de Vasconcelos, *Trad.*, p. 183)

O RATO DA CIDADE E O RATO DA ALDEIA

Um Rato usado a cidade,
Tomou-o a noite por fora;
(Quem foge a necessidade?)
Lembrou-lhe a velha amizade
De outro Rato, que ali mora.

Faz um homem a conta errada
Muitas vezes, e acontece
Crescimento na jornada;
Diz, e entretanto na pousada,
Cidadão logo parece.

O pobre assi salteado
De um tamanho cortesão,
Em busca de algum bocado,
Vai e vem, sempre apressado,
Sem tocar c'os pés no chão.

Ordena a sua mezinha,
Pos-lhe nela algum legume,

Mesura, quando ia e vinha,
Deu-lhe tudo quanto tinha,
Pede perdão por costume.

Diz, quem tal adivinhara,
Contra o cortesão[46] severo,
Que tanto andara e buscara,
Té que alguma cousa achara,
A quem tanto devo e quero?

Cumpre porém nesta mesa,
Que haja mais fome, que gula:
Tem-lhe a fogueirinha acesa,
Faz rosto ledó a despesa,
Ve-a o outro, e dissimula.

E dizendo está consigo:
Que gente a d'entre penedos!
Quando há, de Pedro e Rodrigo!
Que bem diz o exemplo antigo,
Que não são iguais os dedos.

Ora, depois de comer
Jazendo detrás do lar,
Começa o nobre a dizer:

Dous dias, que hás de viver,
Aqui os queres passar?

Na aspereza do deserto,
Que não sei quem o suporte,
De urzes e de tojos coberto,
Sendo tudo tão incerto,
Sendo só tão certa a morte?
Vive, amigo, a teu sabor;
Mais é que cousa perdida
Quem por si escolhe o pior;
Vai-te comigo onde eu for,
Lá verás que cousa é vida.

E depois que ambas provares,
(Que eu de outrem não adivinho)
Quando te enganado achares,
Aqui tens os teus manjares,
I também tens o caminho.

Assi disse; eis o vilão
Em alvoroço e balança,
Ia, e vinha o coração,
Ora si, e ora não;

Venceu porém esperança.

E que pode i al[47] fazer!

Vive com tanto suor,

E mal pode inda viver;

Mal pode o amo vencer,

Sempre a saída é maior.

E diz: Quem não se aventura,

Não ganha; quem há que o negue?

Escolheram hora segura,

Foram pela noite escura;

Que o rico, o pobre segue.

Entram por paços dourados,

Cheirosos inda da ceia;

Tristes dos casais colmados,

Do sol, do vento queimados,

Pobre e faminha da aldeia!

Vou-me por meu conto avante;

Mostra-lhe o cidadão tudo,

Que traz no bucho um Infante;

Quem quereis que não se espante?

Anda o vilãozinho mudo.

Que somente em provar
Das cousas, que mais lhe aprazem,
Já começam de enjeitar;
Fartos para arrebentar
Em lãs estrangeiras jazem.

Nisto o despenseiro chega,
Que estes bens não duram tanto;
Ve-os, mas a pressa o cega,
Um tiro, ou dous mal emprega,
Corre-os de canto em canto.

Os cães a volta[48] se ergueram,
Ladram, que é alto serão.
As casas estremeceram;
Todos juntos lá correram.
Foi dita que os gatos não.

Sabia o da casa a manha,
Subiu o paço, e fugiu:
O Ratinho da montanha,
Aos pés em pressa tamanha

O coração lhe caiu.

Enfim passado o perigo
Da morte, que ante si vira,
O coitado só consigo
Polo seu repouso antigo,
Que mal deixara, suspira.

Minha segura pobreza,
Se chegarei a ver, quando
A vós torne, e esta riqueza,
Mal, que o mundo tonto preza,
Fuja, se puder, voando!

Ai baldias esperanças,
Meu entendimento fraco!
Deixemos tais abastanças,
Tais riquezas, tais mostranças,
Deus me torne ao meu buraco.[\[49\]](#)

(Francisco de Sá de Miranda, *Cart. TH*, est. 39, e segs.)

NOTA: É o n.º CVII das *Fábulas* de Babrius: «Dois ratos, um habitando nos campos como verdadeiro labrego, e outro recolhido em uma despensa bem fornecida, combinaram de viverem juntos. O cidadão foi prontamente ceiar ao campo o qual começava a verdejar e a florir. Depois de ter roído algumas raízes

de trigo húmidas e empastadas de terra, diz:

— Que vida miserável que tu aqui levas, pior do que a da formiga, roendo alguns grãoszitos que apodrecem na terra. Eu cá, tenho tudo em abundancia, até mesmo supérfluo; comparando-me contigo, eu vivo dentro do Como de Almateia. Se queres anda daí comigo; todos os teus dias a teu grado se tornarão dias de festa, e tu deixarás as toupeiras o cuidado de esgaravatar este torrão.

Leva ele então o rústico consigo, tendo-o convencido de vir para a habitação e teto dos homens. Foi-lhe mostrando onde estava a provisão de farinha, onde amontoados os legumes, as ceiras de figos, as talhas de mel e as bocetas de tamaras. Enquanto o campones ficava maravilhado da opulencia que estava vendo, metendo-se por todos os lados, e arrastando um queijo que tirara de um açafate, vieram abrir a porta. Imediatamente atirou-se de um salto rápido e todo trémulo procurou o esconderijo de um pequeno buraco, soltando confusamente alguns guinchos e sem roçar pelo corpo do seu hospedeiro. Depois de alguns momentos de expectativa botou o focinho de fora, e quando levava a boca um figo de caixa, entra um outro homem a buscar qualquer cousa. Os dois amigos esconderam-se o melhor que puderam, e o rato dos campos disse para o seu amigo:

— Goza tuas riquezas, regala-te em jantares assim, atasca-te nas delícias dos teus esplendidos bródios e de todas as satisfações de que gostas sempre em alarmes. Quanto a mim não deixarei a pequena moita de terra que me dá abrigo, e me faculta remoer tranquilamente os meus grãoszinhos.» (Trad. de Beyer, p. 85, Ed. 1844.)

A RAPOSA E O LEÃO ENFERMO^[50]

Os desejos são sem termo,
A esperança é saborosa:
Eu contentei-me deste ermo
Pola razão, que a Raposa
Deu ao Leão, que era enfermo:

Meu Rei, meu senhor Leão,
Olho cá, e olho lá,
Vejo pegadas no chão,
Que todas para lá vão,
Nenhuma vem para cá.

(Idem, *ib.*, e st. 45 e seg.)

NOTA: É a 6.^a Fábula de Loqman: «Um leão tendo envelhecido, chegou a não poder já ir a caça de outros animais. Resolveu empregar a manha para alcançar a subsistencia. Fingiu-se doente, e retirou-se a uma caverna. Aconteceu pois que qualquer dos animais que o ia visitar era por ele despedaçado dentro da caverna e devorado. Veio visitá-lo a Raposa, e parando a porta do antro cumprimentou-o nestes termos:

— Como vais de saúde, ó Rei dos Animais?

Respondeu-lhe o Leão:

— E porque não entras tu, ó Senhora do Castelo?

Replicou a Raposa:

— Meu senhor, nessa intenção vinha eu, mas estou a ver pelas pegadas marcadas no solo, que muitos são os visitantes que entram, e no entanto não vejo que haja saído um só deles.» (Trad. árabe por Joseph Benoliel, *op. cit.* p. 23).

A Fábula CII de Bahrius *O Leão Doente e os Animais*, é este mesmo tema graciosamente tratado. (Trad. de Beyer, p. 79).

AGLAU OU A BEM-AVENTURANÇA

Dos antigos Romãos foi perguntado
Apoio, qual dos homens desta vida
Julgava por mais bem-aventurado.

Respondeu a pergunta referida,
Que era Aglau; cousa mais não declarando,
O que a resposta fez mal entendida.

Eles que dele estavam esperando,
Que nomeasse algum mui conhecido
Dos grandes, que no mundo tinham mando:

Querendo conhecer quem preferido
Fora em ventura a régia dignidade,
Acharam, tendo já muito inquirido,

Ser um homem, que fora da cidade,
No campo cultivava uma horta pobre,
O qual era mais pobre de vontade.

(Diogo Bernardes, *Lima*, cart. II, v. 85 e seg.)

O BACOROTE^[51], AS OVELHAS, O LOBO E OS PORCOS DA ALDEIA

Bacorote orgulhoso
Deu vista ao gado ovelhum,
De quexiquer^[52] espantoso;
Trombejava ele hum e hum,
Andava todo bravoso.
Vem um dia o Lobo, e apanha
Pela cabeça o doudete:
Abrandou-lhe aquela sanha;
Brada: — Ah dos meus! Em tamanha
Pressa ninguém arremete.

Vinham os Porcos da aldeia
Mais atrás, grunhir ouviram,
Um escuma, outro esbraveia;
Estes si, que lhe acudiram,
Perdeu o Lobo a sua ceia:
Ele solto viu que o gado
De lã branca estava olhando
De longe, inda amedrontado:

Antes, disse, ser mandado,
Que em tal perigo tal mando [\[53\]](#).

(Sá de Miranda, *Églog.* VII, est. 57 e seg.)

O CERVO E O CAVALO

Quando tudo era falante,
Pascia o Cervo um bom prado;
I veio um Cavallo andante,
Quis comer algum bocado,
Pos-se-lhe o Cervo diante.
Outra razão lhe não deu,
(Que eram pascigos gerais)
Salvo — posso e quero, é meu.
Este meu, e este teu
Tanto há já que nos fez tais.

Vendo tão pouca prestança
O Cavallo, dantes forro,
Com desejo de vingança,
Pedindo ao homem socorro
Por terra a seus pés se lança.
Não pode a justa querela
Deixar de se por no meio;
Mas foi necessária a sela:
Pos-lhe, e fez-se forte nela,
Toma a rédea, prova o freio.

Assim dão volta ao imigo:
O Cervo, quando tal viu,
Homem ao Cavallo amigo,
Deixou-lhe o campo, e fugiu,
Foi buscar outro pascigo.
O Cavallo vencedor
Corre o verde e corre o seco,
Fora, fora o contendor;
Ficou-lhe porém senhor,
Não foi tanto o outro enxeco.[\[54\]](#)

Quem há tal medo a pobreza,
Tal a fome e frialdade,
Que por ouro e por riqueza
Dá a só rica liberdade,
E mais outrem, que a si preza?
Se lhe ves herdades largas,
Não lhe hajas inveja a troca;
Embaraçam as roupas largas,
Faz sangue o freio na boca,
As esporas nas ilhargas.

(Id., *Églog.* VIII, est. 73, e seg.)

A FORMIGA E A CIGARRA

O trigo, que juntou no seco estio
Solícita a Formiga assoalhava,
Des que o bosque deixou de ser sombrio.
A Cigarra importuna, que passava
Acaso por ali morta de fome,
Que lhe emprestasse dele, lhe rogava.
A fim que da resposta aviso tome,
Perguntou-lhe a Formiga, em que gastara
O tempo, em que se colhe o que se come?
A Cigarra lhe disse, que cantara,
Bem fora de cuidar poder cair
Naquela grande falta, em que se achara.
Começou a Formiga então de rir,
Dizendo: — Amiga, pois no verão cantas,
Podes bailar no inverno, e não pedir.

(Diogo Bernardes, *Lima*, cart. XIV, V. 151 e seg.)

O CÃO SÔFREGO

Um cão, passando um dia por um rio
De cristalinas águas e correntes,
Devia por razão de ser no estio;
Dum osso duro, que antre os duros dentes
Levava atravessado, a sombra viu
Naquelas frescas águas transparentes,
Ser outro mor cuidando, a boca abriu,
E por querer tomar a presa vã,
A certa na corrente lhe caiu.

(Diogo Bernardes, Lima, carta V, v. 31 e segs.)

A RÃ E O BOI

Mas que me dirás tu daquela Rã,
Que vendo o Boi no prado andar pascendo,
Chamou uma filha sua, ou sua irmã,
E disse-lhe: — Eu espero, se me estendo,
De ser tamanha, como este animal;
E começou de inchar, e foi crescendo.
Amiga, inchares muito, pouco val,
Respondeu a que veio; certa estou,
Que não lhe podeis nunca ser igual.
A douda da resposta não curou;
Antes inchou com tanta força tanto,
Que não cabendo em si, arrebentou.
As outras, em lugar de fazer pranto,
Riram da presunção desta sandia;
De rirem e zombarem não me espanto.
Além de ser costume, merecia
Tamanha vaidade, qual foi esta,
Fazerem dela grande zombaria.

(Bernardes, *Lima*, V, 160 e seg.)

A CEGA FÁTUA

Já lhe ouvi ao Cura, um dia
Contar lá na sua arenga
De certa mulher, que havia,
Que nesse tempo, em que via,
Como a Raposa, era senga.[\[55\]](#)

Eis senão que de repente
Mau ar a vista lhe veda;
Ficou cega em continente:
Porém foi tão levemente,
Que em vez de triste era leda.

Todos do trabalho seu
Se lhe mostravam pesantes;
Mas que resposta lhes deu?
O sol é que escureceu,
Que eu vejo melhor que dantes.[\[56\]](#)
Tal lhes sucede a uns doutores,
Que, no que querem querer,
Julgam por faltas menores
Mudar o sol seus primores,

Que eles o seu parecer.

(D. Francisco Manuel de Melo, *Obras Métricas*, églog. II, est. 77 e seg.)

O ÓDIO E O AMOR

Ouvi que o Ódio e o Amor
Jogaram a matar um dia,
A quem matava melhor:
Um se armou todo de dor,
Outro todo de alegria.

Ia o Ódio, o arco atesado,
Sempre envolto em fúria brava,
Fero, medonho, indignado:
Ia o Amor, mui repousado,
Salvando a quantos topava.

As gentes, que o Ódio viam
De tal jeito, anteparavam,
E as mais sem parar fugiam:
As setas se lhe perdiam,
Como do arco lhe voavam.

Mas indo delas fugindo
Os tristes homens com medo,
Eis o Amor, que era já indo,

Vai matando e vai ferindo,
Muito falso, e muito quedo,

Depois ao fazer da conta,
Com ser destro o Ódio e membrudo,
Não fez nada, ou tanto monta;
E o Amor só, sem perder ponta,
Tinha morto quase tudo.

Donde de certo se sabe,
Que por mais que o Amor estude,
Inda o Ódio é menos grave;
Somos tais, que em nós não cabe
Excesso, nem de virtude.

(D. Francisco Manuel de Melo, *Obras Métricas*, cart. 1, est. 19 e seg.)

A FORTUNA E O MOÇO

Diz um conto, que jazia
Sobola[57] borda dum poço,
Cheio e fundo em demasia,
Onde com párvua ousadia
Quis dormir a sesta um Moço.

Nisto, a Fortuna passou:
E vendo o que ali se azava,
Foi-se ao Moço, e o acordou;
Deu-lhe muito, ele gritou;
Ela dava, ele gritava.

Porque (diz) com tão mortais
Golpes me trata assim?
Ela responde (e dá mais):
Porque errais; e do que errais,
Me pondes a culpa a mim.

Quer no mar e quer na terra,
Buscais o risco por cama,
Trocais a paz pela guerra;

Então, se o apetite erra,
A Fortuna é quem se infama.

(D. Francisco Manuel de Melo, *Obras Métricas*, *cart.* II, est. 24 e seg.)

NOTA: Acha-se nas Fábulas de Babrius, n.º XLVIII: *O Obreiro e a Fortuna*.

«Uma noite, sobre a borda de um poço estava dormindo imprudentemente um operário. Ele acreditava que ouvia a Fortuna a rir para ele e dizer-lhe: — Meu amigo, ve lá se acordas! **Q**ueres tu, se tu caíres, que os homens me acusem, e que eles a meu respeito digam malévolas palavras? Todos me fazem responsável, desde que lhes acontece o menor acidente, ou a mais pequena queda.» (Trad. Beyer, p. 44.)

AS LEBRES E AS RÃS

Diz que as Lebres, como gente,
Um dia conselho houveram,
Por não viver tristemente;
E afogar-se de repente
Todas juntas resolveram.

Duas Rãs, como soíam,[\[58\]](#)
Junto ao charco eram, pastando
Adonde as Lebres corriam,
E de medo do que ouviam
Vão-se no charco lançando.

Uma Lebre mais ladina,
Que isto viu, teve-se quedo,
E gritou pela campina:
Tende mão, gente mofina,
Que inda há Rãs, que vos tem medo.

(Idem, *Cart. V*, est. 35 e seg.)

VARIANTE

Diz que lá não sei onde se ajuntaram as Lebres a conselho, e que por todas foi apontado, que se fossem lançar em uma lagoa, e se afogassem, sem ficar mais geração de tão triste gente, perseguida de todo o mundo, que toma seu perigo por divertimento. Ora indo já correndo todas, fizeram tão grande matinada, que as ouviram as Rãs que estavam junto do charco; e como tivessem grande medo do ruído, foram-se lançando na água, ganhando-lhe a dianteira do precipício.

Notou isso uma das lebres, que ia diante, e parou, fazendo deter as outras, a quem disse:

— Senhoras, tende mão, não nos lancemos a perder por miseráveis, pois vemos que ainda o são mais estas Rãs, que tem medo de nós, e a nosso respeito se precipitam.

O que digo, que não há estado tão triste no mundo que não haja outro mais triste, com que aquele possa consolar-se.

(D. Francisco Manuel de Melo, *Apólogo. Dialog.*, pág. 107 e seg.)

O LOBO E A RAPOSA

Quando tudo era falante,
Diz que a Raposa caiu
Num poço de água abundante:
Chegou um Lobo arrogante,
Que passava acaso, e a viu.

Duma polé pendurava,
Porque o poço era profundo,
Uma corda, a qual atava
Dous baldes: um no alto estava,
Noutro a Raposa no fundo.

Pois a bicha, que era arteira,
Chama o Lobo, e diz: — Senhor,
Já que eu não fui a primeira,
Socorrei vossa parceira,
Que eu sei que tendes valor.

Ora assim sem mais porfia
O Lobo, que é fanfarrão,
Já no balde se metia:

Ele cai, ela subia
Por uma mesma invenção.

Toparam-se ao perpassar;
E o Lobo, meio caindo,
Nem lhe ousava de falar;
Ela a rir, e a arrebentar
De se ver tão bem subindo.

Em fim ao medo venceu,
Fala o Lobo, e diz: — Comadre,
Isto vos mereça eu?
Ela a zombar do sandeu,
Nem lhe quis chamar Compadre.

Mas diz-lhe: Dum[59] vagabundo,
Teus queixumes não me empecem;
Acaba já de ir-te ao fundo:
Isto são cousas do mundo,
Quando um sobe, os outros descem.

(Id. *Cart.* VI, est. 21 e seg.)

O FILÓSOFO E O FANFARRÃO

C'um Filósofo chapado
Apostava um Fanfarrão,
A qual mais era, um cruzado;
O Fanfarrão era honrado,
O Filósofo vilão.

Cada qual das duas partes
Buscando a Justiça, apenas
(Que tu, Sorte, mal repartes)
Vão lá dar c'um Mestre em Artes,
Mestre das Artes de Atenas.

Chega o Fanfarrão, e alega
Por sextos progenitores,
Cuja fama ele hoje cega;
Cala, e o Filósofo chega,
O alega só seus suores.

Faz presente o estudo imenso,
O animo pronto a razão,
Seu juízo ao bem propenso;

Em fim que ali por extenso
Cada qual diz sim e não.

Eu já sei que o vosso intento,
Diz o Juiz sem receio,
É medir no entendimento
O próprio merecimento
C'o merecimento alheio.

Tu, que vens de altiva gente,
De cujo ser participas,
Não te nego a honra eminente:
Mas que importa, se vilmente
A não herdas, que a dissipas?

Porém tu, que entre os terrões
Das paternas semeadas[60]
Semeaste tais tenções,
Que todas tuas ações
Foram justas e regradas:

Se nunca errar procuraste,
Só do bem seguindo o esmo,[61]
Quando o creste, o imitaste,

Na virtude te geraste,
E foste pai de ti mesmo.

Quem logo o sangue turvou,
Não pode ser que mereça
Como aquele, que o apurou:
Neste a nobreza acabou,
Nest'outro agora começa.

(D. Francisco Manuel de Melo, *Obras Métricas*, cart. VIII, est. 16 e seg.)

JÚPITER E O SÁBIO

Diz que um Sábio impertinente
A Júpiter se queixava,
Porque no tempo presente
Já c'os homens não falava,
Qual falava antigamente.

Mas o Deus, porque entendesse
A gente a simples fadiga,
E a presente conhecesse,
Respondeu: Que qués[62] te diga,
Que o mundo te não dissesse?

Enquanto o mundo não viu
Casos de escarmentos vários,
Minha voz entanto ouviu:
Dei-lhe avisos necessários;
Chore, se os mal advertiu.

No que ontem foi, podes ver
O que há de ser amanhã;
Muito esperar, pouco crer;

A nova esperança é vã,
Se não crer o que não quer.

Se queres de pensamentos
Lançar pelo vento as redes,
Que só te caçam tormentos,
Queixa-te do mal que medes
Ditas e arrependimentos.

(D. Francisco Manuel de Melo, *Obras Métricas*, cart. IX, est. 25 e seg.)

O CONSELHO DOS RATOS

Os Ratos fizeram entre si uma grande, e a seu parecer, útil consulta (fábula é, mas doutrinal), querendo dar remédio a perseguição que lhes faziam os Gatos; pois raramente lhes escapavam das unhas; e dando cada qual seu parecer, acordaram que se deitasse um grande chocalho no pescoço dos Gatos, e com isto os não tomariam descuidados, pois ao tom do chocalho se poriam em cobro, ou acautelariam. Contentes todos com a traça, que parecia boa, respondeu um mais autorizado e velho: — E qual há de ser o primeiro da companhia, que se atreva a deitar esse chocalho? — Aqui calaram e pasmaram todos.

(Fr. João de Ceita, *Quadragen.* I, pág. 244, col. I)

A TARTARUGA E A ÁGUIA

Viu a Tartaruga voar a Águia por esses ares com tanta soltura e liberdade, quanta tem a rainha das Aves (fábula é com sua doutrina), e quis ela também fazer o mesmo. Pediu com encarecimento a Águia a quisesse levar ao alto, e tirar daquele poço, onde andava.

— És mui pesada, e impedida de membros e concha — lhe disse a Águia.

— Não importa isso nada — respondeu a Tartaruga —; que quem tão bem se meneia na água, que faz mais resistencia, por ser mais grossa, melhor o fará no ar, que é mais delgado.

— Que não tens asas, nem instrumentos para te ter?

— Não releva[63] — replica ela —, isto quero experimentar.

— Pera que te pões nesses perigos? — lhe pergunta a Águia.

— Porque quero ser conhecida, e não estar toda a minha vida em um poço, ou charco escondido; e se vós voais, também eu.

— Alto, vamos ambas acima.

Pega a Águia da Tartaruga, e em a largando, que esperais fosse dela? Caiu, e fez-se em pedaços. E vem o Conto a dizer: Que se não há asas, ou posses, pera que é querer voar ou dar de comer a ventos? Quem vive e se meneia no seu poço, pera que quer ares? Quem na sua herdade ou quinta, pera que quer Corte, ou Cidade? Quem no seu quartau[64], pera que em coches? Quem no pano honesto, pera que em galas, ou mangas perdidas, senão pera se perder? — Oh! que anda o outro assim, e é costume do tempo e da Cidade! — Quiçá[65] terá asas o outro, com que possa sustentar esse fausto e esse vento; mas quem se não pode bulir mais que uma Tartaruga, porque se não contenta com a sua concha,

ou com andar metido nelas?

(Fr. João de Ceita, *Quadrages.* I, pág. 244, col. I)

O HOMEM, O ÍDOLO E O TESOURO

Lá me lembra a mim fazer menção a Esopo, em uma Fábula sua, de certo Homem, que tinha em sua casa um ídolo, alfaia de seus antepassados, os quais fizeram dele seu mealheiro, ou depósito do seu dinheiro; porque além de o terem ali mais escondido, cuidaram o tinham mais guardado, encomendado ao seu Deus. O Homem, herdeiro da casa e do Ídolo, não sabendo do Tesouro deus em pobreza (como dão muitos herdeiros de grandes casas); e achando não ter outro meio mais eficaz pera se livrar da lazeira, que encomendar-se ao Deus, pois o tinha de casa, começou de lhe fazer suas novenas e preces: e pera ter mais efeito, ia-se ao campo todos os dias, e colhendo das flores e boninas, o enramava, e com mil capelas o laureava, e punha nas mãos ramalhetes, depois perfumes, etc. Continuou sua devoção per muitos dias; mas como o Deus era de pau tais tinha as respostas. A lazeira cada vez era maior, a bolsa mais magra, a fome mais viva; e quanto mais o apertavam as necessidades, mais deprecativas e brados multiplicava, e o Deus não lhe acudia. Ele um dia enfadado de tanto buscar de bonina, e fazer de ramalhetes sem proveito, deu-lhe a cólera e enviando-se ao ídolo, lhe pegou per uma perna e deu com ele no chão: e como era já antigo e carunchoso, quebrou em pedaços: começam de se espalhar os dobrões e as moedas de caras, ouro velho e fino. Ele, que não cabia de contente, olha pera o ídolo, e diz-lhe:

— E assim vos quereis vós? Por bem zombastes de mim e por mal me acudistes; quisestes-vos por mal. — Vem a dizer isto, que há gente, que quanto mais a animais, e fazeis de bem, mais de pedra e mais de pau se faz: vindes a tratá-la como Deus, e não há fruta no mundo que não vá pera aquele Ídolo; as primícias, que são de Deus, ele as logra; não há cravo, nem bonina, que suas mãos e narizes

não gozem; as cortesias e continências não tem número; mas pera vos fazer bem, é falar com um pau, ou com um Ídolo feito dele; tais como estes, espedaçá-los e maltratá-los, deitam alguma cousa.

(Fr. João de Ceita, *Quadragen.* pág. 267, col. 2)

NOTA: Encontra-se este tema nas Fábulas de Loqman: «*O Homem e o Ídolo.* — Um homem tinha em casa um ídolo a que prestava culto e a quem oferecia cada dia um sacrifício, até dar cabo de tudo o que possuía em despesas com o ídolo. Apareceu-lhe o ídolo e lhe disse:

— Não desbarates o que te pertence por mim, que depois me deitarás a mim as culpas. (Eis o conceito. Há tal que despence todos os seus bens no pecado, e que depois pretende que foi Deus que o empobreceu.» (Fáb. 16, trad. de Joseph Benoliel.)

É tema de uma simplicidade primitiva; mas na Fábula de Babrius *A Estátua de Mercúrio*, há já o espírito crítico do génio grego:

«Um homem tinha um Mercúrio de pau; era um artista. Todos os dias lhe oferecia libações e sacrifício, mas não melhorava de fortuna. Por fim, zangado contra o Deus, agarrando-o por uma perna, atirou-o ao chão e escacou-se-lhe a cabeça. Espalharam-se logo muitas moedas de ouro, que este tal foi apanhado e dizendo:

— Mercúrio, tu és um deus esquisito e ingrato para os teus adoradores. Enquanto me prosternei diante de ti não me concedeste nenhum dos teus favores, agora que me arrebatei até ao ultraje, é que te tornas liberal. É um culto inteiramente novo que eu desconhecia.» (Fábula CXVII. Trad. Beyer, 1844.)

AS DUAS MÃES

Vieram duas mulheres diante de Salomão com uma demanda notável. Traziam consigo dois meninos, um morto outro vivo: o vivo cada uma dizia que era seu filho, o morto cada uma dizia que o não era. **Q**ue faria o grande Rei nesta perplexidade? — Parta-se o menino vivo pelo meio, e leve cada uma a sua parte. — Ouvida a sentença, uma das mulheres consentiu, e disse, parta-se: a outra não consentiu, e disse, viva o menino, e leve-o embora minha competidora. E qual destas duas seria mãe? A que disse, viva o menino. Assim o julgou Salomão, e assim era: porque a que disse morra mostrou que não amava; a que disse, viva provou que amava, e da que amava o menino, desta era filho.

(P. António Vieira, Sermões, t. IV, pág. 367, n. 389.)

O QUE FAZ MAL A SI MESMO POR FAZÊ-LO A OUTREM

Houve um rei antigamente neste mundo, que sabendo de dous vassalos seus, que eram grandes inimigos entre si, mandou chamar o mais apaixonado, e disse-lhe:

— Quero-vos fazer uma merce, e há de ser a que vós me pedirdes; com advertencia que a hei de fazer dobrada a fulano, de quem sei, sois grande inimigo.

Beijou a mão ao rei pelo favor, e pediu logo por merce, que lhe mandasse arrancar um olho; porque assim seria obrigado a arrancar dous ao outro, para que ficasse cego, ainda que ele ficasse torto. E bem cego estava, quando procurava dano alheio sem proveito próprio

(Arte de Furtar, pág. 468 e seg.)

FÁBULAS DE ESOPO

(Vertidas do grego por Manuel Mendes, da Vidigueira)

I - O GALO E A PÉROLA

Andava o Galo esgravatando no monturo, para achar migalhas, ou bichos, que comer, e acertou de descobrir uma pedra: disse então: — Pedra preciosa, ainda que lugar sujo, se agora te achara um discreto Lapidário, te recolhera; mas a mim não me prestas; mais caso faço de uma migalha, que busco para meu sustento, ou dous grãos de cevada. Dito isto, a deixou, e foi por diante esgravatando para buscar conveniente mantimento.

II - O LOBO E O CORDEIRO

Estava bebendo um Lobo encarniçado em um ribeiro de água, e pela parte de baixo chegou um Cordeiro também a beber. Olhou o Lobo de mau rosto, e disse, reganhando os dentes:

— Porque tiveste tanta ousadia de me turvar a água onde estou bebendo?

Respondeu o Cordeiro com humildade:

— A água corre para mim, portanto não posso eu torvá-la.

Torna o Lobo mais colérico a dizer:

— Por isso me hás de praguejar? Seis meses haverá que me fez outro tanto teu pai.

Respondeu o Cordeiro:

— Nesse tempo, senhor, ainda eu não era nascido, nem tenho culpa.

— Sim, tens (replicou o Lobo) que todo o pasto de meu campo estragaste.

— Mal pode ser isso, disse o Cordeiro, porque ainda não tenho dentes.

O Lobo, sem mais razões, saltou sobre ele e logo o degolou, e o comeu.

III - O LOBO E AS OVELHAS

Havia guerra travada entre Lobos e Ovelhas; e elas, ainda que fracas, ajudadas dos rafeiros, sempre levavam o melhor. Pediram os Lobos paz, com condição que dariam de penhor seus filhos, e as Ovelhas que também lhe entregassem os rafeiros. Assentadas as pazes com estas condições, os filhos dos Lobos uivavam rijamente. Acodem os pais, e tomam isto por achaque de ser a paz quebrada; e tornam a renovar a guerra. Bem quiseram defender-se as Ovelhas, mas como sua principal força consistia nos rafeiros, que entregaram aos Lobos, facilmente foram deles vencidas, e todas degoladas.

IV - O REI DOS BUGIOS E DOIS HOMENS

Caminhavam dois companheiros, tendo perdido o caminho, depois de terem andado muito, chegaram a terra dos Bugios. Foram logo logo levados ante o rei, que vendo-os lhes disse: — Na vossa terra, e nessa por onde vindes, que se disse de mim, e do meu reino? Respondeu um dos companheiros: — Dizem que sois rei grande, de gente sábia, e lustrosa. O outro, que era amigo de falar verdade, respondeu: — Toda vossa gente são bugios irracionais, forçado é que o rei também seja bugio. Como isto ouviu o rei, mandou que matassem a este, e ao primeiro fizessem mimos, e o tratassem muito bem.

V - A ANDORINHA E OUTRAS AVES

Semeavam os homens linho, e vendo-os a Andorinha disse aos outros pássaros: — Por nosso mal fazem os homens esta seara, que desta semente nascerá linho, e farão dele redes e laços para nos prenderem. Melhor será destruirmos a linhaça, e a erva, que dela nascer, para que estejamos seguras. Riram as Aves deste conselho e não quiseram tomá-lo. O que vendo a Andorinha, fez pazes com os homens e se foi viver em suas casas. Eles fizeram redes, e instrumentos de caça, com que tomaram e prenderam todos os pássaros, tirando só a Andorinha, que ficou privilegiada.

VI - O RATO E A RÃ

Desejava um Rato passar um rio, e temia, por não saber nadar. Pediu ajuda a uma Rã, a qual se ofereceu de o passar, se se atasse ao seu pé. Consentiu o Rato, e tomando um fio, se atou pelo pé e na outra ponta atou o pé da Rã. Saltaram ambos na água, mas a Rã com malícia trabalhava por se mergulhar, por que o Rato se afogasse. O Rato fazia por sair para fora, e ambos andavam neste trabalho e fadiga. Passava um milhano por cima e vendo o rato sobre a água, se abateu per o levar, e levou juntamente a Rã, que estava atada com ele, no ar os comeu ambos.

VII - O LADRÃO E O CÃO DE CASA

Querendo um Ladrão entrar em uma casa de noite para roubar, achou a porta um Cão, que com ladridos o impedia. O cauteloso Ladrão, para o apaziguar, lhe lançou um pedaço de pão. Mas o cão disse: — Bem entendo que me dás este pão por que me cale, e te deixe roubar a casa, não por amor que me tenhas: porém já que o dono da casa me sustenta toda a vida, não deixarei de ladrar, se não te fores, até que ele acorde, e te venha estorvar. Não quero que este bocado me custe morrer de fome toda a minha vida.

VIII - O CÃO E A OVELHA

Demandou o Cão a Ovelha certa quantidade de pão, que dizia haver-lhe emprestado, ou dado na sua mão em depósito. Ela negou have-lo recebido. Dá o Cão tres testemunhas, convém a saber: um Lobo, um Buitre e um Milhano, os quais todos já vinham com o Cão subornados, e apostados a jurar em seu favor, como com efeito juraram, dizendo que eles viram receber a Ovelha o pão, que se lhe pedia. Vendo a prova, a condenou o Juiz a que pagasse; e como ela não tivesse por onde, lhe foi forçado tosquiar o pelo, e vende-lo ante tempo, do que pagou o que não comera, e ficou nua padecendo as neves e frios do inverno.

IX - O CÃO E A CARNE

Levava um Cão na boca um pedaço de carne, passava com ela um rio, e vendo no fundo da água a sombra da carne maior, soltou a que levava nos dentes, por tomar a que via dentro na água. Porém como o rio levou para baixo com sua corrente a verdadeira, levou também a sombra e ficou o Cão sem uma e sem outra.

X - A MOSCA SOBRE A CARRETA

Sobre um carro de mulas, carregado, pousou uma mosca, e achou-se tão altiva de ir a seu gosto, alta, que começou a falar soberba contra a mula dizendo que andasse depressa, senão que a castigaria, picando-a onde lhe doesse. Virou a mula o rosto dizendo: — Cala-te, parva sem vergonha, que não temo nem me podes fazer nada; o medo que me causa é do carreteiro, que leva na mão o açoite, que tu só com importunações cansas-me, sem me fazer outro mal.

XI - O CÃO E A IMAGEM

Buscando de comer, o Cão acertou de achar uma Imagem de homem, muito primorosa, e bem-feita de papelão com cores vivas. Chegou o Cão a cheirar por ver se era homem que dormia. Depois deu-lhe com o focinho e viu que se rebolava, e como não quisesse estar queda, nem tomar assento, disse o Cão: — Por certo que a cabeça é linda, senão que não tem miolo.

XII - O LEÃO, A VACA, A CABRA E A OVELHA

Fizeram parceria um Leão, uma Vaca, uma Cabra e uma Ovelha, para que caçassem de mão comum e partissem o ganho. Correndo sobre este concerto, acharam um Veado, depois de terem andado e trabalhado muito, o mataram. Chegaram todos cansados e cobiçosos da presa, e fizeram-no em quatro partes iguais. O Leão tomou uma, e disse: — Esta é minha conforme ao concerto; estotra me pertence por ser mais valente de todos; também tomarei a terceira, porque sou rei de todos os animais, e quem na quarta bulir, tenha-se por meu desafiado. Assim as levou todas, e os parceiros se acharam enganados, e com agravo, mas sofreram por serem desiguais na força ao Leão.

XIII - O CASAMENTO DO SOL

Dizem que em certo tempo desejou o Sol de se casar, e todas as gentes, agravadas disso, se foram queixar a Júpiter, dizendo: — Que no estio trabalhosamente sofriam um Sol, que com seus raios os abrasava, donde inferiam e provavam, que se o Sol casasse e viesse a ter filhos, queimaria o mundo todo; porque um Sol faria verão calmoso na Índia, outro em Grécia, outro na Noruega e terras setentrionais; pelo que sendo todas as tres zonas tórridas, não teriam as gentes onde viver. Visto isto por Júpiter, mandou que não casasse.

XIV - O HOMEM E A DONINHA

Um homem que caçava Ratos, prendeu na armadilha uma Doninha. Ela vendo-se em seu poder, lhe disse que a soltasse, e alegou razões, dizendo: que ela nenhum mal fazia, antes, lhe alimpava a casa de ratos e bichos, e sempre, por lhe fazer bem, os andava matando. Respondeu o homem: — Se tu por fazer bem o fizeras, devia-te eu agradecimento, mas como o fazes pelo comer, não te devo nada, antes te quero matar, que se eles te faltarem, comer-me-ás o meu, pior do que o fazem os mesmos ratos.

XV - A BUGIA E A RAPOSA

Rogava a Bugia a Raposa que cortasse a metade do seu rabo e lho desse, dizendo: — Bem ves que o teu rabo arroja, e varre a terra, e é defeito por demasiado; o que dele sobeja me podes prestar a mim, e cobrir-me estas partes, que vergonhosamente trago descobertas. Antes quero que arroje, (disse a Raposa) e varra o chão, e me seja pesado, que aproveitares-te tu dele. Por isso não to darei nem quero que coisa minha te preste. E assim ficou sem ele a Bugia.

XVI - JUNO E O PAVÃO

Veio o Pavão a Juno muito queixoso, dizendo, por que razão o Rouxinol havia de cantar melhor que ele, e ter-lhe outras muitas vantagens? Disse Juno, que não se agastasse; que por isso tinha ele as penas formosas cheias de olhos, que parecem estrelas. — Isso é vento (replicou o Pavão) mais tomara saber cantar. Juno respondeu. Não podes ter tudo. O Rouxinol tem voz, a Águia força, o Gavião ligeireza, tu contenta-te com tua formosura.

XVII - O LOBO E O GROU

Comendo o Lobo carne, atravessou-se-lhe um osso na garganta, que o afogava. Estando nesta afronta, pediu ao Grou que lhe valesse nela, e com seu pescoço comprido lhe tirasse do papo o osso. Fe-lo o Grou, tirou-lhe o osso, e estando livre o Lobo, pediu-lhe alguma parte do muito que antes se oferecia a dar-lhe. Porém o Lobo lhe respondeu: — Ó ingrato! Não me agradeces que te tivesse metido a cabeça dentro na minha boca, e que pudera apertar os dentes e matarte. Não me peças paga, que obrigado me ficas, e assaz és de ingrato em não reconheceres tão grande benefício. Calou-se o Grou, e foi muito arrependido do que fizera, dizendo: — Nunca mais por gente ruim meterei a cabeça, e vida em semelhante perigo.

XVIII - AS DUAS CADELAS

Tomando a uma cadela as dores de parir, e não tendo lugar donde parisse, rogou a outra que lhe desse a sua cama e pousada, que era em um palheiro, e tanto que parisse se iria com seus filhos. Fe-lo a outra com dó dela, e depois de haver parido, lhe disse que se fosse embora; porém a boa hóspeda mostrou-lhe os dentes, e não a quis deixar entrar, dizendo que estava de posse, e que não a lançariam dali, senão fosse por guerra e as dentadas.

XIX - O HOMEM E A COBRA

Na força do chuvoso e frio inverno andava uma Cobra fraca e encolhida, e um homem de piedade a recolheu, agasalhou e alimentou enquanto houve frio. Chegado o verão, começou a Cobra a estender-se, e desenroscar-se, pelo que ele a quis lançar fora; mas ela levantou o pescoço para o morder. O que vendo o homem, tomou um pau, assanhou-se a Cobra, e começaram ambos a pelejar. De que resultou ficar ela morta, e ele bem mordido.

XX - O ASNO E O LEÃO

O Asno simples e torpe encontrou-se com o Leão em um caminho; e de altivo, e presunçoso, se atreveu a lhe falar, dizendo: — Vades embora companheiro. Parou-se o Leão vendo este desatino e ousadia; mas tornou logo a prosseguir seu caminho, dizendo: — Leve cousa me fora matar e desfazer agora este; porém não quero sujar meus dentes, nem as fortes unhas em carne tão bestial e fraca. Assim passou, sem fazer caso dele.

XXI - O RATO CIDADÃO E MONTESINHO

Um rato que morava na Cidade, acertando de ir ao campo, foi convidado por outro, que lá morava, e levando-o a sua cova, comeram ambos cousas do campo, ervas e raízes. Disse o Cidadão ao outro: — Por certo, compadre, tenho dó de ti, e da pobreza em que vives. Vem comigo morar na Cidade, verás a riqueza, e a fartura que gozas. Aceitou o rústico e vieram ambos a uma casa grande e rica, e entrados na despensa, estavam comendo boas comidas e muitas, quando de súbito entra o despenseiro, e dois gatos após ele. Saem os Ratos fugindo. O de casa achou logo seu buraco, o de fora trepou pela parede dizendo: — Ficai vós embora com a vossa fartura; que eu mais quero comer raízes no campo sem sobressaltos, onde não há gato nem ratoeira. E assim diz o adágio: Mais vale magro no mato, que gordo na boca do gato.

XXII - A ÁGUIA E A RAPOSA

Tinha a Águia filhos e para os cevar levou nas unhas dois raposinhos tomados de uma lousa. A mãe, que o soube, lhe foi rogar que desse seus filhos. Mas a Águia lá do alto zombou dos rogos e disse que não deixaria de lhos comer. A raposa magoada começou logo a cercar a árvore, onde a Águia tinha seu ninho, de muitas palhas, tojos, paus secos e acendalhas de tal maneira, que pondo-lhe o fogo, fez uma fogueira muito grande. Viu-se a Águia atribulada do fumo, e labareda, e do receio que ardesse a árvore toda, lançou-lhe os filhos sem lhe tocar, e quase ficou chamuscada pela indústria da Raposa.

XXIII - O GALO E A RAPOSA

Fugindo as Galinhas com seu Galo de uma Raposa, subiram-se em um pinheiro, e como a Raposa ali não pudesse fazer-lhes mal, quis usar de cautela, e disse ao Galo: — Bem podeis descer-vos seguramente, que agora acabou-se de assentar paz universal entre todas as aves e animais; portanto vinde, festejaremos este dia. Entendeu o Galo a mentira; mas com dissimulação respondeu: — Estas novas por certo são boas e alegres, mas vejo acolá assomar tres Cães; deixemo-los chegar, todos juntos festejaremos. Porém a Raposa, sem mais esperar, acolheu-se dizendo: Temo que o não saibam ainda, e me matem. Assim se foi e ficaram as Galinhas seguras.

XXIV - O BEZERRO E O LAVRADOR

Tinha um Lavrador um Bezerro, forte e mimoso e po-lo no jugo, com outro boi manso; mas como o Bezerro o não quisesse tomar nem sofrer, com pancadas e pedradas, trabalhava o Lavrador per o amansar. E disse ao Boi manso: — Não te tomo com este para que lavres, que ainda não é para isso, senão para o amansar de pequeno, porque depois que for touro madrigado não haverá quem o amanse.

XXV - O LOBO E O CÃO

Encontrando-se um Lobo e um Cão em um caminho, disse o Lobo: Inveja tenho, companheiro, de te ver tão gordo, com o pescoço grosso e cabelo luzidio; eu sempre ando magro e arrepiado. Respondeu o Cão: — Se tu fizeres o que eu faço, também engordarás. Estou em uma casa, onde me querem muito, dão-me de comer, tratam-me bem; e eu tenho cuidado só de ladrar quando sinto ladrões de noite. Por isso, se queres, vem comigo, terás outro tanto? Aceitou o Lobo, e começaram a ir. Mas no caminho disse o Lobo: — De que é isso companheiro, que te vejo o pescoço esfolado? Respondeu o Cão: — Porque não morda de dia aos que entram em casa, estou preso com uma corda, de noite me soltam até pela manhã, que tornam a prender-me. — Não quero tua fartura; respondeu o Lobo: A troco de não ser cativo, antes quero trabalhar, e jejuar livre. E dizendo isto se foi.

XXVI - OS MEMBROS E O CORPO

As mãos e os pés se queixavam dos outros membros, dizendo — que eles toda a vida trabalhavam e traziam o corpo as costas, e tudo redundava em proveito do estomago que comia sem trabalho; portanto que se determinasse a buscar sua vida, que eles não haviam de dar-lhe de comer. Por muito que o estomago lhes rogou, não quiseram tomar outra determinação, e assim começaram a negar-lhe a comida: e ele enfraqueceu. Mas como juntamente enfraquecessem os pés e mãos, tornaram depressa a querer alimentá-lo; mas como já a fraqueza fosse muita, nada lhes valeu, e morreram todos juntamente.

XXVII - A ÁGUIA E A COREIXA

A Águia tomou nas unhas um Cágado para cevar-se, e trazendo-o pelo ar, e dando-lhe picadas, não podia matá-lo, porque estava mui recolhido em sua concha. Embravecia-se muito com isso a Águia, sem lhe prestar, quando chega a Coreixa, e diz: — A caça que tomastes é em extremo boa, mas não podereis gozar dela senão por manha. Disse a Águia que lhe ensinasse a manha e partiria com ela da caça. A Coreixa o fez dizendo: — Subi-vos sobre as nuvens, e de lá deixai cair o Cágado sobre alguma laje, quebrará a concha e ficar-nos-á a carne descoberta. A Águia assim o fez; sucedendo como queriam, comeram ambas da caça.

XXVIII - A RAPOSA E O CORVO

O Corvo apanhou um queijo, e com ele fugindo, se poisou sobre uma árvore. Viu-o a Raposa, e desejou de lhe comer o seu queijo: e pondo-se ao pé da árvore, começou a dizer ao Corvo: — Por certo que és formoso, e gentil-homem, e poucos pássaros há que te ganhem. Tu és bem-disposto e mui galante; se acertaras de saber cantar, nenhuma ave se comparará contigo. Soberbo o Corvo destes gabos e desejando de lhe parecer bem, levanta o pescoço para cantar; porém abrindo a boca, caiu-lhe o queijo. A Raposa o tomou e foi-se, ficando o Corvo faminto e corrido de sua própria ignorancia.

XXIX - O LEÃO E OS OUTROS ANIMAIS

Estava um Leão doente e fraco de velho, e vindo um Porco-Montes, que lhe lembrou ser maltratado dele noutro tempo, deu-lhe uma forte trombada, e passou. Veio um Touro e escornou-o, e outros muitos animais por se vingarem o maltrataram. Por derradeira veio um asno e deu-lhe dous couces, com que lhe derrubou as queixadas. Chorava o Leão, dizendo: — Tempo sei eu que todos estes só de meu bramido tremiam e nenhum havia tão forte, que não fugisse de se encontrar comigo, agora que me veem fraco, todos querem vingar-se, e não há quem não se me atreva.

NOTA: João de Deus, com a sua intuição poética tratou artisticamente o tema desta fábula alegorizando no Leão velho Portugal caído no meio das fações políticas da pedantocracia liberal, ao serviço de uma dinastia tarada: Leão moribundo. *Achou-se um dia o rei dos animais / Por velhice ou doença moribundo, / É (há casos neste mundo / Incríveis, mas reais...) / Quem dantes mais solícito o servia, / É que as portas da morte o injúria! // Veio o cavalo e deu-lhe uma patada! / Veio o lobo, ferrou-lhe uma dentada, / Veio o boi, arrumou-lhe uma marrada! / Ele, coitado, manso como um lago, / Apenas lhes lançou um olhar vago. // Mas, quando ouviu um zurro, / E olhando então deveras, / Viu aos pinotes vir correndo o burro... / Ah! presentindo a injúria, / O forte de outras eras, / Rei dos bosques e feras, / Em suma, o grande, o generoso, o forte, / Arranca das entranhas / Um gemido, um rugido, um uivo, um urro, / Que retumbou por vales e montanhas: / «Antes a morte! a morte! / A morte! a morte!» (Campo de Flores, p. 252. Ed. 1897.)*

XXX - AS RÃS E JÚPITER

As Rãs, no outro tempo, pediram a Júpiter que lhes desse rei, como tinham outros muitos animais. Riu-se Júpiter da ignorante petição, e deferindo a ela, lançou um madeiro no meio da lagoa. Começaram as Rãs a ter-lhe respeito, porém desde que entenderam que não era cousa viva, de novo tornaram a Júpiter pedindo rei. Agastado Júpiter da importunação, deu-lhes a Cegonha, que começou a come-las uma a uma. Vendo elas esta crueldade, foram-se com queixas, e por remédio a Júpiter, mas ele as lançou de si, dizendo: — Andai para loucas: já que vos não contentastes do primeiro rei, sofrei este, que tanto me pedistes.

XXXI - AS POMBAS E O FALCÃO

Vendo-se as Pombas perseguidas do Milhano, que as maltratava de quando em quando, e buscando como poderiam livrar-se, quiseram valer-se do Falcão. Tomou este o cargo de as defender; mas começou a tratá-las muito pior, matando-as e comendo-as sem piedade. Vendo-se sem remédio, diziam: Com razão padecemos, pois não nos contentando do que tínhamos, soubemos tão mal escolher cousa que tanto nos importava.

XXXII - O PARTO DA TERRA

Em certo tempo, começou a Terra a dar urros, e inchar, dizendo que queria parir. Andava a gente mui pasmada, e cheia de temor, e receosa que nascesse algum monstro proporcionado com a mãe, que pudesse destruir o mundo todo. Chegado o tempo do parto, estando todos juntos suspensos, pariu a Terra um Murganho, e ficou sendo riso o que antes era medo.

XXXIII - O GALGO VELHO E SEU AMO

A um Galgo velho, que havia sido muito bom, se lhe foi uma lebre dentre os dentes, porque quase já os não tinha. O amo por isso o açoitou cruelmente, e lançou de si, como coisa que nada valia. Disse o Galgo: Deves, senhor, lembrar-te como te servi bem enquanto era moço, quantas lebres tomei, e quanto me estimavas: agora que sou velho, e estou posto no osso, por uma que me fugiu, me açoutas, e lanças fora, devendo perdoar-me e pagar-me bem o muito que te tenho servido.

XXXIV - AS LEBRES E AS RÃS

Vendo-se as Lebres corridas dos Galgos e espantadas de todos os animais, assentaram, por não passar tanto sobressalto, de se matarem afogadas em um rio; e querendo dá-lo a execução, como corressem com ímpeto para se arremessarem na água, chegando a borda dela viram grande número de Rãs saltarem com medo na ribeira. Reportaram-se as Lebres um pouco, e mudando o conselho, disseram: — Pois que vivem estas Rãs, havendo medo de nós e de todos os que no-lo causam, soframos nós a vida, que já há outros mais acossados e medrosos.

NOTA: Acha-se nas Fábulas de Babrius, n.º XXIV: «As lebres resolveram por termo a vida, indo-se precipitar na água turva de um charco, pois que eram os mais medrosos dos animais, que na sua poltroneria só tinham folego para fugir. Assim que elas chegaram junto de um grande charco, viram sobre as suas margens uma multidão de rãs, que de um salto se precipitaram no lodaçal. As lebres estacaram, e uma delas, enchendo-se de coragem disse:

— Vamo-nos embora. Já não é preciso morrer, porque ainda há quem tem mais medo do que nós.» (Trad. Beyer, p. 29.)

XXXV - O LOBO E O CABRITO

Uma Cabra, indo pastar ao campo, deixou o filho em casa e mandou-lhe que não abrisse ao Urso, nem Lobo, que ali viesse, porque morreria. Ida ela veio um Lobo, e fingindo a voz de Cabra, começou a afagar o cabrito, dizendo — que lhe abrisse, que era sua mãe. Ouvindo isto o Cabrito, chegou a porta e por uma fenda olhou, e viu o Lobo, e sem outra resposta virou as costas e recolheu-se em casa. O Lobo foi-se, e ele ficou salvo.

XXXVI - O CERVO, O LOBO E A OVELHA

Demandava o Cervo a Ovelha falsamente certo trigo, que dizia haver-lhe emprestado. A Ovelha pudera negar-lho, mas receou, porque estava um Lobo, de companhia com o Veado, e assim com dissimulação lhe disse: Rogo-te por tua vida, que esperes alguns dias, e então averiguaremos nossas contas, que eu te pagarei quanto te dever. Foi contente o Cervo. Porém tanto que ambos se encontraram sem o Lobo estar presente, a Ovelha o desenganou, que nem lhe devia trigo, nem lho devia de pagar.

XXXVII - A CEGONHA E A RAPOSA

Sendo amigas a Cegonha com a Raposa, a Raposa a convidou um dia a jantar. Chegado o tempo, preparou a Raposa ardilosa uma comida líquida, manjar como papas e a estendeu por uma lousa, e importunava a Cegonha a que comesse. Mas como ela picava na lousa, quebrava o bico, e nada tomava nele, com que se foi faminta para o ninho. Mas por se vingar, convidou a Raposa outra vez e lançou o manjar em uma almotolia, donde comia com o bico, e pescoço comprido. E a Raposa não podendo meter o focinho, se tornou para sua casa, corrida e morta de fome.

XXXVIII - A GRALHA E OS PAVÕES

Fez-se a Gralha bizarra e louca vestindo-se de penas de Pavões, que pediu emprestadas e desprezando as outras Gralhas, andava com os Pavões de mistura. Porém eles lhe pediram as suas penas, e começando a depená-la, todos lhe levavam penas e carne no bico. Depois querendo chegar-se as outras, ainda que com temor e vergonha, diziam elas: Quanto te valera mais contentares-te com o que te deu a natureza, que queres mudar de estado; para vires a este em que estás, pelada, ferida e vergonhosa.

XXXIX - A FORMIGA E A MOSCA

Entre a Mosca e a Formiga houve grande altercação sobre pontos de honra. Dizia a Mosca: — Eu sou nobre, vivo livre, ando por onde quero, como viandas preciosas, e assento-me a mesa com o rei, e dou beijos nas mais formosas damas. Tu mal-aventurada, sempre andas trabalhando. Respondeu a Formiga: Tu és douda ociosa. Se pousas uma vez em prato de bom manjar, mil vezes comes sujidades e imundícias, aborrecida de todos; se te pões no rosto das damas ou a mesa com o rei, não é por sua vontade, senão porque tu és enfadonha e importuna.

XL - A RÃ E O TOURO

Andava um grande Touro passeando ao longo da água, e vendo-o a Rã tão grande, tocada de inveja, começou de comer, e inchar-se com vento, e perguntava as outras se era já tão grande. Responderam elas que não. Torna a Rã segunda vez, e põe mais força por inchar; e desenganada do muito que lhe faltava para igualar o Touro, terceira vez inchou tão rijamente, que veio a arrebentar com cobiça de ser grande.

XLI - O CAVALO E O LEÃO

Viu o Leão andar comendo o Cavalo em um outeiro, e cuidando em que maneira faria que lhe esperasse para o matar, chegou-se com palavras amigas, dizendo que era médico, se queria que o curasse. O Cavalo, que o conheceu e entendeu, disse com dissimulação:— Em verdade, vens, amigo a bom tempo, que tenho neste pé um estrepe de que estou maltratado. Chegou-se o Leão a ver-lhe o pé; e o Cavalo o levantou e lho assentou nas queixadas, em modo que ficou embaraçado; e tornando em si, vendo era ido o Cavalo, disse: — Por certo que fez bem em me ferir e ir-se, pois eu queria come-lo e não curá-lo.

XLII - AS AVES E O MORCEGO

Havia guerra travada entre as Aves e outros animais, que, como eram fortes, andavam as Aves maltratadas e vencidas. Temeroso disto, o Morcego passou-se do bando contrário e voava por cima dos animais de quatro pés, posto já de sua parte. Sobreveio a Águia em favor das Aves, e alcançaram vitória. E tomando o Morcego, em castigo de traição, lhe mandaram que andasse sempre pelado e as escuras.

XLIII - O CAVALO E O ASNO

Indo o Cavalo com jaezes ricos de seda e ouro de muito preço, encontrou no caminho um Asno carregado, e disse-lhe com muita soberba: Animal descomedido, porque não me dás lugar; e te desvias para que eu passe? Calou e sofreu o pobre Asno. Mas daí a poucos dias emaqueceu o Cavalo, e puseram-no de albarda para servir. Acertou o Asno de o achar carregado de esterco, e disse-lhe: — Que vai, irmão, onde está vossa soberba, porque não mandais agora que me arrede, como fazias em outro tempo?

XLIV - O FALCÃO E O ROUXINOL

O Falcão uma manhã se apossou do ninho onde o Rouxinol tinha seus filhos, e quis matá-los. Começou o Rouxinol com muita brandura a rogar-lhe que não os matasse, e que o serviria. Disse o Falcão, que era contente, se cantasse de modo que o satisfizesse. Começou o triste Rouxinol a cantar muito sentido, e suave. Porém o Falcão mostrando-se descontente da música, começou a come-los. Chega nisto por detrás um caçador e lança ao Falcão um laço em que o prendeu e o levou arrastos, e o Rouxinol ficou livre.

XLV - AS ÁRVORES E A MACHADA

Um machado de aço bem forjado, faltando-lhe o cabo, sem ele não podia cortar. Disseram as Árvores ao Zambujeiro, que lhe desse o cabo. E como o machado esteve encavado, um homem com ele começou a fazer madeira, e destruir o arvoredo. Disse então o Sobreiro ao Freixo: — Nós temos a culpa, que demos cabo ao Machado para nosso mal; porque a não lho darmos, seguras pudéramos estar dele.

XLVI - O ASNO E O MERCADOR

Um tendeiro caminhando para a feira levava um Asno carregado de mercadorias, que de mui fraco, andava devagar. O Mercador cobiçoso com desejo de chegar, dava tanto no Asno, que não podia bulir-se, que caiu no caminho com a carga e morreu. Depois de morto o esfolaram e da pele lhe fizeram um tambor, em que andavam de contínuo rangendo e batucando.

XLVII - O RATO E A DONINHA

Uma Doninha, como de velha e cansada, não pudesse já caçar, usava esta manha: Enfarinhava-se toda e punha-se mui queda a um canto da casa. Vinham alguns Ratos que cuidando ser outra coisa, chegavam por comer, e ela os comia. Por derradeiro veio um Rato velho, que tinha já escapado de muitos trances, e posto de longe disse: — Por mais artes que uses, não me colherás. Engana tu a esses pequenos; mas eu, conheço-te bem, não hei de chegar a ti. E dizendo isto, foi-se.

XLVIII - A RAPOSA E AS UVAS

Chegava a Raposa a uma parreira, viu-a carregada de uvas maduras e formosas, e cobiçou-as. Começou a fazer suas diligencias para subir, porém como estavam altas e íngreme a subida, por muito que fez, não pode trepar; pelo que disse: — Estão uvas em agraço e botar-me-ão os dentes, não quero colhe-las verdes, que também sou pouco amiga delas. E dito isto se foi.

XLIX - O PASTOR E O LOBO

Fugiu um Lobo de um caçador que vinha em seu seguimento, e diante de um Pastor se escondeu em umas moutas, rogando-lhe que se o caçador lhe perguntasse, dissesse era ido. Ficou o Pastor de o fazer. E chegou o caçador, perguntando pelo Lobo, o Pastor lhe dizia que era ido, mas com a cabeça lhe acenava para onde estava; não atentou o caçador nos acenos, e foi-se. Saiu o Lobo e disse-lhe o Pastor: — Que vai amigo, muito me debes, bom valedor tiveste em mim. Valeu-me a mim minha ventura, (respondeu o Lobo) e não te entender o caçador, pelo que nada te devo, antes se bendigo a tua língua, amaldiçoo a tua cabeça, que tanto fez por me descobrir.

L - O ASNO E A CACHORRINHA

Vendo o Asno que seu amo brincava com uma Cachorrinha, e se alegrava com ela, e a tinha a mesa, dando-lhe de comer, porque o afagava vindo de fora e saltava nele, creio que se o outro tanto lhe fizesse, também seria estimado; e com essa inveja se vai ao senhor em entrando de fora e pondo-lhe as mãos sobre os ombros, começou a lambe-lhe o rosto com a língua. Espantado o amo, brada, e acodem os criados e a poder de muitas pancadas tornaram a meter o Asno em sua estrebaria.

LI - O LEÃO E O RATO

Estando o Leão dormindo, andavam uns Ratos brincando ao redor dele, e saltando-lhe por cima, o acordaram. Tomou ele um entre as mãos, e estava para o matar, mas pelo, ter em pouco, e pelos muitos rogos, com que lhe pedia, o soltou. Sucedeu daí a pouco tempo cair o Leão em uma rede, onde ficou liado, sem poder valer-se de suas forças. E sabendo-o o Rato, tal diligencia pos, que roeu brevemente os laços e cordéis, e soltou o Leão, que se foi livre, em paga da boa obra que lhe fez.

LII - O MILHANO E SUA MÃE

Estando o Milhano enfermo e receando a morte, que via já chegada, rogou de propósito a sua mãe que fizesse, por sua saúde, romarias aos Santos. Respondeu ela: De boa vontade, filho, as fizera, mas temo que não te prestem; porque como gastaste a vida toda em males e sempre com teu esterco sujaste os Templos dos Santos, receio que não me queiram ouvir, ainda que os rogue por sua saúde.

LIII - O PORCO E O LOBO

Estava uma Porca com dores de parir, e um faminto Lobo se chegou a ela, dizendo que era seu amigo, e tinha dó de a ver desamparada, que queria servir-lhe de parteira. Bem entendeu a Porca que vinha ele por lhe comer os filhos; e dissimulando disse: — que não pariria enquanto ele ali estivesse, que era mui vergonhosa, e que se pejava dele, que era seu afilhado; portanto, que se fosse e a deixasse parir, e que depois tomaria. Fe-lo o Lobo assim, mas em se desviando dali, a Porca também se foi buscar um lugar seguro em que parir.

LIV - O VELHO E A MOSCA

Repousava a soalheira um Velho calvo, com a cabeça descoberta, e uma Mosca não fazia senão picar-lhe na calva. Acudia logo o Velho com a mão, e como ela fugisse mui depressa, dava em si mesmo grandes palmadas, de que a Mosca gostava e se ria. Disse o Velho: — Ride-vos, embora, de quantas vezes eu der em mim; que isso não me mata, mas se uma só vez vos acerta, ficareis morta, e pagareis o novo e o velho.

LV - O CORDEIRO E O LOBO

Andava um Cordeiro entre as cabras e chegou o Lobo, dizendo-lhe: Não é este o teu rebanho, vem comigo, levar-te-ei a tua mãe. Respondeu o Cordeiro: — Não quero; porque esta Cabra me quer muito, e me faz mais mimo que a seu próprio filho. Contudo (replicou o Lobo) melhor estarás com tua mãe. Bem estou aqui (disse o Cordeiro) não quero provar ventura, que por bem que me suceda, não deixará o pastor de me tirar o velo, e ficarei morrendo de frio.

LVI - O HOMEM POBRE E A COBRA

Um homem pobre costumava afagar e dar de comer a uma Cobra, que em sua casa trazia; e enquanto assim o fez, tudo lhe ia por diante. Depois, por certa agastadura, fez-lhe uma grande ferida. E vendo que tornava a empobrecer, com muitas palavras e humildade lhe pediu perdão. Respondeu a Cobra: — Eu de boamente te perdoo, mas não te há de isto prestar para deixares de ser pobre; que esta ferida sempre me há de doer, e sempre há de estar pedindo vingança de ti.

LVII - O BUGIO, O LOBO E A RAPOSA

Querelou o Lobo da Raposa, dizendo que fizera um furto. Era juiz o Bugio. E a Raposa negou fortemente, disputando ambos diante do juiz e cada um descobriu quantas maldades sabia do outro. Depois de o Bugio os ouvir, pronunciou a sentença, dizendo: que o Lobo não provara bem ser-lhe feito furto: mas que ele entendera que a Raposa tinha furtado alguma cousa; portanto, condenava a ambos que ficassem entre si sempre desavindos, e suspeitosos.

LVIII - A FAIA E A CANANOURA

A Faia alta e direita não queria dobrar-se ao vento, antes vendo a Cananoura que se meneava facilmente, a aconselhava que estivesse tesa, sem dobrar-se. Respondeu a Cananoura: — Tu podes resistir e eu não, que não tenho raízes compridas, nem sou forte como tu és. Dizendo isto, veio um pé de vento com braveza, que arrancou a Faia com raízes e tudo; mas a Cananoura, que se dobrou, ficou em pé.

LIX - A FORMIGA E A CIGARRA

No inverno tirava a Formiga da sua cova a assoalhar o trigo, que nela tinha, e a Cigarra com as mãos postas lhe pedia que repartisse com ela, que morria a fome. Perguntou-lhe a Formiga: que fizera no estio, porque não guardara para se manter? Respondeu a Cigarra: — O verão e estio, gastei a cantar e passatempo pelos campos. A Formiga então, perseverando em recolher seu trigo, lhe disse: — Amiga, pois os seis meses de verão gastaste em cantar, bailar é comida saborosa e de gosto.

NOTA: Por muito velha e universal que seja uma fábula, ela pode pela alegorização receber um sentido novo, atualizando-se. Assim, representando na Formiga o povo que trabalha, e na Cigarra a aristocracia que se diverte, faz-se o quadro do conflito que sintetiza a Revolução Francesa. No poemeto *Leviatã*, trata-se assim o tema esópico: *Debaixo de um sol de agosto, / Na fadiga / A que a precisão obriga, / Gira da aurora ao sol posto / A Formiga. // Aqui sobe, ora além desce, / Quase esbarra; / De manhã, 'té que anoitece / Canta ociosa de entre a messe / A Cigarra. // Chega a enxurrada de outubro: / — Minha amiga! / Fome negra... este olhar rubro... / Que horrenda crise descubro! / Ai Formiga. // Com frio, faminta, inquieta / Seu mal narra; / Responde a outra: «Pateta! / Cura a febre com dieta, / Mãe Cigarra. // Chasqueavas-me em agosto, / Na fadiga / Com descuidada cantiga; / Hoje, vai-te e dança ao gosto / Da Formiga.» // E foi o Seis de outubro o grande dia / Da tremenda Justiça! Dia amargo, / Embate de dois mundos. / Pelo caminho que a Versalhes guia, / Irrompe a multidão que expande ao largo / Doestos iracundos. (Visão dos Tempos, C. IV, 221).*

LX - O CAMINHANTE E A ESPADA

Achou um Caminhante uma Espada bem guarnecida em meio da estrada, e perguntou-lhe, quem a perdera, e deixara ali. Calou-se ela e esteve queda. Depois, sendo outra vez perguntada, respondeu: — Ninguém me perdeu a mim, ainda que me ves lançada neste chão, antes eu fiz perder a muita gente; que dando ocasiões a brigas, matei alguns homens de que resultou ficarem perdidos os matadores, e os mortos mais perdidos se não estavam em graça; porque caminharam para o Inferno.

LXI - O ASNO E O LEÃO

Encontrando-se em um caminho o Asno com o Leão, lhe disse: — Subamos a um outeiro, que quero que vejas os muitos animais, que hão medo de mim. Riu-se o Leão e foi com ele. Zurrou o Asno, e fez fugir grande número de lebres, coelhos, zorras e outros semelhantes. Disse-lhe então: — Que te parece? Ves este medo com que fogem de mim? Fogem de ti (respondeu o Leão) os fracos, que são os que cobram medo de ouvir bradar; mas eu sem brados desfaço as mãos os mais valentes; pelo que de nenhum, nem de ti tenho temor.

LXII - A GRALHA E A OVELHA

Uma Gralha ociosa pousou sobre o pescoço da Ovelha, e ali a repelava, e lhe tirava a lã, picando-a por entre ela. Virou a Ovelha o rosto, dizendo:

— Esta manha ruim e antiga haveis de deixá-la esquecer, que podeis ir picar um rafeiro no pescoço e matar-vos-á levemente. Respondeu a Gralha:

— Já sou velha, e muito feia e conheço a quem posso agravar e a quem devo afagar. Não temas que me ponha no pescoço do cão, senão no teu, que me não podes fazer mal.

LXIII - O BOI E O VEADO

Por fugir o Veado de um caçador, se acolheu a vila, e entrando medroso em uma estrebaria, achou o Boi, a quem perguntou — se podia esconder-se ali. Disse o Boi, que era muito certo o morrer e que antes devera tornar-se ao mato, e contudo o escondeu, e o cobriu de palha. Veio o dono da estrebaria e olhando por ele, viu as pontas do Veado. Foi descobri-lo, e achou o que era. Mas disse-lhe: Já que de tua vontade vieste a minha casa, não te quero matar, senão defender e fazer muitos mimos.

LXIV - O HOMEM E O LEÃO

Andando o Leão a caça, meteu um estrepe no pé, com que não podia bulir-se. Encontrou um homem e mostrou-lhe para que lho tirasse. Fe-lo assim o homem, e o Leão em paga partiu da caça com ele. Dali a muito tempo foi tomado este Leão para certas festas e nelas se lançavam homens para que os matassem. Entre eles lhe lançaram este que o curou, que estava preso por algumas culpas. Porém o Leão não só o não matou, antes se pos em sua guarda, e o acompanhou toda a vida, caçando para ele.

LXV - O LOBO E A RAPOSA

O Lobo se aparelhou e proveu sua cova muito bem de mantimento. A Raposa chegou e disse que obrigada de amor andava atrás dele, por ve-lo e servi-lo. Não quero o teu serviço, (disse o Lobo) que tua intenção não é senão roubar-me e comeres-me o que eu tenho. Vendo-se a Raposa alcançada, buscou quem matasse o Lobo, e meteu-se de posse da sua cova, e de quanto estava nela, mas sobrevindo uns caçadores, foi achada dos cães e feita em pedaços.

LXVI - O LEÃO E OUTROS ANIMAIS

Eleito o Leão rei de todos os animais, prometeu de a nenhum fazer mal. E logo chamando-os a cortes, os pos por ordem, e corria-os, dando-lhes a cheirar o seu bafo. Os que diziam que lhes cheirava mal, os matava. Os que diziam que bem, feria-os. Andando assim, chegou a Mona, e perguntou-lhe, como a todos, se lhe fedia o bafo. A Mona o cheirou, e dizendo que não fedia, se foi. Porém o Leão, per a matar, se fingiu doente, e disse que sararia se a comesse. E por esta manha tomou ocasião de a matar.

LXVII - O VEADO E O CAÇADOR

Bebendo o Veado em uma ribeira, viu nos seus cornos ramos e as pernas delgadas, pareceram-lhe as pernas mal, e ficou pesaroso de as ter, e por outra parte tão satisfeito da formosura dos cornos, que se fez soberbo de contente. Ainda bem não saía da água, quando dá sobre ele um Caçador. Foi-lhe forçado valer-se dos pés, que pouco antes desprezara, e eles o punham em salvo. Mas entrando por um arvoredo basto, embaraçavam-se-lhe os cornos com os ramos das árvores, com que se embaraçou e foi tomado. Pelo que dizia, vendo-se preso e ferido: Grande parvo fui; que o que me era bom desestimei, fazendo muito caso do que me causou a morte.

LXVIII - A BICHA E A LIMA

Buscando a Bicha de comer na tenda de um ferreiro, foi topar com uma lima e quis roe-la, mas como os dentes não entravam pelo aço, dava-lhe muitas voltas virando-a de todas as bandas. Enfadada a Lima de andar aos tombos, lhe disse: Que fazes, parva? Não sabes que sou de ferro, e lima? Por muito que trabalhes desfarás os dentes; eu com os meus de aço bem temperado, cortarei dentes e qualquer arma a quem chegar, em pouco tempo.

NOTA: É a Fábula 28 de Loqman: *O Gato*. Eis a sua versão do árabe por Joseph Benoliel: «Um gato entrou uma vez na oficina de um ferreiro, e encontrando uma lima caída, pos-se a lambe-la com a língua. Ora começou a correr-lhe sangue da língua e como ele julgasse que era da lima foi-o engolindo, e continuou até que se lhe fendeu a língua e morreu.» (*Op. cit.*, p. 85.)

LXIX - OS CARNEIROS E O CARNICEIRO

Estando juntos uns Carneiros, entrou o Carniceiro, e eles não se alvoroçaram, nem fizeram caso disso. Tomou o Carniceiro um e logo o matou; e nem com ver sangue temeram os outros. Foi por diante e os matou a todos um a um até o derradeiro, que, vendo-se manietado, disse: — Por certo, com razão padecemos, pois vendo o nosso mal não quisemos entende-lo. No princípio as marradas nos poderíamos defender, vendo que nos matavam, então não quisemos; agora eu só não posso: e assim acabámos todos.

LXX - O LOBO E O ASNO DOENTE

Estava o Asno maldisposto, e foi o Lobo visitá-lo, fazendo-se muito amigo. Tomou-lhe o pulso, correu-lhe a mão pelo rosto e disse: que queria curá-lo. Estava o Asno quedo, bem desejoso de se ver a cem léguas do Lobo, o qual lhe apalpava os membros todos: perguntou onde lhe doía, e apertava-o e arrepelava-o tanto, que disse o Asno: — Onde quer que me pões a mão, logo aí me dói; mas rogo-te que te vás e não me cures, que ido tu, sararei logo.

LXXI - A PULGA E O CAMELO

Pos-se uma Pulga sobre um Camelo carregado, e deixou-se ir sobre a carga uma jornada, no fim da qual saltou abaixo, e sacudindo-se, disse: Folgo em verdade de me descer: porque tinha dó de ti; agora irás leve com pouca carga. O Camelo se riu deste cumprimento e respondeu: — Nunca te senti se te levava em cima, nem tu podes carregar-me nem aliviar-me; que não tens peso para isso. A carga que eu levo, essa sinto. Tu não tens peso para te sentirem.

LXXII - O CAÇADOR E AS AVES

Consertava um pobre Caçador as varas do visco; e as Aves olhando, estavam cantando a sombra das árvores e gabando-o de benfeitor e primoroso. Um pássaro já experimentado lhes disse aos outros: — Fugamos logo todos, porque este que vedes, não quer mais que enviscar-nos e prender-nos. Andemos pelo ar, até ver o que acontece a outra; porque este e todos como ele, quantos de nós houverem as mãos, ou lhes torcem o pescoço, ou lho cortam, e mortos, ou presos nos metem em sua taleiga.

LXXIII - O CERVO E O CAVALO

Pelejaram algumas vezes sobre o pasto, o Cervo e o bom do Cavallo, e porque o Veado com os cornos fez sempre fugir o Cavallo, foi-se a um homem e disse-lhe: — Põe-me um freio, uma sela e sobe sobre mim, e matarás um Veado que aqui anda. Fe-lo o homem assim. E morto o Veado, quis o Cavallo que se apeasse; mas o homem acolheu-se a posse e o Cavallo ficou sempre sujeito ao freio e sela, e a andar debaixo.

LXXIV - O BUITRE E MAIS PÁSSAROS

O Buitre convidou a banquete todas as outras aves, dizendo que queria solenizar o seu natal. Vieram muitas delas e recolhendo-as todas em um aposento, depois que foram horas de cear, como todas estivessem assentadas esperando, vem o Buitre e cerra as portas, e começa a matá-las a uma e uma. Todas com medo avoejavam, por não haver alguma que se atrevesse com ele. E enfim ele sem piedade as matou, porque para isso as convidou ou ao menos para as pilhar.

LXXV - A RAPOSA E O LEÃO

Fingindo-se o Leão enfermo, visitavam-no os outros animais; e de quantos entravam na cova, nenhum deixava sair. Eles obedeciam como a rei, mas o Leão a um e um os comia todos. Por derradeiro chegou a Raposa a porta da cova e perguntou-lhe: — como estava? Respondeu o Leão, — porque não entrava a ve-lo? Respondeu a Raposa — que não era necessário, que devia estar a casa cheia de gente; que ela via muitas pegadas dos que entravam, e nenhuma de que saíssem para fora.

LXXVI - O CARNEIRO GRANDE E OS PEQUENOS

Tres Carneiros moços e um marroço andavam passando. Saiu o velho correndo e fugindo. Os outros estavam pasmados, sem saber a causa, e como não entendiam seu perigo, riam-se do medo, e fugida do marroço, o qual vendo-os escarnecer-lhes, disse: — Vós sois loucos e ignorantes; não vedes que quando vem o carniceiro sempre mata os maiores? Eu por isso fujo. Mas quando ele vier e vos matar, pesar-vos-á de terdes escarnecido e esperado.

LXXVII - O LEÃO E O HOMEM

O Homem com o Leão altercavam sobre qual era mais valente. O Homem, para provar sua tenção, o levou a um sepulcro, onde estava de pedra um homem afogando um Leão, que tinha debaixo de si. O Leão se riu de ver isto, dizendo: — Se não fora homem o que isto aqui pos, pudera ter algum crédito, mas sendo homem é suspeito. Portanto, deixemos pinturas e provemos isto pelo braço. E logo isto dito estendeu o Homem no chão, e o matou com muita facilidade.[\[66\]](#)

NOTA: É entre as fábulas de Loqman, a 7.^a; ei-la traduzida do árabe: «Um Leão e um Homem iam uma vez em sociedade pelo caminho. Puseram-se ambos a conversar, e travaram uma contenda a respeito da força e do valor do animo. O Leão insistia na ponderação da sua força e da sua valentia. Nessa ocasião avistou o homem, numa parede, um quadro representando o homem a estrangular um leão, e pos-se a rir. Então o Leão lhe disse: — Na verdade, se os leões soubessem pintar como os filhos de Adão, não seria o homem que afogaria o leão, mas o leão que afogaria o homem.» (*Op. cit.* p. 27).

A PANELA DE BARRO E A DE COBRE

Uma corrente de água levava duas panelas, uma era de cobre, outra de barro, e cada uma ia por sua banda. Disse a de Cobre a outra: Cada uma de nós só não tem força para fazer resistencia a água, mas chega-te a mim, e ambas poderemos resistir-lhe. Não quero (disse a de barro) nem me vem bem, porque se na água tu me deres uma topada, ou ta der a ti, de qualquer maneira tu ficarás sã, e eu far-me-ei em pedaços.

Moralidade

Quem faz bando com homem mais poderoso, corre grande risco, porque enfim os poderosos são de cobre, e os pobres de barro, e sempre quebra a corda pelo mais fraco. E se dois poderosos tem brigas, e depois querem concertar-se, fazem tão pouco caso da honra dos pobres, que os ajudaram nelas, que muitas vezes fazem concertos, como fez Augusto com Lépido, e Marco António, que por se vingarem de seus inimigos, cada um entregou seus amigos a morte.

O CÃO E O SEU DONO

Um Cão de um Hortelão chegou ao poço, e como em baixo viu sua figura, começou a afeiçoá-la; e tanto fez, e buliu, que caiu no poço. Andava o Cão meio afogado, e o Hortelão com dó dele desceu abaixo junto da água, para o tirar, e como lhe pegasse, o Cão lhe meteu os dentes no braço, e o atravessou: o Hortelão o largou com a dor, e o Cão daí a pouco afogou-se.

Moralidade

Per este Cão se entende o pecador, que quando alguém com bons conselhos o quer tirar do poço dos pecados, vira-se e morde-o com afrontas de obras; mas o que ganha o tal é que seu ajudador o larga, e se Deus não lhe acode afoga-se, e acaba em seus vícios, para ir começar a pagá-los no Inferno.

A NORA E A SOGRA

Uma mulher casada, que tinha sogra, estava muito mal com ela, e uma a outra se tinham má vontade. Acertaram de mandar a esta mulher certas cousas de doce, entre as quais vinha uma mulher, feita de espécie. E disse quem as trazia que aquela era a figura de sua sogra. Ela partiu uma migalha, que meteu na boca, e tornando-a a cuspir, disse: Basta que é sogra, que até de açúcar amarga.

Moralidade

Além de mostrar esta fábula humana cousa tão ordinária como é ódio entre noras e sogras, também nos ensina quão má cousa é o ódio, e quanto para fugir, pois faz que o açúcar pareça fel; como se ve muitas vezes, quando a boa obra, que um inimigo faz a outro; ele a não quer aceitar, antes a despreza, e tem por ruim.

O LADRÃO E O ANJO

Dormia o Ladrão ao longo de uma parede, e viu entre sonhos um Anjo, que o acordava, dizendo: Levanta-te, e guarda-te aqui. Acordou o Ladrão, e apartando-se da parede, viu-a vir de súbito ao chão. Ficou deste acontecimento muito alegre, e soberbo, crendo que por sua virtude o guardara Deus. Mas tornando a dormir, tornou a ver o Anjo, que lhe dizia: Não te ensoberbeças, que se ontem te guardei, foi porque não era aquela tua morte, senão a da força, para que estás guardado.

Moralidade

Na força do Inferno vão parar os que das merces, que Deus lhes faz, tomam ocasião de o ofender, e serem mais soberbos. E esta fábula nos avisa e ensina que a muitos favorece a fortuna por seu mal. Muitos vivem, que lhes fora melhor morrer. Pelo que um filósofo, escapando de uma casa, que se arruinou e matou muita gente, disse com humildade: Ó ventura! para que ocasião me terás guardado?

A RAPOSA E O LEÃO

Tinha a Raposa sua cava bem fechada, e estava-se dentro gemendo, porque estava enferma; chegou a porta um Leão, e perguntou-lhe como estava, e que lhe abrisse, porque a queria lambar, que tinha virtude na língua, e ele lambendo-a, logo havia de sarar. Respondeu a Raposa de dentro: Não posso abrir, nem quero: creio que tem virtude a tua língua; porém é tão má vizinhança a dos dentes, que lhe tenho grande medo, e portanto quero antes sofrer-me com meu mal.

Moralidade

Avisa-nos esta raposa, que quando nos oferecem alguma obra boa, notemos as circunstancias dela, que as vezes são tais, que custam muito mais do que vale a obra pia.

O SOLDADO E O PÍFANO

Um Soldado velho aposentado e enfadado da guerra, por se tirar de ocasiões, assentou de queimar todas as armas que tinha; e pondo-o em efeito, tinha entre elas um Pífano, o qual lhe rogava que não quisesse queimá-lo, dizendo que ele não era arma, nem instrumento de matar ou ferir, pelo que não merecia pena. Tu a mereces maior (respondeu o Soldado) e a ti hei de queimar primeiro; porque não prestando tu para pelejar, atiçavas os outros, se matassem na peleja; e logo o queimou com as armas.

Moralidade

Na figura do Pífano se mostra o castigo que merecem alguns cobardes, que servem de urdir brigas com a língua, e tomam o ofício do Diabo, tecendo meadas, e incitando a mal, gente perniciosa na República, e que os delitos, que por sua causa se fizessem, deveram ser castigados em dobro.

(Manuel Mendes)

O LOBO ESFAIMADO

Passando um lobo esfaimado por uma casa, ouviu chorar dentro um menino, e lhe dizia a mãe: — Se choras, hei de te dar ao lobo. Este, parecendo-lhe ser aquilo assim, esperou um pouco; porém vendo que, sossegando-se o menino, a mãe, fazendo-lhe carícias, lhe dizia: Se vier o lobo havemos matá-lo, uivando partiu dali, dizendo: Esta diz uma cousa, e faz outra! Há muitos cobiçosos, que cegos da sua utilidade, esperam cousas impossíveis.

(Marques Soares, *Divertimento de Estudiosos*, t. II, p. 62)

AS DUAS RÃS

Duas Rãs, que se achavam em um charco, secando-se este com o calor do verão, foram em busca de outro, e achando no caminho um poço, disse uma: Parece-me que entremos para ele. Respondeu-lhe a outra com mais acerto: Por nenhum modo farei tal; porque secando-se esta água, como a outra, não poderemos sair. É ofício do Sábio prever e evitar os futuros danos.

(Id. *ib.*, p. 64)

O CAÇADOR E A REDE

Estendia um Caçador suas redes. Um Melro, que o viu, perguntou-lhe o que fazia. Respondeu-lhe o Caçador, que edificava uma cidade; e acabando de espalhar as redes, escondeu-se. O Melro, dando-lhe crédito, chegou-se para ver o novo edifício, e caiu na rede. Saiu o Caçador para apanhá-lo, e o Melro lhe disse mui indignado: Homem falso, e enganador, se assim edificas tal cidade, poucos habitantes lhe acharás.

(Id. *ib.*, p. 135)

O LOBO MORDIDO PELO CÃO

Sendo um Lobo mordido gravemente por um Cão, estava estirado na terra, em se poder erguer. Vendo passar uma Ovelha, pediu-lhe que lhe trouxesse uma pouca de água de um rio, que por ali corria, dizendo-lhe, que, se lhe dava de beber, ele lhe daria de comer. Entendeu a Ovelha ser aquilo assim; trouxe-lhe de beber, e contra sua vontade também de comer. A malícia faz grande dano aos simples.

(Id. *ib.*, p. 136)

QUEIXUMES DO PORCO

(Versão da ilha da Madeira)

Fui chamado a cidade
No mes do Natal um dia,
Pera eu feitorizar
Grande casa morgadia:
E levei, p'ra meu negócio,
Uma cabra, sua cria,
Um porco e um carneiro,
Comigo de companhia.
Vai o porco vagaroso,
Arrastado bem par'cia;
Todos os mais vão calados,
Só o porco se carpia;
Os gemidos que ele dava
A cabra não os sofria:

— Cal'-te porco. Porque choras?

(A cabra ao porco dizia)

Ves o carneiro calado,
Eu calada também ia;
O filho que vai comigo
Nem de mamar me pedia.

Para tu já de grunhir,
Que ninguém te sofreria
Por tão longa caminhada
Tão seguida gritaria.

O porco, sem se calar,
Estas razões respondia:

— Cada qual conta da festa
Como na festa lhe iria.
Voces vão viver no pasto
Com farta comedoria,
O carneiro, p'ra dar lã,
E tu, leite cada dia:
Mas cá eu, só dou toicinhos,
Só minhas carnes daria;
Tenho meus dias contados,
Só me espera a agonia.

Tinha o porco razão.
Quem também não chiaria?
Pola festa do Natal
O triste porco morria.

(Romanceiro do Arquipélago da Madeira, p. 452)

NOTA: Nas fábulas de Loqman, vertidas do árabe em português, pelo exímio hebraizante Joseph Benoliel, vem esta lição primitiva: *O Homem e o Porco*. Um homem carregou um dia num jumento, um carneiro, uma cabra e um porco, e foi vendê-los a cidade. O carneiro e a cabra não se agitaram nem se mexeram sobre o animal; quanto ao porco, esse debatia-se de contínuo e não podia estar quieto. Disse-lhe o homem:

— Ó tu, o pior dos animais, porque é que o carneiro e a cabra estão calados e sossegados, ao passo que tu nem te acalmas nem te aquietas?

— Ó meu amo, respondeu o porco, cada um porta-se conforme o que mais lhe convém. Ora, eu sei que o carneiro é procurado pela sua lã, e a cabra pelo seu leite; enquanto eu, infeliz de mim! sem lã e sem leite, apenas chegar a cidade, logo serei mandado matar, sem a menor dúvida. (*Fábulas de Loqman*, p. 56. Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.)

João de Deus metrificou esta fábula com extraordinário relevo artístico, tornando-a uma bela obra de arte. Na versificação varia o âmbito dos versos nos seus hemistíquios quebrados, fazendo dessa polimetria modulações de um grande poder dramático e descritivo.

BIBLIOGRAFIA DE CONTOS POPULARES PORTUGUESES

Histórias de Proveito e Exemplo, de Gonçalo Fernandes Trancoso. Lisboa. António Alvares, 1575. I vol. in-8.º.

Contos Populares Portugueses, coligidos por Francisco Adolfo Coelho. Lisboa, 1879.

Contos Tradicionais do Povo Português, com notas comparativas e um estudo sobre novelística geral. Porto, 1883. 2 vols.

Contos Nacionais para Crianças, por F. A. Coelho. Porto, 1883. i vol. in-32.

Portuguese Folk-Tales, collected by Consilieri Pedroso and translated from original ms. by Miss Henriqueta Monteiro, with and Introduction by W. R. S. Ralston. London, 1882. I vol. (Na *Revista Lusitana* foram publicados 15 destes contos da coleção portuguesa. — Aham-se atualmente impressos em volume independente.)

Romanceiro do Arquipélago da Madeira, colig. por Álvaro Rodrigues de Azevedo. Funchal, 1881. (Traz alguns contos metrificados extensamente.) In-8.º.

Contos Tradicionais do Algarve, por F. Xavier de Ataíde Oliveira. Tavira, 1900. Vol. 1, de 480. In. 8.º grande. Vol. II. Porto, 1905. In-8.º grande de 527.

As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve, por F. Xavier de Ataíde Oliveira. Tavira, 1898. I vol. de 309 p.

Contos Populares do Brasil, coligidos pelo Dr. Sílvio Romero, com um estudo sobre a novelística brasileira e notas comparativas por Teófilo Braga. Porto, 1885, I vol. in-8.º de 235 pág.

Contos Tradicionais Portugueses (Para as crianças) por Ana de Castro Osório. Com ilustrações de Raquel Gameiro e Hebe Gonçalves. Setúbal, 1606. In-8.º de 129 p. (2.^a ed.) — Outro: Setúbal, 1905, de 144 p. — Outro: Setúbal 1905. In-8.º de 143 p. — Outro: Setúbal, 1906, in-8.º, de 143 p. (Formam a BIBLIOTECA INFANTIL: 11.^a, 12.^a, 13.^a e 14.^a séries).

Old Deccan Days, or bindoo fairy Legends current in Southern India collected from oral tradition, by M. Frere. London, 1870. In-8.º XXXVI — 300 p. (Importante sob o ponto de vista português, pois foram narrados estes contos por uma portuguesa, Ana Liberata de Sousa, com o retrato dela).

Notas

- [1] *Folclore Andaluz*, p. 126; R. Marin, *Contos populares espanoles*, t. II, p. 196.
- [2] *Cancioneiro Portugues da Vaticana* Canç. n.º 455.
- [3] *Livre des Legendes*, p. 167.
- [4] *Orto do Esposo*, fl. 73, v.
- [5] *Leal Conselheiro*, p. 81.
- [6] *Ibidem*, p. 7.
- [7] *Ibidem*, p. 192
- [8] *Antiquités de Russie*, p. 151.
- [9] Ticknor, *Hist. da Literatura Esp.*, t. III, p. 25, not. 38.
- [10] Comprova-se a doutrina destes capítulos com as notas dos contos *Bilha de Azeite* (p. 99); *O Pajem da Rainha* (150); *O Anjo e o Eremita* (p. 163); e *Gaia* (p. 174).
- [11] P. Francisco da Fonseca, *Évora Gloriosa*, p. 627.
- [12] Gil Vicente, apud. Gallardo, p. 983.
- [13] Ainda hoje jogo popular
- [14] Alfred Maury, *Fées*, pág. 11.
- [15] Berger de Xivrey, *Traditions tératologiques*, pág. 265.
- [16] *Obras*, t. II, pág. 489.
- [17] *Canc. Ger.*, t. II, pág. 367.
- [18] Os contos de Trancoso tornaram-se tipos do género: «Finalmente para prova do que tem dito, conta dois casos, *que me parecem de Trancoso.*» Frei Arsénio da Piedade. *Reflex. Apologéticas*, p. 34.

[19] *Contos*, p. 153, ed. 1642

[20] *Ibidem*, p. 46.

[21] *Ibid.*, p. 247.

[22] *Ibid.*, p. 208.

[23] *Annalis Campidenenses*. — Nic. Frischlini, *Comedia; Hildegardis magna*. — Cf. Vinc. Bellovac., *Sp. Hist.* VII, c. 90 -- 02, e o velho poema alemão *Crescentia*. Grandes semelhanças da *Imperatriz Porcina* com a Patrana 21, de Timoneda.

[24] Le-se no volume I do *Panorama*: «publicou um grande número de *Autos* e outras obras, humildes pelo estilo, mas com toques tão nacionais e tão gostosos para o povo, que ainda hoje são lidos por este com avidez.» — Pág. 14.

[25] *Dic. Bibl.*, vol. I, Baltasar Dias.

[26] Garrett, *Romanceiro*, t. III, pág. 19. O Snr. Inocencio dá-o como original de Baltasar Dias.

[27] Ticknor, *Histoire de la littérature espagn.*, pág. 223.

[28] Victor Le Clerc, *Discours sur l'état des lettres en France au quatorzieme siecle*, pág. 53.

[29] *Op. cit.*, pág. 146.

[30] Carta de 11 de Nov. de 1566 (*Corpo Diplomático*, t. XIII, p. 372). Nesta data já havia sete dias que era o rei falecido.

[31] Nos Sermões improvisados do P. António Vieira, ele intercalava anedotas e casos, com que tornava interessante a prédica. E escrevia D. Francisco Manuel de Melo, aludindo a um grande interesse: «Como quem manda lançar tapete de madrugada em São Roque para ouvir o P. Vieira.» (Carta de 25 de janeiro de 1650.)

[32] *Satisfação de Agravos e Confusão de Vingativos*, por modo de Diálogo, entre um Ermita e um Soldado. Dividido em dois tratados com *Exemplos e Histórias*

Notáveis em confirmação. Autor o P. M. João da Fonseca, da Companhia de Jesus, Évora, com as licenças necessárias na Oficina da Universidade e Ano de 1700. (Licenças de 1605).

[33] *Op. cit.*, p. 441.

[34] *Ibid.*, p. 511.

[35] *Obras*, p. 342.

[36] *Ibid.*, t. III, p. 60. Por este texto se ve a verdade da nossa interpretação do texto de Jorge Ferreira.

[37] *Obras* de Nicolau Tolentino, p. 93. Ed. Castro Irmão.

[38] Por exemplo: as *Parábolas de Sindabar*. Vid. *Ensaio sobre as Fábulas Indianas*, de Loise-leur des Longchamps, p. 655; — *Histoire littéraire de la France*, t. XXIII, pág. 165.

[39] *Fabliaux*, t. III. — Vid. Charles Nizard, *Hist. des livres populaires*, t. I, pág. 267.

[40] «Quanto a aptidão estética do fetichismo, ela é evidentíssima, para exigir agora um exame especial. Porque, o sistema que nos assemelha diretamente todos os seres, até aos mais inertes, convém eminentemente a nossa expansão poética musical e mesmo plástica.» (*Política Positiva*, t. III, p. 101.)

[41] Ramalho Ortigão, nas suas *Farpas*, traz o conto do *Manto do Rei*, porventura conhecido pela coleção de Andersen, mas já desde o século XIV vulgarizado na Península pelo *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel. Em um outro número das *Farpas*, traz o conto do lazarento que não quer que lhe enxotem as moscas; este conto é de Esopo (col. do Planudes) e Josefo cita-o nas *Antiguidades Judaicas* (Livro XVIII, cap. 8) em nome de Trajano.

[42] O Dr. João Teixeira Soares, iniciando na ilha de S. Jorge esta investigação, escrevia-nos acerca do folclore açoriano: «Aconteceu o outro dia passar aqui uma noite a Maria Inácia. Chamei-a e a minha criada para junto desta mesa de

trabalho para as interrogar sobre contos populares a que o povo chama casos. Desculpam-se da falta da memória juvenil, para entrarem francamente neste campo, contudo disseram bastante para me deixarem estupefacto. Que peripécias! que maravilha! que poesia! Afirmaram-me unanimemente que seria impossível ao investigador mais diligente formar uma coleção completa de todos os casos sabidos do povo: — Todos escritos, enchiam esta casa! disse a Maria Inácia.»

[43] Aos estudos do folclore português chamou Antero de Quental, *erudição em delírio*; e a filosofia positiva, considerou-a uma *banalidade* francesa: «O positivismo, como quase todas as cousas banais, e particularmente as banalidades francesas, parece claro, não pede esforço algum da intelligencia para ser compreendido.» (*Cartas*, p. 102) Junqueiro seguiu-o, considerando a filosofia positiva própria para discutir depois de um bom jantar burgues.

Diante destes perentórios juízos, devem causar pena, Bain e Stuart Mill que estudando juntos a filosofia positiva concluíram que era um sistema perfeito, aplicando-a a renovação da lógica moderna; Littré e Spencer, um devendo-lhe a disciplina mental da sua erudição e crítica histórica, este outro o valor da ideia de evolução para construir o sistema da filosofia sintética; Maudslay confessa quanto a orientação atuou na sua *Patologia do Espírito*, e Carey segue Comte na organização da sua *Economia Social*; grandes fisiologistas como Charles Robin, Claude Bernard e o matemático Pierre Laffite, autor das lições de *Filosofia Primeira*, reconheceram em Comte o coordenador do pensamento moderno, como fora Descartes para o século XVII.

[44] Breve Composição e Tratado, agora tirado das Antiguidades de Espanha: Que trata de como El-Rei Almançor morreu em Portugal junto da cidade do Porto, onde chamam Gaia, as mãos d'el Rei Ramiro com sua gente, donde também cobrou e matou sua mulher chamada Gaia, que estava com este Mouro, da qual ficou este lugar chamado do seu nome. Composto por João Vaz natural

da cidade de Évora, em versos de oitava rima e dirigido a Dom Miguel de Meneses, Marques de Vila Real, etc. Em Lisboa com todas as licenças necessárias. Por António Alvares. 1630. (In 4.º pequeno.)

Segue um Soneto ao justificado da Conspiração de 1641.

[45] *Contos Tradicionais do Algarve*, t. II, p. 116. A segunda parte do Conto é em prosa, continuando a cena do reconhecimento e o casamento com o príncipe. Ve-se que este tipo das novelas bizantinas também tomava a forma de romance cavalleiresco narrativo em monólogo de solau: *Na Lusitania nasci / Ora vivo forasteiro, / Por tirar do cativo / Quem me cativou a mi. // Eu sou quem na Barberia / Comprei a graça real; / Trouxe-a livre a Portugal / E perdi minha alegria. // E resultou-me d'aqui / Tormento grave, excessivo, / Porque tirei de cativo / Quem me cativou a mi. // Deci a tanta baixeza, / Porque pus meu coração / Na suma da perfeição / Que tem o estado e alteza. // Perdi lembrança de mi: / Deixei de ser cavaleiro, / Por tirar do cativo / Quem me cativou a mi.*

Vem no Conto II, da Parte segunda dos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, de Trancoso, intercaladas na narrativa e cantadas pelo mancebo na Corte de Inglaterra, dando-se assim a conhecer a princesa quem a resgatara do cativo de Fez.

[46] Para o cortesão.

[47] Outra cousa.

[48] Ao mesmo tempo.

[49] Esta fábula é imitação de Horácio, liv. II, *Sátir.* 6. v. 79 e segs.

[50] Imitação de Horácio, liv. I, *Epist.* I, v. 73 e segs.

A Raposa não quis entrar na cova do Leão, porque observou que as pegadas dos outros animais todas iam para dentro, e não tomavam para fora.

(Vieira, Serro., tom. X, pág. 248, col. I.)

[51] Porco novo de mais de ano.

[52] De qualquer cousa.

[53] Sobre este Apólogo pode ler-se o que se acha escrito no tomo V das *Memórias de Literatura Portuguesa*, pág. 108 e seg.

[54] Mal, dano. — Esta fábula é imitação de Horácio, liv. I, *Epist.* 10, v. 34 e seg.

[55] Sagaz, astuta.

[56] Vid. Sénec. *Epist.* 50, verb. *Harpasten*, ou Vieira, *Serm.* 1, col. 669 e seg.

[57] Sobre a.

[58] Costumavam.

[59] Dom.

[60] Sementeiras, campos semeados.

[61] Estimativa, trilho, rumo.

[62] Queres.

[63] Não importa.

[64] Cavallo pequeno de má raça.

[65] Talvez, porventura.

[66] Merece estima esta tradução das *Fábulas de Esopo*, feita da língua grega, por Manuel Mendes, professor de Latim e considerado humanista dos fins do século xvi. Teve o seu livrinho numerosas edições: 1603, 1611, 1643, 1673, 1705 e 1778, rolandiana, in-8.º pequeno, de VII-155 p. e 4 de índice n.n.

Manuel Mendes da Vidigueira ajuntou a cada Fábula de Esopo a Moralidade com certa ingenuidade; e acrescentou-lhes, uma Segunda parte, como Suplemento as Fábulas de Esopo, com quinze Fábulas portuguesas, umas colhidas da tradição popular e de anedotas vulgares com sua Moralidade. Transcrevemos por isso seis destas fábulas, de valor folclórico.